AGÁLIA

REVISTA INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

N.º 37

PRIMAVERA 1994

DIRECÇOM:

Presidência da AGAL

CONSELHO DE REDACÇOM:

Isaac Alonso Estravis
José Ramom Chantada Acosta
Carlos Garrido
José António L. Taboada
Jenaro Marinhas del Valle
José Maria Monterroso Devesa
César Carlos Morám Fraga
J. Carlos Quiroga D.
Joám Carlos Rábade Castinheira
Henrique Rabunhal Corgo
José Luís Rodríguez
José António Souto Cabo
In memoriam:
Ricardo Carvalho Calero

NOTA DA REDACÇOM

1. AGÁLIA reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.

2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.

3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.

4. Todos os trabalhos publicados em AGÁLIA aparecerám com a normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego),* ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitaçom desta norma.

5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a Revista com os respectivos pontos de vista.

Imprime: VENUS artes gráficas, s, a.
Corunha - Dep. Legal: C- 250 - 1985
ISSN 1130-3557

CONSELHO ASSESSOR

GALIZA

José Agrelo Ermo
Mário Alonso Nozeda
Maria Luísa Andrade
Maria das Dores Arribe Dopico
Carlos Campoy
Denis Conles
Júlio Garcia Santiago
Alberto Garcia Vessada
Luís Gonçález Blasco
Marcial Gondar Portasany
Ernesto Guerra da Cal
Maria do Carmo Henríquez Salido
Aracéli Herrero
Cláudio Lôpez Garrido
Aurora Marco
Higino Martínez Estêvez
Ramom Nogueira Calvo
José Posada
Domingos Prieto
Maria das Dores Rei Teixeiro
Ramom Reimunde Norenha
Manuela Rivera Cascudo
Felisindo Rodríguez
Joám Trilho Pêrez
Amália Vilhar Calvo
Xavier Vilhar Trilho

BRASIL

Leodegário A. de Azevedo Filho
Gladstone Chaves de Melo
Sílvio Elia
Reynaldo Valinho

MOÇAMBIQUE

Fátima Mendonça

PORTUGAL

Maria Luísa Baptista
José A. Fernandes Camelo
Mário Gomes dos Santos
Óscar Lopes
Albano Martins
José Luís Pires Laranjeira
In memoriam:
Manuel Rodrigues Lapa

RECEPÇOM DE ORIGINAIS: Apartado dos Correios 560. 15080-Corunha (Galiza)
Apartado dos Correios 289. 15780-Santiago de Compostela (Galiza)
ASSINATURAS: Apartado dos Correios 453. 32080-Ourense (Galiza)

AGÁLIA

Revista Internacional da Associaçom Galega da Língua

Núm. 37

Primavera 1994

SUMÁRIO

PÁGS.

Aos nossos leitores 3

ESTUDOS

Relatório sobre o uso do galego na TVE na Galiza (1990-1991), por João Guisán Seixas 5-53

Contributos para umha história da lingüística galego-portuguesa (1973-1983), por Maria do Carmo Henríquez Salido 55-66

NOTAS

Sigrás, beleza e mistério, por Isaac Alonso Estravís 67-72

Contributos para umha história da água e a saúde, por Luis Rodríguez Míguez 73-80

ANTOLOGIA

Trabalho inacabado, por José Manuel Barbosa Álvarez 81-86

O imortal, por Xesús Pisón 87-88

DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

Relatório do Deputado Sr. José Posada para a reuniom do Intergrupo de Línguas Minoritárias 89-92

Relatório da Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social do Parlamento Europeu 92-99

Presenca do conflito lingüístico da Galiza em meios de comunicaçom portugueses 100-103

Para o Parlamento Europeu o conceito de língua minoritária é um conceito surrealista 104

O Governo galego busca pagar fidelidades e vontades 104-106

Homenagem ao Professor Ernesto Guerra da Cal em Quiroga 106-112

A Associaçom Galega da Língua no «Dia das Letras Galegas» 113

Do «Repertorio bibliográfico sobre a prensa galega» (R. Cal - C. Pérez) 113-114

Constituida em Compostela a Confederaçom Intersindical Galega (CIG) 114

Gravados dous trabalhos musicais de Ricardo Flores 114

Em vinte anos editarom-se na Galiza 6.077 livros 115

O desemprego, no centro das reivindicaçõns do «Dia da Mulher» 115

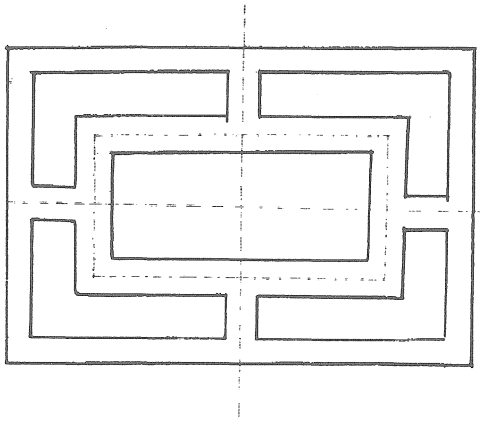
Curso de galego-português em Mugia 115-116
Publicaçons recebidas e de interesse 117
Memória da História 118

RECENSONS

Dona Otília lamenta muito, de Vera Karam, por Joel R. Gómez 119-121
Versos em Pedra Formosa, por J. Carlos Quiroga D. 122-125

CORREIO 126

CAPA: Júlio Gaioso



Aos nossos leitores

Quase 6.000 páginas e 9 anos de existência contínua indicam, bem às claras, a pujança do movimento re-integracionista representado pola Associaçom Galega da Língua *e particularmente do seu órgao de expressom,* Agália, *que ingressa, com este número 37 (e mais dous monográficos de 1987 e 1989) no seu décimo ano de vida.*

E isto com as dificuldades (nom apenas enconómicas) que implica qualquer obra em pró do país, quando nom aupada nos sancos da cultura oficial, tornando a permanência quase heroica polo tesom dos redactores e a constância dos subscritores.

Se figermos balanço das assinaturas que em Agália *venhem participando desde o começo, veríamos com supressa a quantidade, a qualidade e a diversidade das colaboraçons de gentes veteranas na actividade patriótica, que recolhérom a melhor tradiçom intelectual do país (veja-se a* Memória da História*) e de novas gentes que, com a sua incorporaçom a ela, mantenhem e acrestam a boa saúde da filosofia que nos move.*

Está assim demonstrando-se trimestralmente que há um caudal humano importante que luita pola regeneraçom do idioma nacional. E também se mostra (através da secçom de Documentaçom e Informaçom*), o acudimento da AGAL em toda causa justa, apoiando-se solidariamente e/ou reclamando e denunciando qualquer tipo de injustiça perpetrada desde o pequeno-poder que mal-governa esta comunidade, nomeadamente no que atinge à questom lingüística.*

Sabemos da presença de Agália *em vários países, a qual nom é maior polas dificuldades a que já nos referimos, que procura dar fé de umha Galiza aberta ao mundo e, sem perder a sua particularidade, em harmonia com as outras realidades culturais afins que manejam umha mesma língua de carácter universal qual é a nossa.*

Conscientes das nossas limitaçons, procuramos oferecer em cada novo número quanto redunde na preservaçom e no melhoramento do romance galego-português que nos define como Associaçom e como povo.

O CONSELHO DE REDACÇOM

ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA (AGAL)
COMISSOM LINGÜÍSTICA

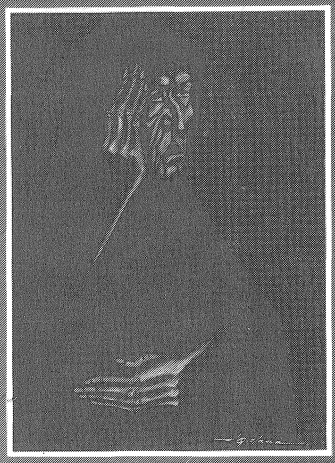
ESTUDO CRÍTICO
das

Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego (I.L.G. - R.A.G.) 1982

2.ª ediçom corrigida e acrescentada
Contém proposta normativa da AGAL

AGAL ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

A vida escura



Jenaro Marinhas del Valle

Ilustrações Carlos Oroza

guia prático
de
verbos galegos
conjugados

agal

COMISSOM LINGÜÍSTICA

ARMANDO COTARELO

TREBÓN

EDIÇOM, ESTUDO
E VERSOM AO GALEGO ACTUAL
DE
RAMOM REIMUNDE

AGAL ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA
COMISSOM DE LITERATURA

ESTUDOS

Relatório sobre o uso do galego na TVE na Galiza (1990-1991)

João GUISÁN SEIXAS

1. *O galego que se emite.*

1.1. **Antecedentes e finalidade do presente estudo.** Este relatório tem o seu antecedente noutro que esse Conselho Assessor encarregou a um grupo de expertos. As conclusões daquele relatório fôrom publicadas na imprensa e a descriçom que se fazia da língua empregada no Centro Territorial de TVE na Galiza era desoladora. Para, teoricamente, corrigir tal situaçom, a direcçom do Centro adoptou umha única medida: contratar o 25 de Abril de 1990 um «assessor lingüístico». As condições em que se produziu tal contrataçom serám, em parte, tema do Relatório Interno que segue a este. O objectivo do presente estudo é analisar, com dados objectivos, os resultados desse suposto processo de correcçom lingüística. Como as qualificações e desqualificações globais som mui fáceis, e também mui arbitrárias, optaremos polo caminho, mais fatigoso e mais objectivo, da apresentaçom de testemunhos concretos, contrastáveis e irrefutáveis.

1.2. **Método seguido.** Para analisar um processo de correcçom lingüística é preciso analisá-lo no tempo, posto que ele próprio se projecta necessariamente no tempo. Independentemente dos critérios de correcçom (que nom serám em nengum momento tema de discussom no presente) para que umha correcçom lingüística seja efectiva terá primeiro que «ser», e perdoe-se-me o aristotelismo. o factor tempo será quem diga se existe ou nom existe correcçom lingüística, seja ela qual for. Por isso temos efectuado duas sondagens. A primeira, e mais extensa, de um mês aproximado de duraçom, entre o 10-XII-90 e o 7-I-91. A segunda, de apenas umha semana de emissom (entre o 15-VII-91 e o 19-VII-91) servirá precisamente de «contraste» temporal. Entre a data de contrataçom do assessor lingüístico e o primeiro período de recolhida de dados há mais de oito meses, e entre o primeiro período e o segundo mais de seis, lapsos mais que generosos para comprovar os efeitos desse labor de correcçom.

O trabalho divide-se, também funcionalmente, em duas partes. Umha primeira é meramente descritiva (2.2.) e nela recolhem-se em ordem cronológica, inventariados, os erros lingüísticos graves mais característicos emitidos através do Centro Territorial de TVE na Galiza, seleccionados de acordo com os critérios que se expõem no ponto 2.1.3., durante os períodos atrás referidos. Na segunda parte (2.3.) analisam-se os resultados obtidos e comparam-se ambos os períodos, a fim de preparar as conclusões, que virám logo após o relatório concernente ao Relatório Interno.

1.3. **Critérios de Qualificaçom de Erros.** À hora de qualificar como «erro» umha palavra ou expressom, e como tal resenhá-la na parte descritiva ou comentá-la na parte analítica, atemo-nos aos seguintes critérios:

a) *Respeito do Emissor:* Consignam-se e estudam-se apenas os erros cometidos institucionalmente. Quer dizer: os erros cometidos polo pessoal da empresa que aparece em imagem ou lê textos em «off», identificado como tal e em funçom de tal. Para nada se tem em conta a língua empregada polos convidados aos programas, entrevistas, declarações, etc... Consideram-se somente os textos *emitidos polo Meio e nom através do Meio,* os textos e as pessoas, em definitivo, que falam baixo o assessoramento e correcçom das instâncias cuja funçom estamos a analisar. Este ponto é importante à hora de calibrar a dimensom quantitativa dos erros cometidos.

b) *Respeito da Língua:* Evidentemente só nos referimos a erros cometidos ao falar, ou pretender falar, *em língua galega.* A programaçom do Centro Territorial inclui com freqüência longos espaços (sobretudo entrevistas) falados em espanhol, normalmente de umha correcçom lingüística invejável para o falado em galego. Um estudo comparativo seria interessante.

c) *Extensom:* Referiremo-nos exclusivamente a *erros de língua, nom de linguagem.* Explico: os erros achacados como freqüência aos locutores em espanhol som erros de linguagem, como dizer, por exemplo, «dentro de breves minutos», erros que nom afectam a competência lingüística do emissor, erros de utilizaçom, nom de conhecimento da língua. Nom som erros deste género os que nos interessam, mas faltas de competência lingüística, definindo-se a competência lingüística como a capacidade do sujeito para produzir frases de acordo com os parámetros gramaticais da língua dada. Os erros em galego que nos importam som os homologáveis a dizer em espanhol «componerá», «mucho bien», «puertero», «irsen!» ou qualquer expressom dessa laia, nom permissível numha comunicaçom séria nessa língua.

d) *Intensidade:* Consignam-se só *erros graves,* erros de bulto que afectem as estruturas mais elementares da língua e que impliquem dalgumha maneira um desconhecimento profundo do galego ou um desprezo absoluto das suas regras de funcionamento. Os exemplos sempre clarificam mais: se um locutor denomina «rumano» ao habi-

tante de Roménia, e nom «romeno» ou «romanés», formas consideradas correctas segundo as diferentes perspectivas normativas («rumano» é incorrecto desde qualquer ponto de vista), nom se consigna tal palavra por se tratar de um erro menor, que nom afecta de maneira importante a integridade do léxico galego e por se nom tratar de forma patrimonial nem freqüente.

e) *Voluntariedade e Consciência do Falante:* Nem é preciso dizer que nom se consideram como erros lingüísticos os atrapalhamentos dos locutores, os actos falhidos, as incongruências gramaticais à hora de improvisar, etc. Em definitivo: nom se consideram erros os erros involuntários ou ocasionais. Só se consideram erros quando som emitidos de modo consciente polo falante. *O que torna erro* essa expressom imprópria do galego *é precisamente que o falante pense que está a o utilizar correctamente.* Este critério implica de algumha maneira o seguinte.

f) *Tipicidade:* Eliminarom-se da lista todos aqueles erros que fossem meramente ocasionais ou pontuais e que nom tivessem relaçom com outros. Tentou-se *exemplarizar com um número determinado de erros típicos* e ver a sua ocorrência no tempo, por ser este o meio de demonstrar a existência ou nom de umha vontade correctora ou uns critérios (independentemente de quais sejam, como já indicamos) de recta escrita.

g) *Univocidade Normativa:* Poderia-se chamar, com linguagem um tanto notarial, «cláusula de garantia normativa». Implica que nengum erro pode ser considerado como tal em funçom de critérios normativos. Como já se exemplificou ao falar de «rumano», só serám considerados erros *aqueles que o sejam desde qualquer das normativas lingüísticas hoje em dia em litígio.* Vamos insistir para que nom fique lugar a dúvidas ou falsas interpretações: nom vai ser resanhado erro algum por ser contrário aos critérios reintegracionistas de recta escrita. Também nom vou colaborar eu nas tarefas inquisitoriais sinalando as infracções à normativa do I.L.G. ou os lusismos que porventura algum redactor pudesse ter introduzido e que tivessem passado despercebidos para o corrector lingüístico. Trata-se pois de *erros inequívocos de qualquer ponto de vista normativo.* O exemplo acabará de despejar as dúvidas que existissem: nom se sinalou nem um só dos «Alomenos» que tanto enfeitam a língua deste Meio, incluídos na normativa do I.L.G. (sei-o bem) só para martirizar os meus ouvidos e fazer-me mudar de canal, à procura dalgumha programaçom onde só se diga «Alomenos» nas telenovelas venezuelanas ou mexicanas. Com sotaque caribenho é mais digerível.

h) *Incongruência:* Resenham-se às vezes formas que consideramos correctas (ou que podem ser consideradas correctas dos pontos de vista normativos dominantes) mas em referência a outras formas nom correctas ou nom simultaneamente correctas. Para que exista um crité-

rio de recta escrita a coerência é fundamental, e os casos em que a divergência é permitida formam parte da norma. Daí que, com independência de que seja considerada correcta umha ou outra forma, sempre *será incorrecta a convivência de formas contraditórias e incompatíveis,* a correcçom ou nom de umha dessas formas nom compensa o comportamento errático. Antes do que indicar a correcçom ou nom de formas interessa a correcçom do comportamento lingüístico. Um critério de recta escrita implica umha escolha, e um comportamento lingüístico arbitrário e titubeante resulta mais pernicioso que um congruente, ainda empregando formas rejeitáveis. Um comportamento incorrecto pode-se corrigir, um errático tem mais difícil soluçom. Melhor seria que se usa-se o castelhanismo «poseer» e se conjugasse coerentemente e nom que se empregue a forma «posue» para, a seguir, empregar o infinitivo «poseer» (em lugar de «posuir») de que nunca se poderia ter tirado a forma empregada com anterioridade.

Todos os critérios sinalados, fora o último que é extensivo, som consecutivamente restritivos, de maneira que afinal ficam na lista apenas os erros inegáveis. Este rigor no critério da qualificaçom nom se deve a umha generosidade dadivosa, mas à necessidade de evitar que se desvie a discussom para os critérios normativos (que como já se indicou e repetiu nom som tema deste informe) disfarçando assim o verdadeiro carácter do problema. Segue-se a listagem ordenada dos erros detectados segundo os critérios sinalados. Limita-se pois, resumindo, aos **erros emitidos polo Meio, nom através dele, referidos à língua galega, erros de língua e nom de linguagem, graves, conscientes (nom atribuíveis à casualidade ou a descuido), típicos, e que som tais qualquer que seja o critério normativo com que som julgados, considerando erro a simples incongruência.**

A listagem nom pretende ser exaustiva, nem muito menos. Fruto de um primeiro e único visionado dos programas incluídos (dado o volume do material estudado, mais de trinta horas de programaçom, umha revisom mais pormenorizada precisaria de um tempo exagerado, de que nom disponho) chega, porém, para compreender o alcance da situaçom e, o que é mais importante, ver as possíveis soluções.

2.2. Listagem ordenada cronologicamente de erros lingüísticos emitidos polo Centro Territorial de TVE na Galiza durante os períodos referidos.

Os erros aparecem em negrita e entre aspas. À sua esquerda umha cifra que representa o minuto e segundo exactos em que foi emitido colocando o cronómetro a zero no arranque do bloco de programaçom a que se fará referência. Para simplificar, e porque no esquema organizativo de TVE assim também se fai, incluimos o «Adianto Informativo» que vai antes do magazine «Dia a Dia» no mesmo bloco que ele e baixo a denominaçom deste último. O zero do bloco «Dia a Dia» deve situar-se pois no começo da cabeceira do «Adianto Informativo» que o precede. As fitas contendo os programas alu-

didos conservam-se nos arquivos do Centro Territorial sem dúvida ao dispor dos membros do Conselho Assessor que queiram visioná-las. À direita da coluna de erros, aparecem as chamadas ou referências explicativas oportunas. Por respeito, e, mesmo, se se quer, «cavaleirosidade» lingüística, as transcrições textuais da emissom verificam-se segundo as normas do I.L.G. por entender, razoavelmente, que tal seria a vontade do emissor.

Pode haver um erro no minutado de +/—3 s. Se se apreciasse um desfase maior, umha vez localizado o primeiro erro, corrigir o zero retrocedendo na fita o tempo indicado e situando nesse ponto o novo zero.

2.2.1. **Primeiro Período, do 10-XII-90 ao 7-I-91.**

10-XII-90

DIA A DIA

02-00 / «**s*i*gue**» por «segue», ver Normas ILG 16.2.5.
05-00 / «**clus**» por «clubes». Ver Parte Analítica (Morfologia).
05-30 / «**norde**», normalmente «norte», critério unanime dos lexicógrafos. Ver Parte Analítica (Léxico).
06-30 / «**despe*ll*a**» por «despexa». Curiosa aplicaçom do «Paralelismo» com o castelhano. Ver Analítica.
06-40 / «**ahora**« por «agora», espanholismo evidente.
08-40 / «**domiña-la situación**» Hiper-casticismo.
13-33 / «**isa**» por «esa», ver Normas ILG 14.3. Forma aliás inexistente, inexplicável e incoerente (Ver Anl. Morfol.).
13-45 / «**de que ...colocábans*e***» Colocaçom extravagante do clítico. Ver Analítica, Sintaxe.
15-13 / «**iles**» «eles». Normas ILG 14.1.
15-20 / «**craro**» por «Claro», pseudo-casticismo.
16-35 / «**algo que... notous*e***» Ver atrás /13-45/
17-45 / «**ahora**» Ver antes /06-40/
18-08 / «**imáxenes**» por «images» ou «imagens». Castelhanismo morfológico. Ver Analítica (Morfologia).
18-17 / «**hayan visto**» Castelhanismo que nom precisa comentário. Ver Analítica (Sintaxe).
18-32 / «**imáxenes**» Ver antes /18-08/
22-44 / «**solo**» Castelhanismo pleno por «só». Normas ILG 17.3.
23-26 / «**nadie**» Castelhanismo pleno por «ninguém». Normas ILG 14.5.
24-00 / «**linea**» Castelhanismo pleno por «linha».
24-15 / «**linea**» Idem.
24-32 / «**señalando**» Castelhanismo pleno por «sinalando» ou «assinalando».

TELEXORNAL 1

DADOS NOM DISPONÍVEIS, ORIGINAL ESTRAGADO.

11-XII-90

DIA A DIA

02-36 / «**imos *a* falar**» Castelhanismo sintáctico (Ver Anal. Sint.).
02-40 / «**gasoliña**» Hiper-casticismo.
02-50 / «**gasoliña**» Idem.
03-50 / «**van *a* ser**» Castelhanismo sintáctico. Ver antes /02-36/
03-17 / «**destiño**» Igual que /02-40/ e /02-50/.
03-47 / «**imos *a* contar**» Ver antes /03-05/ e /02-36/
04-41 / «**orga*i*zado**» Hiper-casticismo.
05-00 / «**estuvo**» Castelhanismo pleno. Ver Normas ILG 16.3.7.

05-10 / «**que ofrecé*nos***» Posiçom desorbitada do pronome. Ver DIA A DIA 10-XII-90, /16-35/ e /13-45/
05-40 / «**decir**» Castelhanismo nom acorde com nengumha normativa. Ver Normas ILG 16.3.5.
08-12 / «**colaboura**» Termo inventado, pseudo-casticismo por «colabor» ou «colaboraçom».
11-03 / «**imos *a* falar**» Ver antes /03-47/ etc.
11-37 / «**invitan**» Substitui impropriamente o mais galego «convidam» que nom reveste a mesma extensom (Ver Léxico).
11-48 / «**vamos *a* ver**» Vejamos pois o dito antes /11-03/ etc.
19-25 / «**ambente**» Hiper-casticismo por «ambiente».
19-44 / «**enseña-las**» Castelhanismo léxico.
20-44 / «**ordeador**» Hiper-casticismo.
21-15 / «**o sea**» Seqüência inteira em castelhano.
21-35 / «**ambente**» Ver antes /19-25/
21-50 / «**vaise *a* presentar**» Veja-se /11-48/ etc.
28-40 / «vamos *a* facelo» Idem.

TELEXORNAL 1

01-42 / «**Zona Marítima del Cantábrico**» (Em rótulos) Por que em castelhano?
02-00 / «Tra*n*splante» (Em rótulos, o locutor sistematicamente: «Tra*s*plante»).
04-50 / «**Fundido**» Paralelismo cómico com o castelhano «hundido» só aplicável a um barco no seu processo de construcçom e ao falar do tratamento dos metais nele empregados, mas impróprio para se referir, como neste caso, a um barco que acaba de «afundir».
05-35 / «**mercancias**» Castelhanismo pleno por «mercadorias».
05-40 / «**mercancias**» Idem.
06-50 / «**Lózara**» Inconcevível castelhenizaçom de um topónimo galego: «São João de Lôuçara» (Província de Lugo).
08-20 / «**xuzgados**» Castelhanismo parcial por «julgados».
16-36 / «**fehacientes**» Flagrante castelhanismo.
17-35 / «**imos *a* ver**» Veja-se DIA A DIA 11-XII-90 /21-50/ e outros.
20-30 / «**tra*s*plante**» Compare-se com antes /02-00/

12-XII-90

DIA A DIA

00-30 / «**destiño**» Veja-se DIA A DIA 11-XII-90 /03-17/
01-45 / «**sigue**» Veja-se DIA A DIA 10-XII-90 /02-00/
02-55 / «**cho*i*va**» Hiper-galeguismo «chuva» ou «chuvia» (ILG). Ver Parte Analítica (Léxico).
03-45 / «**coto de caza**» Comparar com, mais adiante, /04-48/ e /09-40/
04-58 / «**coutos**» Comparar com, antes, /03-45/
05-04 / «**convintes**» Impresentável hiper-galeguismo por «convenientes». Ver Parte Analítica (Léxico).
05-18 / «**conquerir**» Arcaismo improcedente por «conseguir». Ver Anal. Lex.
09-33 / «***en* algunha**« Castelhanismo morfológico por «nalgumha». Ver Normas ILG 14.5.
09-40 / «**couto**» Comparar com, antes, /03-45/
10-03 / «**tre*i*nta**» Castelhanismo pleno.
10-16 / «**que estase**» Veja-se DD 11-XII-90 /05-10/ e outros.
13-31 / «***e*sto**» Contrário ao paradigma dos demonstrativos universalmente aceite: «este», «esta», «*i*sto». Ver Normas ILG 14.3.
15-49 / «**poco a pouquiño**» Curiosa aplicaçom da co-oficialidade lingüística. O modismo, aliás, em galego seria: «a pouco e pouco» ou «aos poucos» ou ainda: «aos pedaços», «aos bocados», etc.
15-50 / «**decirvos**« Sistemática conculcaçom das Normas do ILG 16.3.5.
16-27 / «**imos *a* percorrer**« Veja-se TX1 11-XII-90 /17-35/ e outros.
16-24 / «**esce*a*s**» Hiper-casticismo + castelhanismo, por «cenas» ou, no melhor dos casos «escenas». Ver Analítica (Léxico).
19-12 / «***os seus* xentes**» Imcomprensível falta de concordância em lugar de «as suas gentes».
21-00 / «**humán**« Falsa galeguizaçom ou patrimonializaçom da forma culta «humano».

22-37 / «**búsqueda**« Castelhanismo pleno por «busca» ou «procura».
24-00 / «**apaix*oado***» Hiper-casticismo por «apaixonado».
26-35 / «**pers*oa*xes**» Idem. por «personagens» ou «personaxes« (ILG).
27-30 / «**elo**» Forma inexistente, só concebível como pseudo-galeguizaçom do castelhano «ello», traduzível por «isso», «isto» segundo os casos.
28-16 / «**nembargantes**» Forma paradigmática do galego «fraudulento».
29-00 / «**quiz*ais* necesitaríase**» Ainda que se prefira a forma suspeita de castelhanismo e/ou vulgarismo «quizais» à mais correcta «quiçá» («quizá» na grafia do ILG) nem por isso se deve abastardar a colocaçom do clítico impunemente.

TX1

04-26 / «**elo**» Veja-se o dito no DD deste mesmo dia /27-30/
05-36 / «**contenedores**» e, imediatamente, «**contedores**», por se fosse pouco compare-se logo, com /08-24/
07-18 / «***perante* a mañá**» Uso impróprio de «perante» por issomorfismo e falsa galeguizaçom do legítimo «durante». «Perante» significa «diante de».
08-24 / «**containers**» Compara-se com as formas, antes, /05-36/
14-15 / «**xustic*ia***» Compare-se com, mais adiante, /15-20/
15-03 / «**recurriron**»
«**recurrida**» por, respectivamente, «recorrerom» e «recorrida» do infinitivo «recorrer» nom identificável com «recorrer» em espanhol (traduzido: «percorrer» e que se conjuga como «correr»), Normas ILG 16.2.6.
15-20 / «**xustiz*a***» Compare-se com, antes, /14-15/ e ver Parte Analítica (Morfologia).
15-23 / «**cond*ea*do**» Pseudo-casticismo para galeguizar «condenado», melhor: «sentençado» («sentenciado» para ILG).
15-47 / «**cond*ea*ba**» Idem, por «condenava», melhor «sentençava».
16-40 / «**secreto**» como substantivo por «segredo» comparar com /19-04/
18-54 / «**ir *a* parar**» Veja-se o dito em DD 11-XII-90 /02-36/, também em TX1 11-XII-90 /17-35/
19-04 / «**segredo**» compare-se com, antes, /16-40/
19-20 / «**cartax*i*nés**» se tal gentílico se aplicasse a Aníbal, nada haveria a dizer, mas refere-se ao matador Ortega Cano, natural de Cartagena. Ver Morfologia.
21-26 / «**mentr*a*s**» Castelhanismo parcial por «mentes» ou «mentres» (Normas ILG 17.2.).
24-00 / «**ailladas**»
«**illadas**» (em rótulo) Para alem do acerto ou nom do vocábulo interessa destacar a sua vacilaçom. Ver. Anal. (Léx.).
25-43 / «**matade*i*ro**» paralelismo do castelhano «matadero» por «matadoiro», unânimemente reconhecido.

13-XII-90

DIA A DIA

00-50 / «**convidámos*lles***» Inaudito «leismo» em galego (haverá que ir tendo em conta o «lheismo»!) uso impróprio em castelhano consistente em empregar o pronome pessoal de 3.ª pessoa. Objecto Indirecto em lugar do Objecto Directo: «convidamo-los».
03-49 / «**muestreo**» Castelhanismo pleno.
06-40 / «**que a nai atopou*se***» Veja-se DD 12-XII-90 /29-00/, /10-16/ etc.
07-43 / «**pr*i*sa**» Castelhanismo por «pressa».
08-16 / «**poñía**» Pseudo-galeguizaçom de «ponía» em lugar de «punha», «puña» (ILG 16.3.16.).
08-20 / «**que est*ase desenrolando***» Expressom que contém, polo menos, três erros graves: 1, Colocaçom aberrante do pronome; 2, Uso do gerúndio em lugar de «a» + Infinitivo: 3, Acepçom imprópria do verbo «desenrolar», que nom traduz o verbo espanhol «desarrollar» (que se encontra sem dúvida no processo mental que leva a esta frase), mas o nom menos espanhol verbo «desenrollar». A forma correcta seria: «que está a se desenvolver».
08-30 / «**que titúl*ase***» Igual que o 1.º ponto anterior. Ver também, antes, /06-40/ e outros.
14-40 / «**poñéndose**» em lugar de «pondo-se». Veja-se, antes, /08-16/
20-42 / «**dende**» usado de forma quase exclusiva. É vulgarismo, também em espanhol, as Normas do ILG (18) reconhecem «desde».

20-56 / «**crezca**» perfeitamente correcto, em castelhano.
21-00 / «**máis que eu**» As Normas do ILG só admitem (13.2) «máis ca mim».
21-10 / «**sorris*a***» É masculino em galego: «sorriso».
25-42 / «**eiquí**» Dialectalismo rejeitado polas Normas ILG (17.1).

TX1

Rótulos em cabeçalhos.

«**Os Morons *en Cadea***»
Deixando à parte a duvidosa pertinência de galeguizar o nome deste tristemente célebre clam (para isso haveria que o galeguizar completamente: «Mourons») temos umha prova do que acontece quando se está a traduzir mentalmente (e literalmente) do espanhol. «Cadeia», com o sentido de «masmorra, cela, prisom» precisa sempre de artigo «A Cadeia, na Cadeia, etc.». Galeguizar em paralelo ao espanhol nom é nem sequer traduzir. Assim de «Los Morones *en* Prisión» chegamos a «Os Morons *en* Cadea» que em galego só pode pretender indicar que os clans mafiosos se reproduzem de forma industrial.

«**Boas *Pres*pectivas**»

«**Axudas *a* Pesca**» Ainda que temos mençom a que nom recolheríamos erros menores, e ainda que dizer «prespectivas» em lugar de «perspectivas» nom é algo que se deva censurar em excesso, por se tratar de um texto escrito, com tempo para ser redigido e corrigido, agrava-se a falta, e se, ainda encima, vai acompanhado de outros erros em todos os cabeçalhos (que som normalmente três), como esse «a» sem marca nengumha de se tratar de umha contracçom (o acento nom é gratuíto, marca diferença entre categorias gramaticais diferentes neste caso) denotam em conjunto, quando menos, umha certa despreocupaçom pola seriedade da língua empregada.
01-38 / «**expe*d*ente**» «Ré-galeguizaçom do galego «expediente», e ainda assim, de «expedir» deveríamos esperar «expedinte», polo menos coerente com «convinte». Ver DD 12-XII-90, /05-54/
02-21 / «**elo**» Forma inexistente. Ver TX1 12-XII-90 /04-26/
03-00 / «**convinte**» Veja-se antes, 01-38/ e outros.
05-15 / «**contedores**» Comparar com TX1 12-XII-90 /05-36/ e /08-24/
05-34 / «**que atópans*e***» Veja-se DD 13-XII-90 /08-30/ etc.
06-30 / «**dest*os***» Castelhanismo morfológico por «destes», Normas ILG 14.3.
08-20 / «**beixou**» Impróprio por se tratar de umha forma do verbo «beijar» e nom «baixar» como parece indicar o contexto.
11-50 / «**o sea**» repetido, veja-se DD 11-XII-90 /21-25/
13-20 / «**guapa**» Castelhanismo pleno por «bonita» (lusismo incompreensível para um galego). Só existe «guapa» dialectalmente na zona norocidental da província de Lugo, por inquestionável influência do asturiano, mas com umha extensom semântica diferente: «Temos umha vista guapa desde aqui».
14-20 / «***zoa***» Hiper-casticismo tópico por «zona».
18-14 / «***o* orde**» Castelhanismo morfológico. É sempre feminino em galego: «A ordem».
19-19 / «***en* cadea**» Repete-se erro dos rótulos de cabeçalhos deste Telejornal, vid. supra.
19-45 / «**pallos**» Termo inexplicável, como nom for que se deduza do contexto que se pretende designar com tal nome os que nom som ciganos; denominados em castelhano «payos». «Paio» só pode ser em galego um antropónimo ou, como nome comum, um embutido determinado. Em espanhol emprega-se ainda a voz «payo» porque nom se sabe que em calom cigano quer dizer literalmente: «paleto».
20-57 / «***pres*pectiva**» Repetido, veja-se «Rótulos de cabeçalhos».
21-25 / «**hasta**» Castelhanismo pleno por «até» ou «atá» (Normas ILG 18.).
27-03 / «**orquesta**» Castelhanismo por «orquestra».
2&-53 / «**expe*d*ente**» Veja-se, antes, /01-38/

14-XII-90

DIA A DIA

01-45 / «**expediente**» Compare-se com 13-XII-90 TX1 /28-53/ etc.

01-35 / «**u-xe-te**» UGT deveria de soletrar, segundo as Normas do ILG (1.3.) «u-gue-te».
03-20 / «**galardo*n*ada**» Autêntico empenho de ir em contra da história da língua. Esta é forma patrimonial com queda do «n» intervocálico, «galardoada», de «galardoar».
04-25 / «**o arbol**» Duplo castelhanismo, morfológico (é termo feminino em galego) e léxico, pois é «a árvore». Nom há questom de motivos cacofónicos, pois em galego evita-se por meio de «i» hepentético.
05-03 / «**o arbre**» Agora temos castelhanismo morfológico com vulgarismo léxico.
05-11 / «**sega**« por «siga». Forma inexistente. Novo empenho de ir às avessas da fala. Relacione-se com 12-XII-90 DD /01-45/ e outros.
05-23 / «**imos ...*a* falar**» Veja-se 12-XII-90 TX1 /18-45/ e outros.
07-33 / «**xov*enes***» Compare-se com o constante «xoves» (com idêntico sentido).
09-20 / «**ombligo**« Castelhanismo pleno por «umbigo» ou «embigo», únicas formas dicionarizadas.
09-45 / «**el*os***» Será o plural do «elo» que víamos em 13-XII-90 TX1 /02-21/ etc.? Nem sequer. Trata-se de um inova-plural de «ele» ou «el« (ILG), plural em que todas as normativas galegas da terra e mesmo da galáxia tiham até hoje concordado: «eles».
10-00 / «***Se va desenrolando***» Para «desenrolando» veja-se o dito em 13-XII-90 DD /08-20/. Note-se ainda o castelhanismo pleno «va» por «vai» e a colocaçom à castelhana do pronome.
12-06 / «**ambente**» Hiper-casticismo já recolhido DD, 11-XII-90 /21-35/
13-11 / «**siñificar**» Hiper-casticismo por «significar».
27-03 / «**campá**» Hiper-casticismo por «campana», melhor «sino».
30-00 / «**aficioados**» Abre-se aqui longa lista de «variantes», comparar, por exemplo com 26-XII-90 DD /07-29/ no mesmo dia DD /23-50/ e /26-17/ etc.

14-XII-90

TX1

06-50 / «**apresado**» Compare-se com o seguinte.
06-58 / «**apreixados**» Compare-se com o anterior.
08-14 / «**frente**» Compare-se com o constante «fronte», por exemplo 20-XII-90 DD /04-41/
09-35 / «**viñemos**« por «vimos». Confusom entre o presente e o pretérito perfeito do Indicativo.
10-28 / «**dous mil empresas**» Falta de concordância semelhante a 12-XII-90 DD /19-12/, sem dúvida motivada pola invariabilidade de género do espanhol, em vez de «duas mil empresas».
16-50 5 «**soio**» por «só», forma nom abonada por nengum dicionário actual nem normativa (Veja-se Normas ILG 17.3).
17-00 / «**treinta y tres**» Mais umha expressom completa em perfeito castelhano inserida no meio de umha locuçom realizada, teoricamente, em galego.
19-53 / «**tuvo**» Castelhanismo pleno por «tivo».
20-03 / «**mar groso**» O mar nom pode ser «grosso» nem magro. O mar, masculino, é um fenómeno geográfico azul, salgado e húmido. A mar, feminina, é um estado do mar relacionado com determinados fenómenos meteorológicos, e ela, sim, pode ser «gross*a*». Contrasta esta incorrecta utilizaçom do masculino com a constante do feminino com idêntico sentido ambíguo do espanhol. Em galego, ao contrário, o género da palavra «mar» nom é indiferente nem optativo, mas significante.
22-20 / «**rachas**» Castelhanismo impertinente por «rajadas», «golpes de vento», «ventanias», e ainda, se se quer algo mais «enxebre»: «lufadas».
23-20 / «**merced**» e ainda encima pronunciado «mercez». Em galego nom há «d» nengum que pronunciar à madrilenha: «mercê» ou «mercé» na grafia do ILG.
27-10 / «**amencer**» existe tal verbo em galego, sem dúvida, mas é dialectal e tem na sua área um significado claro: «aumentar». É célebre a anedota do sapateiro que lhe pergunta a umha senhora «da cidade» que lhe leva um sapato com um tacom roto: «amenço-o ou empeço?», ao que responde a senhora: «Empiécelo, sí, de una vez». Logo virá a reclamaçom porque o sapateiro recorta o tacom. De qualquer modo, como forma derivada de «manhá» nom pode esperar-se outro resultado que «amanhecer».
27-50 / «**que ...trátas*e***» Veja-se 13-XII-90 TX1 /05-34/ etc.

30-00 / «**compañía**» Nada que opor a tal vocábulo, fora a incoerência com o constante «enxebrismo» «compaña».

17-XII-90

DIA A DIA

02-54 / «**perdiu**« conjuga-se como da 3.ª um verbo da 2.ª Correcto: «perdeu». Ver Normas ILG 16.1.
03-30 / «**cris*i***» A meio caminho entre o espanhol «crisis» e o galego «crise». Ver Normas ILG 8.5.
03-50 / «**ha sido**» Castelhano. Já presente en 10-XII-90 DD /18-17/ etc.
04-14 / «***s*igue**» por «segue». Infracçom constante Normas ILG (16.2.5.).
04-25 / «**perdiu**» Veja-se antes, /02-54/
04-30 / «**imáx*enes***» Veja-se o dito em 10-XII-90 /18-08/ e /18-32/
09-35 / «**esc*a*dra**» Vulgarizaçom artificial dumha forma, «esquadra» («escuadra« na grafia do ILG 9.1.) culta por definiçom. Utiliza-se impropriamente, aliás, por ser aplicável só a terminologia marítima e militar. O ângulo chama-se «esquadro».
10-04 / «**balonmano**» Evoluiçom um tanto difícil do neologismo inglês «handball» que em qualquer caso, em galego, literalmente seria: «mambola», e que, paralelamente ao feito com «futbol» seria mais correcto adaptar apenas graficamente em «andebol», como já tem feito o português.
10-33 / «**ahora**» Castelhanismo pleno e repetido. Ver. DD 10-XII-90 /17-54/
12-40 / «**cimentos**» Castelhanismo errático em lugar de «alicerces». Claro que os alicerces podem ser de cimento.
13-12 / «**encendida**» Castelhanismo pleno, forma impossível a partir de «acender», que dá «acendida», «acesa».
13-40 / «**xugo**» Trata-se do que realmente se trata em galego, quer dizer, um instrumento, normalmente de madeira, às vezes primorosamente lavrada, que serve para jungir os bois? Pois entom o locutor está a relatar umha façanha portentosa, pois afirma estarem «**exprimindo**» /por «espremendo») **todo o xugo**», uns determinados sujeitos. O que nom aclara é qual o gosto, áspero e agri-doce, que devia ter o «sumo» ou o «suco» do jugo despois de espremido.
14-30 / «**isos**» Como já tínhamos «**elos**», 14-XII-90 DD /09-45/, por que nom vamos ter «**isos**», castelhanismo e hiper-casticismo unidos para substituir a forma «esses»?

17-XII-90

TX1

03-02 / «**de*n*de**» Veja-se 13-XII-90 DD /20-42/
04-00 / «**da cárcel**» Castelhanismo léxico por «cárcere» e morfológico (é masculino: «o cárcere»).
06-30 / «**xuicio**» Comparar com o constante «**xuizo**».
06-50 / «**condena**» Comparar com 12-XII-90 TX1 /15-32/ e /15-47/
07-00 / «**ventana**» Comparar com pleno por «janela», «fiestra», «festra», etc.
09-18 / «**est*o*s**» Veja-se 13-XII-90 TX1 /06-30/, 14-XII-90 DD /09-45/ e 14-30/
12-21 / «**produxeron**» Pseudo-galeguizaçom de «produjerom» em lugar de «produzirom», «produciron» nas Normas ILG.
12-33 / «**produxeron**» Idem.
15-04 / «**resbalón**» Castelhanismo pleno. De «escorregar» temos «escorregom» e se se quer um termo mais expressivo «encontrom». O mais parecido: «resvalo», também «esbarro», etc.
15-48 / «**arreglo**» Castelhanismo total por «arranjo» ou «arranxo» (ILG).
17-02 / «**d*es*minuirán**» Forma que nom é o castelhano «disminuir» nem o galego «diminuir», unanimemente aceite (Ver Normas ILG 16.2.5.2.2.), mas partilha com ambas (Ver, por exemplo 20-XII-90 TX1 /15-03/) o espaço.
17-15 / «***e* eu**» Grafia correcta mas pronúncia totalmente incorrecta. Escreve-se «e», mas pronuncia-se obrigadamente «i».
24-18 / «**analizar**» De «análise» só podemos tirar o verbo «analisar». O castelhano converteu-o em «analizar» por analogia com outros verbos que possuem tal terminaçom «realizar», «utilizar», etc.

24-23 / «**análisis**» Lógico. De «análise» deriva-se «analisar», e de «análisis» «analizar», claro que pola mesma lógica escreveríamos já directamente em espanhol. Veja-se «crisi» em 17-XII-90 DD /03-30/ e Normas ILG 8.5.

26-37 / «**coordenador**» Nada que lhe opor, fora que apareça junto com um rótulo que diz «**coord*i*nador**».

18-XII-90

DIA A DIA

00-40 / «**ven de aprobrar**» «vir de + Infinitivo» é galicismo que penetrou por via do português e que este rejeita, preferindo o vernáculo: «acabar de».

02-20 / «**artiluxios**» Neologismo inventado polo cómodo método de riscar com um «x» onde no castelhano aparece «g» ou «j». «Artefactos», «aparelhos» ou se se quer dar um tom pejorativo: «trebelhos» estariam melhor.

03-30 / «**A Bacolla**» Peripatética ré-galeguizaçom do topónimo galego «Lavacolha» que nom só nom leva nengum artigo castelhano diante, senom que nem sequer é feminino, pois o «a» é dessinência do nominativo plural «*colia» por «colea», de «coleo, coleonis». «Lava» seria de «Lavar», e como na língua antiga «h» representava o «i» semiconsonantico, passou do latim «Lavacolia» ao actual «Lavacolha» quase sem modificaçom. Os falantes feminizarom o nome mas, ao contrário da locutora, respeitando o topónimo, ouve-se dizer, às vezes: «na Lavacolha», «prà Lavacolha», etc.

05-40 / «***adegas* dos barcos**» As adegas só podem ser das casas, e desde a arca de Noé nengum barco deveu dispor delas.

11-12 / «**imos *a* ollar**» Veja-se 14-XII-90 DD /05-23/ e outros.

18-XII-90

TX1

02-45 / «**de *a* de traballo**» A contraçom é forçosa: «*da* de trabalho». Ver Normas ILG 13.2.1.

06-04 / «**est*os***» Ver 17-XII-90 TX1 /09-18/

08-47 / «**porcelán**» A «porcelana» chegou a Europa no século XVII, desgraçadamente quatrocentos anos tarde para que lhe pudesse afectar a reduçom do sufixo latino «ana» que deixou de ter rendimento no século XIII. O vocábulo aliás procede do italiano «porcellana» e ainda que tivesse sufixo patrimonial, este deveria ser «á» segundo as Normas ILG (8.14).

11-38 / «**Capitán Xeral**» Inimigo declarado do «capitám específico». «Geral» é o que nom é particular, nom o que nom é nem soldado, nem cabo nem sargento, etc. Esse é «General» ou «Xeneral» na grafia do ILG.

13-47 / «**arreciando**» Castelhanismo pleno. «Arreciar» nom existe em galego. Deve-se traduzir polo normal «aumentar».

13-58 / «**norde**» Veja-se 10-XII-90 DD /05-30/

14-52 / «**cañerías**» Castelhanismo evidente (de «cano» nunca poderíamos ter «cañerías») em lugar de «conduções», «conduccións» seguindo o ILG.

16-07 / «**cabeciñas da revolta**» Para comprovar o ridículo destas transliterações do espanhol o mais definitivo é voltar a traduzi-las para espanhol com o mesmo sistema com que foram traduzidas ao galego: «cabecitas de la revuelta».

16-32 / «**aillados**» Comparar com 12-XII-90 TX1 /24-00/

16-52 / «**e *se* atopan**» Castelhanismo sintáctico digno de ser comparado com frases do tipo «que trátase» 16-XII-90 TX1 /27-50/

18-10 / «**destiñada**» Veja-se 12-XII-90 DD /00-30/ e outros.

18-25 / «**plan*s***» por «planos. Ver Normas ILG 7, nota e 7.1.

25-30 / «**person*a*is**» É forma patrimonial com perda do «n»: «pessoais», comparar com 14-XII-90 DD /03-30/ e os casos de falsa perda como «**esceas**» 12-XII-90 DD /16-42/

19-XII-90

DIA A DIA

00-46 / «**rolda de prensa**» Utilizaçom despropositada de umha forma arcaica, «rolda», detur-

paçom ocasional do normal «ronda», como demonstra que alguns dicionaristas recolham a forma «de roldán» equivalente à mais frequente «de rondom» (expressom interessante porque testemunha a confusom na fala popular entre as soluções dos sufixos latinos «ano» e «one») com o significado de «em tropel». «Rolda» era termo utilizado apenas, com o verbo «roldear» na descriçom do mecanismo de reparto de águas entre vários vizinhos. Aparece aqui, de rondom, para disfarçar à toda umha expressom netamente castelhana como é «rueda de prensa». «Conferência» seria perfeitamente inteligível e menos macarrónico. Com respeito a «prensa» o termo «imprensa» (sem dúvida tomado do português) é utilizado de forma unanime, mesmo dentro deste Meio.

01-17 / «**Vi*l*alba**» Compare-se com, mais adiante, TX1 /24-33/

02-41 / «**naide**» Castelhanismo galeguizado (ou talvez sudamericanizado) em lugar de «ninguém». Ver Normas ILG 14.5.1.

03-04 / «**ímoslles *a* falar**» Veja-se 18-XII-90 DD /11-12/

04-19 / «**círcolo reglamentario**» Expressom híbrida de italiano e espanhol que nom se trata de umha confusom ocasional entre «o» e «u» compreensível dentro de umha fonética galega (que nom é o caso). Pensa-se sem dúvida que «**círcolo**» é mais galego que «círculo». «**Reglamentario**» é castelhanismo por «regulamentar». Veja-se «regulamento» em Normas ILG 8.4.

04-30 / «**elo**» Veja-se 13-XII-90 TX1 /02-21/

10-14 / «**namais**» Forma que apesar de ser castelhanismo, pseudo-vulgarismo, andaluzismo, etc., nom é normativa.

13-12 / «**compostelá**» Forma que pudera ter sido se tivesse sido, mas se a língua, polas razões que fossem, nom reduziu o sufixo «ana» dessa palavra antes do século XX é difícil que o venha a fazer agora.

13-14 / «**expoñendo**» por «expondo», Normas ILG 16.3.16.B.

13-30 / «**expoñendo**» Idem.

14-30 / «**joyería**» Castelhanismo pleno.

16-10 / «**pois pódase**» Veja-se 16-XII-90 TX1 /27-50/

17-13 / «***senso* da palabra**» Umha das características do «enxebrismo» é que permite a utilizaçom de «lusismos» sempre que sejam mal utilizados. «Senso» é lusismo inegável, mas o verdadeiro e único «sentido» da palavra «senso» é a de «juízo», «discernimento», «siso»... Se tivêssemos um pouco mais de senso nom utilizaríamos «senso» no sentido de «sentido».

17-52 / «**f*l*acas**» por «fracas», castelhanismo total, com a agravante de nom coincidir a extensom semantica de «fracas» com a de «flacas».

18-05 / «**cutrez**» Se nom fosse tildado de reaccionário e intolerante diria que este «cheli» é indigerível no meio de um parlamento supostamente em galego. Parece ser porém que os «modernismos» nom formam parte do castelhano senom que penetrarom por via culta no século XVI em galego, e daí que nom resenhemos nengum dos que enchem «**a tope**» a nossa programaçom.

19-44 / «**reies**» Castelhanismo morfológico, polo menos, se nom se trata de um «**reyes**» sem mais. «Reis» é a forma correcta e contudo a normativa (Normas ILG 10.1.).

19-57 / «**urbá**» Veja-se o dito antes /13-12/ acerca de «**compostelá**», com a agravante de que entanto «compostelana» podia ter reduzido ou nom, «urbana» nem sequer pode ter reduzido hipoteticamente em «química lingüística» por se tratar de inegável cultismo. Veja-se «urbano». Normas ILG 8.14.

21-29 / «**podríamos**» Castelhanismo pleno por «poderíamos».

22-50 / «**plazoleta**» Castelhanismo pleno, melhor, sem dúvida, que traduzi-lo por «pracinha». O galego nom tem por que dividir um campo semantico no mesmo número e grau de categoria que o castelhano.

23-55 / «**sega**» por «siga». Ver 14-XII-90 DD /05-11/

22-26 / «**f*l*oxiño**» Palavra castelhana «galeguizadinha» por «Frouxinho». Veja-se «Frouxo» em Normas ILG 7.1.

27-18 / «**quer*r*ían**» Castelhanismo por «quereriam». Normas ILG 16.3.18.

19-XII-90

TX1

01-08 / «**pesque*irias***» Ainda que as Normas ILG (8.19.) admitem as soluções «aria» e «eria» para o sufixo latino «aria», embora reconhecendo como patrimonial a primeira, condenam expressamente as falsas soluções galegas em «eiria» como a presente. Duplo erro pois, morfológico e semântico, pois nem sequer o correcto «pescaria» traduz o vocábulo espanhol «pesquería», base evidente desta confusom, senom «pesqueira» que é o lugar onde se deitam os aparelhos de pesca, enquanto «pescaria» é a arte do pescador ou bem o lugar onde se descarrega habitualmente a pesca.

02-11 / «**pasillos**» Castelhanismo pleno em lugar de «corredores».

03-20 / «**permane*zcan***» Castelhanismo pleno por «permaneçam» ou «permanezan» (Normas ILG 7.2.6.1 n.), ver 13-XII-90 DD /20-56/

04-38 / «**presupostos**» Qualquer outra consideraçom à parte, compare-se com 20-XII-90 DD /01-06/ e seguintes.

04-56 / «**frente**» Duas vezes seguidas. Compare-se com o omnipresente «fronte» (e anti-normativo) como por exemplo em 20-XII-90 DD /04-41/. Ver comentário aí.

08-23 / «**cofradías**» Castelhanismo total em lugar de «confraria».

10-40 / «**ventas**» Castelhanismo por «vendas».

11-08 / «**plano**» Forma correcta mas compare-se com «plans», 18-XII-90 TX1 /18-25/, plural impossível de «plano».

14-49 / «**rastr*exo***» Ainda que nas formas menos evoluídas («rastrear») se mantém o «r», nelas resulta impossível umha soluçom em «ejo» (de «rastrear», «rastreio» ou «rastreo» na soluçom para esta terminaçom imposta nas Normas ILG 8.8.) que só pode dar-se em formas populares que perdem conseqüentemente o «r» (de «ras*tej*ar», «ras*tej*o») analogamente ao que acontece com «padras*to*» ou «regis*to*».

15-40 / «**abad*oou***» Hiper-casticismo por «abandonou» de «abandonar» galacismo incorporado muito tempo despois de a queda do «n» intervocálico ser operativa.

17-20 / «**mentres contizáron*se***» Ver 16-XII-90 TX1 /27-50/ e tantos mais.

18-30 / «**inversión**» Parece improvável que a conseqüência do acto de «investir» seja umha «inversom» que o será mais bem do acto de «invertir» que consiste em pôr as cousas, as palavras também, ao revês, como por exemplo «inversom» em lugar de «investimento».

18-50 / «**orde*a*ción**« Hiper-galeguismo por «orde*n*açom».

19-13 / «**apresados**» Comparar com 14-XII-90 TX1 /06-58/

19-20 / «**est*os***» Ver 18-XII-90 TX1 /06-04/

20-20 / «**hasta**» Castelhanismo pleno, ver 13-XII-90 TX1 /21-25/

20-23 / «**ola**» Em galego seria um recipiente tradicional, mas no mar só pode ser um castelhanismo por «onda».

20-38 / «***xe*ado**» Se se concordasse publicamente e se reconhecesse de modo oficial que os frigoríficos som um invento com certeza posterior ao século XIV, muitas dúvidas se teriam dissipado no caminho da fixaçom do galego. Na idade média só existia um mecanismo natural para produzir gelo, que era a «geada». Naquela altura sim, todo o que estava «gelado» era indefectivelmente porque estava «geado». Agora, graças a Deus, podemos ter produtos gelados e congelados sem necessidade de os expor toda a noite a baixas temperaturas. Por isso devemos reservar a palavra «geado» para descrever o campo coberto pola «geada» despois de ter «geado». O vento, afora as ainda nom descobertas correntes aéreas subterráneas, nom pode nunca estar coberto pola «geada».

21-24 / «**tóda-la faixa**» Se creio entender bem as Normas do ILG (cousa que por certo me preocuparia) a 2.ª forma (?) do artigo produz-se somente despois das formas plurais «todos» e «todas» por assimilaçom do «s» (Ver Normas ILG 13.1.b). Dificilmente poderá haver assimilaçom no singular. Claro que, com tanta «assimilaçom», já nom sabemos onde começa umha palavra e onde acaba a outra. Assim, do «plural»: «tóda-las faixas» tira-se «espontaneamente» o «singular»: «**tóda-la faixa**» e a 2.ª forma passa a ser a primeira e única. Forma correcta: «toda a faixa».

22-20 / «**frente**» Comparar com 19-XII-90 TX1 /04-56/ e 20-XII-90 DD /04-41/

24-33 / «**Vi*l*lalba**» Nom é a de Madrid mas a de Lugo, «Vilalva», compare-se com 19-XII-90 DD /01-17/

25-35 / «**xaula**» Castelhanismo necessário quando se trata de encerrar um leom, mas improcedente para albergar um pássaro, para o que serve perfeitamente a nossa tradicional «gaiola».
25-14 / «**maiz**» Castelhanismo incompreensível por «milho».

20-XII-90

DIA A DIA

01-06 / «**orzamentos**» Forma correcta de denominar as previsões financeiras destinadas a sufragar futuros investimentos. O que resulta incorrecto, tanto ou mais que empregar no seu lugar o castelhanismo «presuposto», é utilizar umha vez «orçamentos» e na seguinte linha «presupostos» e alternar com regularidade quase pendular ambos os vocábulos.
01-16 / «**presupostos**» Veja-se o acima dito.
02-29 / «**presuposto**» Idem.
02-35 / «**se vai *a* notar**» Veja-se 19-XII-90 DD /03-04/ etc.
02-50 / «***e*so**» por «isso», «iso» nas Normas ILG (14.3.1.). Compare-se com 12-XII-90 DD /13-31/
03-40 / «***d*ecía**» por «dizia», «dicia» nas Normas ILG 16.3.5.
04-12 / «**presupostos**» Comparar com, antes, /01-06/
04-41 / «**fr*o*nte**» Forma utilizada sistematicamente em lugar de «frente» assim como nos advérbios e locuções: «**enfronte**», «**fronte a**», «**enfronte de**» e mesmo em forma verbal: «**enfrontar**» e os seu derivado «**enfrontamento**», como substantivo com valor impróprio «**fronte quente**» etc. Formas todas elas que apesar de ser contrárias à história da língua, ao bom gosto e ao bom senso, som também contrárias às Normas do ILG (Ver pontos 17.1. e 18.). A voz «fronte» só pode ter umha acepçom na nossa língua, que é a anatómica. A «fronte» é essa zona do cránio que serve, de modo figurado, como fuselagem do pensamento. Quando nom se tem a fronte demasiado quente pode-se distinguir sem esforço esta «fronte» de «frente» nas locuções «em frente de», «frente a», etc. No verbo «enfrentar», e mesmo distinguir a «fronte» do substantivo «frente», de maneira que, quando cheguem as frentes quentes mantenhamos as frontes frias.
04-52 / «**finanzamento**» Vacilaçom constante entre formas como esta, correctas, e formas que mantém o «i» anti-etimológico do espanhol, como em 27-XII-90 TX1 /03-45/ e /22-24/
05-20 / «**decir**» Forma incorrecta desde qualquer ponto de vista normativo. Ver Normas ILG 16.3.5. e, antes /03-40/ e outros.
05-30 / «**presupostos**» Ver antes /02-29/ etc.
06-02 / «**soio**» por «só». Veja-se 14-XII-90 TX1 /16-50/
06-58 / «**subida**» Castelhanismo em lugar de «suba».
07-40 / «***en* este intre**» Deliciosa harmonizaçom entre um castelhanismo morfológico, a nom contracçom, e um «enxebrismo» tam típico como «intre».
12-24 / «**en que se vai *a* notar**» Ver antes /02-35/ os citados e outros.

20-XII-90

TX1

04-19 / «**presupostos**» Comparar com, antes DD /01-06/ e seguintes.
05-42 / «**orzamentos**» Comparar com o anterior e os citados.
06-55 / «**orzamentos**» Idem.
09-30 / «**caballa**» Castelhanismo por «cavala» peixe.
11-10 / «**vertedeiro**» Falsa galeguizaçom do castelhano «vertedero» em lugar de «vertedoiro», forma correcta que se acaba de utilizar pouco antes desta.
11-25 / «**xusticia**» Comparar com o constante «**xustiza**».
11-50 / «**outr*o* act*a***» Inadmissível falta de concordância devida a que o castelhano muda o género por motivos cacofónicos resolvidos de outro modo em galego. Compare-se com 14-XII-90 DD /04-25/
12-40 / «**dimisión**» por «demissom» ou «demisión», forma correcta também utilizada às vezes. Compare-se com 17-XII-90 TX1 /17-02/ em relaçom com 21-XII-90 TX1 /15-03/
14-36 / «**capitán-xeneral**» Comparar com 18-XII-90 TX1 /11-38/
14-50 / «**marineria**» Castelhanismo pleno por «Marinharia» ou «mariñaria».

14-51 / «**mant*e*n*e*mento**» Forma nom derivável de «manter», de que obtemos o normal «mantimento», ou, ainda que se conservasse a vogal do infitivo, como preconiza o ILG, teríamos «mantemento». Pseudo-galeguismo.
16-45 / «**xui*cio***» Veja-se 17-XII-90 TX1 /06-30/
18-50 / «**tempraneiro**» Forma inqualificável que me nego a qualificar. (Veja-se Parte Analítica «Caracterizaçom Global»).
19-15 / «**namentras**» Castelhanismo condenado expressamente nas Normas ILG 17.2.n.
19-45 / «**encosta enriba**» Voluntariosa expressom que pretende traduzir de forma literal a, intraduzível de forma literal, expressom espanhola «cuesta arriba». «encosta» simplesmente seria mais fácil e menos arriscado.
23-00 / «**a calle**» Evidente castelhanismo por «rua».
25-33 / «**había colaborado**» Novo tempo composto. Veja-se 17-XII-90 DD /03-50/ e outros.
26-06 / «**ven *a* ser**» Veja-se, antes DD /12-24/ e outros.
26-45 / «**est*e* área**» Outra injustificável falta de concordância semelhante à que víamos antes em /11-50/
27-26 / «**garda**» (em rótulos).
«**guardas**» (en locuçom)
Independentemente da soluçom escolhida para o grupo «gua» neste caso, a soluçom terá de ser «umha» e ainda que se pudesse admitir que «guarda» em leitura rápida e despreocupada se lesse «garda», resulta mais difícil explicar que «garda» poda ser lido «guarda».

21-XII-90

DIA A DIA

02-48 / «***lles* vamos *a* contar**» Duplo castelhanismo sintáctico. Colocaçom do pronome à espanhola, como em 14-XII-90 DD /10-00/, e forma perifrástica assim mesmo espanhola, como em 20-XII-90 TX1 /26-06/.
06-48 / «***se iba a convertir***» Pode-se considerar umha frase inteira em perfeito castelhano, ou bem, aos erros sinalados no anterior acrescentar ainda as formas «**iba**» e «**convertir**» preteridas por todas as autoridades em lingüística galega e também polo ILG (Ver Normas pontos 16.3.10.n. e 16.2.6. respectivamente) em favor das correctas «ia» e «converter».
07-45 / «**regulación**» Uso impróprio em lugar de «regulamentaçom», ou «regulamentación» na grafia do ILG.
08-38 / «***a*steleiros**» por «*esta*leiros» única forma correcta, dicionarizada mesmo no dicionário «Xerais».
08-53 / «**como se vai *a* solventar**« Veja-se, antes, /02-48/, /06-48/ 20-XII-90 TX1 /26/ etc.
09-25 / «***un* mens*a*xe**» Castelhanismo morfológico. As formas derivadas a través do sufixo francês «age» som femininas como reconhecem as Normas do ILG 8.13.
09-30 / «**nor*d*e**» Veja-se 18-XII-90 TX1 /13-58/ e outros.
09-39 / «**mentras**» Veja-se 12-XII-90 TX1 /21-26/ e também 20-XII-90 TX1 /19-15/
09-57 / «**imos *a* ollar**» Ver, antes, /08-53/ etc.
11-06 / «**cri*s*is**» Ver 17-XII-90 TX1 /24-23/ etc.
11-12 / «**ven de publicar**» Ver 18-XII-90 DD /00-40/
15-50 / «***a*steleiros**» Ver antes /08-38/
17-53 / «**pronto**» em funçom adverbial temporal em lugar de «cedo», «logo» etc... castelhanismo total.
19-08 / «**miles**» Para além do duvidoso de tal forma (que na sua única funçom numeral cardinal nom pode conhecer plural, e invariável aparece nas Normas ILG 15.1. embora se recolha esporadicamente ao falar de formaçom do plural 10.4 Lapso? Mais umha contradiçom? E se nom é plural do ordinal «Mil» de que pode ser? «Miles» nom pode ser o plural de «milhar» ou «milheiro». E entom, se a frase «Varios miles de pessoas assitirom ao acto» a passamos a singular teríamos: «Um mil de pessoas assistiu ao acto» que resulta agramatical em galego. Teria que ser «Um milhar de pessoas assistiu ao acto». E «milhar» possui um plural perfeitamente regular que é «milhares») interessa salientar a sua constante utilizaçom incoerente ao lado de «**milleiros**», ambas as formas empregadas incorrectamente («milheiro» leva implícito o traço de «menos humano». É só aplicável a objectos e animais) em lugar de «milhares», forma regular da série de numerais

colectivos, como «dezena», «vintena», «centenar», «milhom» etc. Série que, ao contrário dos cardinais, conhece sempre plural.

20-40 / «**perta**» por «aperta». Compare-se com «**A Bacolla**» (18-XII-90 DD /03-30/) só que «a» inicial, despois de se ter confundido com um artigo (desta vez galego) feminino singular, desaparece, ao subsitui-lo por outro determinante do nome como «umha forte perta». Isso sem embargo de considerar hipercasticismo a utilizaçom de «aperta» em lugar do normal, coloquial e consuetudinário «abraço».

24-09 / «**elo**» Veja-se 19-XII-90 DD /04-30/

21-XII-90

TX1

04-56 / «**gañas**» Correcto só como forma do verbo «ganhar», nom como plural de «gana» castelhanismo admitido em galego mas evitável substituindo-o por «vontade». «ganhar» nom tem relaçom com «gana» mas com «ganho» (=«benefício», «lucro»).

12-31 / «**zonas *agachadas***» Forma familiar utilizada fora de contexto e da sua própria semantica que conleva o traço de «mais animado». Nada pode estar agachado se nom foi agachado antes por alguém ou foi ele próprio que se agachou. Para que houvesse «zonas agachadas» seria necessário que as zonas estivessem antes nalgum outro sítio e alguém, ou elas sós, as trasladasse para algum lugar oculto, trás umha árvore, ou as escondesse baixo terra. Trata-se pois de um diferencialismo afectado para evitar a utilizaçom de cultismos como «ocultas», comuns ao espanhol. Ainda assim dispunha-se de um amplo «sortido» de formas diferentes mas legítimas: «recuadas», «afastadas» etc.

13-43 / «**pasión**» Castelhanismo pleno por «paixom», «paixón» (ILG).

14-21 / «**andiveron**» Castelhanismo morfológico. «Andar» é regular em galego: «andarom».

15-03 / «**diminuir**» Relacionar com 17-XII-90 TX1 /17-02/

24-49 / «**determiñe**» Hipergaleguizaçom de «determine».

25-47 / «***o* árbore**» Castelhanismo morfológico, «Árvore» é feminino em galego. Veja-se 14-XII-90 DD /04-25/ e /05-03/

27-02 / «**ferrolá**» Veja-se o dito para «**compostelá**» (19-XII-90 DD /13-12/) com o acréscimo de que a cidade de Ferrol nom tem a história de Compostela, nom possuíndo quer o topónimo quer o gentílicio, documentaçom até datas relativamente recentes. Nom existindo testemunhos de formas patrimoniais antigas, cingiremo-nos às cultas e usuais «ferrolano» e «ferrolana».

26-XII-90

DIA A DIA

00-56 / «**vixilancia**» Compare-se com, mais adiante, TX1 /08-35/ e /08-50/

01-00 / «***so*merxidos**» Inovaçom pessoal em lugar de «submergidos» ou «mergulhados». Ver «submersión» em Normas ILG 7.2.1.1.

01-46 / «***si*gue**» Veja-se, entre outros, 17-XII-90 DD /04-14/

02-46 / «***de*so**» Ver 20-XII-90 DD /02-50/ etc.

04-10 / «***es*to**» Idem.

07-14 / «**é *decires***» Uso errático do infinitivo conjugado (talvez motivado polo constante, e nom menos errático «**a *partires***») redondeando o uso sistemático da raiz do espanhol, como em 20-XII-90 DD /05-20/

07-29 / «**afeizoados**» Comparar com 14-XII-90 DD /30-00/ e, mais adiante, /23-50/ e /26-17/

07-40 / «**temporada**» Comparar com o constante «**tempada**».

08-28 / «**temporada**» Idem.

23-50 / «**aficción**» Comparar com, antes, /07-29/

26-17 / «**aficioados**» Idem.

26-XII-90

TX1

Rótulo nos cabeçalhos / «**pnemoloxia**» Nom se trata de erro mecanográfico por «pneumolo-

gia» pois insiste mais adiante em /16-00/. Como palavra científica nom admite nengum género de síncopa de «eu» em «e», doutro lado inaudito em galego.

02-10 / «**orzamento**» Comparar com 20-XII-90 DD /05-30/ TX1 /04-19/, /05-42/ os citados e outros.

03-02 / «**garantizar**» Adaptaçom particular feita polo espanhol a partir do verbo francês «garantir» (contrária ao uso geral nessa língua, como no galego, de derivar os verbos acabados em «izar» de adjectivos, assim de «real», «realizar», de «útil», «utilizar», de «trivial», «trivializar», verbos que significam respectivamente: tornar real, tornar útil e tornar trivial. «Garantizar» nom significa «tornar garante» mas «causar garantia» de igual modo que causar «calma» ou «interesse» som «calmar» ou «interessar», derivando-se directamente de «garantie»). Nom precisa de adaptaçom nengumha em galego, podendo-se conjugar como verbo regular da 3.ª conjugaçom.

03-13 / «**análisis**» Ver 21-XII-90 DD /11-06/ etc.

03-23 / «**est*o*s**» Ver 19-XII-90 TX1 /19-20/ etc.

03-36 / «**est*o*s**» Idem.

03-46 / «**orixe*n***» (Em rótulo) As Normas ILG proscrevem explicitamente as formas deste género terminadas em nasal (8.13). A tradiçom escrita maioritária abona-as porém e os reintegracionistas defendemos «origem». Comprometim-me a nom «delatar» lusismos e nom é nesse sentido evidentemente que censuro «**orixen**». Nom é por seguir un critério diferente dos impostos na administraçom autónoma. É por nom seguir critério nengum. Por se dever, antes que ao afám unificador, ao desinteresse e à preguiça mental, que nom vou desculpar ainda que «nos favoreça». É incoerente, porque aparece também, talvez no mesmo texto, «**orixe**«, e porque nom é senom reflexo da prática do espanhol. Mantem-se a nasal onde o castelhano a mantém, e nom se utiliza onde o castelhano a ignora: «**viaxe**» etc.

05-30 / «**preno**» Pseudo-galeguismo por «pleno», forma culta. A única forma patrimonial derivada do mesmo étimo é «cheio». Ver Normas ILG 7.1.

08-26 / «**fro*i*to**» Brutalidade lingüística que, como é «oficial» (Normas ILG 9.2.) nom vamos discutir nem censurar como tal. Baste o seu uso aleatório ao lado do legítimo (segundo outros critérios) «fruto». Ver 17-VII-90 TX1 /26-00/

08-35 / «**vixianza**» Comparar com «**vixilancia**», antes DD /00-56/

08-50 / «**vixiancia**» Comparar com o anterior e o citado.

11-50 / «**persona**» Castelhanismo pleno em lugar de «pessoa».

13-11 / «***aldraxe* comparativa**» Utilizaçom afectada de umha forma dialectal e vulgar que resulta improcedente num pretenso contexto de linguagem jurídica. À parte da traduçom literal do conceito espanhol que supom. Ainda nesse caso a voz culta e usual «Ultraje» seria a única procedente. Há erro morfológico aliás, por se tratar de formas ambas masculinas, nom confundido, em escrita etimológica, estas com as formas em «age» ou «agem».

13-29 / «**más**» como advérbio de quantidade. Castelhanismo pleno por «mais».

14-02 / «**in*cru*sion**« Vulgarizaçom artificiosa de «in*cl*usom», «inclusión» (ILG). Ver antes /05-30/ e mesmo ponto Normas ILG.

14-15 / «**cultur*ales***» Castelhanismo morfológico em lugar do plural «cultu*rais*» contrário às Normas ILG 10.4.

14-41 / «**ch*uvi*eira**» Forma impossível de derivar a partir do constante «**choiva**» (ver por exemplo 12-XII-90 DD /02-55/). Compare-se além disso com o também freqüente «**chuvasco**» nom derivável nem de «choiva» nem de «chuvia». As famílias léxicas «nom casam».

15-58 / «***a*s sinais**» Castelhanismo morfológico. Nom concorda o artigo com o género do substantivo, que é masculino: «os sinais».

16-00 / «**pnemologia**» Veja-se, antes «Rótulo en Titulares».

27-XII-90

DIA A DIA

00-58 / «**cangrexo**» Pseudo-galeguizaçom de «cangrejo» em lugar de «caranguejo» ou «caranguexo» (ILG) única forma admitida polos lexicógrafos, e que aparece contudo no Dicionário «Xerais».

10-15 / «**augurios**» Os sacerdotes romanos abriam as aves como um livro de duas páginas e

criam ler no seu interior o futuro (Vaticinavam só guerras, sangue e destruiçom e era lógico). Graças aos deuses o home inventou a estatística, a prospectiva, etc., e agora prevê-se o I.P.C. com igual inexactitude que no mundo romano mas com métodos menos cruéis. Quer dizer tudo isto que a palavra «augurios» ficou em galego circunscrita àquelas artes antigas. Ao igual que o espanhol, possui umha forma patrimonial derivada dela, «agoiro» ou «agouro», com o sentido geral de «preságio», ainda que lhe toque de leve a áurea de fatalidade da palavra antiga. O castelhano «agüero»» possui sempre um sentido negativo, ficando «augurio» com as duas acepções, antiga e actual. Num contexto galego desejar «os melhores augurios» quer dizer que nos desejam que destripemos as aves de forma óptima, e, claro, a única ave que destripam nestas datas, mesmo os sacerdotes, é umha triste galinha, que o único que prognostica é, todo o mais, umha acidez de estómago. Desejar «os melhores agoiros» também nom seria uma boa maneira de despedir o ano. Assim foi este em que estamos. «Os melhores desejos» teriam sido, com efeito, melhores.

20-08 / «**imos *a* falar**» Veja-se 21-XII-90 DD /09-57/ etc.

27-XII-90

TX1

03-45 / «**financeira**» Compare-se com o «**financ*ia*mento**» que acaba de utilizar o presentador ao dar passo à notícia. Veja-se 21-XII-90 DD /04-52/ e compare-se ainda com, mais adiante, /08-09/ e /22-24/

04-50 / «**cangrexo**» Ver, antes, DD /00-58/

05-20 / «**cangrexo**» Idem.

07-20 / «**silenzo**» por «silêncio», ultra-correcçom tanto mais penosa por quanto nom se corrige o frequente «**xuício**».

08-09 / «**financeiras**» Veja-se, antes, /03-45/ e compare-se com, mais adiante, /22-24/

09-10 / «**subasta**» ao lado de «**poxa**», empregadas como sinónimas por a sua semelhança com as correspondentes espanholas «subasta» e «puja» que nem sequer som sinónimas nessa língua (a «puja» é o lanço ou oferta que se realiza por cima da quantidade ofertada por outro) e com cruzamento evidente com o verbo «puxar» que em escrita etimológica nunca confundiríamos com «pujar» ou «pojar». «Poja» tem significados particulares no vocabulário náutico e agrícola para nada relacionados com «subasta».

11-34 / «**chuvias**» Veja-se 26-XII-90 TX1 /14-41/ e os ali citados.

12-25 / «***i* fortes**» Para além da evidência desta transcriçom, compare-se com a manutençom forçada de «e» em «**e eu**» em 17-XII-90 TX1 /17-15/

13-20 / «**nor*d*e**» Ver 21-XII-90 DD /09-30/ etc.

14-25 / «***a* costume**» Castelhanismo morfológico, é masculino: «o costume».

15-16 / «**pers*oa*xes**» Hiper-casticismo.

16-04 / «**coord*i*nador**» Comparar com todas as ocorrências de «**coordenador**» como, por exemplo, 17-XII-90 TX1 /26-37/

16-20 / «**presuposto**» Comparar com 26-XII-90 TX1 /02-10/ etc.

16-38 / «**o**» por «ou», castelhanismo pleno. Claro que, como o artigo já deixou de ser «o», «a» etc., passando a «lo», «la» etc. (como em 19-XII-90 TX1 /24-14/) já nom resulta tam disparatada, como o teria sido até entom, semelhante igualaçom.

18-43 / «**compra**» e, a seguir, «**merca**». Deixando de parte o inusual do substantivo «merca», máxime tirado fora de contexto e empregado em lugar do legítimo, usual, e tanto ou mais galego «compra», é preciso destacar que nom existem de facto sinonimias perfeitas, fora casos realmente excepcionais, e que a utilizaçom alternante e consecutiva de dous vocábulos tam dispares para expressar um mesmo conceito revela um desconhecimento profundo da língua e algo que poderíamos denominar «pedantismo enxebrista», fenómeno peculiar da língua galega que subjaz debaixo de muitos dos erros nesta já longa lista sinalados. A extensom semantica de «compra», «merca» e os verbos «comprar» e «mercar» de que derivam, é diferente. «Comprar» refere-se ao acto puro e simples de adquirir bens em troca de dinheiro. «Mercar», por contra, circunscreve-se ao acto de transacçom comercial, nom de consumo, a comprar para vender, tendo, ainda, o significado figurado de «conseguir algo com esforço». Um ganadeiro pode «mercar» ga-

do, porque pode também vendê-lo, mas «compra» a roupa, os alimentos, etc... que consome. Dizer que a «Xunta» mercou uns determinados equipamentos induz a suspeitar um caso de prevaricaçom a cargos dos orçamentos (ou talvez dos «presupostos») públicos.

20-14 / «***iban a* queimar**» Castelhanismo morfológico e sintáctico, veja-se respeito do primeiro, 21-XII-90 DD /06-48/ e respeito do segundo antes, DD /20-08/

21-07 / «**fírmase**» por «assina-se» ou «asínase» (ILG) castelhanismo léxico.

22-07 / «**o**» por «ou», veja-se, antes, /16-38/

22-24 / «**financ*ei*ro**» comparar com «**financeiras**», antes /08-09/ e os citados.

29-00 / «**tería que integrar*se***» Ainda que, forma ocasional, este género de construçom nom constituiria um erro grave, é-o por substituir sempre a forma regular «teria que *se* integrar». A ênclise teria que se reservar para os casos em que nom é factível por motivos eufónicos: «disposto a comprá-*la*» dado que nom é possível: «disposto *a a* comprar».

3-I-91

DIA A DIA

02-29 / «**reyes**» Ver 19-XII-90 DD /19-44/

02-50 / «**reyes**» Idem.

02-57 / «**case que cúmpr*ese***» Veja-se 19-XII-90 TX1 /17-20/ etc.

03-10 / «**fai alguns días**» Construiçom espanhola, em galego a sua equivalente forma-se com o verbo «haver» e nom «fazer».

03-39 / «***lles* vou *a* presentar**» Reunem-se de novo os mesmos erros numHa única frase que víamos em 21-XII-90 DD /02-48/

3-I-91

TX1

02-32 / «**financ*e*iros**» Comparar com 27-XII-90 TX1 /22-24/ e os citados.

06-26 / «**cal vai *a* ser**» Ver 27-XII-90 TX1 /20-14/ etc.

06-43 / «**según**» Castelhanismo, em lugar de «segundo», rejeitado de forma expressa polas Normas ILG (18 n. e 19.6.).

08-33 / «**as*e*sinados**» Castelhanismo em lugar de «assassinados» ou «asasinados» (ILG).

08-42 / «**namentr*a*s**» Castelhanismo, veja-se DD 21-XII-90 /09-39/ etc.

09-04 / «**bara*x*an**» Castelhanismo parcial bastante mais grave e penoso que a utilizaçom da forma castelhana plena «barajan» em lugar da única galega: «baralham» ou «barallan» (ILG).

09-17 / «**cump*l*a**» Castelhanismo por «cumpra», utilizado ainda incoerentemente com a forma correcta (Veja-se, por exemplo, antes /02-57/ «**cumpre**». Digno de ser comparado com as ultracorrecções do tipo «**incrusion**» (26-XII-90 TX1 /14-02/).

09-42 / «**bara*ll*a**» Comparar com, 38 s antes, /09-04/

11-17 / «**rast*r*exa**» Veja-se o dito em 19-XII-90 TX1 /14-49/

12-22 / «**est*o*s**» Ver 26-XII-90 TX1 /03-23/ etc.

13-49 / «**rachas**» Veja-se o dito em 16-XII-90 TX1 /22-20/

16-27 / «**unhos**» Castelhanismo parcial, e/ou, no melhor dos casos dialectalismo contrário ao nosso ouvido lingüístico e, casualmente, às Normas ILG 14.5.2.

16-33 / «**nord*e***» Ver 27-XII-90 TX1 /13-20/

16-40 / «***unha* sinal**» Castelhanismo morfológico, ver 26-XII-90 e comparar com o seguinte.

17-38 / «***o* sinal**» Comparar com o anterior. Transformismo gramatical em 58 s.

17-48 / «**inversión**» Ver o dito em 19-XII-90 TX1 /18-30/

18-25 / «**reyes**» Ver antes, DD /02-50/ etc.

18-42 / «**vidr*í*o**» Castelhanismo por «vidro», única forma aceite polos lexicógrafos e única que recolhe a tradiçom literária.

18-45 / «**elo**» Ver 21-XII-90 DD /24-09/, con referência ao dito em 12-XII-90 DD /27-30/

19-10 / «**artesanos**» Castelhanismo morfológico por «artesaos», «artesáns» na escrita do ILG (Ver Normas 8.14.) e comprove-se aliás a sua incoerência com o também presente: «**artesáns**».

21-15 / «**escomenzar**» Forma que nom sendo «**comenzar**» (forma que empregam os redactores das Normas ILG) nem «**comezar**» (forma que recolhe a tradiçom culta que nós defende-

mos) convive com ambas «em perfeita harmonia», diríamos se nom fosse um caso de incorrecta desarmonia.

22-23 / «**quizabes**» Ainda que as Normas ILG admitem esta forma, ao lado de «Quizá», «Quizás» e «Quizais», a coerência lógica (norma talvez de rango superior) faria supor que podem ser empregadas *alternativamente* nom simultaneamente, como neste caso, em que a eleiçom de umha ou outra nom parece obedecer a critério nengum. (Veja-se, por exemplo «**quizais**», recolhido em 12-XII-90 DD /29-00/). Sem ter que se sair da «Norma» teria sido possível utilizar a mais correcta, evoluída e acorde, ao mesmo tempo, com a tradiçom escrita: «Quiçá», «Quizá» (nas Normas ILG 17-7). Claro que talvez, é possível, que porventura se pudesse empregar umha forma mais usual de dúvida, menos problemática. Quem sabe!

25-50 / «**estos**» Ver, antes, /12-22/, e os citados.

31-30 / «**namentras**» Ver, antes, /08-42/ etc.

32-00 / «**accidente*s* fortuít*o***» (Em rótulo). Erro menor de falta de concordancia e erro de linguagem (os «acidentes» som, por definiçom, sucessos «fortuítos» o epíteto deriva-se, sem dúvida, de outro mau uso consistente em dizer, por exemplo: «ao parecer o acidente foi provocado». Se foi provocado nom foi acidente, e como o acidente nom pode ser provocado também nom pode dizer-se que foi «fortuíto», poque se trata de umha redundancia igual que dizer «acidente acidental», incidências ambas que prometemos em 2.1.3. nom resenhar e que, postas em rótulos, adquirem umha gravidade maior por revelarem um descuído notável no labor de correcçom.

4-I-91

DIA A DIA

NOTA: Neste programa, por erro, o «zero» situou-se ao começo do cabeçalho de «Día a Día» em vez da do Adianto Informativo, cujas incidências, por suposto, nom se recolhem.

00-57 / «**vai *a* ser**» Veja-se 3-I-91 TX1 /20-14/ etc.

01-50 / «**lino**» por «linho» («liño» na escrita do ILG). Castelhanismo completamente inconcebível e imotivado).

02-26 / «***dis*minuido**» Compare-se com «**diminuir**» (25-XII-90 TX1 /15-03/ e «**desminuirán**» (17-XII-90 TX1 /17-02/).

02-30 / «**disminuído**» Idem.

02-45 / «**disminuído**» Idem.

14-08 / «**xuguetes**» Pseudo-galeguizaçom, que nom traduçom, da palavra espanhola «juguetes».

14-22 / «**aillounos**» Vacilaçom constante com «**illar**» detectada já em 18-XII-90 TX1 /16-32/ e 12-XII-90 TX1 /24-00/ para além do carácter completamente artificial de ambos vocábulos.

15-07 / «**estra*ñ*o**» Nom sendo de esperar um italianismo fortuíto, parece tratar-se, mais provavelmente, de um hipercasticismo ou ultracorrecçom, um tanto «estranho» tendo em conta que normalmente se hipergaleguiza em sentido contrário: «**determiñe**», sem ir mais longe (25-XII-90 TX1 /22-49/), para além de tantos outros citados.

15-53 / «**muñeca**» por «boneca», castelhanismo pleno.

4-I-91

TX1

02-02 / «**tuvo**» Castelhanismo pleno, já detectado em 14-XII-90 TX1.

02-40 / «**presupostos**» e inmediatamente «**orzamentos**» Vacilaçom que nom acaba de se resolver. Veja-se 27-XII-90 TX1 /16-20/ e os citados.

15-12 / «**doble**» Castelhanismo pleno em lugar de «duplo»/«dupla» forma correcta desde qualquer ponto de vista normativo. Ver Normas ILG 15.3.

26-50 / «**froito**» Vejá-se o dito em 26-XII-90 TX1 /08-26/

7-I-91

DIA A DIA

02-42 / «**rumbo**» Castelhanismo em lugar de «rumo».

06-30 / «**anque**» Forma que mesmo as Normas ILG (19.11.n.) reconhecem suspeita de castelhanismo e indocumentada, escolhendo como normativa a forma nom reduzida: «ainda que».

14-25 / «**cumpl*en***» Castelhanismo utilizado de forma caótica ao pé de «cumprir» e a sua conjugaçom (única forma correcta, também para as Normas ILG 7.1. e 16.2.5.2.2.n.). Veja-se 4-I-91 TX1 /09-17/ e 26-XII-90 TX1 /14-02/ como exemplos da constante vacilaçom.

16-34 / «**cangrexo**» Veja-se 27-XII-90 TX1 /05-20/ etc., respeito do dito no mesmo dia em DD /00-58/

17-32 / «**cangrexo**» Idem.

18-47 / «**camgrexo**» Idem.

19-03 / «**caladoiro**« Exemplo da utilizaçom constante deste vocábulo, absolutamente artificial, fabricado com a raiz de um verbo, «calar» (que em galego tem alguns significados, o principal «guardar silêncio», mas nunca o de deitar as redes ao mar, polo que devemos conjecturar que se trata do verbo castelhano homófono), e umha terminaçom, «oiro», que se usa para derivar em galego nomes destinados a lugares que servem para umha determinada actividade. Como calco de «matadoiro», «fregadoiro» etc... inventa-se, com mais vontade que fortuna, este termo que, de significar algumha cousa em galego, significaria «lugar para estar calado», que é o lugar indicado para que trabalhem os inventores ocasionais de palavras, mas nom os pescadores. Afinal «caladoiro» nom é calco de «matadoiro» etc., mas de «caladero». O galego nom é umha língua paralela ao castelhano (Ver Parte Analítica: Caracterizaçom Global) e o que nessa língua se pode dizer com umha palavra talvez haja que dizê-lo em galego com quatro, e ao revês. Se algum termo se assemelha bastante ao castelhano «caladero» é o já visto em 19-XII-90 TX1 /01-08/ «pesqueira», claro que, entom, se tinha utilizado no seu lugar «**pesqueiría**».

19-11 / «**cebo**» Ainda que exista «cevo», só de forma mui forçada poderia empregar-se em lugar dos termos usuais «carnada», «engodo» ou «engado», «isca» etc... «Cevo» e «cevar» nom se aplicam à pesca mas à ganadaria com o sentido de «engordar o gado».

19-27 / «**cangrexo**« Ver, antes, /16-34/ e os citados.

20-03 / «**trinte *i* unha**» Forma tam difícil de explicar lingüística como matematicamente. Teríamos que acudir ao castelhano, mas nom a «treinta y una», senom à dezena anterior, e, ainda aí, nom à forma correcta, mas à incorrectamente analítica: «veinte y una» para desenhar retorto periplo mental da analogía que dá lugar a cifra tal.

20-10 / «**amanece**» Castelhanismo, pleno esta vez, em lugar de «amanhece» («amañace» na grafia do ILG), utilizando ainda encima de forma incoerente ao lado do constante, e, se couber, mais incorrecto, «**amence**» (Ver 14-XII-90 TX1 /27-10/).

20-20 / «**cangrexo**» Ver antes /19-27/ etc.

20-30 / «**jalados**» Longo periplo, desta vez geográfico. Trata-se, nem mais nem menos que de um castelhanismo-andaluzismo-galicismo-germanismo. Aspiraçom irregular do castelhano, apoiada sem dúvida na pronúncia vulgar de Andaluzia, de um termo francês («haler») que já tinha «h» aspirado dada a sua procedência germánica, que deu um registo culto a forma «halar» que perdeu território talvez debido à coincidência entre as formas frequentes do presente de indicativo «halas» e «hala» com o substantivo «ala» e o seu plural, homofonia que nom devia afectar o galego tendo em conta que a voz «asa» e «asas» nom apresenta esse tipo de problemas. Castelhanismo (internacionalismo, se se quer) pleno, pois, em lugar de «alados» ou «içados».

14-25 / «**urb*á*s**» Ver o dito em 19-XII-90 DD /19-57/

25-40 / «***cu*adros**» Ao contrario do estipulado nas Normas ILG (9.1.) reduz-se nas formas cultas o grupo «cua» (Ver «**escadra**» em 17-XII-90 DD /09-35/) e mantém-se nas patrimoniais, com neste caso.

27-35 / «**galardo*n*ado**» Continua a confusom entre formas cultas e patrimoniais, esta já foi registada em 14-XII-90 DD /03-20/

7-I-91

TX1

DADOS NOM DISPONÍVEIS.

CORRECÇOM DE ERRO: Por engano na transcriçom em 3-I-91 TX1 /09-17/ aparece comentada a forma «**cumpla**» como umha soluçom incorrecta do grupo «pl», frequente e pre-

sente em 7-I-91 DD /14-25/. Ao repassar o original advertiu-se que se tratava de umha falsa leitura do escrito à mao, e que a forma realmente registada era «***a*mpla**» nom como correctísima forma feminina do adjectivo «amplo» mas como delirante forma verbal do inexistente verbo «amplar» tirado do adjectivo, quando derivam de formas que já tinham e nom tinham «i» no latim («amplu» e «ampliare») sobre as quais o castelhano aplicou diversas analogias que nom tem que imitar, ao revês, o galego.

2.2.2. Segundo Período, do 15-VII-91 ao 19-VII-91.

15-VII-91

DIA A DIA

00-18 / «**mar *roxo***» Utilizaçom imprópria do adjectivo «roxo», motivada pola analogia com o espanhol «rojo», que nom designa, como já é sabido, a mesma cor. Na linguagem popular «roxo» aplica-se quase exclusivamente à coloraçom do cabelo, equivalendo ao castelhano «rubio» (por desgraça para a preguiça mental o galego «ruivo» significa o contrário, «rojo», e aplica-se a cousas para além de ao cabelo). Como a única coloraçom que podem ter os cabelos do mar é a brancas das cás que lhe afloram na crista das ondas (nom considerando neste caso a cor do cabelo das sereias) o mar nom pode ser nem «roxo» nem «moreno». Pode ser, isso sim, «amarelo», «negro» e, como neste caso, «vermelho». Por incompreensível descuido nom se regista nos Atlas e livros de geografia nengum mar «azul». Compare-se, aliás, com, mais adiante, TX1 /00-38/

00-35 / «**último**» Utilizado num contexto em que se podia ter empregado mais propriamente «derradeiro» (fala da chegada do derradeiro barco destinado no Golfo Pérsico) em contraste com a utilizaçom abusiva de «derradeiro» fora de contexto.

01-06 / «**canalizar**» Nada que censurar a tam legítima forma, só indicar a enorme dificuldade para fazê-la derivar do substantivo «**canle**» utilizado habitualmente. «Canalizar» carece de étimo latino e forma-se a partir de um substantivo romance. «Canalizar» supom por conseguinte o substantivo «Canal» e se tal substantivo existe, por que nom se emprega?

01-58 / «**sa*l*imos**» Castelhanismo pleno em lugar de «saimos». Ver Normas ILG 16.3.22.

02-09 / «***a* calor**» género errado. Pode-se definir como «castelhanismo vulgarizante». No castelhano vulgar muda-se por vezes o género da palavra «calor». Na mente do nom falante, mas locutor em galego, verifica-se o seguinte processo anti-silogístico: «O galego nom é senom umha forma vulgar de castelhano, logo todo o que é vulgar em castelhano deve ser correcto em galego». Mudanças de género por calco do castelhano encontram-se no período anterior. Ver, por exemplo, 3-I-91 TX1 /16-40/, também por ultracorrecçom em 26-XII-90 TX1 /13-11/ etc...

03-25 / «**evanxe*i*zadores**» Devem ser os que propagam o «evanxeo» que escreverom os «evanxeístas». Ainda que a forma patrimonial derivada do latim «evangeliu» fosse «evangeo», o que resulta impensável, (trata-se de um duplo hiper-casticismo, semelhante a «contemporán» por «contemporáneo». Primeiro é preciso ré-galeguizar reduzindo o iode para obter «evangelo», mas, ainda é preciso voltar a galeguizar fazendo desaparecer por real decreto o «l» intervocálico, com o que temos «evanxeo». Ora bem, o iode, neste caso, reduz-se porque palataliza o «l», evoluiçom regular que dá o esperado «evangelho», «evanxello» na grafia do ILG) as formas «evangelista», «evangelizar» som cultas e derivam (ao contrário que «**canalizar**», comentado antes), de etimos latinos e nom romances, polo que resultaria hiper-casticismo ridículo tanto «evangelhizadores» como «**evanxeizadores**» em lugar de «evangelizadores».

03-48 / «***tr*unfo da Igrexa**» A Igreja como instituiçom nom participa em jogos de naipes e nom pode por isso ter «trunfos» na mao, posto que esta forma familiar só se pode aplicar a determinadas cartas em determinados jogos de naipes. Os da Igreja ou do F.C. Barcelona, som «tr*i*unfos». Compare-se aliás com, mais adiante, TX1 /19-05/ «**triunfo**».

04-03 / «**quenta**» Forma inexistente do inexistente verbo «quentar». O castelhano «calentar», que se encontra detrás de semelhante elaboraçom, equivale ao galego «aquecer» ou «quecer» (Normas ILG 16.2.5.1.).

04-18 / «***anque* témo*l*o**» Duplo erro, morfológico e sintáctico, ainda que se empregasse a forma espúria «**anque**» (Veja-se, no período anterior, 7-I-91 DD /06-30/) o pronome deve ir

tam proclítico como se se tratasse da forma correcta «ainda que». Colocaçom errática detectada com freqüência no período anterior. Ver, por exemplo, 3-I-91 DD /02-57/ etc.

05-09 / «**habería predicado**» Utilizaçom desvergonhada de tempos compostos com «haver», também detectada frequentemente no 1.º período (Ver 17-XII-90 DD /03-50/ etc.).

06-00 / «**o mesmo dá**» Modismo peculiar do castelhano trasladado literalmente ao galego, em lugar dos próprios «tanto fai», «o mesmo tem» etc...

06-24 / «***si é* certo**» Castelhanismo morfológico por «*se é* certo». Nom pode admitir-se como pronúncia vulgar nem justificar-se pola presença do «e» posterior, como dizíamos ao falar de «***e* eu**» (17-XII-90 TX1 /17-15/) dado que o «e» de «é» é aberto, e o de «se» fechado, razom por que nom é preciso fechá-lo mais para o distinguir. O «e» de «eu» é fechado, igual que o da conjugaçom «e», e daí que seja necessário fechá-lo em «i» diante de «eu» para os diferençar, e evitar o encontro cacofónico «e é».

06-38 / «**urbá**» Hiper-casticismo recolhido com profusom no período anterior. Ver, ser ir mais longe, 7-I-91 DD /14-25/ etc.

07-50 / «**Espíritu Santo**» A única forma galega, sem que ninguém o discuta, é «espírito» (Ver Normas ILG 7.2.6.2., 8.11. e 9.5.).

08-15 / «**decir**» Infracçom constante das Normas ILG 16.3.5., igual de descarada neste e no anterior período. Ver 26-XII-90 DD /07-14/, os citados e outros.

09-07 / «**paradiso**» Hiper-diferencialismo artificial efectuado por meio de umha operaçom inversa à que víamos, antes, em /03-25/, quer dizer repondo o «d» perdido na forma patrimonial «paraiso», a partir das cultas «paradisíaco» etc...

09-18 / «**tallou**» Dizer que um escultor «talhou» umha peça parece indicar em galego que a quebrou em partes. Em castelhano nom existe tal confusom pois a forma equivalente seria «tajar». Em galego deve-se preferir «lavrar» ou o mais específico «cinzelar».

09-57 / «**cant*eiría***» Ultracorrecçom expressamente censurada nas Normas ILG 8.19.n. e que já vimos em 19-XII-90 TX1 /01-08/

10-16 / «**encom*ienda***» Ainda que o grupo «ie» nom está proscrito na língua galega, como formas do tipo «**expedente**» e «**convinte**» induzem a crer que alguém assim o pensa, (Ver 14-XII-90 TX1 /01-38/ e os citados) nom está permitindo se nom é com umha base etimológica que «**encomienda**» nom tem. «Conveniente» e «expediente» nom constituem castelhanismo porque o «ie» já existia em latim. Nom é o caso de «**encomienda**», palavra em que o castelhano ditongou seguindo as suas próprias leis fonéticas, que o galego nom segue.

10-30 / «**no maxin**» Exemplo do uso constante desta palavra em lugar da, nom sei por que ominosa, «imaginaçom», «imaxinación» para o ILG, ainda mais grave por quanto dela se tira o mais que suspeito verbo «**maxinar**», que se «imaginar» o interpretamos como a acçom de criar imagens, «**maxins**». O irónico é que mentres «imaginaçom» nom tem trás si a menor sombra de suspeita, «**maxin**» nom pode explicar-se na língua galega senom como adaptaçom automática do castelhano «magín», tendo em conta o carácter peculiar de tal termo, desconhecido nas restantes línguas românicas, que nom possuem formas nem de longe parecidas.

11-26 / «**reies**» Castelhanismo, polo menos morfológico, senom total, repetido no anterior período. Ver desde 3-I-91 TX1 /18-25/ até 19-XII-90 DD /19-44/

12-06 / «**camp*i*onato**» Constante flutuaçom com «**campeonato**» (Ver, mais adiante /13-54/) Ainda que se pudesse admitir como pronúncia vulgar de «campeonato» (igual que «teórico» se pronuncia «tiórico») num contexto culto e, ainda encima, com umha fonética nada castiça («i» pode alternar com um «e» fechado átono e relaxado, mas dificilmente com o «e» neutro e tenso da pronúncia castelhana) nom parece pronúncia, mas escolha.

12-37 / «**orzamento**» Continua a indeterminaçom entre «**presuposto**» e «orçamento» como se pode comprovar, mais adiante, em TX1 /04-56/. Ultimas referências no período anterior: «**presupostos**» 4-I-91 TX1 /02-40/, «**orzamento**» 26-XII-90 TX1 /02-10/

12-53 / «***a* calor**» Ver, antes /02-09/

13-33 / «**so*f*rir**» Ainda que as Normas ILG (16.2.5.2.1.n.) admitem as formas «sofrer» e «sufrir» (reconhecendo a maior tradiçom da primeira, e justificando a segunda como evoluiçom natural dela, por suposto sem a menor influência do castelhano «sufrir») nada diz desta nova «alternativa», verdadeiro «sofrito» de ambas. Tanto mais grave por quanto se acaba, uns segundos antes, de conjugar «**su*f*riu**». Ainda que as Normas admitam as

duas formas, e ainda que admitissem também esta, o bom senso nom admitiria que se conjugassem as formas com «u» no radical como formas de um infinitivo com «o» ou viceversa.

13-54 / «**campeonato**» Comparar com, antes /12-06/

14-00 / «**aficionado**» Continua a indeterminaçom acerca deste conceito que já vimos no período anterior (Ver 26-XII-90 DD /07-29/ e os citados). Compare-se com, 17-VII-91 DD /11-25/ e 11-38/

16-09 / «**veraniego**» Vocábulo inexistente em galego, derivado em espanhol por meio de um sufixo que nom existe em galego. Tendo sido criado em castelhano sobre a série «solariego», «andariego» etc... em galego teria que ser, em todo o caso: *«veranengo» (cif. = «solariego»/«solarengo»), mas como nom somos partidários de inventar palavras com receitas de química ou cozinha lingüística, diremos que a única maneira de exprimir o mesmo conceito num meio de comunicaçom galego seria acudir a um termo português, culto ainda encima (raro mesmo para muitos falantes portugueses) e de difícil compreensom para umha grande parte de falantes galegos: «estival».

16-21 / «**polo que ...sitúase**» Mesma colocaçom errática de clíticos que víamos no período anterior. Ver, antes /04-18/ etc.

16-33 / «**temporada**» Utilizaçom indiscriminada ao lado de «**tempada**» (por exemplo em 16-VII-91 TX1 /26-16/) igual que seis meses atrás (26-XII-90 DD /08-28/ etc.).

19-00 / «**reuniu *a* unha boa parte**» Castelhanismo sintáctico. Uso contínuo e improcedente do chamado «a» pessoal, preceptivo em espanhol quando o objecto directo leva implícito o traço de «+ humano» («reunió a una buena parte de la directiva», mas «reunió una buena parte del dinero») e que em galego se reduz a casos contados, sendo preceptiva neste a construiçom regular «reuniu umha boa parte» (sem «a»). Ainda que as Normas ILG som ortográficas e morfológicas e nom sintácticas, censuram de facto a prática que nós censuramos, ao preconizar formas como «Vichelocrego» (2.5.3. e 3.2.) nome humorístico de umha espécie de ave comum também chamada «verdelhom» ou «verdilhom» e que nom é outra cousa que a substantivizaçom de umha frase inteira «Viches o crego», com assimilaçom do artigo à forma verbal acabada em «s». Esta assimilaçom é a prova da aussência do «a» pessoal. Ainda que a contraçom «ao» pode pronunciar-se «o», teríamos, em todo o caso: «Vichesocrego», porque a presença estrutural da preposiçom impediria a assimilaçom (As contrações do artigo nom assimilam). Se temos «vichelocrego» é porque esse «o» é indubitávelmente um artigo, o que constitui um testemunho irrefutável da aussência do «a» pessoal na sintaxe do galego coloquial. Melhor que os testemunhos documentais som os testemunhos vivos, e como todo o mundo a conhece corroborarei este uso próprio do galego com umha frase também humorística que o abona. Todos ouvimos algumha vez essa anedota ou conto burlesco que refere como durante umha representaçom pia da história de Abraham e Isaac o freguês que fazia de anjo no momento culminante esqueceu a sua frase (a narraçom vai citando os parlamentos das personagens bíblicas claro está, em perfeito castelhano) e como lembrava algo do sentido berrou: «Abraham, nom mate-lo neno!». Este dito humorístico prova porém, pola sua própria popularidade, mais que qualquer «autoridade», a vigência de tal uso. Se na nossa memória colectiva está impressa a frase «nom mate-lo neno» em lugar de «nom mates ao (ou «ó») neno» é porque essa estrutura está impressa também. E posto que já o temos provado polas Normas ILG e pola Bíblia poderemos, sem mais prevenções, considerá-lo como erro sintáctico em galego.

19-33 / «**que por primeira vez celébranse**» Ver antes /16-21/

20-18 / «**enfrontamento**» Continua a contínua confusom entre «frente» «fronte» e os seus respectivos derivados, já vista no período anterior. Ver 19-XII-90 TX1 /22-20/ e os citados. Ver, sobre tudo, 20-XII-90 DD /04-41/

20-38 / «**enfrontábanse**» Idem.

20-56 / «**campeón**» Comparar com, antes, /12-06/ e /13-54/

21-40 / «**a *caña***» Ainda que se pudesse admitir «canha» como castelhanismo ou americanismo para denominar a aguardente (bastante impropriamente porque a aguardente galega é de bagaço e nom de cana de açucar) para a de pescar e restantes temos já a «cana» necessária.

22-08 / «**floxo**» Castelhanismo que infringe as Normas ILG (7.1.) e que já resenhamos no período anterior. (19-XII-90 DD /26-26/).

23-25 / «**sin**» Castelhanismo que infringe as Normas ILG (18. e n.) em lugar de «sem» ou «sen» (ILG ponto citado).

23-35 / «**entrenador**« Palavra tam vacilante como o emprego que designa. Veja-se «**adestrador**» em 16-VII-91 TX1 /27-14/

24-18 / «**liguiña**» Veja-se o tido para «**cabeciñas da revolta**» em 18-XII-90 TX1 /16-07/

24-30 / «impoñéndose» A pesar do macarronismo evidente (e soante) deste vocábulo, convém destacar a utilizaçom indiscriminada e consecutiva de formas que, ainda que se considerassem igualmente correctas, seriam, em qualquer caso, alternativas. Nom se pode tomar o paradigma de «pôr» e logo empregar um derivado de «ponher» e ainda menos simultanear, ora um derivado de «pôr» ora outro de «ponher», como se comprova vendo os seguintes item.

24-45 / «**compoñente**» Para além do dito no anterior, repare-se na incorrecçom da forma, que nom deriva nem do infinitivo «compor» nem de «componher», mas do latim «componente» de que só poderíamos esperar duas formas «compoente« (com perda do «n») ou «componente» (com manutençom), como em «poente» e «ponente», mas neste caso só temos a forma com «n»: «componente». Pense-se só um momento que se «**compoñente**» fosse a forma normalmente derivada de «compoñer», a derivada de «compor» seria «componente». Independentemente do infinitivo a única forma correcta é «componente». Existem, se se quer, dous infinitivos, «pôr» e «ponher», mas umha única conjugaçom, que é a do primitivo «põer». Com maior dificuldade podem existir dous substantivos derivados. Mesmo admitindo umha derivaçom romance independente do étimo latino, ao derivar o particípio activo do tema de presente, e sendo a terceira pessoa do presente de indicativo «compom» ou «compón», independentemente do infinitivo «pôr» ou «ponher», e nom «compoñe» nom poderíamos ter outra cousa que «componente».

20-25 / «**supor**» Compare-se com os anteriores, respeito do dito em /24-30/

28-20 / «**bono!**» Nom é exclamaçom de alegria por ter acertada numha classe determinada de sorteio, nem por ter encontrado por fim o bono que dá direito a desconto nos transportes públicos. Trata-se, nem mais nem menos, que da galeguizaçom da exclamaçom espanhola «bueno», que mais valia ter deixado assim, de ser realmente dificultoso o uso do galego «bom!».

28-22 / «**veraniego**» Ver, antes, /19-09/

29-30 / «**coordenador**» (Em rótulo) Continua a ambivalência. Ver 16-VII-91 DD /28-18/

15-VII-91

TX1

00-38 / «**mar vermello**» Comparar com, antes, DD /00-18/

00-53 / «**flotilla**» Castelhanismo pleno, léxico morfológico, por ser a forma galega indiscutida «frota» (Ver Normas ILG 7.1.) e desconhecer o galego a peculiar derivaçom do castelhano por meio do sufixo «illo/a».

01-34 / «**decíamos**» Ver, antes, DD /08-15/

01-47 / «**o último**» Vale o dito, antes em DD /00-35/

02-00 / «**nord*e* do mar roj*o***» Unem-se, mais umha vez, hiper-casticismo e castelhanismo para fabricar umha frase em língua estranha entre cujas componentes há umha contracçom, «do», inequivocamente galega. Para «**norde**» ver todas as ocorrências no período anterior (3-I-91 TX1 /16-33/ etc.) e comparar com «**norte**» (16-VII-91 TX1 /25-35/). Para «**rojo**» ver antes DD /00-18/

02-12 / «**laboura de vixiancia**» Dous hiper-casticismos unidos, tam próximos ainda encima da expressom anterior contribuem para criar um galimatias em que o mais correcto segue a ser partícula, «de», que nom se encontrou, graças a deus, maneira de a galeguizar. «Lavoura» existe, com efeito, mas com umha especializaçom semántica que a distingue da forma nom patrimonial «labor». A «lavoura» é o labor que o lavrador elabora no campo com ou sem colaboraçom. O «labor» é qualquer cometido, nom necessariamente laboral, incluído o do lavrador. O labor de vigilância lingüística obriga-nos a recapitular, para a forma «**vixiancia**» o visto em 26-XII-90 TX1 /08-50/ e os citados.

02-20 / «*Se* **fixeron**» Pronome à espanhola, como o que já temos visto no período anterior, por exemplo 21-XII-90 DD /02-48/ etc.

02-44 / «**esceas**» Hiper-casticismo constante, ver período anterior a partir de 12-XII-90 DD /16-42/

02-49 / «*ó* **fin**» Forma correctíssima se nom fosse que aparece aleatoriamente ao lado da mesma, mas com género feminino: «**a fin**». A palavra «fim», na língua oral e na tradiçom escrita, conhecia até há alguns anos umha única forma de género masculino: «o fim». Mas um dia alguém amanheceu com desejos de fazer cousas importantes, ou reparou numha letrinha perdida nalgum documento antigo, e da noite para a manhá, nos meios de comunicaçom oficiais, a palavra apareceu travestida ao feminino, assim, sem prévio aviso e por decreto lei: «a fin». Claro que a realidade lingüística é bastante obstinada e, ainda que movendo determinados mecanismos seja fácil convencer certas pessoas de que as palavras que onte eram masculinas hoje som femininas (como no famoso romance de Orwell), afinal a memória é traidora e de quando em quanto aflora a forma que, para nós, ao fim e ao cabo, temos por boa. Mas, se repugnamos esta prática, mais repugnamos a de empregar indistintamente a forma masculina ou a feminina, dependendo de que nos sintamos vigilados linguísticamente ou nom.

03-15 / «**a derradeira**» Exemplo de utilizaçom abusiva de «derradeiro» em lugar de «último» para comparar com, antes, DD /00-35/

03-45 / «**acostumaba**» por «costumava» («costumaba» ILG). Obviando o influxo do espanhol, é preciso dizer que há diferença semántica importante em galego entre «costumar» e «acostumar», pois se o primeiro pode ser transitivo e intransitivo, o segundo só pode ser transitivo, tendo a acepçom o primeiro de «ter por hábito» («costumava ler o jornal») o segundo só tem a de «fazer adquirir um hábito» («acostumou o seu filho a ler o jornal»). Como se vê, o segundo requer a presença do objecto directo, nom tendo sentido nengum frases do tipo: «acostumava a ler o jornal», a nom ser, claro, que alguém tenha o excelente propósito de inculcar ao seu jornal o hábito salutar de frequentar outras leituras.

04-23 / «**colaborou**» Forma correcta se nom fosse incongruente com, antes, /02-12/

04-56 / «**presupostos**» Ver, antes, DD /12-37/

05-18 / «**rota**» Forma correcta, o problema é a sua utilizaçom inconstante ao lado de «**ruta**» (19-VII-91 DD /25-27/).

05-58 / «**dispor**» Comparar com, mais adiante, «**se impoñeria**» /21-45/ e «**expoñer**» /27-42/, respeito do dito, antes, em DD /24-30/

06-00 / «**plano**» Comparar com «**o plan**» (18-VII-91 TX1 /01-50/) para ver que continua a indecisom do período anterior, por exemplo, 19-XII-90 TX1 /11-08/ e o citado alí.

06-21 / «**froito**» Ver mais adiante /23-30/ «**disfrutan**», e comparar com «**fruto**» (17-VII-91 DD /22-34/). Incidência registada no período anterior 26-XII-90 TX1 /08-26/

07-54 / «**vertedoiros**» Compare-se, de um lado com «**verquido**» (18-VII-91 TX1 /10-56/) e, do outro, com «**vertedeiro**» (20-XII-90 TX1 /11-10/).

09-25 / «**sedes**» Caso excepcional de forma correcta ao lado do constante «Sé» e «Sés», arcaismo que só pervive no vocabulário eclesiástico português (Estamos diante de outro lusismo mal utilizado). Só os bispos e bispados residem em «Sés». Entanto Samaranch ou o C.O.B. o nom sejam, os Jogos Olímpicos (os Partidos etc...) nom teram «Sés», mas «sedes».

09-30 / «**financ*i*eiro**» do substantivo «finança» (nom «finância») só podemos esperar os derivados «finançamento», «financeiro» etc... As formas com «i» só podem justificar-se como calcos do espanhol, resultando grotesco pensar numha influência directa do francês «financier» no galego oral da idade contemporânea. Interessa salientar, sobretudo, a constante vacilaçom entre as formas com «i» e as correctas, detectadas ao longo do anterior período e que prossegue neste. Ver 27-XII-90 TX1 /22-24/ e os alí citados.

10-18 / «**anque**» Ver, antes, DD /04-18/

10-40/ «**financ*i*eiro**» Ver, antes, /09-30/

11-07 / «**financiación**» Idem.

12-07 / «***polo tanto* produ*cese***» À parte a incorrecçom, menor, de «polo tanto» em lugar de «por tanto», note-se a colocaçom errática do pronome. Mesmo considerando «por tanto» como umha oposiçom, ao invertir o «foco» («Produz-se, por tanto,...») / («Por tanto, produz-se») o pronome deve ir proclítico, de igual modo que «Produz-se muito» passa

a «Muito se produz». De todos modos deve reconhecerse que nom resulta tam escandalosa como noutras ocasiões.

12-21 / «**comezou**» Forma correcta, mas digna de ser comparada com «**escomenzar**» (3-I-91 TX1 /21-15/) e «**comenzaron**» (16-VII-91 TX1 /06-56/).

13-05 / «**cursiños**» Umha peculiaridade do castelhano radica na criaçom de novas palavras por meio da sufixaçom com «illo/a» («tornillo», «tortilla», «flotilla», «plantilla» etc...). Resulta ridículo e injustivicável pretender criar em galego um género de sufixaçom paralelo, a partir de «inho/a». Ver, antes, DD / 24-18/ e comentário a 18-XII-90 TX1 /16-07/

13-13 / «**liber*/*ade**» Castelhanismo parcial que proscrevem as Normas ILG 8.18. Correcto e mesmo normativo: «liberdade».

14-33 / «***s*ufrira**» Relacionar com, antes «**sfrir**» DD /13-33/

17-02 / «**bacaladeiro**» Incontestável castelhanismo em lugar de «bacalhoeiro» («bacalloeiro» ILG). Aqui nom se pode falar de derivaçom a partir da raiz culta (como no caso de «gado»/«ganadeiro») por se tratar de mui provável basquismo e sem dúvida de vocábulo nom latino em que a sufixaçom nom pode realizar-se senom a partir do mesmo substantivo «bacalhau». Seja como for o «d» de «bacaladeiro» só pode explicar-se como ultracorrecçom do castelhano, que sente «bacalao» como um vulgarismo do género de «cansao» e deriva do falso *«bacalado». Processo inconcevíbel em galego, polo menos antes do Telejornal de 19-VII-91 em cujo minuto /27-02/ foi pronunciada a palavra «**coidao**».

17-45 / «***m*itade**» Castelhanismo parcial que as Normas ILG nom reconhecem como galego em lugar do correcto «metade» (Ver Normas ILG 15.4.).

17-52 / «**sop*l*ará**» por «soprará». Ver Normas ILG 7.1., soluçom de «fl» e «pl» nas palavras semicultas. Nom há dúvida que se trata de umha forma semiculta pois a forma culta seria «suflar» (de «sufflare») e a hipotética forma patrimonial *«sochar» (cif. «inflar»-«inchar»). Sendo semiculta nom cabe outra soluçom que «soprar» por nom existir o grupo «pl» senom nas formas cultas que já o tinham em latim.

19-05 / «**o tri*u*nfo**» Comparar com, antes, DD /03-38/ «**tr*u*nfo**».

20-07 / «**campeóns**» Comparar com, antes, DD /12-06/

20-14 / «**campeonato**» Idem.

20-21 / «**o labor**» Comparar com, antes, /02-12/ «**laboura**».

20-31 / «**que por segunda vez celebrou*s*e**» Colocaçom aberrante do pronome detectada com freqüência no período anterior e igual de frequente neste. Comparar sobretudo com, antes, DD /19-33/ frase quase gémea que demonstra que nunca segunda vezes forom boas.

21-45 / «***s*e impoñía**» Colocaçom espanhola do pronome (Nunca umha frase galega pode começar por umha forma pessoal átona) digna de ser relacionada com o anterior e também frequente neste período. Ver, antes, /02-20/ etc. Respeito de «**impoñía**» veja-se o dito em DD /24-30/. A frase correcta, seguindo as normas sintácticas do galego e mesmo as morfológicas do ILG (16.3.16.n.) seria: «Impunha-se» ou «Impúñase» seguindo também as ortográficas deste último.

22-56 / «**s*i*rven**» Segue o comportamento caótico na alternância vocálica que víamos em «**s*i*gue» (26-XII-90 DD /01-46/ etc.) e «*se*ga**» (19-XII-90 DD /23-55/ etc.). «Servir» só tem «i» nas formas rizotónicas acabadas em «o» ou «a» (evidentemente seguidos dos respectivos morfemas de pessoa e número) entanto as formas rizotónicas acabadas em «e» (seguido dos correspondentes morfemas de pessoa e número) nom só nom fecham em «i» senom que abrem o «e»: «servem» ou «serven» em Normas ILG 16.2.3.2.1., b.).

23-30 / «**disfr*u*tan**» Relacionar com, antes, /06-21/ «**froito**». Nom pretendo que se diga *«disfroitar». O único que quero é perguntar: de onde vem «disfrutan»? Nom pode derivar de «froito», nem se pode dizer que seja forma culta, porque do latim «fructu» só poderíamos ter «disfrutar», com «c» como todas as palavras cultas derivadas do mesmo étimo («fructificar», «fructífero», «fructuoso» todas elas recolhidas nas Normas ILG 7.2.2.1.). E se é semiculta, qual o semicultismo de que deriva? «Fruto»? Logo teríamos que empregar «**fruto**», como em 17-VII-91 DD /22-34/, aceitando que tal forma é semiculta (como em espanhol, cuja forma patrimonial, correspondente a «froito», seria «frucho»). A mesma dificuldade teria a utilizaçom de «froito» e «froita» ao lado de «frutal», pois se «disfrutar» resulta patético que seja considerado cultismo, em «frutal» resulta impensável.

25-25 / «**recibiu *a* trinta**» Castelhanismo sintáctico. Uso de «a» pessoal. Ver explicaçom em, antes, DD /19-00/

26-14 / «***co* fin**» Ver o dito em, antes, /02-49/

26-25 / «**dedicar**» Forma correcta, mas utilizada de modo arbitrário ao lado do «enxebrismo» «**adicar**». Ver 16-VII-91 DD /04-35/ etc.

27-19 / «**pers*oa*lidade**» Ultracorrecçom «enxebrizante». É forma culta: «personalidade». Ver período anterior 27-XII-90 TX1 /15-16/, 12-XII-90 DD /26-35/ etc.

28-19 / «**Carm*o***» Forma correcta, viva na fala e de etimologia nom duvidosa, mas terrível 17 s antes de...

28-36 / «**Carme**» Forma viva na fala, mas de etimologia duvidosa só explicável como galeguizaçom da espanholíssima «Carmen» (forma assim mesmo anti-etimológica devida ao cruzamento com «carmen» nome comum) sobre a analogia «virgen»-«virge», motivada sem dúvida polo próprio contexto («La Virgen del Carmen»/«A Virge do Carme»). O caso é que seja qual for a escolha lingüística entre umha e outra forma, nom pode ela mudar intermitentemente cada 17 ou 16 segundos. Ver logo /29-02/

28-56 / «**imáxenes**» Castelhanismo morfológico detectado já no período anterior. Ver 17-XII-90 DD /04-30/ etc.

29-02 / «**Carm*o***» Ver aqui acima /28-36/ e /28-19/. Em 43'' temos feito viagem de ida e volta.

29-36 / «**flotilla**» Ver, antes, /00-53/

16-VII-91

DIA A DIA

00-56 / «**Carmo**» Ver, acima, 15-VII-91 TX1 /29-02/ e os citados.

02-29 / «**Cármenes**» Na longa lista de festividade do dia aparece agora o castelhanismo pleno. Comparar com o anterior etc.

02-40 / **xa que hoxe celébra*se***» Colocaçom invertida do pronome, ver 15-VII-91 TX1 /20-31/ etc.

02-45 / «**estén**» (repetido) Ainda que esteja normativizado «estea» e «estean» (Normas ILG 16.3.7.n.), se tivesse aparecido «esteñan» ou «estexan» nom teríamos sinalado erro. Mas «**estén**» é castelhanismo inegável, e contudo preterido polas Normas ILG no mesmo ponto indicado.

03-15 / «**media*v*al**» (en rótulo) Ainda que o «medievo» seja a «Idade Média» os seus derivados construem-se com a sua própria raiz e nom a partir de «média».

03-23 / «**balance**» (en rótulo) Castelhanismo em lugar de «balanço», empregado também às vezes. Compare-se com a sequência: «pe*c*he» por «fech*o*» ou «pech*o*», construida em paralelo com o espanhol «cierr*e*». A derivaçom a partir de raizes verbais com adiçom de «e» é recente em espanhol e mui activa: «plante», «desagüe», «desmarque», «ligue» etc... mas inaplicável ao galego, a nom ser que se admita que todo o que é aplicável ao castelhano o é também ao galego. De nom admitir isso teríamos que na nossa língua tal derivaçom é praticamente inexistente: «fecho», «encerramento», «levantamento», «desaguamento», «desmarcamento», «ligaçom» e, por suposto, «balanço», ainda que apareça, mui ocasionalmente em «frete» etc..., mas nunca em léxico patrimonial (compare-se o «trueque» do espanhol e o «troco») nem, no extremo oposto, na criaçom de neologismos.

04-04 / «**monasterio**» Castelhanismo pleno por «mosteiro».

04-35 / «**adicado**» Relacionar com 15-VII-91 TX1 /26-25/. «Adicar» é um típico «enxebrismo», inexistente na língua coloquial, com umha recentíssima utilizaçom na língua escrita num curto período, por simples diferençalismo, hoje em dia superado. Ainda que no latim exista, para além de «dedico» (donde provém o nosso «dedicar»), o verbo «addico», este tinha um significado diferente, que só de forma figurada coincidia com algum de «dedico». De qualquer modo a soluçom hipotética «adicar» seria realmente insólita na Romània por terem de forma unânime espanhol, francês, italiano etc... adoptado a raiz de «dedico», sem esquecer o substantivo «dedicaçom», que só pode provir de «dedicatio/onis» por ser o substantivo correspondente a «addico», nom *«addicatio/onis», mas «addictio/onis», deonde nom tiramos «adicación» mas «adiçom». Precisamente som os vocábulos «adicto» e «adicçom», junto com os seus compostos «drogadicto, drogadicçom» etc., os únicos vestígios daquela raiz latina nas actuais línguas nomânicas. «**Adi-**

cado» é pois um resultado extravagante, por o particípio passivo de «addico» ser o referido «adicto».

11-04 / **«adicado»** Vid. Supra.

11-30 / **«dende logo»** Para **«dende»** ver, no período anterior, a partir de 13-XII-90 DD /20-42/, comparar também com **«desde»** em 18-VII-91 TX1 /27-36/. Interessa mais porém a transliteraçom do modismo espanhol «desde luego» impossível em galego, dado que, de significar algumha cousa, nom significaria «evidentemente», «sem dúvida», mas «desde cedo» ou «imediatamente despois».

11-50 / **«coincidiendo«** Espanholismo pleno, digno de ser relacionado com os **«inconvintes»** consignados ao longo desta longa lista.

12-04 / **«primav*ei*ra»** Ultracorrecçom típica em lugar de «primavera», forma que nom provém de nengum sufixo «aria» que dé lugar a nengum «eira».

12-31/ **«pobo»** com o significado de «povoaçom». Adaptaçom literal do espanhol «pueblo», que só pode ser traduzido por «povo» quando se refere a pessoas, nom a casas. «Lugar», «aldeia», «vila» etc... segundo a importância da povoaçom aludida seria o mais conveniente, se nom empregar o genérico «lugar» que nom exige possuir grandes conhecimentos demográficos ou administrativos acerca do «lugar» em questom.

13-07 / **«un*hos* pequenos ner*v*os»** Ainda que se pense ou se propale interesseiramente que os «lusistas» odiemos a língua espanhola (como quem ama umHa língua pode odiar outra?) nada mais longe da realidade. Tanto é assim que consideraria menos ofensivo para a língua galega que em vez desta frase se tivesse dito «unos pequeños nervios» directamente. Ódio para a língua espanhola devem sentir os que admitem como galego qualquer frase ou forma que nom seja castelhano puro. «Uns pequenos nervos» só pode dizer-se de umha forma e qualquer outra cousa é tam galego como espanhol. O problema nom é de odios ou amores. O terrível é a indiferença ante a língua e as línguas. A indiferença acaba levando à indiferenciaçom.

13-30 / **«escola-*taller*»** «Taller» é galicismo de entrada relativamente recente em espanhol, em princípio relativo à industria têxtil e actividades relacionadas e posteriormente invadindo cada vez mais e mais campos, deslocando as palavras autóctones «oficina» (= lugar onde se desenvolve um ofício qualquer), que ficou especializada ao terreno burocrático ou a determinados ofícios da mesma índole, e «obrador», que já estava especializada em ofícios decorativos ou relativos à construçom, sentindo-se hoje em dia tal vocábulo como arcaismo. Em galego temos as mesmas palavras do castelhano antigo, «oficina» e «obradoiro», com idêntica distribuiçom nele. A questom é a de sempre: por que razom tem que nos afectar o processo que se verificou no espanhol! Pode-se admitir o uso do galicismo pleno (nom do galicismo ainda encima espanholizado) «atelier» quando se tratar do de um pintor, escultor etc... no resto nom fica dúvida de que é preciso escolher entre as duas palavras próprias. Delas só «oficina» tinha um uso geral, resultando inadequado «obradoiro» para qualquer ofício nom manual, ou quase nom tradicional. «Obradoiro» exige «obrar», quer dize,r fazer algo com as maos ou com emprego directo da força física. Se soa mal «Obradoiro de fotografia» e ainda mais «obradoiro de artes escénicas» é por dissonâncias internas da língua. Se nos parece estranho «oficina de fotografia» ou «oficina de gravado» deve-se só ao cruzamento com a palavra homófona espanhola. Mas, contudo, qualquer das três («atelier», «obradoiro» e «oficina») seria preferível a «taller», por possuir, para além do dito, um significado bem diferente na nossa língua, que é o de «serviço de mesa».

13-57 / **«manteñimento»** Palavra que implicaria, se nom fosse puro e simples pseudo-galeguismo, um verbo «manteñer» que, até ao momento, nom foi oficializado nas Normas ILG (Ver 16.3.24.). Comparar com **«mantenemento»** (20-XII-90 TX1 /14-51/) e ver o dito entom.

14-50 / **«comeza»** Forma correcta, mas incorrectamente utilizada por fazê-lo de forma arbitrária ao lado de formas de **«escomenzar»** e **«comenzar»**. Ver 15-VII-91 TX1 /12-21/ e os citados nele.

15-20 / **«cada uno pon o que pode«** Ver o dito, antes, em /13-07/ com a melhora de nom se ter agalegado nesta ocasiom «uno».

18-04 / **«case 3 millóns acercáron*se*»** Ver, antes, /02-40/ etc.

18-29 / **«vamos *a* ver»** Vejamos pois como nom varia de um período para o outro a contínua

utilizaçom desta construçom espanhola. Ver, por exemplo, 4-I-91 DD /00-57/ e os alí citados.

20-55 / «**decir**» Ver 15-VII-91 TX1 /01-34/

23-11 / «**congregou *a* numerosos visitantes**» Novo uso de «a» pessoal. Ver 15-VII-91 TX1 /25-25/

23-40 / «**compoñentes**» Ver 15-VII-91 DD /24-45/ e /24-30/

23-59 / «**certamen**» (em rótulo) Ainda que o português admita neste caso, quer a soluçom com nasal, quer sem ela, nesse caso teria que levar acento («certâmen»). Como quer que as Normas ILG (8.13.) proscrevem de forma taxativa as terminações átonas nasais (chegando mesmo a oficializar: «lique», «seme», «pole» !!!!) e se a normativa burocrática exige tais sacrifícios à língua, devemos medir os seus correctores pola mesma medida. Se resulta, ao parecer, tam extremamente grave para a língua um final nasal átono, deve sê-lo também no nível de correcçom. «**Certamen**» nom pode, aliás, justificar-se como lusismo (polo dito) mas como rotundo castelhanismo. Baixo nengumha normativa podería aparecer essa palavra assim escrita em galego.

24-26 / «**colaboura**» Ver o dito para «**laboura**» em 15-VII-91 TX1 /02-12/ com o agravante de que, mentres «lavoura» existe, ainda que circunscrita a trabalhos agrícolas, talvez devido ao minifundismo e tradicional individualismo dos nossos agricultores, nom existe, nem sequer nesse campo (e nunca melhor empregado o termo) tal «colavoura». Mesmo quando alguém colabora na lavoura, trata-se de umha colaboraçom. Comparar, por se fosse pouco, com «**colaborou**» (15-VII-91 TX1 /04-23/) e «**o labor**» no mesmo dia e programa /20-21/).

25-15 / «**destiño**» Hiper-casticismo do género dos «**gasoliña**», «**determiñe**» etc... já resenhados no período anterior, desde 10-XII-90 DD /08-40/ até 25-XII-90 TX1 /22-49/ (ver também os citados neles).

25-30 / «**compoñentes**» Ver, antes, /23-40/

25-40 / «**pestañea**» Castelhanismo total. O substantivo de que deriva o verbo é «pestana» e daí nem sequer temos «pestanear» mas «pestanejar», «pestanexar» segundo as directrizes do ILG.

23-45 / «**tablado**» Castelhanismo evidente. Ainda «tablao» teria sido admissível como designaçom peculiar e intraduzível de um conceito que só existe em espanhol.

25-47 / «**San Cibrao**» e logo, a seguir «**San Ciprián**», incoerências à parte (só faltou «São Cipriano») por experiência própria tenho comprovado que nos hagiónimos nom se podem empregar senom formas cultas e plenas. E demonstrou-mo um actor madrilenho quando eu me fazia chamar «Xan». Ao conhecer tal nome perguntou-me inocente: «Entonces a San Juan le llamais San Xan». Evidentemente o nome dum santo nom pode ter forma familiar, nem local. Podia-se pensar que, por se tratar de topónimos, tal vulgarizaçom é permissível, e o é. O que nom pode ser, dentro da dialectologia galega, que a forma local do nome contemple ao tempo as duas soluções divergentes do sufixo latino «ano».

28-04 / «**Cármenes**», e logo a seguir «**María do Cármenes**» Digna culminaçom do processo descrito neste mesmo dia e no anterior. Ver, antes, /02-29/ e os citados aí.

28-17 / «**imos *a* despedir*nos***» Ainda que fose admissível, que nom o é, a construçom com «a» (Ver, antes, /18-29/ etc.) o pronome estaria melhor posto nesse caso antes do Infinitivo, mas como tal construçom nom é nem de longe admissível, estaria bem posto o pronome se fosse a forma correcta: «vamos despedir-nos», por existir impedimentos eufónicos e estruturais que impediriam fórmulas como «vamos nos despedir» ao se assimilar entom ao primeiro verbo: «vamo-nos despedir», soluçom, esta sim, gramatical. Em resumo: tirando o «a» teriam-se evitado nom só um, mas dous erros lingüísticos elementais.

28-30 / «**mañá *lles* estarei esperando**» Vamos esquecer o uso do gerúndio em lugar de «a + Infinitivo», mesmo nom vamos discutir a mui discutível colocaçom do pronome, porque a utilizaçom da forma do dativo em lugar da de acusativo /«lhes» em vez de «os»/ obscurece e mesmo amortece os outros erros. Nom é outra cousa que mais um resultado aberrante do emprego sistemático do «a» pessoal do espanhol. Utiliza-se «lhes» porque subjaz a construçom com «a». Em castelhano o «leismo» justifica-se porque de «observa *a* esos señores» podemos pronominalizar «observa*les*» por analogia com «da *a* ellos»/«dales». Mas, em galego nom existe confusom possível. «Observa *e*sses senhores» só pode converter-se em «observa-*os*». A frase correcta seria «Estarei a esperá-los manhá». Erro também presente no período anterior. Ver 13-XII-90 DD /00-50/

28-18 / «**coord*i*nador**» (em rótulo) Comparar com 15-VII-91 DD /29-30/ etc.

16-VII-91

TX1

00-52 / «**volva**» Esta correcçom bem vale a pena, porque a vai fazer Pero Meogo: «Mentis, mia filha, mentis por amigo/ nunca vi cervo que volvess'o rio». Onde nom se pretende dizer que nunca a mae tivesse visto cervo que voltasse ao rio, mas que nunca vira cervo que tivesse remexido as aguas do rio sujando-as, turbando-as. «Volver» possui ainda hoje esse significado principal, que já possuía em latim, de «dar voltas a» (verbo transitivo). O uso de «volver» como verbo intransitivo, com o significado de «regressar a» nom pode ser explicado senom pola influência do espanhol, posto que para esse uso já temos «voltar».

01-02 / «**Carme**» Ver, antes, DD /28-04/ e os citados.

01-13 / «**substit*uie***» Parece mentira que havendo duas formas correctas de o dizer («substitui» e «substitue», esta última com o beneplácito das Normas ILG 16.2.5.2.2.) tenham que ser substituidas por forma tam errada como realmente difícil de pronunciar.

01-57 / «**ferrolano**» Forma correctíssima de ser natural ou relativo a Ferrol, mas improvável marido da «**ferrolá**» que víamos, por exemplo, em 21-XII-90 TX1 /27-02/ etc...

03-03 / «**voceiro**» (também em rótulo) Exemplo da utilizaçom constante deste termo, que está sem dúvida documentado no galego antigo, mas essa documentaçom demonstra precisamente, que o que se está a utilizar é um americanismo espanhol agalegado, o que é umha forma pobre de dar a volta ao mundo sem sair da casa. Explicaremo-nos: A palavra «vozeiro» existia no galego medieval, mas era termo exclussivo da linguagem tabelionária, que nom significava «porta-voz» (conceito novo que exige palavra nova como «porta-voz», que é intachavelmente galega) mas «procurador». Curiosamente outra palavra utilizada de forma abusiva como «persoeiro» tinha, exactamente, o mesmo significado. Lemos assim, num dos «Tres Fragmentos jurídicos galaico-portugueses» editados por J. L. Pensado em «Cuadernos de Estudios Gallegos» (Tomo XXIX) «Titullo dos uoçeeyros personeyros» ...«Porende uos quero dicer destes personeyros que som dichos em latim procuratores...» empregando todo o texto as vozes «persoeiro», «pessoeiro», «personeiro», (e ainda «pensoeiro» e outras), «vozeiro», e «procurador» como sinónimos. Se o sábio Mestre Jacobo, autor do texto citado, tivesse a duvidosa fortuna de ouvir o galego emitido por televisom, nom entenderia, de certo, como podia subsistir um mundo em que tanta gente se dedicasse ao Direito.

03-22 / «**namentres celebrábas*e***» Típica colocaçom atípica do pronome. Ver, antes, DD / 18-04/ etc.

04-01 / «**Patrón**» Nom conhecendo-se até à data nengum santo empresário, devemos ter cuidado em distinguir o «patrom» do «Patrono» (também «padroeiro») e, ainda, este do «padrom» ou medida, também «marco» ou sinal que deu nome à vila famosa polos seus pimentos, escritores, inundações e feiras do domingo. Ainda que o étimo é comum (lat. «patronus») a confussom do sufixo «onus» com «one» deu-se já em latim, sendo comum a especializaçom desses resultados a várias línguas românicas. Cif. Italiano «patrono» (=Patrono), «padrone» (=patrom).

04-05 / «**escea*r*io**» Hiper-casticismo nom defendido polas Normas ILG que ditaminam a forma com «n» (7.2.6.2.) Ver 15-VII-91 TX1 /02-44/ e os citados.

04-57 / «**ante-sá**» Resulta curioso que seja a «**ante-sá**» o que fica antes da «**sala**» (mais adiante /17-05/) forma correcta, sendo «sá» hiper-casticismo nom justificável polo medieval «Sáa», presente ainda só no próprio apelido «Sá» e afins (Saavedra etc.), cuja história é diferente.

05-16 / «**veñen de rematar**» Galicismo calcado do português, e que este rejeita. Já consignado no período anterior, 18-XII-90 DD /00-40/

05-41 / «**brasileña**» Castelhanismo pleno por «brasileira».

06-01 / «**adicados**» Ver o dito em 16-VII-91 DD /04-35/

06-38 / «**u-xe-te**» soletreio de «UGT», já detectado no período anterior (14-XII-90 DD /01-35/) Que se trata de UGT e nom de UXT (o que resultaria ridículo pois as siglas nom podem traduzir-se) demonstra-o ainda a pronúncia das siglas do sindicato federado a essa cen-

tral «Union Xeral dos Traballadores do Ensino» (UXTE) que nom é «u-xe-te-e» mas «ucste».

06-56 / «**comenzaron** Ver, antes, DD /14-50/ e os citados.

08-08 / «**plano de viabilidade**» Ver 15-VII-91 TX1 /06-00/

09-01 / «**ante-sá**» Ver, antes, /04-57/

09-20 / «**sobre seu mal estado**» O artigo só pode obviar-se diante dos possessivos, quando acompanham um nome de parentesco mui próximo «Minha mae» etc. É de desejar que um mau estado nom se convirta nunca nalgo tam familiar.

10-16 / «**coma única solución**» «coma» e «ca» limitam-se, segundo as normas ILG (13.2.2.), a um uso comparativo, que nom é o caso. Como conjunçom modal reconhece apenas «como» (19.6.). O bom gosto, e, se nom, a destruiçom da língua derivada do império do mau gosto, acabará relegando «coma» mesmo desse uso comparativo.

11-12 / «**cohecho**» Ainda temos que agradecer que se tenha empregado o castelhano puro e que nom se tenha arranjado com destreza um «coeito» ou «cofeito» em lugar da palavra «suborno» que ninguém entende, ainda que poderia dar muito «xugo» re-galeguizando-a em «subforno».

11-25 / «**regalara**« no sentido de «obsequiara», castelhanismo semántico. Como nom parece estar mui clara qual é a palavra galega que define o conceito que se pretende espressar (deve ser que os galegos somos de veras tam avaros que nunca obsequiamos nada) empregando-se às vezes o substantivo «galano» outras «agasallo», nom se sabe mui bem que verbo utilizar («agasallar» nom ofereceria problemas se nom significasse realmente «abrigar», mas de «galano»?) opta-se, na dúvida, polo castelhano, quando o substantivo «regalo» se refuga de modo sistemático, mesmo no sentido próprio que possui em galego. Dos substantivos «presente» e «obséquio» temos os verbos «presentear» e «obsequiar» que nom oferecem dúvidas nem ambiguidades. E temos ainda o próprio verbo «oferecer» cujo significado é nítido e inequívoco para qualquer falante, e regala os ouvidos.

11-54 / «**bañeira**» Ainda que pareça que nom apresenta problemas, e apareça com tal forma nos dicionários, esta palavra deveria de se tentar evitar por causar umha incómoda confussom com a «banheira» derivada nom de «banho» mas de «banha» (= gordura de porco e por extensom «sujidade sebenta»). Referirse ao recipiente onde se toma «banho» como uma «banheira» pode querer indicar mais que a funçom própria do mesmo, o seu estado higiénico, por ser também «banheira» uma acumulaçom de banha e sujidade em geral. Ficando duas alternativas perfeitamente válidas parece despropositado empregar justo a menos oportuna. Som elas o derivado masculino «banheiro» (Construído seguindo a pauta geral dos nomes de árvores frutais, onde de frutos de género masculino derivam normalmente nomes masculinos e dos de género feminino, femininos: «limom»/«limoeiro», «laranja»/«laranjeira». Teríamos assim, de igual modo, de «banha»/«banheira», e de «banho»/«banheiro») e, se se considerasse vocábulo demasiado estranho, o simples «banho» aplicado ao recipiente por extensom da acçom nele desenvolvida. Se a Academia Galega tivesse idêntico objecto da Espanhola (limpa, fixa etc...) teria limpado o nosso «banho» ou «banheiro» de «banheira».

12-11 / «**naide**» A nai de quem? Esta expressom resulta ofensiva e nom só do ponto de vista lingüístico. Salva-a que a resposta a essa pergunta seja: «Nai de ninguém». Infracçom constante das Normas ILG (14.5.) e também das da língua, detectada já no período anterior (19-XII-90) DD /02-41/) junto com o castelhanismo pleno «**nadie**» (por exemplo 10-XII-90 DD /23-26/).

12-20 / «**bañera**» Por se fosse possível duvidar da causa da utilizaçom de «banheira», resultando equívoca tal palavra em galego, temos aqui o castelhanismo pleno para comprovar que se emprega «banheira» porque no castelhano em que se pensa o galego que se utiliza, tal palavra nom apresenta nengum duplo sentido.

12-53 / «**soterramento**» O correcto ou nom, «corresponde nom só às palavras em si, mas, sobre tudo, ao uso que se fai delas. O livro de estilo da redacçom deste Centro (se existisse) pareceria indicar o contrário do que indicam os de todas as redacções de todas as línguas. Entre dous termos equivalentes devemos escolher sempre o mais raro, o mais obscuro, o menos usual, o menos compreensível. Se nom, por que causa, de um tempo até hoje, nom se pode dizer «enterro», «enterramento» ou «enterrar», como se, para além do seu sentido fúnebre, tais palavras tivessem algumha sombra de dúvida ou suspeita?

«Soterrar» e «soterramento» (nom assim esse «soterro» utilizado às vezes) existem sem dúvida nos dicionários (e nom é o lusismo a causa desta crítica, pois existe tanto nos dicionários portugueses como galegos) mas nom nos lábios (e tanto nos galegos como nos portugueses) que preferem «enterro» «enterramento» e «enterrar», se realmente, do ponto de vista vital, fosse mais recomendável umha alternativa que outra. Do ponto de vista lingüístico sim. «Soterramento» e «soterrar» som palavras definitivamente enterradas na língua.

12-59 / «**adicar**« Ver antes /06-01/ e os citados.

13-06 / «**arestora traball*aba***» Nom é este o momento de discutir a pertinencia ou nom do uso literário de «arestora» (Normas ILG 17.2.). Mesmo aceitando-o teria que se empregrar com as suas restrições próprias. Tal advérbio levaria implícito um traço relativo ao enunciador que podiamos definir como « + simultáneo ao momento da enunciaçom». «Arestora», de possuir algum valor semántico próprio (que se poderia discutir, mas estaríamos no tema da sua pertinência) teria o de «neste momento em que estou a falar». Por se nom chegasse a falta de concordáncia com o tempo verbal empregado («Arestora» nom poderia acompanhar um tempo pretérito utilizado em sentido próprio) baste indicar que se está a falar de umha pessoa que faleceu, polo que o erro resulta tam pouco respeitoso com a língua como com a pessoa, umha falta de delicadeza lingüística e humana.

13-32 / «**que a sua actuación limitabas*e***» Ver, antes, /03-22/

13-53 / «**anque**» Ver 15-VII-91 TX1 / 10-18/ etc.

14-06 / «**non se *houbese* acadado**» Jóia elaborada, como sempre, com a fusom (ou confusom) entre um enxebrismo como «acadar» e um estrepitoso castelhanismo sintáctico. Para tempos compostos com «haver» veja-se 15-VII-91 DD /05-09/

14-10 / «**xa que enton *vólvense***» Colocaçom errada do pronome, como, antes /13-32/ e castelhanismo semântico no uso de «volver», relacionado com, antes, /00-52/

16-00 / «**pizarra**» utilizado de forma arbitrária ao lado de «lousa». Ver logo /17-30/ e sobre tudo comparar com «**louxa**» 17-VII-91 TX1 /11-54/ etc...

16-52 / «**inconvintes**» Ver o dito em 16-VII-91 DD /11-50/ e outras formas assim mesmo inconvenientes recolhidas no período anterior (14-XII-90 TX1 /01-38/ os citados etc...).

17-05 / «**sala**» Palavra irreprochável, se nom tivêssemos que ter passado antes por duas «**ante-sás**» (/09-01/ e /04-57/).

17-19 / «**milleiro**» Aplicado a pessoas em lugar de «milhar». Relacionar com «**miles**» (21-XII-90 DD /19-08/) e ver o dito entom.

17-30 / «**lousa**» Relacionar com, antes /16-00/ e os citados.

18-23 / «**sabe que van*se* atopar**» Ver, antes /14-10/ respeito a colocaçom do pronome, os citados e outros.

18-51 / «**fai 5 ou 6 ano**» Modismo castelhano traduzido literalmente como em «**o mesmo dá**» (15-VII-91 DD /06-00/). O modismo equivalente em galego construe-se com «haver» e nom com «fazer».

18-56 / «**polvo**» Ainda que pudesse parecer lógico que o polvo, por se tratar de um cefalópode e andar por isso todo o dia com os pés na cabeça, acabasse tam cheio de pó que se confundisse com ele, ao se tratar de um animal aquático fica completamente limpo, nom podendo explicar-se tal erro como confusom entre o lixo e o bicho, mas entre o castelhano e o galego. Erro grave em dupla medida, por a presença do castelhano «polvo» em lugar de «pó», conlevar a de «pulpo» em lugar de «polvo». E, como todo o mundo sabe, as dornas polveiras de Ribeira nom se chamam assim porque as utilizem as sereias para dissimular os brilhos da cara. Recentes estudos de filologia tém demonstrado que as sereias só se maquilham com creme hidratante H_20.

19-50 / «**naide**» Ver, antes, /12-11/

20-44 / «**cu**otas» por «cotas» também utilizado ao lado deste de modo arbitrário.

22-15 / «**cabo de ano**» pronunciado sobre um rótulo que reza »**cabodano**». Poderia-se admitir o segundo como pronúncia do primeiro, mas nunca ao revês.

23-45 / «**mi**llora» Vulgarismo nom consagrado nas Normas ILG, que escolhe «mellor» (12. e 17.4.).

24-31 / «**van *a* seguir**» repetindo este erro indefinidamente, visto antes, DD /28-17/ etc., etc., etc.

25-10 / «**onde iran*se* cubrindo**» Ver, antes, /18-23/ etc.

25-35 / «**nor*te***» Os pontos cardeais em galego devem ser cinco, posto que convivem este correc-

tíssimo «norte» como desnortado «**norde**» profusamente recolhido (15-VII-91 TX1 /02-00/ e tantos outros) formas entre as quais oscila a bússola lingüística desta língua ocidental desorientada.

25-45 / «**ahora**» Castelhanismo pleno também representado com abundância no período anterior (10-XII-90 DD /06-40/ etc.).

26-00 / «**Moscova**» Uma das consequências menos nefastas do vazio de poder na URSS pode ser a asunçom de competências lingüísticas na sua capital por parte da Comissom de Toponímia da «Xunta de Galicia». Em que se fundamenta tal escolha, ou melhor dito, invençom toponímica? Em que áreas extensas da província de Ourense, por exemplo, se emprega tal termo? Por que via culta do século XVI nos penetrou? Justifica-se na fala ou na escrita? Pensa-se resolver o conflito ortográfico impondo por real decreto o alfabeto cirílico? Por que chamar «**Moscova**» à capital da Rússia, e nom «Moscuba», que resulta mais tropical? Pode-se admitir o capricho pessoal como critério lingüístico? É o galego terra de ninguém, como a própria URSS, onde cada qual pode dispor à vontade? Em que línguas se baseia semelhante engendro? No alemam? No próprio russo? Som língua a ter em conta antes das tam afastadas como podem ser o português, o francês ou o espanhol? Como sei que estou a me lamentar no deserto (ou nas estepes) baste indicar o seu uso caótico ao lado, ou polo menos perto de «**Moscú**» (18-VII-91 DD /07-08/ etc.).

26-16 / «**tempada**» Oscilaçom que nom respeita «**temporada**» pois aparece num e noutro período (Ver 15-VII-91 DD /16-33/ e os citados do período anterior).

26-30 / «**plantillas**» Castelhanismo pleno, relacioná-lo com o dito em «**cursiños**» (15-VII-91 TX1 /13-05/).

26-50 / «**firmou**» Castelhanismo léxico por «assinou» ou «asinou» (ILG).

27-14 / «**adestrador**» Vacilaçom ao lado de «**entrenador**» (15-VII-91 DD /23-25/) e termo que nom resulta nada gratificante para os jogadores que, em conseqüência, «adestra».

27-28 / «**mentres... vanse**» Ver, antes, /25-10/ etc...

28-05 / «**compostelá**» Forma detectada com profusom ao lado de **urbá, ferrolá** etc.

17-VII-91

DIA A DIA

00-31 / «**bañeira**» Ver o dito em 16-VII-91 TX1 /11-54/ e /12-20/

00-57 / «**lousa**» Ver 16-VII-91 TX1 /16-00/

01-22 / «**decíamos**» Infracçom constante ponto citado Normas ILG.

01-33 / «**compaña**» que nom é necessariamente «santa», em lugar de «**compañía**» também registado.

02-59 / «**mentras *quentamos***» Dous erros bem tipificados ao longo de ambos os períodos.

03-10 / «**un día máis**» Castelhanismo sintáctico. Construçom galega: «mais um dia».

03-30 «**castelos humáns**» Erro já sobradamente tipificado. Ver Analítica, Morfologia.

03-45 / «**quentando**» Ver, antes, /02-59/

08-04 / «**vades *a* ir**« Erro já tipificado.

10-35 / «**está *sendo* vituperada**» Substituiçom também tipificada de «a + Infinitivo» por gerúndio.

11-25 / «**aficioados**» Comparar com o seguinte.

11-38 / «**afeizoado**» Continua a confusom já tipificada anteriormente.

15-35 / «**cada *año*...**» Nom se refere a cada cordeiro, mas a cada período de 365 días!

15-47 / «**considerado *coma*...**» Abuso de «coma» em funçom nom comparativa. Ver 16-VII-91 TX1 /10-16/

16-34 / «**faena**» Catalanismo através do espanhol.

17-00 / «***Lles* deixamos coa actuación**» Colocaçom do pronome à espanhola. Erro tipificado «Lheismo».

20-53 / «**xa que onte inaugurou*se***» Colocaçom do pronome à anti-espanhola, mas nem por isso à galega. Erro tipificado.

21-15 / «***sala* de arte *norde***» Incongruência e hiper-casticismo já tipificados.

21-36 / «**parente*sis***» Castelhanismo morfológico já tipificado em ambos os períodos.

21-51 / «**regalados**» Ver o dito em 16-VII-91 TX1 /11-25/

22-12 / «**perso*n*ais**» Castelhanismo já tipificado, digno de ser comparado com ultra-correcções como «**perso*a*lidade**» também tipificadas.

22-34 / «**fruto** Comparar com as ocorrências de «**froito**» também tipificadas. Ver o dito em «**disfrutan**» (15-VII-91 DD /23-30/
22-47 / «**posee**» Forma nom pertencente ao verbo «possuir», que é perfeitamente regular, segundo o dito em Normas ILG 16.2.5.2.2.
22-11 / «**pasión**» Castelhanismo pleno por «paixom» já registado no período anterior.
23-20 / «**seguemos sendo**» Conjugaçom completamente desconcertada do verbo «seguir» já tipificada em casos como «**sigue**» e «**sega**».
23-42 / «**un parentesi**» Singular analógico de um «**parentesis**» plural. (Ver Supra /21-36/). Erro já tipificado.
23-45 / «**decíamos**» Erro já tipificado.
33-50 / «**agasallar**» Ver antes /21-51/ e a explicaçom do ponto aí citado.
25-49 / «**estoupido do cor**» Castelhanismo morfológico com mudança de género, já tipificado.

17-VII-91

TX1

00-56 / «**lousa**» utilizado caóticamente ao lado do castelhanismo «**pizarra**» e a forma inqualificável «**louxa**». Ver o dito o dia anterior e, mais adiante /11-54/
01-20 / «**enfrontamento**» Confusom tipificada de «frente» e «fronte».
01-27 / «**decíamos**» Erro tipificado.
03-00 / «**prantexada**» Falsa galeguizaçom do castelhano «planteada» digna de ser comparada com o seguinte.
03-17 / «**blanco**» Castelhanismo por «branco».
03-29 / «***ó fronte* da Deputación**» Para além da confussom referida antes /01-20/ temos castelhanizaçom do género. Tanto «frente» como «fronte» som femininos.
04-59 / «**mentres o PSOE afiánzase**» Erro já suficientemente assinalado e explicado.
06-00 / «**pe-se-ga**» Soletreio das siglas PSG, comum ao das siglas **BNG, PNG, UPG** etc., digno de ser relacionado com o de **UGT** (16-VII-91 TX1 /06-38/). Nem o nome oficial da letra («gue») nem o lógico e etimológico («ge») som respeitados. Por se nom chegassem tantas formas para uma só letra, veja-se mais adiante /12-08/
06-20 / «**presupostos**» Dupla contabilidade lingüística ao lado de «**orzamentos**». Incongruência já perfeitamente tipificada.
06-28 / «**coordenación**» Fenómeno idêntico ao anterior. Descoordenaçom evidente entre «**coordinadores**» e «**coordenadores**».
07-54 / «***ó* frente**» Ver, antes /03-29/, nem o acerto no léxico leva sempre parelho o acerto morfológico.
09-10 / «**recorrer**» (uma lei) Nada que opor, excepto que, ao empregar constantemente o verbo «recorrer» em lugar de «percorrer», parece que a lei foi mais bem percorrida.
10-25 / «**presupostario**» Ver, antes /06-20/
10-52 / «**lousa**» Ver, antes /00-56/
11-19 / «**xustic*ia***» Emprego arbitrário de formas com ou sem «i» já tipificado.
11-33 / «**est*os***» Castelhanismo já excessivamente tipificado.
11-45 / «**tribun*ales***» Formaçom do plural como em castelhano.
11-45 / «**louxa**» Comparar com /10-52/ etc... Será mais galega umha palavra quanto mais «x» leve? Entom Xerxes XXXIX imperador assírio, é sem dúvida o mais galego dos imperadores assírios da história.
12-08 / «**u-he-te**» Ver o dito acima /06-00/. Fecha-se o círculo com a pronúncia completamente espanhola das siglas UGT.
12-15 / «**louxa**» Ver o dito antes /11-54/
13-15 / «**soterrado**» Ver o dito em 16-VII-91 TX1 /12-53/
12-32 / «**namentr*as***» Erro tipificado.
13-37 / «**asesinado**» Idem.
13-48 / «**localizou *a* un dos sospeitosos**» Emprego do «a» pessoal. Castelhanismo sintáctico já tipificado. Para nom nos extender mais nom mencionaremos que de «suspectu» nom podíamos esperar outro resultado que «suspeito».
14-57 / «**xuic*io***» Vacilaçom já tipificada na manutençom do iode.
14-47 / «**vanse *a* impartir**» Erro tipificado.

15-27 / «**liber*t*ades**» As Normas ILG defendem, inopinadamente, «liber*d*ades» (8.18.). Nos também, mas desde sempre.
15-51 / «**cump*l*e**» Infracçom Normas ILG 7.1. e 16.2.5.2.2.n. já tipificada com a agravante de aparecer aqui também em rótulos.
16-07 / «**cumpl*i*u**» Idem.
14-48 / «**tempada**» Erro tipificado.
20-02 / «**escenario**» comparar com os típicos «**esceario**» e **escea**». Indeterminaçom também típica.
20-23 / «**o clu**» Vulgarismo castelhano já localizado no período anterior (10-XII-90 DD /05-00/
20-34 / «**femenina**» Castelhanismo por «feminina», defendido mesmo nas Normas ILG 8.12.
22-15 / «**o fin**» Incoerência tipificada em 15-VII-91 TX1 /02-49/
22-37 / «**desempleo**» Castelhanismo pleno. Ver «empregar» en Normas ILG 7.1.
23-53 / «**seguen *sendo***» Erro sintáctico tipificado.
24-35 / «**interv*i*ntes**» Hiper-casticismo do género de «Inconvintes» já tipificado, em lugar de «Intervenientes».
24-52 / «**están *tendo***» Ver antes /23-53/
23-33 / «**segun *sendo***» Idem.
26-00 / «**fruto**» Vacilaçom tipificada.
26-14 / «**paréntesi**» Erro tipificado.
26-20 / «**adicado**« Erro tipificado.
26-50 / «**perso*n*ais**» Idem.
28-06 / «**come*n*zou**» Idem.

18-VII-91

DIA A DIA

00-30 / «**unhos investimentos**« Erro já tipificado e utilizaçom caótica de «investir» e derivados ao lado de «inversión» e derivados, assim mesmo tipificada.
01-00 / «**logo de 42 días de folga**» Castelhanizaçom do uso de «logo» já resenhada. Em galego nem sempre equivale a «despois» e num contexto como o analisado equivaleria a «imediatamente» o que nom é, como se pode comprovar, o que pretende o falante.
01-48 / «**decíamos**» Erro tipificado.
02-57 / «**volta**» Forma legítima do verbo «voltar», mas usada aleatoriamente ao lado de formas de «volver» mal utilizadas. Ver 16-VII-91 TX1 /00-52/
03-25 / «**imos *a* escoitar**» Erro já tipificado.
02-57 / «**ferrolán**» Idem.
06-50 / «***fai* 50 anos**» Veja-se a constância do emprego deste modismo espanhol. (Ver 16-VII-91 TX1 /18-51/).
06-54 / «***fai* 55 anos**» Idem.
07-08 / «**Moscú**» Castelhanismo que é pola sua parte um galicismo por vocalizaçom de «Moscov» em «Moscou» pronunciado como a versom espanhola. Comparar com o incomparável «**Moscova**» (16-VII-91 TX1 /26-00/), sempre, a pesar de ser castelhano-galicismo, ganhará na comparaçom.
08-31 / «**Moscú**» Idem.
10-05 / «**Moscú**» Idem.
10-31 / «**algunha vez vostede sentiuse**» Erro já tipificado.
11-05 / «**hai que decilo**» Mudança tipificada de raiz do verbo «dizer», «dicir» (ILG), mas sempre com «i». E, além disso, «**Hai que**» é modismo peculiar espanhol.
11-13 / «**decilo**» Ver anterior.
11-17 / «**coñeci*u***» Conjugaçom confundida entre a 2.ª e a 3.ª já detectada no período anterior (17-XII-90 DD /02-54/)
11-50 / «**tóda-*la* sua familia**» Ver o dito acerca de «**tóda-*la* faixa**» 19-XII-90 TX1 /21-14/
12-24 / «**toda a sua familia**» Comparar com o anterior.
13-07 / «**vamos *a* falar**» Erro tipificado.
13-18 / «**gusano**» Castelhanismo impresentável em lugar de «verme».
13-25 / «**mantenimento**» Longa lista de variações arredor da palavra «mantimento», mas sem nunca chegar a tocá-la.
13-35 / «**podremos**» Castelhanismo total em lugar de «poderemos».

18-46 / «**chupiño**» Pequeno trago de «cubaceibe» difícil de digerir polos ouvidos.
19-03 / «**que nos vai *a* ofrecer**» Erro já tipificado.
18-23 / «**ingredintes**» Se ainda em «**intervintes**» e «**inconvintes**» o erro pode interpretar-se como umha falsa derivaçom dos infinitivos «intervir» ou «convir», neste caso, pensa-se realmente que provém do verbo «ingredir»?
20-53 / «**acostumbrándose**» Castelhanismo a que já estamos afeitos.
21-27 / «***nos* imos *a* tomar**»
22-04 / «**os *ingredintes os* podemos ter nós na casa**» O comentário en profundidade destas duas frases mereceria tanto espaço como o utilizado até agora neste já longo informe. E como nom acaba aí a cousa, senom que seguem estas duas jóias:
22-33 / «***todavía* imos *a* probar**»
22-42 / «**que *ademais* titúla*se***» podemos deixar neste ponto que a língua utilizada fale por si própria, resumindo em menos de minuto e médio muitos dos sentimentos que desperta em nós com freqüência. A conclusom nom podia ser outra que:
26-45 / «**vamos *a* ver**»
28-33 / «**en A Coruña**» pronunciado tal qual aparece escrito. Eis a conseqüência lógica e nefasta de grafar com maiúscula os artigos que precedem determinados topónimos, o que torna impossível registar por escrito a contraçom que indefectivelmente se dá na fala. Independentemente de que se escreva «na Corunha» ou «em A Corunha» é preciso pronunciar «na Corunha». Toda esta confusom deve-se à adopçom sem mais, como sempre, do uso do espanhol (La Coruña, La Rábida) que nom apresenta os problemas de contraçom do galego («*de El* Pardo«, exemplo do único caso de conflito, pode-se pronunciar de facto, em leitura rápida como contraçom «del Pardo», o que nunca se poderia fazer com «em A Corunha»). Podia talvez ser de grande ajuda considerar a soluçom adoptada nessa língua longíncua, que possui, por essas casualidades fatídicas que se produzem na história, exactamente os mesmos artigos (o, a, os, as) que a nossa, como também o costume de os antepor a determinados topónimos. Veríamos entom que a cidade denominada Porto, costuma levar o seu artigo diante («Vou para o Porto», «é do Porto») mas nom se considera este como fazendo parte do topónimo. O nome da cidade é «Porto», o artigo que o precede nom é um topónimo, é um uso lingüístico. Teríamos assim uma soluçom barata, simples, lógica e elegante: oficializar apenas o nome «Corunha» sem artigo maiúsculo, o que nos permitiria dizer «na Corunha» e escrever mesmo «na Corunha» como já têm feito alguns escritores.
28-47 / «**vai *a* gravar** Nom vai agravar nada porque neste ponto já começamos a suspeitar que somos nós, e com nós milhões de falantes, os que estamos equivocados.
29-30 / «**vai *a* retransmiti*rlo***» Pois era certo que o ia agravar. Agora acrescenta ao erro já tipificado, este castelhanismo morfo-sintáctico até hoje nunca registado.
30-16 / «**coord*i*nador**» Descoordenaçom já tipificada.

18-VII-91

TX1

00-27 / «**apuntes**» Castelhanismo por «apontamentos».
00-59 / «**o órgano**» As Normas ILG (8.13.n. e 8.14.) oficializam «orgo», nós preferimos «órgão». «**órgano**» só pode considerar-se castelhanismo.
01-10 / «**volve**» Erro já tipificado.
01-50 / «**o *plan***» Erro e incongruência já tipificados.
02-00 / «**esforzo *inversor***» Castelhanismo e incongruência já tipificados, comparar com, mais adiante /04-35/
02-48 / «***texido* viario**» Pseudo-galeguizaçom do espanhol «tejido» em lugar de «tecido».
03-43 / «**financ*i*amento**» Vacilaçom constante já tipificada.
04-45 / «**investidores**» Incongruência já tipificada. Ver, antes /02-00/
05-03 / «***plano* de estradas**» Incongruência já tipificada, comparar com, antes, /01-50/
05-17 / «**centro coordenador**»
05-34 / «**coordenar**»
06-53 / «**coord*i*nación**»
07-16 / «**coord*i*nación**« Nova seqüência que fala por si própria. O coordenador que coordine a coordenaçom de coordinadores etc... Incoerência largamente tipificada.

07-30 / «**lousa**» Incoerência tipificada. Comparar com o seguinte.
07-52 / «**louxa**» Erro rapidamente tipificado. Ver o anterior.
08-06 / «**solo**» por «só», castelhanismo já tipificado.
08-14 / «**bolsillo**» Castelhanismo por «bolso» incluível na série de «**plantilla**» etc...
08-26 / «***eso***» Erro já tipificado.
08-30 / «**non vai *a* ser**» Idem.
08-37 / «**polvo**» Ver o dito em 16-VII-91 TX1 /18-56/
08-49 / «**hasta**» Castelhanismo por «até» ou «ata» que o ILG defende (Normas 18.).
09-01 / «**louxa**» Erro tipificado.
09-37 / «**emplear**» Idem.
09-42 / «**rechazo**» Castelhanismo léxico em lugar de «rejeiçom».
10-08 / «**o *plan***» Erro já tipificado.
10-31 / «***arestora* no concello fálase**» Onde se fala neste momento é na TV, e na actualidade pode estar a se debater no concelho o que o concelho quixer. Ver o dito em 16-VII-91 TX1 /13-06/
11-00 / «**autopistas**» (repetido) Vacilaçom já tipificada com «**auto-estrada**». Ver, por exemplo, 19-VII-91 TX1 /03-23/
11-17 / «**autopista**» Idem.
11-48 / «**empresa en *creba***» Vulgarizaçom afectada por se tratar de vocabulário comercial, e ainda encima vulgarizaçom de um castelhanismo. «Quebrar» e a forma dialectal «crebar» só possuem um sentido físico. Para essa prática comercial cada dia mais na moda, nom fica mais remédio que adoptar o termo português «falência» ou «falimento», do verbo «falir», como já têm feito boa parte dos dicionários actuais.
12-51 / «**dende**» Erro já tipificado.
13-30 / «***os* sinais poden ser analizadas***» Falta de concordância relacionada com a castelhanizaçom do género já comentada em «**as sinais**», «**analizadas**» é castelhanismo também em lugar de «analisadas». Erro também já resenhado.
15-56 / «**bancos de néboa**» Nos partes meteorológicos emprega-se de forma sistemática a oposiçom «névoa»/«brêtema» como transposiçom do par castelhano «niebla»/«neblina», distinguindo-se ambos os conceitos em espanhol polo campo maior ou menor de visibilidade que implican esses fenómenos. Quando a visibilidade horizontal é menor de 1 Km emprega-se «niebla» e quando é maior «neblina». Ora bem «brêtema» é termo dialectal circunscrito a uma pequena área da Província de Pontevedra, de origem tão duvidosa que o professor Constantino García afirma ser nada menos que «prerromana». Mas este termo nom coexiste ao lado de «névoa», senom em vez dele. Nom som termos complementares, senom excluintes. «Brêtema» na zona do seu emprego, nom é um tipo de «névoa», é a névoa. «Névoa» e «Brêtema» estám numha relaçom dialectal e nom semántica. Mais ainda: «névoa» nem sequer equivale ao castelhano «niebla», mas a «neblina», e a traduçom de «niebla» nom é outra que «nevoeiro». O par de termos definido por essa fronteira convencional do quilómetro de visibilidade horizontal estaria integrado pois por «Nevoeiro» e «névoa», sendo de maior espessor o primeiro que a segunda. Estes «bancos de néboa» som por tanto entidades fantasmas, fraudulentas e com moedas esfareladas. Os «bancos de néboa» nom som outra cousa que os «nevoeiros». O pior é que, quando se utiliza entom a voz «nevoeiro», ao estar o seu campo lugar ocupado por «névoa», usa-se com o significado de «neblina», quer dizer, que se inverte a relaçom dos termos.
16-17 / «**problemas de visibilidade devido á *néboa***» Ver o dito antes. Se a visibilidade é tam fraca é que se trata de «nevoeiros».
16-55 / «**tempada**» Erro já tipificado.
17-01 / «**Real Sociedade**» Galeguizaçom improcedente de um nome próprio de um clube em espanhol. Ao Manchester United haveria que o chamar: «Manchester Unido», ou quem sabe se «Manchester Xungido».
17-07 / «**coma segunda de...**» Emprego já tipificado de «coma» como «como».
17-23 / «**adestrador**» Neologismo voluntarista, mas pouco afortunado tipificado no seu uso incoerente ao lado de «**entrenador**». As alternativas para a formaçom de neologismos em galego som três: o espanhol, o português ou o rídiculo.
18-15 / «**ap*l*azou**» Castelhanismo da série de «cump*l*ir» já tipificada.

18-40 / «**ap*u*nta**» por «aponta». Ver, antes, /00-27/
18-49 / «**fe*m*enina**» Ver 17-VII-91 TX1 /20-34/
19-09 / «**de*c*íamos**» Erro tipificado.
16-16 / «**o clu do mar**« Idem.
21-19 / «**contribuye**» Idem.
22-46 / «**ferroláns**» Idem.
23-00 / «**O Ferrol**» (em rótulos) e «**Ferrol**» (o locutor). O nome oficial é neste caso «Ferrol» sem artigo, com melhor critério que «A Corunha», conforme o exposto antes em DD /28-33/. Daí que fosse obrigado escrever sem artigo (e muito menos em maiúscula) e permissível empregá-lo ao falar. Ao contrário, mais umha vez, do que acontece.
23-35 / «***en ou*tros**» A contracçom é obrigada neste caso.
24-34 / «**persoeiros como o xeral Franco**» Nom sabia nem que Franco tivesse sido procurador, consoante o dito em 16-VII-91 TX1 /03-03/, e muito menos que fosse algo comum e nom particular dele próprio. Franco era um general pouco geral, mais bem bastante peculiar.
25-42 / «**un *retazo* de actuación**» «Retazo» é castelhano. O mais parecido em galego é «retalho», mas aqui estaria melhor «fragmento».
26-25 / «**o *plan* de estradas**» Erro tipificado.
27-45 / «**o órgao**» Utilizaçom incoerente ao lado do castelhano «órgano», ver, antes, /00-59/
27-36 / «**desde**» Utilizado incoerentemente ao lado do enxebrismo «dende». Incongruência tipificada.

19-VII-91

DIA A DIA

00-33 / «**desp*l*azou**» Erro já tipificado.
01-33 / «**de*c*íamos**» Idem.
02-35 / «**cúmp*l*ense**» Idem.
02-52 / «**interés**» Castelhanismo empregado de forma alternante e titubeante ao lado do correcto «interesse».
03-15 / «**imos *a* falar**» Erro tipificado.
03-23 / «**cofraías**» Castelhanismo por «confraria», ainda encima baralhado aleatoriamente com a forma correcta. Ver, logo, /04-18/
04-08 / «**volumen**» Castelhanismo por «volume» (neste caso nengumha norma admite a terminaçom nasal). Ver Normas ILG 8.13.
04-18 / «**confraria**» Forma correcta, mas nom 56 s. despois de «**cofradías**».
04-44 / «**posue**» Comparar com «**posee**» 17-VII-91 DD /22-47/
05-16 / «**definir *a* este peixe como un descoñecido**» Usar o «a» pessoal do espanhol em galego com nomes de pessoa, ainda bem... Mas dar-lhe tratamento de pessoa a «este peixe» já é de mais, claro que umha vez que nom seja um desconhecido, senom um amigo da família, poderia pensar-se.
06-42 / «**ventallas**» Serám «ventanas» de «tallas» grandes para que podam debruçar-se nelas pessoas grossas? Umha das «vantagens» do enxebrismo é que com umha regra de três simples («mortaja» es a «mortalha» como «ventaja» es a «x», de donde x = ...) se pode construir um galego «aventallado» em pouco tempo.
07-23 / «**ven*t*a**» por «venda» digno de ser comparado com «norde» por «norte».
11-18 / «**decir**» Erro sistemático.
11-26 / «**para casar*se***» Como casar é algo que nom se pode fazer até hoje sem ajuda, o galego, com bom critério, nom emprega tal verbo como reflexivo, e, ainda nesse caso, teria que se colocar o pronome antes do verbo: «para se casar» melhor «para casar». O erro parece mais patente porque a entrevistada emprega polo menos bem o pronome. (Em /11-15/).
15-20 / «***e*sto** Erro sistemático já tipificado.
21-15 / «**est*os***» Erro tipificado.
21-28 / «**poñémonos resaqueiros**» Expressom que será o meu único objecto de estudo nos próximos séculos.
24-10 / «**en A Coruña**» Ver o dito em 18-VII-91 DD /28-33/
26-39 / «**unha pintada estra*n*a**» Erro já recolhido que nom deixa de ter ressonâncias da célebre

ária da Traviata «ah!, strano forse é lei!» Concessões musicais que nom justificam em modo algum o enxebrismo operístico.

26-52 / «***no*** **podía**» Castelhano puro.

27-37 / «**vixiándonos**» Erro sistemático.

27-54 / «**Eros lánzame un *guiño***» Entom Eros deve ser de Cuenca porque «guiño» é tam pouco galego como grego.

28-27 / «**a estas horas, *o* sinto, amor**» Colocaçom do pronome já valorizada e tipificada.

28-51 / «***todavía* para *elo***» Para falar castelhano, falta só um «l» «todavía para ello». Erros ambos já tipificados.

19-VII-91

TX1

00-20 / «**arestora**» por «agora», erro já tipificado.

00-46 / «**custo**» Forma correcta mas empregada indistintamente ao lado de «**custe**» e «**coste**», erros de família de «pech*e*» por «fecho» etc... já tipificada. Neste sentido comparar, sem ir mais longe, com o seguinte. Ver também «**coste**» mais adiante /04-54/

01-00 / «**triple**» Este numeral é variável em galego: «triplo»/«tripla».

01-10 / «**camp*i*ón**» Erro e indecisom sistemáticos.

01-19 / «**camp*i*ón**» Idem.

01-44 / «**no *plan***» Idem.

01-57 / «**esta fin de semana que se *achega***» Por se algum castelhano falante lesse este informe vou traduzir com precisom esta frase ao espanhol: «esta fin de semana que se arrima». O resultado nom é «este fin de semana que se acerca», frase que, sem dúvida está debaixo da pretensamente galega, porque o verbo «achegar» nom coincide exactamente com o castelhano «acercar». Em primeiro lugar «achegar» tem o traço de « + animado», em segundo lugar tem umha «extensom» espacial diferente. «Acercar» vem de longe a perto. «Achegar» vem de perto a «ao lado». Se um individuo vem de Roncesvalles a Santiago nom se achega a mim. Se o fim de semana se pudesse «achegar», por que nom ia poder-se achegar, dia a dia, o milénio. E, claro, se dizemos «este milénio que se achega» parece que estamos sentados num banco público, a olhar o pôr do sol. Sentados num extremo e o resto do banco ocupado polo entardecer, e entom é como se cada dia o Miléniо fosse ganhando um milímetro no banco, achegando-se a nós. Haveria umha forma de o dizer, mas é português e nom sei se os espectadores entenderiam: «Este fim de semana que se aproxima».

03-00 / «**carri*les***» Plural como em espanhol, erro já recolhido.

03-23 / «**auto-estrada**» Vacilaçom constante ao lado de «**autopista**».

04-10 / «**est*os***» Erro sistemático.

04-25 / «**terraplens**» Castelhanismo agalegado no plural.

04-37 / «***e suas* comarcas**» O emprego do artigo é aqui obrigado por mui familiares que sejam as comarcas.

04-46 / «**presuposto**» Erro e vacilaçom sistemáticos.

04-50 / «**dest*os***» Erro sistemático.

04-54 / «**costes**» Vacilaçom constante com «**custo**», antes /00-46/

06-44 / «**americ*áns***» A descoberta de América verificou-se evidentemente tempo despois de a deriva patrimonial do sufixo «ano» ter deixado de ser operativa. Erro sistemático da família de «urbá», «humán», «ferrolán», «ourensán» etc...

07-01 / «**dende**» Erro sistemático.

07-43 / «**dende**» Idem.

08-34 / «**Oporto-Vigo**» (em rótulo). Resulta curioso que o nome de Moscovo se derive directamente e gratuitamente quem sabe se do russo ou do moldavo, e, em troca, o nome da, algo mais próximo (mesmo quase achegada) cidade de Porto, se tome dando volta polo francês e o espanhol, quando, sobre tudo, conhecemos perfeitamente que nesse nome há um artigo e um nome comum, cousa difícil de distinguir para um inglês, um francês e um espanhol. Esperemos que as vias de comunicaçom Porto-Vigo sigam um traçado algo menos sinuoso.

08-45 / «**pers*o*nal**» Erro sistemático.

08-59 / «**paralizou**» Se de «análise» tiramos «analisar» e nom «analizar» como fai o espanhol ao confundir este resultado com o dos verbos em «-izar», com «parálise» nom podemos fazer outra cousa que «paralisar».
10-56 / «**ver*qui*dos**» Vacilaçom tipificada com as formas com «t».
11-29 / «**as*o*me obras**» Nom se trata de uma narraçom surrealista em que as obras se viram e se recolhem sobre elas próprias e fartas de se contemplar as suas paredes sem pintar, decidem assomar-se ás janelas ainda nom acabadas, porque nom se trata do verbo «assomar», mas «assumir»!!! que é verbo regular (como reconhecem as Normas ILG 16.2.5.2.2.) que nom assume, por tanto, as alternâncias na raiz de «subir».
11-40 / «**desprezan *o* parlamento**» Regista-se nom como erro mas como caso realmente excepcional em que nom se comete o de empregar o «a» pessoal.
12-09 / «**volve**» Erro sistemático, esta vez em rótulo.
12-30 / «**volverá a sair**» Idem.
12-57 / «**brétemas e bancos de néboss**» Relacionar com o dito em 18-VII-91 TX1 /15-56/. Note-se ainda a concordância despropositada entre «bancos» e «néboas».
13-13 / «**sop/a**» Erro sistemático nas soluções semicultas do grupo latino «pl» (neste caso proveniente de «fl»).
14-08 / «**surdo**» Do contexto se deduz que o sujeito tinha certos problemas de lateralidade psicomotriz o que nos inclina a pensar que se trata de alguém «esquerdo» ou «esquerdeiro». Mas o vocábulo parece indicar outra cousa... Deve ser alguém que nom ouve melhor pola orelha esquerda... por nom ser nem imaginável que se trate de um intento de agalegar a palavra espanhola «zurdo».
14-19 / «**camp*i*ón**» Erro sistemático.
14-31 / «**campeón**» Comprovaçom.
16-52 / «***dous* mil visit*as***» Falta de concordância no género motivada pola invariabilidade do numeral espanhol correspondente.
11-20 / «**eiqui**» Vulgarismo já registado e contrário às Normas ILG 17-1.
19-19 / «**campesiña**» Erro tipificado da série de «**gasoliña**».
22-09 / «**dende**» Erro sistemático.
26-20 / «**p/aia**» Idem, ver antes /13-13/
26-30 / «***o* sexa**» Ver antes DD /25-02/
26-38 / «**di que os bañistas quéixans*e***» Erro sistemático.
27-04 / «**coidado**» Coitados se som estes os cuidados!!!
27-21 / «**os currunchos que a cruz vermella ten espallados polas p/aias**» Se se tivesse encontrado esta frase num dos manuscritos do Mar Morto talvez algum erudito teria aventurado a seguinte hipótese interpretativa: «O profeta parece querer indicar que o que outrora forom currunchos, quer dizer recantos, ángulos recolhidos das casas e das ruas, lugares íntimos, o tempo, que tudo destroi, esfarelou-os e converteu em areias que o vento espalha na praia. A invocaçom à cruz quer-nos lembrar que, de igual modo os nossos corpos ressucitaram dentre as areias da praia quando nos ergamos fartos de estar enterrados baixo um monte de areia que tem construido sobre nós o nosso filho, pola intercessom do nosso salvador: el chico de la cruz roja». Como tal frase nom apareceu em tal lugar, melhor será tentar esquecê-la.
27-53 / «**eiquí**» Erro já tipificado.
29-05 / «**camp*i*ón**» Idem.
29-52 / «**desde**» (em rótulo) Vacilaçom sistemática.

NOTA: Ao longo desta parte descritiva temo-nos referido de forma constante às «Normas ILG», maneira abreviada de designar o livro que se intitula de modo mais prolixo «Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego». Editado conjuntamente pola Real Academia Galega e o Instituto da Língua Galega.

2.3. Parte Analítica.

Como se terá podido comprovar, verificou-se ao longo da parte descritiva, umha modificaçom importante na estratégia seguida. Se bem no começo

se remitiam as explicações de modo sistemático para esta parte, à medida que ia progressando a redacçom do estudo ia-se vendo que afinal esta parte teria que ser um recordatório exasperante da anterior, cheio de referências e citações excessivamente prolixas, que implicaria aliás umha perda de relaçom entre o erro resenhado e o seu fundamento, podendo em determinados contextos parecer arbitrária a designaçom de erros. Daí que os comentários se tenham ido desenvolvendo de maneira que a parte descritiva se tornou de facto algo analítica, o que nos obriga, agora, a tornar esta parte analítica um pouco mais sintética. Vamos para isso obviar as referências numéricas dos erros exemplarizados (os destinatários podem ir cotejando a lista ao tempo que lêm a parte analítica, ainda que garanto que podem confiar em mim) assim como as enumerações exaustivas. As explicações dos fenómenos menos gerais terám que se procurar nas primeiras resenhas de tais erros. Aqui vamos analisar apenas alguns fenómenos mais globais e mais característicos, como ponto de partida de umha caracterizaçom global que fecha o capítulo.

2.3.1. **Análise Qualitativa.**

Iremos analisando os erros máis salientes dentro de cada umha das partes da gramática. Em cada ponto faremos também umha análise comparativa entre ambos os períodos estudados.

2.3.1.1. SINTAXE.

Os erros sintácticos mais importantes podem-se enquadrar em quatro fenómenos concretos:

a) *Uso de tempos compostos com «haver».* Frequente em ambos os períodos: «**hayan visto**», «**ha sido**», «**había colaborado**» etc. no 1.°, «**habería predicado**», «**houbese acadado**» etc. no 2.°.

b) *Colocaçom invertida dos pronomes.* Parece existir um propósito declarado de levar a contrária à língua. De um lado temos: *Formas pronominais átonas iniciando frase* «**Se va desenrolando**», «**lles vamos a contar**», «**se iba a convertir**» no 1.° período, «**se fixeron**», «**se impoñía**», «**lles deixamos coa actuación**» no 2.°. Se os erros anteriores podem ser denominados «castelhanismos sintácticos», este tem que se definir como «hiper-casticismo sintáctico», pois no lado oposto ao anterior temos também: *Pronomes enclíticos em oraçom subordinada e em geral em casos de inversom pronominal obrigada.* Trata-se de um erro sistemático, aberrante, bochornoso, esmagante. A lista poderia ser interminável, tanto no 1.° período («**que colocábanse**», «**algo que notouse**», «**que ofrécenos**» etc...) como no 2.° («**anque témolo**», «**polo que sitúase**», «**namentres celebrábase**» etc...).

A colocaçom dos pronomes átonos na frase galega nom é ciência hermética que requira longos anos de estudo. Em escassas horas umha pessoa de inteligência normal, pode, com as oportunas explicações, compreendê-la e assimilá-la. Sem dúvida o melhor trabalho publicado ao respeito até à data é o do professor doutor Domingos Prieto, da Universidade de Groningen, aparecido em parte nas Actas do I Congresso da Língua Galego-Portuguesa na

Galiza. A sua leitura atenta resolveria este erro persistente de forma mais rápida e efectiva que um ano longo de «correcçom lingüística». Desgraçadamente está em lusista e nom se pode recomendar. Mas, afortunadamente, temos versom francesa, impressa em Groningen: «Prosodie et syntaxe. La position des clitiques en galicien-portugais». Seguindo o emocionante estudo (e tal adjectivo é válido em trabalhos científicos dessa altura) podemos chegar a compreender algo mesmo mais importante que as regras de colocaçom dos clíticos na nossa língua. O professor Prieto demonstra como a lógica e a música da frase estám intimamente ligadas, como a prosódia e a sintaxe forma um todo, como a língua em si nom é só a letra, mas também a música do pensamento, como romper a estrutura de umha frase álgo tam cruel como quebrar um violino ou escarrar num concerto. Entom compreenderíamos por que construções do estilo de «**que notouse**», «**que titúlase**» etc... ofendem de tal maneira o nosso ouvido, e como as leis mais sagradas da língua nom estám, nem podem estar, escritas, nem protegidas por lei. Se o mesmo empenho (nom digo mais, só o mesmo) que se pom em vigilar o cumprimento das normas ortográficas oficiais, se puxesse em cuidar da observância das leis sintácticas do galego (que nom as fixa o parlamento, nem se publicam no D.O.G.) a língua que se ouve a través do C.T. de TVE na Galiza nom seria essa caricatura que é. A língua tem as suas próprias leis que o legislativo nom pode compreender.

c) *Uso de «a» pessoal.* Castelhanismo sintáctico recolhido apenas no 2.º período (a partir de «**reuniu a unha boa parte**», «**congregou a numerosos visitantes**» até chegar a «**definir a este peixe**») o que nom quer dizer que nom tivesse existido no 1.º, senom que as condições de recolha forom muito melhores no último. Recolhe-se, contudo, no 1.º um fenómeno derivado que é a utilizaçom das formas pronominais de dativo em lugar das de acusativo («**convidámoslles**») também presente, claro está, no 2.º («**mañá lles estarei esperando**»).

d) *Perífrases, modismos e giros castelhanizados.* Em primeiro lugar, e mais importante, a grave e sistemática *Substituiçom de «ir + Infinitivo» por «ir + a + Infinitivo».* A sua extensom é assustadora tanto no primeiro período («**imos a contar**», «**van a ser**», «**imos a falar**», «**vamos a ver**», «**vaise a presentar**», «**vamos a facelo**», «**imos a falar**» (repetido) todas num único programa Día a Día do 11-XII-90) como no segundo («**imos a escoitar**», «**vamos a falar**», «**vai a ofrecer**», «**imos a tomar**», «**imos a probar**», «**vamos a ver**», «**vai a agravar**», «**vai a retransmitirlo**» todas também num mesmo programa do Día a Día do 18-VII-91).

Substituiçom de «estar a + Infinitivo» por «estar + Gerúndio». Também geral nos dous períodos: «**estase desenrolando**», 1.º, «**están tendo**», «**seguen sendo**», **no 2.º**.

Substituiçom de «haver + expressom temporal» por «fazer + Idem». «**fai 50 anos**», no segundo.

Outros modismos castelhanos: «**hai que**», «**que mais dá**», «**o mesmo dá**», «**en Cadea**», etc... espalhados polos dous períodos.

2.3.1.2. MORFOLOGIA.

a) *Grupos consonánticos.* Confusom constante entre soluções cultas, semicultas e patrimoniais: «**cumplir**« e derivados, «**soplar**», «**blanco**», «**craro**», «**flacas**», «**plazoleta**», «**aplazar**», «**prantexar**», «**floxo**» etc... presentes nos dous períodos.

b) *Sufixos e terminações.* Falsas ocorrências de «eira»: «**primaveira**», «**canteiria**», «**pesqueiria**» etc... Vacilaçom constante entre «cia» e «za», «cio» e «zo» «**xusticia**»/«**xustiza**», «**xuício**»/«**xuizo**»... Formas extravagantes de substantivos derivados de verbos mediante «mento»: «**Manteñemento**», «**mantenimento**» etc... Falsas derivações patrimoniais de particípios activos cultos: «**inconvinte**», «**expedente**», «**provinte**», «**compoñente**»... Terminaçom espanhola «sis» em lugar de «se» «**parentesis**», «**análisis**»... às vezes mesmo acompanhada de um impresentável singular analógico: «**crisi**», «**paréntesi**»... Pseudo-galeguizações do sufixo «ino/a» «**destiño**», «**gasoliña**». Confusom constante das soluções cultas e patrimoniais de «ano» e «ana» «**urbá**», «**humán**», «**americán**», «**porcelán**», «tade» em lugar de «dade»: «**libertade**»... Erros todos que se encontram com profusom nos dous períodos.

c) *Plurais castelhanizados:* «**imáxenes**», «**xóvenes**», «**carriles**», «**tribunales**» incluíndo aqui «**miles**» como plural de «milhar», «**reies**».

d) *Alterações no género:* «**os seux xentes**», «**as sinais**», «**o arbre**», «**o orde**», «**mar groso**», «**da cárcel**», «**outro acta**», «**este área**», «**un mensaxe**» etc... (1.° período), «**a calor**», «**o fin**»/«**a fin**», «**do cor**», «**o fronte**», «**ó frente**», «**sinais analizadas**», «**dous mil visitas**» (2.° período).

e) *Artigo*

Assimilações fora de lugar: «**Toda-la faixa**», «**toda-la familia**»....

Contracções nom realizadas:«**en alguna**», «**de a de traballo**» (1.°), «**en A Coruña**» (2.°).

(f) *Pronomes*

Castelhanizaçom total do paradigma dos demonstrativos. Quer nas formas invariáveis: «**esto**», «**eso**» como nas masculinas plurais «**estos**», «**esos**», con ocorrências também de «**isos**», formas todas elas empregadas sistematicamente nos dous períodos.

Emprego do inexistente «elo» também comum aos dous períodos.

Outras formas vulgares ou extravagantes: «**iles**», «**unhos**», «**unho**», «**uno**» etc..., com especial mençom a «**a naide**» e «**nadie**».

g) *Verbos*

Toda a conjugaçom de «dizer» alterada na raiz: «**decíamos**», «**decir**», «**decires**» etc... espalhadas polos dous períodos.

Verbos regulares conjugados como irregulares: «**andiveron**», «**asome**», «**produxeron**». A irregularidade provém normalmente do seu equivalente espanhol. Às vezes aparecem conjugações completamente espanholas: «**permanezcan**», «**querrían**», «**podríamos**», «**estén**», «**sea**», «**pestañea**».

Alternancia vocálica disparatada em «Seguir»: «**sigue**», «**sega**», «**seguemos**», e, ao igual que eles «**sirven**», etc.

h) *Formas invariáveis*

Vulgarismos e castelhanismos: «**eiquí**», «**mentras**», «**entrementras**», «**anque**», «**hasta**», «**ahora**», «**nembargantes**», «**dende**», «**namais**», «**pronto**», «**más**», «**namentras**»...

Utilizações enganadas: «**perante**» por «diante de», «**logo**» por «despois», «**arestora**» por «agora», «**coma**» por «como».

Todos os erros assinalados apresentam umha distribuiçom semelhante nos dous períodos, e supõem outras tantas infracções (infracções constantes e sistemáticas) das Normas ILG.

2.3.1.3. LÉXICO

Caberia aqui fazer dous grandes grupos: Castelhanismos e «Enxebrismos», divididos cada um deles, pola sua vez, em dous subgrupos.

a) *Castelhanismos*

Totais: «**nadie**», «**línea**», «**señalando**», «**mercancías**», «**fehacientes**», «**coto**», «**treinta**», «**poco**», «**secreto**», «**muestreo**», «**prisa**» (e só levamos dous dias do 1.º período... escolhendo logo um pouco menos exaustivamente: «**guapa**», «**árbol**», «**ombligo**», «**treinta y tres**», «**balonmano**», «**cárcel**», «**ventana**», «**resbalón**», «**cañerías**», «**Villalba**», «**joyería**», «**cutrez**», «**pasillos**», «**maíz**», «**caballa**», «**pasión**», «**reyes**», «**lino**», «**cebo**», «**jalados**» etc.). No segundo período a abundáncia nom é menor: «**salimos**», «**Espíritu**», «**veraniego**», «**caña**», «**entrenador**», «**flotilla**», «**mar Rojo**», «**Cármenes**», «**monasterio**», «**taller**», «**certamen**», «**tablado**», «**brasileña**», «**cohecho**», «**regalara**», «**bañera**», «**pizarra**», «**polvo**», «**faena**», «**posee**» etc...

Parciais: «**xuzgados**», «**cimentos**», «**xugo**», «**artiluxios**», «**personais**», «**naide**», «**floxiño**», «**xaula**», «**baraxan**», «**Xuguetes**», «**cangrexo**» (1.º período), «**roxo**», «**floxo**», «**bono**», «**bacaladeiro**», «**mitade**», «**personais**», «**texido**», «**terraplens**», «**plaia**» (2.º período)

b) *«Enxebrismos»*

Pseudo-galeguizações: «**despella**», «**contedores**», «**condeado**», «**ailladas**», «**illadas**», «**pallos**», «**amencer**», «**cabeciñas da revolta**», «**rolda de prensa**», «**círcolo**», «**matadeiro**», «**vertedeiro**», «**tempraneiro**», «**encosta enriba**», «**asteleiros**», «**A Bacolla**», «**baraxan**», «**escomenzar**» (1.º período), «**verquidos**», «**surdo**», «**quenta**», «**liguiña**», «**cursiños**», «**Carme**», «**pobo**», «**acadado**», «**conquerir**», «**louxa**», «**Moscova**», «**adestrador**», «**enfrontamento**», «**prantexada**», «**persoeiros**», «**voceiro**», «**ventalla**», «**resaqueiros**» (2.º período).

Hiper-casticismos e ultracorrecções: «**domiñar**», «**colaboura**», «**orgaizado**», «**ambente**», «**norde**», «**ordeador**», «**fundido**», «**choiva**», «**esceas**», «**apaixoado**», «**persoaxe**», «**zoa**», «**siñificar**», «**campá**», «**compaña**», «**abandoou**», «**ordeación**», «**xeado**», «**aficioados**», «**silenzo**», «**estrano**» (1.º período), «**evanxeizadores**», «**trunfo**», «**paradiso**», «**maxín**», «**laboura**», «**vixiancia**», «**esceas**», «**adicado**», «**esceario**», «**ante-sá**», «**ingredintes**», «**estrana**» (2.º período). Me-

recem mençom à parte o que denominamos «vulgarizaçom afectada» ou «vulgarizaçom enfática» (**«aldraxe comparativa«, «empresa en creba»** etc...) cujos mecanismos de actuaçom (galeguizar o que já é galego) se relacionam de perto com o hiper-casticismo.

2.3.2. Análise Quantitativa.

Ainda que, como já aclaramos, a recolha de dados nom pretende ser exaustiva, tendo como único propósito o de exemplificar e tipificar, pode servirnos para fazer umha avaliaçom aproximativa da «densidade» de erros cometidos. Em aras de umha total sinceridade devemos declarar previamente duas correcções neste sentido. A primeira: que nom se pode interpretar a maior abundância de erros no segundo período (que compreendendo umha semana abrange mais do 50% do total, compreendendo o outro período um mês) como umha «marcha atrás» no processo de correcçom. É preciso ter em conta que a duraçom média dos programas neste período era maior devido ao descenso de publicidade típico do verão, tendo atingido quase, e mesmo superado, os 30 min. máximo de emissom. Também temos que considerar que, como ficou dito, as condições de recolha eram mais favoráveis neste último, e daí em boa medida o aumento. Claro que isto nos deveria levar a corrigir «à alça» a densidade de erros do período anterior. A segunda consideraçom fai referência à duraçom real dos blocos, que, como já se insinuou, nunca atingia de facto os 30 minutos, devido a ajustes, promoções, publicidade etc... Tendo em conta que a duraçom dos programas nas festas de Natal que o primeiro período abrangeu foi realmente reduzida, podemos fazer umha estimaçom média de entre vinte e vintecinco minutos por bloco de programaçom. Podemos estimar também que o Meio, como tal, nom «fala» todo o tempo de emissom. O Magazine inclui actuações musicais e entrevistas em que quem fala mais deve ser o convidado. O Telejornal insere também numerosos testemunhos directos, declarações, fragmentos de actuações, exposições, montagens musicais etc... ainda que o tempo efectivo que ocupa o Meio seja evidentemente maior que no Magazine, podemos considerar que neste último devemos contar com um tempo entre 10 e 15 minutos e no Telejornal de entre 15 e 20, o que daria um total de entre 25 e 35 minutos. Convenhamos pois que há um tempo de «emissom efectiva» de língua (de língua submetida ao processo de correcçom que estamos a analisar) de 30 min. diários, que, bem pensado, é um cálculo mais que generoso. Calculemos também generosamente que a média de erros cometidos por programa seja assim mesmo de 30. Teríamos 60 erros diários. O que nos forneceria o seguinte cálculo aproximativo: ainda no suposto mais optimista (que a recolha de dados fosse praticamente exaustiva e que se emitisse de facto o tempo estimado) à vista do contemplado na parte descritiva deste informe poderíamos afirmar sem exageraçom que através do C.T. de TVE na Galiza, quando é o próprio Meio quem emprega a língua, está a se emitir, polo menos, *um erro lingüístico* das características indicadas *cada 30 segundos.*

Este é um cálculo realmente optimista. Se se analisa a lista de erros poderá-se comprovar que nom «guardam» essa distáncia como média, e que, quando

aparecem longos lapsos sem nengumha incidência, nom se deve a um repentino ataque de correcçom lingüística. É que actua um grupo de «rancheras», ou que fala o convidado. Ou pode que se emita umha reportagem em correcto castelhano. Assim, registamos por exemplo nos últimos Día a Día analisados 2 min. em castelhano o dia 19 (/26-45/ a /28-33/) mais umha longa entrevista (mais de 10 min.) também em espanhol. No do dia 17 os 5 últimos minutos (/25-49/ a /30-49/) encherom-se com umha reportagem em que nom se falava nem umha só palavra em língua galega (o que num programa de 25 minutos efectivos equivale a recortar umha quinta parte). Por isso cálculos de um erro cada vinte, ou mesmo cada dez segundos, nom seriam desorbitados. Mas nom interessa entrar tam polo miúdo na questom. Ainda que fosse só um erro cada minuto, em nengum meio audiovisual do mundo se consintiria proporçom de erros (de erros, insisto, de língua, nom de linguagem) tam elevada na língua em que se emite. Nem sequer faria falta comparar os resultados obtidos com um Telediário em espanhol, nem com um informativo da BBC. Pode-se comparar mesmo com o que o próprio C.T. de TVE na Galiza emite em espanhol. Nesses minutos em que os próprios redactores ou locutores empregam a língua castelhana, nessas reportagens de 5 e 2 min., podemos apreciar o contraste com umha língua falada de forma fluída e sem poder-se detectar um só erro das características dos referidos ao galego, ao falar em espanhol. E isso que o C.T. nom conta com nengum corrector em língua espanhola. Esta evidência, o reconhecimento desta evidência é fundamental se queremos procurar de forma honrada soluçom a esta situaçom. Nem os tradutores russos dos Telediários cometem tantos erros ao falar em espanhol, e é o castelhano por eles empregado o que pode dar umha impressom parecida com a do galego que estamos a analisar.

2.3.3. **Caracterizaçom Global.**

O galego que se emite através deste Meio pode-se caracterizar polos seguintes traços:

a) *Paralelismo.* Pretende-se criar um galego «à medida». À medida, claro, do espanhol. De maneira que mantenha respeito a ele umha distáncia, nom importa se maior ou menor, mas umha distáncia FIXA, estabelecendo-se entre ambas as línguas umha constante «X» que podemos denominar «constante de galeguizaçom» e que se define como «o grau de transformaçom de umha palavra espanhola para que nom seja reconhecida como tal». O desideratum da mentalidade «paralelística» seria aquela cançom «Bartolo tenía una flauta...» que se cantava em várias línguas. Berrava-se «ahora en gallego!» e cantava-se «Bartoleiro tenieira una flauteira...» ou «Bartoliño teniña una flautiña...». Como a perfeiçom nom é deste mundo, o galego «paralelo» tem que acudir, nom a um, mas a vários sufixos («**cursiño**», «**gasoliña**», «**tempraneiro**», «**resaqueiro**»). O que mais incomoda a mentalidade paralelística nom é tanto que o galego se afaste às vezes do espanhol mui por cima da constante de galeguizaçom (que também molesta) senom que se aproxime por baixo dela, achegando-se «perigosamente». «Agora vem aqui este a racharme os esqueimas!!!». A mentalidade paralelística gosta porém de fazer equações

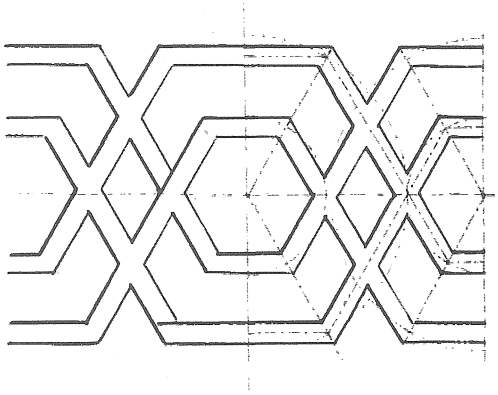
aplicando sagazmente a constante «X» = «Tejido» = X = «Texido», ou transformando mesmo a constante «X» em constante «ll»: «Teja» es a «Tella» como «despeja» es a «despella», ou «mortaja» es a «mortalla» como «ventaja» es a «ventalla». O castelhanismo e o hiper-casticismo som as duas forças que modelam o galego, aproximando-o ou afastando-o, até lhe dar um contorno paralelo ao espanhol, como o da cópia e o molde. Este traço conduz inexoravelmente ao seguinte.

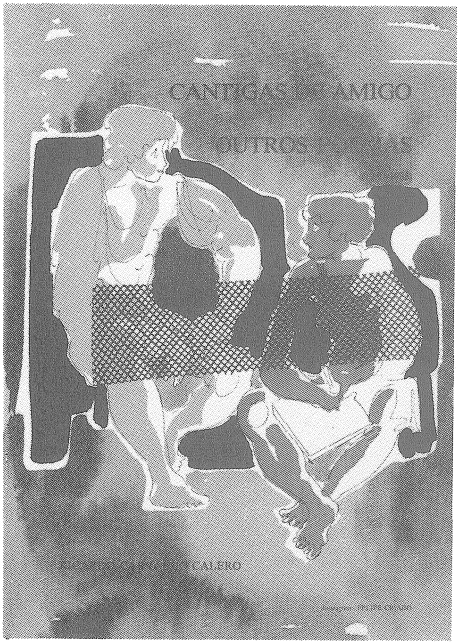
b) *Galego protocolário.* Tenta-se construir umha língua que, mais que galego, seja vontade de falar galego. Os traços paralelísticos que se aplicam a tal língua som como normas de cortesia. Como se valesse dizer ao começo de umha reuniom: vamos falar em galego. E todo o mundo se puxesse a falar espanhol, mas no fim da reuniom, por maioria, e constando em acta, se chegasse ao acordo de que se tinha falado em galego. Sem ser tam descarado, arbitram-se umha série de fórmulas rituais («iños», «eiros», «nembargantes», «intres» queda generalizada de «n» intervocálico, também conhecida como «toque de queda de n») que deixem bem claro aos interlocutores que se está a falar em galego e logo já se pode desabotoar a camisa e arrotar com franqueza. Resulta curioso, a este respeito, constatar como um dos erros mais reiterados, a construçom «Ir + a + Infinitivo», dava-se mais frequentemente despois do emprego da forma de primeira pessoa plural «imos», que quando se escolhia «vamos». As ocorrências de **«imos a falar»** som esmagadoras a respeito das de **«vamos a falar»**. A razom é evidente: sendo a forma «vamos» igual que a espanhola, ao dizer **«imos»** julgamos que já temos coberto a nossa taxa de galeguizaçom, o que nos permite relaxar a atençom, o que nom acontece com «vamos» pois temos que procurar algo mui galego urgentemente para que nom digam que nom estamos a empregar essa língua. O galego neste C.T. é um mero requisito legal, que, como todos os requisitos legais, se cumpre com fastio e com a lei do menor esforço. Às vezes incluso parece que ninguém nos observa e entom berramos com confiança: «Manolo! a qué cámara tengo que ir?».

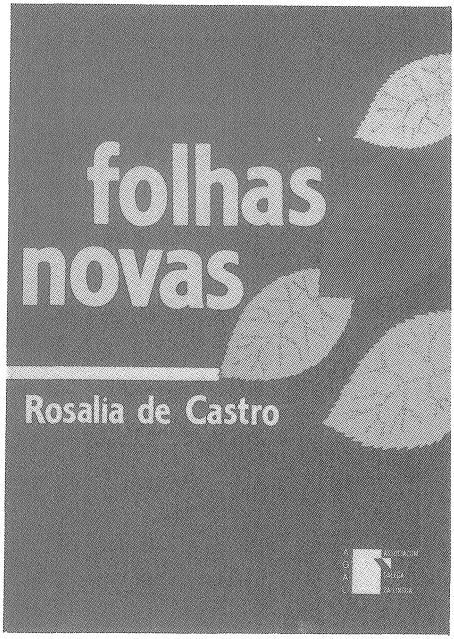
c) *Incapacidade de criar Norma.* O traço mais desqualificador é a incoerência, a vacilaçom, a indecisom até nos mais ínfimos detalhes. Como indicamos ao começo, para umha Norma ser boa ou má, tem que sê-lo primeiro. E o problema radica em que nom sabemos que norma seguir. Encetamos o primeiro período hesitando se os seguidores de um clube de futebol eram **«aficionados»**, **«aficioados»**, **«afeizoados»** ou **«afeccionados»**, ao finalizar o último período continuamos na dúvida. Oito meses nom chegarom para dilucidar se é **coordinador** ou **coordenador** sem decidir se o próximo ganhador da liga será **campeón** ou **campión.** Nom está claro se temos algum **plano** ou algum **plan,** se estamos **aillados** ou estamos **illados,** se podemos esperar algum **fruto** ou talvez algum **froito,** antes de terminar a **temporada** ou quiçá a **tempada,** se haverá que modificar os **orzamentos** ou os **presupostos** para acabar umha **autopista** que antes foi **«auto-estrada».** Por nom saber nem sabemos se a letra «G» se chama «ge» ou «he» ou «ga» ou «gue». O único que temos claro é que **imos a falar,** isso sem dúvida, o que nom sabemos é como.

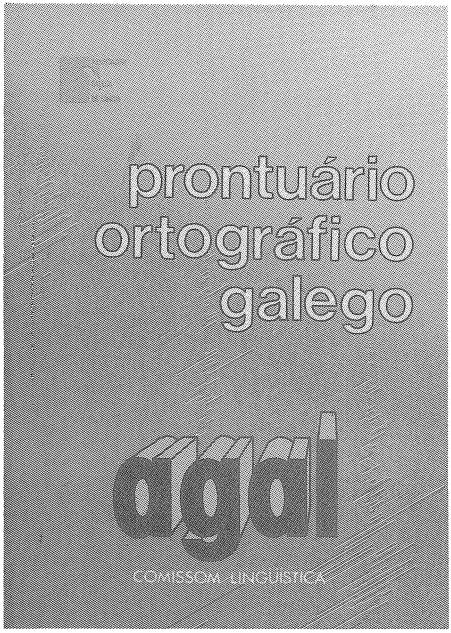
Ao fazer a valorizaçom quantitativa especificamente que nom críamos

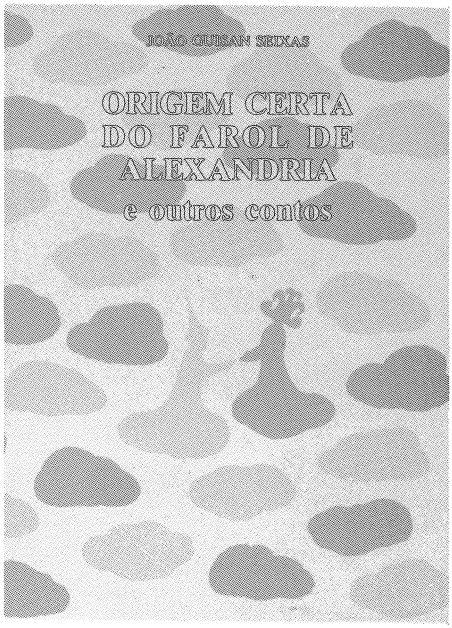
que a língua tivesse piorado nos meses da experiência. E dizíamos bem, porque a língua empregada oito meses atrás, como a empregada no último mês estudado, nom podia ser pior. À vista da lista realizada podemos perguntar-nos: pode-se realmente cometer algum outro erro na língua galega que nom esteja aí contido? Pode-se empregar mais irresponsavelmente essa língua, como nom seja gaguejando, emitindo estertores, acompanhando-a de gritos e exabruptos? O que constatamos afinal é que a língua nom evolui, que nom existe nem o menor indício de processo de correcçom em todos estes meses, que nesse magma confuso nom advertimos a actuaçom de nengumha norma de recta escrita. A pergunta seria entom: se nom existe isso, para que serve pois ter um «assessor» lingüístico?




CANTIGAS DE AMIGO
E OUTROS POEMAS
PAIEIRO


folhas
novas
Rosalia de Castro


prontuário
ortográfico
galego
agal
COMISSOM LINGUÍSTICA


JOÃO GUISAN SEIXAS
ORIGEM CERTA
DO FAROL DE
ALEXANDRIA
e outros contos

Contributos para umha história da lingüística galego-portuguesa (1973-1983) (*)

Maria do Carmo HENRÍQUEZ SALIDO
(Universidade de Vigo)

0. *Introduçom.*

A nossa comunicaçom visa analisar as ideias lingüísticas presentes em textos especializados nos temas de lingüística e filologia galega ou em qualquer outro documento, sempre que apresentem um mínimo de rigor e coerência, publicados na Galiza entre os anos 1973-1983.

Os dez anos que analisamos, do ponto de vista histórico e social, aparecem fortemente marcados polo facto da morte do ditador em Novembro de 1975, que vai supor o início da passagem a um sistema democrático, embora cumpra salientar que já nos últimos anos do governo do General Franco se registava um clima de umha certa liberdade para publicar textos relacionados com a língua e cultura da Galiza. O galego, como disciplina curricular, formava parte dos planos de estudo da Faculdade de Filologia, já desde Outubro de 1965.

A data inicial vem-nos estabelecida pola repercusom que vai ter na Galiza a publicaçom do artigo do Prof. Rodrigues Lapa, de que falaremos a seguir, e a data final está marcada —umha vez aparecidas no ano 1982 as **Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego**, texto em que se inserem como autores a Real Academia Galega e o Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago, se bem os verdadeiros e reais autores fôrom dialectólogos e filólogos pertecentes ao Instituto da Língua Galega— pola publicaçom do **Estudo crítico**, elaborado pola Comissom Lingüística da Associaçom Galega da Língua.

(*) Texto da comunicaçom apresentada ao *4.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, celebrado na Universidade de Hamburgo os dias 6 a 11 de Setembro de 1993.

Som várias as circunstancias relativas quer ao quadro jurídico-administrativo, quer à movimentaçom cívica sobre a língua na Galiza que devem ser considerados à hora de analisar os textos, «circunstáncias» que aparecem perfeitamente resumidadas e emarcadas noutra obra da Comissom Lingüística da Associaçom Galega da Língua, intitulada **Estudo crítico** (1989: 18-21), por este motivo mal fazemos explícitas informaçons que se podem achar no citado texto.

De todo o conjunto de circunstáncias devemos pôr de relevo, por exemplo, a apariçom dos livros para o ensino do galego, elaborados polo Instituto da Língua Galega, como **Galego, 3** (1974) assim como o Decreto 1433/1975 (30 de Maio) «de incorporación de las lenguas nativas a los programas de EGB y Educación Preescolar» e no quadro jurídico-administrativo a publicaçom da Constituiçom espanhola (27 Dezembro de 1978: BOE do 29).

Tomando como base a publicaçom da Constituiçom espanhola (1978) distinguiremos entre o discurso lingüístico anterior à «transiçom democrática» e o discurso lingüístico no período «constituinte». A primeira etapa iria desde 1950, ano em que se funda a Editora Galáxia, até Novembro de 1975, mês em que morre o ditador, como já figemos constar, e a segunda iniciria-se no ano 1976 e iria até 1982, ano em que se produz no Estado espanhol um «golpe de estado» que tivo graves conseqüências, ainda persistentes, para o processo normalizador das Comunidades Lingüísticas nom castelhanas incluídas parcialmente no Estado espanhol. Deixamos para outro momento a análise mais exaustiva do pensamento lingüístico, gramatical e lexicográfico que se regista nos textos aparecidos na Galiza ou em Portugal desde 1983, pois este labor exigiria muitíssima mais extensom da que deve ter umha comunicaçom como a presente.

Os trabalhos publicados nestes dez anos som relativamente numerosos e só no que diz respeito ao assunto relacionado com a «escrita correcta», na obra Comissom Lingüística da AGAL, intitulada **Prontuário ortográfico** (1985: 22-34) incluem-se mais de umha centena de contributos aparecidos entre os anos 1973 e 1985, o qual demonstra o importante debate existente no nosso País sobre «la questione della lingua». De entre todos eles, vamo-nos centrar, fundamentalmente, na revista **Grial**, a revista **Verba**, e documentos e textos sobre **Normas**. Para a análise seguimos como critério fundamental a data e lugar de apariçom, pois que cada texto costuma ir seguido do debate e análise correspondente. Os galegos vem-se obrigados a tomar «partido», na medida em que o que está em jogo é a sua individualidade histórica e cultural ou dito por outras palavras, os galegos tomam «partido» nom só quanto à existência, mas também à essência da sua língua e da sua cultura.

A presente comunicaçom pertence ao campo da Historiografia da Lingüística Hispánica, umha nova corrente da lingüística actual que tem por objecto o estudo da lingüística desde umha perspectiva globalizadora em que se tem em conta nom só o aspecto literário ou sócio-cultural das línguas, senom também outros factores como o pensamento lingüístico, gramatical e lexicográfico como configuradores da realidade de umha língua natural. No nosso trabalho, porém, detemo-nos nomeadamente nos textos dos quais se

desprende informaçom mais precisa sobre as ideias e informaçons referentes ao sistema de regras e normas para 'falar e escrever o idioma da Galiza conforme ao melhor uso' *(le bon usage),* os diferentes campos (língua falada, ortografia, morfologia, sintaxe, lexicografia) em que se tem que trabalhar assim como os critérios, as «marcas diassistemática» referidas à Comunidade lingüística a que pertence o galego (ou português da Galiza), e o momento histórico em que tenhem lugar.

O nosso contributo tenta complementar outros estudos sobre a Historiografia da Lingüística Hispánica, citados nas REFERÊNCIAS, e constitui, em certa medida, umha ampliaçom do publicado na Homenagem ao Professor Garcia González (1991), pois em linhas gerais muitos dos pressupostos teóricos existentes na década de 1964-1974 vam perpetuar-se na década seguinte e mesmo até os nossos dias, quer dizer, até quase uns trinta anos mais tarde.

1. *A revista Grial.*

Promovida pola «Editorial Galaxia», publica o primeiro número no ano 1963. É de carácter trimestral e até por volta do ano 1983 constitui o ponto de referência obrigada para obter e achar informaçom sobre a cultura e a língua da Galiza. No período que analisamos reflecte o debate existente nessa altura sobre a normalizaçom do status e a normalizaçom do corpus e de entre os trabalhos inseridos, consideramos interessante determo-nos nos seguintes tanto polos conteúdos como polos nomes dos seus autores.

1.1. No número **41,** correspondente ao período Julho-Agosto-Setembro de 1973, em páginas 278-287, aparece o artigo «A recuperação literária do galego» do Prof. Rodrigues Lapa. O texto fora publicado originalmente no n.º 13 da revista lisboeta COLÓQUIO/LETRAS.

O Professor Lapa salienta em primeiro lugar o facto de a revista **Grial** abarcar num mesmo complexo os três ramos da nossa cultura: o galego, o português e o brasileiro, seguindo a ordem do seu respectivo surgimento. A seguir questiona o optimismo de Ramón Piñeiro a respeito da normalizaçom dos usos do galego, pois lembrando umha cita de Eça de Queirós, patenteia que «O Governo tolera, mas não promove». Após analisar opinions exprimidas polo escritor Xavier Alcalá, trabalhos de Valentin Árias Lôpez, do escritor residente em Londres Carlos Durám e de Maria Teresa Barro amostra a sua preocupaçom pola perda de falantes do galego procedentes do meio rural, devido à emigraçom maciça «que assume aspectos desoladores em Portugal e no Noroeste espanhol».

Pom em destaque que o galego, tal e como está, só pode exprimir capazmente os fenómenos da vida simples, mas entende que se quiger introduzir o galego na cidade, «teremos de lhe vestir trajo cidadão, alimpá-lo de muita escória que o torna ainda grosseiro para o gosto exigente do homem urbano». Critica a seguir o léxico utilizado por certos escritores ao traduzir para galego os **Carmina** de Horácio e assinala a tarefa que considera urgentíssima para o galego: constituir umha *koiné* que deve surgir por acima dos particu-

larismos locais e que terá de se apoiar «obviamente, não no castelhano mas sim no português».

Após aportar novas argumentaçons que tira de escritores ou de estudiosos galegos, para a construçom dessa *koiné,* tam desejada, aponta:

> «(...) julgamos que a primeira operação a fazer no idioma é a sua descastelhanização, limpando-o de formas que desnaturam a sua verdadeira fisonomia (...). Também urge outra operação, mas já em sentido diferente: aproximá-lo de certas formas cultas, idênticas em português e castelhano, e que no galego conservam ainda uma configuração inaceitável e antiliterária: *pra* em vez de *para; terreo* em lugar de *terreno...*».

E nos parágrafos já finais proclama e conclui:

> «Há pois que restaurar o galego e obrigá-lo a ser o que já foi: um instrumento artístico que as devastações do tempo, a maldade e a incúria dos homens foram deteriorando e desfigurando, até ficar no estado em que o vemos. Totalmente identificado nos séculos XII e XIII com o português, separou-se deste por razões conhecidas, mas *nem por isso deixou de ser radicalmente a mesma língua* (as itálicas som nossas)...».

1.2. O texto do Prof. Rodrigues Lapa vai receber resposta no seguinte número da revista **Grial, 42** (págs. 389-402) correspondente aos meses Outubro, Novembro e Dezembro, num artigo intitulado «Carta a Don Manuel Rodrigues Lapa», da autoria de Ramón Piñeiro. O autor diz nom compartilhar essa atitude pesimista do Prof. Rodrigues Lapa a respeito da desapariçom do galego e para defender a sua argumentaçom apoia-se na história do galego, salientando que apesar de todas as dificuldades existentes, durante bastantes decénios se mantivo como língua oral popular e língua escrita dos poetas e que pouco a pouco foi ampliando a sua actividade a todos os ámbitos da cultura, para concluir que a grande batalha que estava a librar o galego naquela altura era a conquista da Galiza urbana. A respeito do segundo ponto, a situaçom literária do galego, entende que nom som os filólogos nem os lingüistas os que decretam quando umha língua é literária, mas o poetas, os narradores, os dramaturgos e os ensaístas, daí que entenda que careça de sentido pôr o problema que, entende, já está resolvido polos feitos. Sobre o terceiro ponto, o português, galego literário e a exclamaçom freqüente de que: «Nom, o galego nom morrerá! Seguirá vivo no português!» sustém que dita proclama só podia seduzir a mente idealista do Prof. Rodrigues Lapa e mobilizar o temperamento radical; a seguir rebate a tese de que a salvaçom do galego é «escrever em português» chegando a asseverar umha tese como a de que o galego, o português e o brasileiro som *três línguas* que surgírom do comum galego-português:

> «...E hai unha etapa que agora comenza, unha terceira etapa, na que non son duas senón tres as linguas que xurdiron do común galego-portugués: o galego, o portugués e mailo brasileiro...».

Apesar desta proclamaçom, linhas mais abaixo assevera, com umha absoluta incoerência co os parágrafos anteriores, estar totalmente de acordo em

que o galego e português som radicalmente a mesma língua (pág. 401) mas que na actualidade, com o decorrer dos séculos, essa língua se ramificou em três variedades, o tronco, o núcleo, é comum às três.

1.3. A polémica Rodrigues Lapa e Ramón Piñeiro vai ser analisada polo filólogo José Martinho Montero-Santalha, na mesma revista **Grial, 51,** correspondente a Janeiro, Fevereiro e Março de 1976 (págs. 1-13), num trabalho intitulado «Unificación ortográfica galego-portuguesa». O filólogo advoga por reduzir os dous posicionamentos a um lugar de encontro, ou se se quiger a um compromisso, a umha via média que se concretizaria fundamentalmente na unificaçom ortográfica (pág. 2). A seguir defende que é possível fazer confluir tanto a intençom fundamental de Rodrigues Lapa como a de Ramón Piñeiro, isto é, nom renunciar ao que é realmente galego em questom de língua. Após fazer énfase em que na cultura galega, na sua maioria, os escritores e lingüistas galegos tendérom e tendiam [em 1976] a afirmar umha unidade idiomática básica galego-portuguesa, e enfatizar que na consciência cultural galega nom estava suficientemente clarificada a dialéctica existente em todo idioma, entre a unidade e a diversidade, aceita o pressuposto de que o galego e o português som fundamentalmente a mesma língua (pág. 3) se bem reconhece que a disjuntiva de se o galego é umha variedade ou modalidade da língua portuguesa resultará fictícia quando se situe o problema no seu terreno exacto: o terreno da ortografia.

Lembra Montero Santalha que resulta ser a Galiza a culpável de seguir umha ortografia separatista, ao nom se aderir à unificaçom ortográfica realizada por Portugal e o Brasil no ano 1945, facto que explica pola secular submissom que linguisticamente a Galiza padece a respeito do castelhano (pág. 4) e conclui (pág. 5) que a actual ortografia separatista galega está originada mais polas circunstáncias sócio-políticas (os falantes galegos só apreendiam a escrever em castelhano) do que por factores de natureza lingüística.

Noutro lugar do seu artigo o autor sublinha os efeitos positivos que produzirá umha aproximaçom ortográfica ao português assim como os efeitos negativos (págs. 6-7) que oferece a bifurcaçom ortográfica, para defender linhas mais abaixo a unificaçom ortográfica galego-portuguesa (págs. 8-12) pondo em destaque e analisando caso por caso aqueles fenómenos que na sua opiniom poderiam apresentar certas dificuldades (por ex. o uso do 'lh', 'nh', 'b' e 'v', traço entre verbo e pronome, acento grave e circunflexo, uso de 'j' e 'g', uso de 'ç', 'c' e 'z', grupo 'qu' e o til de nasalidade) e pom de relevo que a unidade ortográfica da língua é um bem de valor superior, que é preciso procurar mesmo a costa de certos sacrifícios.

No «Epílogo» (págs. 12-13) incorpora algumhas sugestons práticas como que a Academia Galega e o Instituto da Língua Galega fagam pública umha declaraçom clara do «rumo a Portugal» que deve seguir a ortografia do galego (um caminho que leve aos galegos progressivamente à unificaçom máxima com a ortografia oficial portuguesa, empregada em Portugal e no Brasil), convida a dar os primeiros passos para umha unificaçom ortográfica galego-portuguesa e a aceitar a ortografia portuguesa mesmo nos pontos que tinha qualificado como de «problemas meramente gráficos», insistindo em

que o cámbio haverá que o fazer 'com moderaçom mas com conviçom' num período de tempo em que conviviriam as duas ortografias. E conclui:

> «Cando a ortografía estexa fundamentalmente unificada, seró o momento de que os organismos competentes de ambas zonas lingüísticas (Galiza por unha parte, e Portugal e o Brasil por outra) se poñan a traballar en común para a elaboración dunha gramática unificada e dun diccionario da lingua galego-portuguesa. Será éste o último paso no proceso de integración lingüística galego-portuguesa».

1.4. No número **53**, correspondente ao trimestre Julho-Agosto-Setembro de 1976, págs. 277-282, vai publicar o Prof. Joan Coromines um artigo intitulado «Sobre a unificación ortográfica galego-portuguesa», em que após felicitar efusivamente José Martino Montero Santalha e concordar com ele em que o principal adianto a fazer na direcçom da unificaçom lingüística galego-portuguesa é no campo da unidade ortográfica, pede desculpas polo facto de um lingüista estrangeiro intervir num problema que afecta aos galegos. Justifica, porém a sua atitude nas páginas 277-278:

> «Quen isto escrebe é un lingüista estranxeiro, mas sinceramente cheo de boa vontade para todas as línguas hispánicas, fondamente entusiasta e preocupado das cousas da Galiza. Catalán (...). Non son un principiante nos traballos de filoloxía galega (...). Por outra parte, os meus deberes están do lado do *catalán,* a única língua miña. O castelán e o galego-portugués son idiomas irmáns, que teño estudado profundamente; para o galego-portugués a miña *profunda* simpatía, para o castelán a desconfianza que merece unha língua que pretende devorar ás outras...».

A seguir elabora alguns comentários a respeito das propostas expressadas no artigo de José Martinho Montero Santalha que subdivide em três apartados: (a) Problemas meramente gráficos (a adopçom dos dígrafos LH e NH, emprego do traço de uniom, manter a distinçom gráfica entre «e», «o» abertas e fechadas —e aproveita para asseverar que o castelhano é a única das línguas románicas que nom possui umha distinçom fonemática básica da língua—); (b) Problemas de natureza gráfico-fonética (uso de G, J, X; C, Ç, Z; SS, e nom considera grave deixar neste ponto umha certa liberdade de uso; grupo QU e sobre a nasalidade a adopçom de -M final em lugar de -N, aduzindo como razom fundamental que os portugueses mesmo escreverom -om, -am até o século passado ou até o XVIII em todo o caso) e (c) Outras questons (uso de I em lugar de Y, duplicados e epénteses e cultismos, onde aconselha explicitamente que os galegos se atenham às soluçons portuguesas). Finda com umha NOTA (pág. 282) demonstrativa da sua simpatia para o galego com umha declaraçom expressa de que as decisons sobre este tema «correspondem unicamante aos galegos». Nom pode passar desapercibido que os contributos de Joam Coromines vam constituir os princípios nucleares das propostas ortográficas da Associaçom Galega da Língua, recolhidas no seu **Prontuário ortográfico** (1985), elaborado, como se pode ver pola data, poucos anos mais tarde.

2. *A revista Verba.*

Nasce no ano 1974 com os objectivos de dedicar-se, embora nom seja

de modo exclusivo, à filologia galega e à língua galega em todas as suas manifestaçons e assim o manifesta no número 1 (1974: 3). Esta proclama, com o decorrer do tempo, veremos que nom se cumpre, pois que se bem é real a sua dedicaçom à filologia galega nom o será tanto no que diz respeito à língua galega, que como todo língua histórica apresenta umha realidade muito complexa. No período que analisamos a revista fica de costas viradas às polémicas sobre estandardizaçom e formalizaçom gráfica do idioma galego, nom aborda temas atinentes tanto ao 'corpus' como ao 'status' e mantém-se na área mais estrita da filologia, etno-lingüística ou dialectologia. Quanto ao uso da língua, algo fundamental para umha 'língua ferida', registamos muitos mais trabalhos em espanhol do que em galego-português, como passamos a provar.

Em **1975** unicamente quatro textos, de um total de 16, estám dedicados a temas galego-portugueses, um de Joseph M. Piel intitulado «Novos fragmentos de toponímia galega oriunda de nomes latinos de senhorios rurais medievos» (págs. 45-58); outro de Ramón Fraga sob o título «Notas etno-lingüísticas da terra de Melide: o pan» (págs. 225-236); um terceiro de Susana López Facal intitulado «Notas etno-lingüísticas de Toba (Cee)» (págs. 237-294) e umha nota de Antón Santamarina que leva por título «Testos e noticia da fala de Negreira (Lugo)» (págs. 307-324). No volume correspondente ao ano **1976** tam só se inclui um único texto em português da autoria de Joseph M. Piel, intitulado «Uma Etimologia bem establecida, aventurosamente constestado: *bravo* barbarus» (págs. 5-10).

Som quatro os textos publicados no tomo correspondente ao ano **1977.** O primeiro é da autoria de Constantino García e quatro autores mais e leva por título «O Atlas Lingüístico Galego» (págs. 5-18); do segundo o autor é J. L. Couceiro e intitula-se «As vocáis 'e', 'o' en rima na obra de Curros» (págs. 103-114); o terceiro é umha nota de Xosé-M.ª Lema Suárez sob o título de «Notas de socioloxía e lingüística a propósito dos bataáns de Mosquetín (A Coruña)» (págs. 311-326) e o último obra dos autores José Manuel Penas Patiño e Carlos Pedreira López aborda o tema dos «Nomes galegos de aves pisciformes» (págs. 343-354).

Um único artigo do Prof. Ricardo Carvalho Calero aparece no volume do ano **1978,** leva por título «Testemunhos gráficos do galego *decer* 'dizer'» (págs. 101-112) escrito em português. Este facto poderia demonstrar as discrepáncias existentes nessa altura entre o Prof. Carvalho Calero e o Comité de Redacçom da revista. Neste contributo Carvalho Calero dá resposta científica a um trabalho de José Luís Pensado para provar que o verbo *decer* se documenta no galego escrito polo menos desde 1603 a 1813 e que deve rectificar-se a afirmaçom do Doutor Pensado que defendia que a forma *dizir* era a forma exclusiva empregada na linguagem conversacional do seu tempo, pois que a forma *decer* ainda se conservava, mesmo no ano 1978, em certos lugares da Galiza.

Nom deixa de ser surpreendente que enquanto na revista **Grial** achamos trabalhos e artigos de opiniom que abordam o conflito lingüístico presente na Galiza, a revista **Verba** esteja numha linha de desconhecimento e silencia-

mento de assuntos fundamentais atinentes à normalizaçom do galego-português.

Nos volumes publicados nos anos seguintes patenteiamos a mesma situaçom e nom digamos já nada dos números aparecidos nos últimos anos (1990 e 1991), em que mesmo se dá o feito muito significativo de nom publicar nem um texto só em galego.

3. *Outras publicaçons de carácter menor sobre «Normas».*

Entre os anos 1977 e 1980 vam aparecer na Galiza quatro textos breves dedicados a abordar o conflituoso assunto das 'Normas ortográficas do idioma galego', facto que demonstra o interesse e o debate presente na Galiza nesse período e que de nengum modo pode passar desapercebido ao investigador.

3.1. O primeiro intitulado **Bases pra unifación das Normas lingüísticas do galego** (1977), editado por Anaya, manifesta recolher o resumo dos seminários celebrados na Universidade de Santiago desde Dezembro a Junho de 1977 e na apresentaçom do texto a editora manifesta (pág. 3):

> «Estas normas son o resultado dunha serie de seminarios filolóxicos semanais promovidos polo Instituto da Lingua Galega da Universidade de Santiago, celebrados desde Nadal de 1976 a xuño de 1977. Neles participaron mestres, filólogos, escritores e sociolingüistas».

Nom deixa de ser surpreendente que em nengumha página do texto se incluam os nomes e apelidos das pessoas participantes nem o mais mínimo comentário sobre as sessons. Temos que perguntar-nos na verdade quem poderiam ser esses possíveis sociolingüistas, sobretodo quando os estudos sobre sociolingüística nessa altura na Galiza eram praticamente inexistentes.

No 'Limiar' o Presidente da Academia Galega, Domingos Garcia Sabell, salienta a presença da tendência lusista que nos últimos anos defenderam alguns escritores, o valor fundamentalmente experimental das 'Normas' propostas, pom em destaque a sua atinada flexibilidade ao tratar-se de normas que som propostas e nom impostas e finaliza confiando em que a unificaçom definitiva terá que se basear na consagraçom polo uso e na oficializaçom pola Junta de Galiza (pág. 5):

> «O feito de teren procedido con deliberada atención ás tendencias existentes no proceso unificador, á percura dunha integración equilibrada das mesmas, representa unha actitude realista e constructiva que se reflexa de xeito positivo (...). Como no seu día fixeran a Academia e mailo Instituto, tamén neste caso se procede con plena conciencia do valor fundamentalmente experimental das normas propostas. De ahí a súa atinada flexibilidade, como cómpre tratándose dunhas normas que son propostas e non impostas (...). Confiamos en que a unificación definitiva terá que se basar na consagración polo uso, e na oficialización pola Xunta de Galicia, que non tardará en chegar».

Com o decorrer dos anos veremos que esta proclama ficou só em simples proclama e que em nemgum momento se tivo presente que eram umhas **nor-**

mas propostas que **nom impostas.** Se algum traço vai caracterizar a actuaçom, os trabalhos e a filosofia quer do Instituto da Língua Galega quer da Real Academia Galega, esse traço pertinente será o da imposiçom pola força, mesmo com gravíssimos atentados contra os direitos humanos, dessas «Normas».

3.2. No ano 1980 a Universidade de Santiago volta a editar o texto anterior, texto substancialmente igual, mas que introduz, curiosamente, algumhas notáveis mudanças tanto nas notas como no texto. Por exemplo:

1) Na ediçom de 1977 admitem a 'gheada' como umha realizaçom 'correcta' e até 'exemplar'; na ediçom de 1980 nom incorporam essa nota.

2) Postulam em nota (pág. 8) que as regras de acentuaçom inevitavelmente se tenhem que parecer mais às do castelhano do que às do português em base a três princípios que, da nossa óptica, nom tenhem defesa científica possível.

3) Continuam a proclamar a aspiraçom de todos os participantes —devemos entender— de aproximar-se à ortografia portuguesa; porém, na prática dizem que adoptar as regras de acentuaçom portuguesa redundaria no aumento das 'complicaçons pedagógicas' do ensino do galego [como já é bem sabido nessa altura todo o ensino de fazia em espanhol].

4) Seguem mantendo a representaçom na escrita de realizaçons próprias da língua falada [mas cumpriria salientar que nom se produz em todo o território] como é a denominada 2.ª forma do artigo, traço que se vai converter com o decorrer dos anos numha autêntica teima do Instituto da Língua Galega.

5) Nom podemos silenciar que na ediçom do ano 1980 optam e usam sistematicamente formas como 'preferible' que na ediçom de 1977 era 'preferíbel'.

6) Sobre o nome da nossa Terra, optam por 'Galicia' pois entendem que em castelhano 'Galicia' é um galeguismo e também porque 'Galiza' é a única denominaçom natural que tinha nessa altura o nome da nossa Terra 'em boca de galegos' [esquecem a tradiçom escrita e os textos medievais galego-portugueses].

7) Por razons em absoluto convincentes nom se mostram partidários de usar sufixos como *-çom, -som,* em lugar dos castelhanos *-ción, -sión.*

8) Chegam a admitir como formas galegas —hoje felizmente rejeitadas— os plurais do tipo **animales, *papeles, *civiles,* embora recomendem como preferentes *animais, papeis, civis...*

9) Proponhem como normativa a terminaçom **andaches,* ao lado de *andache* ou *andaste,* apesar de ser umha forma vulgar tanto em galego como no espanhol o uso analógico do *-s* na segunda pessoa do Perfeito de Indicativo.

3.3. No ano 1979 publicam-se as **Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa** de Xosé Martiño Montero Santalla, um texto que amplifica e desenvolve outros trabalhos anteriores. O autor justifica o seu texto dizendo que nom se podia ignorar que na Galiza existiam dous caminhos para o idioma: ou reintegrar-se de cheio no ámbito lingüístico originário (o luso-

-brasileiro) ou bem constituir-se em língua independente do português. Assinala que um terceiro caminho nom pode existir. Perante o terrível desafio em que se acham os galegos defende e expom o processo que, da sua óptica, deve seguir-se para a reintegraçom, dando como argumentos:

a) As divergências entre a Galiza e a área luso-brasileira nom som mais fortes do que as existentes no seio de outros idiomas.

b) Dada a situaçom da Galiza o isolacionismo lingüístico dos luso-brasileiros aumentaria a vulnerabilidade do galego face ao espanhol e agravaria o perigo de que se degrade a mero dialecto do castelhano, com o que viria resultar ameaçada a mesma sobrevivência do idioma.

Nesse processo estabelece várias fases nos ámbitos de: 1) Ortografia; 2) Morfologia. Em 'Apêndices' leva à prática as suas propostas.

3.4. O último documento leva por título **Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego** (1980), está editado pola 'Xunta de Galicia, Consellería de Educación e Cultura' e recolhe as propostas da Comissom de Lingüística, presidida polo Prof. Doutor Ricardo Carvalho Calero. Especial importáncia apresenta o 'Limiar' (págs. 11-13) onde se salienta, entre outros factos, a variabilidade de qualquer sistema ortográfico de qualquer língua e a necessidade de revisar no futuro a ortografia do idioma, atendendo sempre ao processo de normalizaçom:

> «...claro está que nen sistema ortográfico algun —de calquer idioma que sexa— pode manter-se indefinidamente inalterado, nem moito menos caberia esa invariabilidade tratando-se dunha língua, como o galego, na que o proceso de normalización é particularmente laborioso e delicado (...). Non pretendemos que se revisen con nervosa frecuéncia as normas agora adoptadas, mais somos conscientes de que a degradación en que viveu o idioma de Galiza, excluído praticamente durante séculos do mundo cultural, non nos permite reintegrá-lo abruptamente nese mundo, e por iso prevemos unha futura reorganización da ortografia do idioma...».

Estas propostas fôrom bem recebidas, em geral, por professores de galego e escritores e fôrom comentadas no diário de maior difusom da Galiza polo Prof. Joám Carlos Rábade (1980) quem valorou como muito positivo que as presidisse um reconhecimento oficial de tipo conciliador das posturas, ainda encontradas, no galego e que se chegasse a uns acordos sobretodo unificadores (págs. 93-94). Este espírito de liberdade e concórdia, essa necessidade de revisom das normas em funçom do processo de normalizaçom e a situaçom no ensino, infelizmente foi cortada por um 'golpe de timom' aproveitando a jubilaçom do Prof. Carvalho Calero.

No ano 1982, numha sessom conjunta da Real Academia Galega e o Instituto da Língua Galega, elaborarom-se umhas propostas que vam tentar consagrar a assimilaçom forçosa do galego ao espanhol e afastar o galego do seu tronco comum. A norma gráfica fica supeditada à da língua oficial do Estado, de modo que ignora e rompe a tradiçom e a história. Com as suas propostas esmagam e disolvem a identidade nacional galega. No já citado **Estudo crítico** (1983, 1989), em qualidade de membro da Comissom Lingüística

da AGAL, expugemos com maior detalhe, a filosofia que as presidem, daí que remetamos aos leitores para o citado texto.

Após 1983 na Historiografia da Lingüística galega surgem novos acontecimentos dos quais nos temos ocupado em sucessivos estudos publicados desde 1984 até a actualidade, impossíveis de sintetizar num contributo com as características próprias de umha comunicaçom como a presente.

Já como conclusom final, desejaríamos finalizar com umha reflexom que consideramos fundamental para a sobrevivência do nosso idioma comum a galegos, portugueses, brasileiros e os PALOP: se durante mais de quatrocentos anos existírom manobras dirigidas desde os centros do Poder para exterminar o idioma galego, todas essas actuaçons nom lográrom os seus objectivos, pois **os galegos nom sabiam falar outro idioma.** Na actualidade, os poderosos meios de comunicaçom, os poderes político e académico, determinadas elites culturais que se submetem às suas ordens e outros factores de natureza muito diversa podem conseguir o que mais de 400 anos de dominaçom nom tinha alcançado: eliminar num determinado território da Comunidade lingüística, por simples ósmose, esta velha língua. Um terrível desafio para todos os utentes desta língua ecuménica que nos alvores do ano 2000 poderia chegar a ser falada por volta de uns 300 milhons.

Ourense, 5 Fevereiro 1994

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA.VV. (1977), **Bases pra unificación das Normas Lingüísticas do galego.** Resume dos seminarios celebrados na Universidade de Santiago de Compostela desde decembro de 1976 a xuño de 1977, Ed. Anaya, S. A., 56 págs.

AA.VV. (1980), **Bases para unificación das Normas lingüísticas do galego,** Universidade de Santiago de Compostela, 59 págs.

ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA (Comissom Lingüística) (1983), **Estudo crítico das «Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego»**, Ed. AGAL, Corunha, 2.ª ed. corrigida e acrescentada, 1989.

_____ (1985), **Prontuário ortográfico galego,** Ed. AGAL, Corunha.

HENRÍQUEZ SALIDO, M.ª do Carmo (1986), «As gramáticas do galego do século XIX», em **Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza,** AGAL, Corunha, págs. 443-467.

_____ (1989), «Língua, lingüística e filologia na revista 'Nos'», em **Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza,** AGAL, Corunha, págs. 259-290.

_____ (1991), «Contributos para umha história da lingüística galega (1964-1974)», em **Homenaxe ó Profesor Constantino García,** Universidade de Santiago, Tomo II, págs. 83—93.

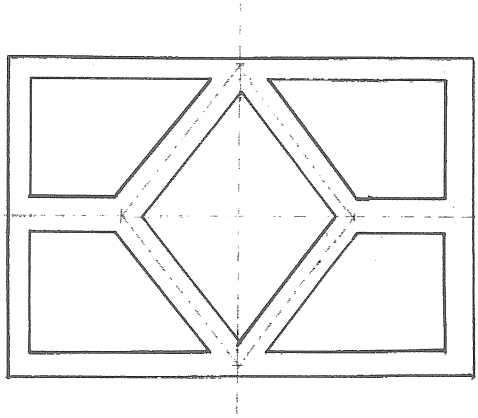
_____ (1993), «A língua e a gramática nas Irmandades da Fala: 'A Nosa Terra' (1916-1920)», em **Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza,** AGAL, Corunha, págs. 173-211.

_____ (1993), «Língua e Poder na Galiza», em **Estudos Universitários de língua e literatura. Homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho,** Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, págs. 601-609.

MONTERO SATALHA, J. M. (1979), **Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa**, ed. do autor (nom venal), Ferrol.

RÁBADE, X. C. (1980), **Normas ortográficas do idioma galego.** Texto íntegro. Guia e comentarios, Ed. La Voz de Galicia, Corunha, 95 págs.

XUNTA DE GALICIA. CONSELLERÍA DE EDUCACIÓN E CULTURA. COMISIÓN LINGÜÍSTICA (1980), **Normas ortográficas do idioma galego,** Ed. Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, 24 págs.



NOTAS

Sigrás, beleza e mistério

Isaac ALONSO ESTRAVÍS
(Universidade de Vigo)

1.0. *Aproximação a Sigrás.*

1.1. Há já muito tempo que tenho a plena convicção de que para conhecer Galiza é preciso caminhar devagar e chegar até o último recuncho onde nos esperam surpresas inimagináveis. É tão rica culturalmente que ondequer que vás econtrarás-te sempre cousas novas!

1.2. A primeira vez que ouvim falar de *Sigrás* fiquei um tantinho desconcertado. Dizer que tinha transitado polo seu território uma e outra vez caminho de Santiago-Corunha e viceversa!! A loucura da velocidade e da pressa da vida actual, na que estamos mergulhados, impedem-nos contemplar como é devido tudo aquilo que vai ficando ao nosso arredor.

1.3. *Sigrás,* pertencente ao concelho de Cambre, acha-se a 11 quilómetros da cidade da Corunha, ubicada dentro do conjunto da comarca conhecida por *As Marinhas.* R. Segade Campoamor descrevia assim as terras do concelho de Cambre em 1881:

> ...«hay á dos leguas de la Coruña, y no muy léjos del antiguo puente del Burgo, una preciosa aldea, situada en medio de la más fértil y bonita tierra, que llaman de las *Mariñas.* Danle amenidad y hermosura las aguas del rio Mero, y agradable sombra bosques de robles y castaños que crecen en los valles y en la falda de los vericuetos ménos elevados. Rodean el lugar casas de campo, que compiten en gusto y riqueza con las mejores de su género, y por todas partes se respira ese purísimo aroma que se siente en la aldea. Reinan tambien allí el silencio y la tranquilidad que convida en esos sitios á contemplar y admirar la bella naturaleza y la próvida mano de la Providencia» (1).

1.4. Isto que nos diz Segade Campoamor, podemos aplicá-lo, ampliado, a Sigrás, como veremos mais adiante.

---

(1) R. Segade Campoamor, *Santa Maria de Cambre,* in *La Ilustración Gallega y Asturiana,* Tomo III, 8 de julio de 1881, p. 218.

1.5. Tanto Sigrás como Cambre, pertencem à Terra dos Nendos, seus antigos moradores. Trata-se de uma comarca com uma grande vitalidade já em tempos pretéritos como o demonstram os restos que ainda perduram em parte. Houvo castros em Alvedro, Meixigo, Sigrás, Sésamo, Právio, Guísamo e Inhás. Igrejas românicas no Burgo, Sigrás, Sésamo, Celas, Culheredo, Vila Boa e Cambre. A de Cambre é uma jóia verdadeiramente peculiar e resulta surpreendente especialmente contemplar desde o exterior o conjunto de absidíolas da sua ábside. Também é rica em paços antigos: Anceis, Guísamo, Cecebre e os dous de Sigrás, que nos interessam nomeadamente para este trabalho.

2.0. *Polos caminhos de Sigrás.*

2.1. Em efeito, ao lado do antigo castro está o paço de Sobrecarreira ou dos Loriga, hoje pertencente a duas irmãs com uma capela horrivelmente telhada nos últimos tempos. Mesmo pegado a este paço, está a parte mais alta onde estivo situado o castro do qual não se conservam aparentemente restos alguns. Hoje constitui um precioso bosque onde se podem ver carvalhos e castanheiros de muitos séculos, ao lado de outros mais novos, altos, direitinhos, e grossos e elevados pinheiros. Produz uma grata sensação encontrar-se ali exemplares de sobreiros enormes, bastante escaracochados, sem muita perspectiva de futuro, pois não se vêm exemplares novos como nos castanheiros e carvalhos. Neste conjunto arbóreo vivem e aninham muitos páxaros, entre eles o peto ou pica-pau com sinais evidentes por toda a parte e os seus gritos de vez em quando. Nascem espontaneamente, tanto neste terreno como en outros de Sigrás, umas vinte espécies de cogumelos, de grande interesse para os micólogos. Há também, logicamente, outras árvores como a acácia e mato de todo tipo. Vê-se que é uma terra viçosa e produtiva. Pena é o pouco cuidado no que se encontra e a falta de sensibilidade para ir repondo os exemplares que ameaçam por extinguir-se, como no caso dos sobreiros. Desde aqui há uma vista panorâmica maravilhosa que dá para a veiga de Cambre.

2.2. Pegado a este está o paço conhecido por Quinta de D. Hermínia de Feijoo, agora reconstruído e esmeradamente cuidado e ajardinado, que pertence ao proprietário do Banco Etcheverria, na parte posterior com algumas depressões que semelha como se ali houvesse em tempos passados construções castrejas.

2.3. Na descida da coroa do castro para Pena podem ver-se plataformas semicirculares que se vam ampliando até desaparecerem na parte mais baixa. O mesmo que no sentido inverso vam de mais a menos até chegar ao sítio mesmo onde estivo o castro.

2.4. A respeito de clima é este um clima temperado e são («templado y sano») (2). O terreno, como já vimos ao falar do castro, participa de parte

(2) Madoz, Pascual, *Diccionario Geográfico-Estadístico-Histórico de España y sus posesiones de Ultramar,* tomo VI, Madrid, 1845, p. 1226. Ed. Facsimilar Libros GALICIA de Ed. Breogán, 1986.

chã (na parte da Telva) e de monte desde o Souto para o Castro a partir do qual volta novamente aparecer uma espécie de planície. Resulta interessante ver os produtos que havia então, segundo Madoz, que nada têm a ver com os da actualidade: trigo, milho, centeio, vinho, patacas, frutas e legumes, linho, gado (especialmente vacum), caça e pesca, e moinhos.

2.5. Carré Aldao, na *Geografía de la Provincia de La Coruña,* também se preocupa de nos falar destas terras. Assim diz-nos que em Pena começa a encosta da estrada que se chama de Sigrás e na que se acha a igreja deste nome na aba do castro a cuja beira há formosas casas de campo. Para ele trata-se de um lugar muito frondoso e de excelentes vistas (3).

2.6. Tanto em Sigrás como no conjunto destas terras foi muito importante o trabalho artesanal dos teares havendo quase em cada casa um tear. Indústria que pretende manter viva a As. Cultural «O Gaiteiro».

3.0. *Como é Sigrás.*

3.1. Uma das cousas que mais chama a atenção para as pessoas que vamos de outras partes é a maneira típica que têm de chamar os grupos de casas, pois Sigrás não é uma aldeia compacta de lares senão que toda ela está dispersa em pequenos grupos populacionais que se conhecem com o nome de rueiros: Aiam, Cabana, Carreira, Castanhal, Cham, Fraga, Gaiteiro, Gira, Pena, Pite, Pontido, Rego, Sigrás de Cima e Sigrás de Abaixo, Sobrecarreira, Souto, Vilar.

3.2. Muito do que foi Sigrás já não se reconhece, começando por *A Telva,* onde ainda se conserva o velho moinho no rio Gaiteiro ou Valinho, que está povoada de fábricas, oficinas, escritórios e transportes, constituindo o começo do Polígono Industrial. Sobe-se um pouco mais adiante para o «centro» de Sigrás onde predominam as novas construções, algumas chocando com o conjunto e a paisagem. No afã de modernidade e sem uns organismos que velem directamente polas construções próprias do lugar, é fácil que em breve fique totalmente desconhecido. Dos produtos que havia no século XIX, e parte de este, alguns como o centeio são totalmente alheios.

3.3. Subindo por uma estrada íngreme vai-se dar à igreja paroquial de Santiago de Sigrás, de uma única e ampla nave que enlaça com o presbitério. Foi esta uma igreja românica de finais do século XII, mas actualmente pouco é o que resta da obra antiga. Na fachada principal há uma inscrição que diz:

Reedifico
se el año
de 1600

3.4. Em 1865 construiu-se a actual capela-mor derrubando a antiga românica e pintada toda ela em 1871. Do antigo só ficam o arco da porta lateral e o arco de em frente a este. Também os cançorros que sustenhem o beiral

(3) Cf. Carreras Candi, F. *Geografía del Reino de Galicia,* Tomo I, *Provincia de La Coruña,* de E. Carré Aldao, pp. 724-725, A. Martin-Editor, Barcelona (s.a.).

do telhado. Pola outra parte da estrada construiu-se em 1967 o novo cemitério, que substituiu o que estava ao lado da igreja. Em *Sobrecarreira,* há na fachada de uma casa antiga uma figura que merece o estudo de um especialista na matéria.

3.5. No *Souto* tem a sede a As. Cultural «O Gaiteiro» preocupada pola cultura e as tradições do lugar. Encanta olhar como em Sigrás —o mesmo que em Carral— lugares tão próximos da Corunha, se fale tanto e tão bem o galego. Oxalá isto continue em aumento!

4.0. *Origem e significado de Sigrás*

4.1. Confesso sinceramente que para conhecer a origem e significado de um topónimo nada melhor do que seguir através do tempo (quanto mais antigo melhor) as distintas formas ou variantes, se é que as houvo, que aparecem nos documentos. Pessoalmente não tenho essa sorte e acho que tampouco resulta muito fácil tendo em conta a incúria das nossas gentes e o nosso clima nada apto para conservar certo tipo de material. Vou, pois, propor uma hipótese que creio ser a mais adequada e convicente, deixando as portas abertas para rectificar se for necessário.

4.2. A toponímia galega, junto com a portuguesa, —a mais rica da Península Ibérica—, está constituída de mui diversos elementos: nomes de procedência celta, nomes de possessores de origem germânica, nomes de plantas, características orográficas do terreno... (4).

4.3. O primeiro que convém ter presente é que *Sigrás* é um topónimo que não tem outro igual ou uma variante do mesmo. E que ninguém até o momento, que eu saiba, tentou procurar-lhe solução.

4.4. Se deitamos uma olhada aos topónimos fitónimos, encontramo-nos com uma variedade muito grande deles. Há topónimos tirados de quase todas as plantas mais correntes: carvalho, cevada, centeio, feno, gesta, maiço/mainço ou milho, salgueiro, sobreiro, tojo, trigo... e que se apresentam de múltiplas formas, testemunho fiel das falas locais.

4.5. Podemos seguir o processo de evolução de alguns cereais para chegarmos ao momento actual (5).

De *Trıticum* forma-se um derivado que pode estar no singular ou no plural: *triticāle(s)* > *tridigale* > *triigale* > *trigal* ou *tridigales* > *triigales* > *trigaes* > *trigais* > *trigás.* De *centenum* forma-se um derivado: *centenāle* > *centeal* (em singular) ou *centenāles* > *centeaes* > *centeais* > *centeás* (no plural) e mesmo *centeáns.* De *fenum* forma-se o derivado *fenāles* > *feaes* > *feais* > *feás,* e mesmo *feáns.* De *hordĕum* (cevada) forma-se o derivado *hordeāle(s)* > *orjale* > *orjal* e *orjales* > *orjaes* > *orjais* > *orjás.* De *panicium* > *paniciāle(s)* > *pain-*

(4) Cf. Piel, Joseph M., *Miscelânea de Etimologia Portuguesa e Galega,* Coimbra, 1953. Id. *Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa,* Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1989; Moralejo Lasso, A., *Toponimia Gallega y Leonesa,* Pico Sacro, Santiago de Compostela, 1977.

(5) Cf. Moralejo Lasso, A., *Toponimia Gallega y Leonesa,* Pico Sacro, Santiago de Compostela, 1977, nomeadamente o cap. «Toponimia Gallega de Cereales de cultivo», pp. 145-168.

çal e *painçaes* > *painçais* > *painçás* com as variantes em singular e plural de *paiçal/peiçal...*

4.6. O primeiro que faz pensar é que Sigrás deve ser também um topónimo fitónimo. Cumpre salientar que no meu passo por ali e perguntando também aos componentes do grupo cultural, constatei a falta de sesseio em inicial de palavra, o que se deve ter em conta ao facermos a proposta.

4.7. O único lugar onde encontrei um nome referido a Sigrás foi na *Historia* de López Ferreiro (6), que nos diz, fazendo referência a um documento do século IX, que não apresenta:

> «Entre las muchas haciendas concedidas por ellos al monasterio, citaremos las villas de *Calambre* (Cambre), Elviña y Leira, la iglesia de Santiago de *Cidriales* (Sigrás); la villa de *Caurio* (Coiro) en Céltigos; la iglesia de Róo en Entines; la iglesia de San Pedro de *Bona* (Boa), la villa de Taramancos cerca de Noya, etc...».

4.8. É pena não poder contar com esse documento e com outros onde se visse se se trata de um erro ou se verdadeiramente era conhecida assim. No caso de ser autêntico faz-nos pensar imediatamente num cidral ou lugar plantado de *cidreiras,* planta de características similares ao limão. Ora o que fica inexplicável é a passagem de *Cidriales* (que teria que provir de un **citricales)* onde estranha a queda do *c* > *g,* indispensável para dar Sigrás, como vimos nos outros derivados e permanência do *t* > *d.* E a mudança do *c-* para *s-*.

4.9. Convém ter presente ao falarmos de Sigrás o seu antigo povoamento e os cereais que nele se cultivavam, entre eles o centeio. No latim clássico existia para designar o centeio o vocábulo *sĕcāle/sicāle* posteriormente substituído por *centēnum.* Ainda hoje o nome científico de centeio é *Secale cereale L.*

4.10. Se temos em conta o processo seguido para *trigás, centeás...* aqui o processo seria similar, ainda que haveria que admitir uma metátese no seu processo, cousa que ali não se deu: *secāles/sicāles* > *sigales* > *siglaes* > *sigraes* > *sigrais* > *sigrás.* No segundo momento não temos queda do *-l-* senão mudança de lugar.

4.11. Sendo isto assim, como acho que o é, teríamos o único fenómeno de pervivência do *sicāle* na nossa terra, pois não há descendentes seus nem na Galiza, nem em Portugal, nem no território castelhano-falante. Teríamos que passar à Catalunha, França e Itália onde continua vivo. Em catalão temos: *sègol* (centeio), *segolar* (centeal), *segolós* (centeoso); em italiano: *ségala/ségale* (centeio), *segalaio* (centeal), *segalato* (centeoso) e no francês *seigle* (centeio).

4.12. A respeito da toponímia, na Catalunha existem os topónimos *Se-*

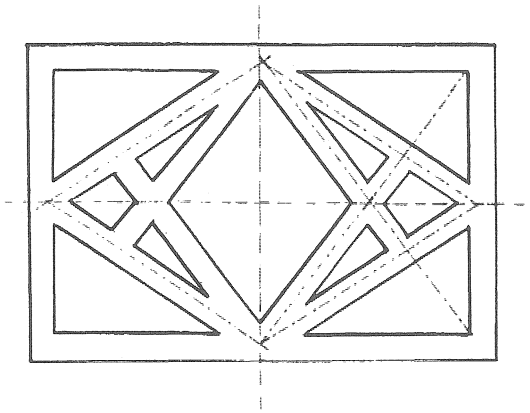
---

(6) López Ferreiro, A., *Historia de la Santa A. M. Iglesia de Santiago de Compostela,* Tomo II, Santiago, 1899, p. 267, que reproduz Margarita Vila da Vila na sua obra *La Iglesia Románica de Cambre,* Excmo. A. de Cambre, Corunha, 1986, p. 13, errando o número de página e pondo 170 por 267.

galers, Segalés em Girona, Barcelona e Lheida; na França *Seillières, Selliè-res,* na Idade Média *Segeleiras, Selliers, Sejallières* (7).

5. *Conclusão.*

Se nos atemos ao dito anteriormete, *SIGRÁS* pode ter o orgulho não só de ser único e irrepetível senão também de ser uma relíquia de um vocábulo do latim clássico. Para todos aqueles que têm a curiosidade de pescudar no significado do topónimo, dizer-lhes que equivale a *centeás,* ou seja, campos semeados de centeio, mesmo que hoje tenha desaparecido o seu cultivo nele.



(7) Moralejo Lasso, A., *Toponimia Gallega y Leonesa,* p. 158, citando para o francês a V. Gröhler.

Contributos para umha história da água e a saúde

Luís RODRÍGUEZ MÍGUEZ
(Ourense)

O home parece ter morado sempre à beira da água: os restos paleolíticos mais antigos aparecem no cascalho dos rios. Banhe-se ou nom, o home precisa da água, e quando nom tinha meios para levá-la à morada, construia a sua habitaçom à beira de um rio. Um freire medieval, tam simples quanto piedoso, fijo observar aos fiéis como era bondosa a Providência que fazia que, para o bem-estar dos seus habitantes, quase sempre fluísse um rio através das grandes cidades.

Após ter-se conformado com «encontrar» um bom lugar para se banhar, ao home primitivo ocorreria-lhe a ideia de retirar alguns coios molestos para os pés e alguns ramos espinhentos que o picassem e de «preparar» um lugar para o banho. Por essa mesma época (quer dizer, há uns milhares de anos) descobriria que a água corrente lhe servia para arrastar os excrementos, tornando o rio ou o regato a sua «retrete». Estes diferentes usos das correntes de água dariam aginha origem ao descobrimento de o lugar para beber e banhar-se dever achar-se a montante da «conveniência». Assim foi que começou o saneamento!

Quando, por falta de espaço, o povoado abandonou a margem do rio na procura de lugares mais ricos em caça, e a água tivo de ser transportada, esta foi mais cobiçada, e como o primeiro era beber e cozinhar, o banho fijo-se menos freqüente. Nos tempos primitivos, o banho, antes que como prática de asseio pessoal, era considerado como um rito simbólico para atingir a limpeza da alma e o prazer do espírito. Nengum dos povos que tem tido que buscar e transportar a água tem fomentado o banho. Embora se trate de pequenas distâncias, o cansaço e a fadiga que produz o carretar umha pipa de água é maior que o conforto que se consegue mediante o banho nessa mesma quantidade de líquido. Até que a civilizaçom nom estivo o suficientemente avançada para ter escravos ou, melhor ainda, conduçons de água, os banhos domésticos nom merecêrom a pena.

Com o progresso da civilizaçom nom se contentárom já com tomá-los nas águas naturais, e construírom para este uso edifícios particulares cujo destino higiénico acabou por se perder nas práticas da molícia e da luxúria. O usos dos banhos em certos estabelecimentos públicos, conhecido de tempos imemoriais nas grandes cidades do Oriente, passou da Ásia à Grécia, e da Grécia à Itália (1).

Na Grécia, no *Santuário* dedicado a Asclépio, havia o *abaton* onde os pacientes dormiam o sono *(incubatio),* durante o qual haviam de ser curados. O paciente, depois de umha curaçom mais ou menos longa, por meio de sacrifícios, abluçons e jejuns, era admitido no templo e por fim passava umha ou mais noites no *abaton,* onde, mediante o *sono profético,* aguardava que o próprio Asclépio, deus grego, vinhesse curá-lo, ou ao menos dar-lhe as instruçons que, interpretadas polos sacerdotes, lhe permitiriam recuperar a saúde. Nos tempos de Asclépio existiam diferentes tipos de banhos para curar doenças várias. Entre elas, transtornos gástricos e intestinais, desequilíbrios nervosos, problemas da pele, febres, artroses ou artrites (2).

As principais cidades da Grécia possuiam grandes edifícios destinados para os banhos, abertos a todas as camadas da populaçom. As suas instalaçons constituiam umha dependência do ginásio e a sua prática, tanto o duche como a imersom, era breve, fria e vigorante, antes para atletas que para sibaritas. Hesíodo condena o emprego da água quente por considerá-lo afeminado. Os Gregos só cedêrom a esta tentaçom nas últimas épocas, mas, com diferença aos Romanos, eles davam-se o banho frio antes que o quente. Nos círculos mais decadentes, nos banhos, os jogos de dados chegárom a ser preferidos aos exercícios atléticos.

O enorme volume de água que levavam os aqüedutos a Roma bastava nom apenas para a bebida dos seus moradores, mas também para abastecer umha multitude de banhos públicos e particulares. Roma era abastecida de água por treze aqüedutos, o mais longo dos quais tem cerca de 23 quilómetros. Os versados visitantes assinalam amiúde que toda essa obra era totalmente desnecessária e que os obtusos Romanos deveriam ter sabido que as águas voltam ao seu próprio nível (propriedade dos vasos comunicantes), de maneira que um simples tubo ao longo do vale teria servido. Os Romanos, com completa segurança, nom ignoravam até esse ponto os princípios hidráulicos; o que acontecia simplesmente é que nom contavam em quantidades suficientes com um metal adequado, que resistisse a pressom, tal como o bronze, para elaborar tam grandes construçons. Distinguiam mui bem o custo relativo dos materiais e o da mao de obra dos escravos.

Os Romanos, como é sabido, tivérom grande fé nas termas e considerárom os banhos como meio para estimular as energias sexuais. As águas mine-

---

(1) Miguel Levy. 1846. *Tratado Completo de Higiene Pública.* Traduzido e acrescentado por José Rodrigo. Madrid: 218-222.
(2) A. Tavares de Sousa. S. a. *Curso de História da Medicina das origens aos fins do século XVI.* Ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: 31.

rais como fonte de saúde e vigor chegam até os nossos dias. As curas de balneário eram recomendadas a pessoas afectadas de velhice prematura.

Entre os Romanos os banhos públicos recebêrom um sumptuoso desenvolvimento. As termas de Augusto, as de Agripa o seu genro, as ruinas das termas de Nero às que condoziu as águas do mar, as de Caracala, de Agripina, de Diocleciano, de Tito e de Trajano, demonstram a magnificência com que estavam construidos. Nom os havia para o público antes do reinado de Augusto; mas Mecenas fijo construir um, no qual podia entrar o povo pagando um óbolo em horas afixadas pola lei. Se bem a série de procedimentos higiénicos e ginásticos que constituiam o banho completo estava reservada à opulência, o povo era admitido a banhar-se em estabelecimentos que, pola sua extensom e disposiçons, tinham o carácter de monumentos de primeira ordem. Roma elevou o uso do banho, para além de a umha necessidade quotidiana, a um dos prazeres mais deliciosos e refinados; o seu fim era a relaxaçom, um tónico de conforto e euforia. As termas eram também centros onde se organizavam festas, celebravam banquetes e urdiam conspiraçons políticas. Tendo conseguido Musa curar Augusto polos banhos frios, estes pugérom-se em moda; fijo-se um assunto de vaidade o submergir-se em água mais fria, e viu-se um filósofo (Séneca) gloriar-se dos seus exercícios natatórios à temperatura das calendas do Inverno.

A vida da comunidade romana centrava-se nos banhos públicos. Banhar-se era um dever social básico. Os mais grandes expertos da arquitectura e da construçom dedicavam-se a edificá-los. As termas de Caracala abrangiam cerca de 335 metros quadrados e neles podiam banhar-se 1.600 pessoas ao mesmo tempo. Quanto às de Diocleciano, di-se que fôrom de dupla capacidade; apenas o vestíbulo lhe chegou a Miguel Ángelo para convertê-lo na grande igreja de Santa Maria dos Anjos.

No século IV havia em Roma onze banhos públicos, 1.352 fontes públicas e cisternas e 856 banhos particulares. Nalgumhas casas de Pompeia havia até trinta torneiras. Roma subministrava no seu momento culminante 1.350 litros de água diários por pessoa; hoje uma grande cidade consome como média 250 litros diários por cabeça. Os Romanos desperdiçavam água, mas ainda assim, consumiam mais que na actualidade, sobretodo para banharem-se.

O banho romano, com algumhas variantes, praticava-se do seguinte modo: quando o sino chamava para anunciar que a água estava quente, em volta da umha da tarde, entravam e pagavam um *quadrans* ou quarto de ás. Jogavam à bola no *spharisterium* para quecerem. Entravam no *tepidarium,* um aposento caldeado com moderaçom onde transpiravam um pouco com a roupa posta. Depois de despirem-se no *apodyterium* eram untados con óleo, lembrando o conselho de Hipócrates que dizia: «a pessoa que vai banhar-se há de ser ordenada e reservada no seu procedimento, nom deverá fazer nada por si própria, senom que outros lhe deitem a água por cima e a esfreguem». Entravam no *calidarium* ou cámara quente, para transpirar em abundáncia e logo permaneciam, embora mais brevemente, no *laconium,* lugar caldeado situado justamente acima do *hypocaustum* ou caldeira, onde umha espécie de regulador controlava o ar quente. Entom, havia que botar-se umha boa

quantidade de água sobre a cabeça. Tinham três recipientes para a água quente, tépida e fria, que devia ser utilizada nesta ordem. Estes recipientes eram conectados de forma tal que assim que tinha saído toda a água quente, era substituída pola tépida e a continuaçom a fria, meio este de poupar combustível que nom se tem empregado nas caldeiras modernas até há pouco tempo. A seguir umha raspagem com um *strigil,* utensílio metálico de forma curva com umha ranhura em que se recolhia umha surpreendente quantidade de substáncia desprendida. Logo passava-se umha esponja. E untado de novo em óleo podia terminar com um mergulho na água fria do *frigidarium.* Depois, repousar ou dar um passeio para ver os amigos. E magnificamente refrescados, comentar o lamentável estado dos sujos bárbaros.

Os banhos estavam geralmente abertos desde a umha hora da tarde até o anoitecer, ainda que um dos derradeiros imperadores fijo que os iluminasem de noite. O banho abria o apetite e alguns sibaritas tomavam um ou vários banhos depois de ceiar para poder tornar a comer outra vez, o qual tinha às vezes resultados fatais...

Segundo contam, alguns dos imperadores mais afeminados tomavam sete ou oito banhos ao dia. Se a fausto nos referirmos, a última palavra tinham-na os *pensiles balnae,* mencionados por Plínio, consistentes numhas pequenas banheiras suspensas do teito por cordas, nas quais podia um balouçar-se e dar voltas.

As termas, quase sempre conjuntos arquitectónicos complexos aos que se incorporavam palestras e ginásios, constituírom centros em que se desenvolvia a vida social das cidades; incluiam nas suas instalaçons aquecedores, banhos tépidos, frios e quentes, o *unctuorium* ou sala destinada a realizarem-se fricçons com óleos perfumados e dependências acessórias, como salas de conversaçom, lojas, jardins, e mesmo biblioteca. Podiam elas ser de propriedade pública, providas de serviçais que proporcionava o município, ou instalaçons privativas de que o dono obtinha benefícios económicos. Algumhas termas sobrevivêrom ao governo romano e seguírom em uso sob o domínio visigótico e islamítico. Sobre umhas termas de Leom cre-se Ordonho II ter mandado construir o seu palácio ao tornar a cidade corte do seu reino (3).

Séneca inclui nas suas *Naturales quaestiones* umha favorável referência ao valor curativo das águas minerais; ele escreve: «algumhas som alívio dos olhos e outras som paz para os nervos; hai-nas que curam doenças envelhecidas de que os físicos desesperaram; hai-nas que saram as chagas; hai-nas que, em bebendo-as, atenuam enfermidades internas e aliviam os sofrimentos do pulmom e das entranhas; hai-nas que estagnam os pluxos de sangue. Tam várias som as suas aplicaçons como os seus sabores» (4).

O triunfo do cristianismo na sociedade hispano-gótica impujo umha valorizaçom religiosa das doenças como é provado polo seguinte texto isidoria-

---

(3) Luís S. Granjel. 1981. *La medicina española antigua y medieval.* Historia General de la Medicina Española, 1. Universidade de Salamanca: 42-44.
(4) Luís S. Granjel, *op. cit.,* pp. 42-43.

no: «por três causas sobrevenhem as doenças ao corpo, a saber: polo pecado, pola prova ou tentaçom e pola paixom ou destemperança», e só quando esta última for a motivadora da doença é que «pode socorrer a medicina humana, às outras só a piedade da divina misericórdia». A enfermidade, segundo a explicaçom cristá que assim mesmo recolhe Sam Isidoro, pode ser entendida, em ocasions, como realidade permitida por Deus «para condenaçom dos réprobos, para purgaçom dos eleitos que andam enganados, para aumentar a glória dos merecimentos dos justos».

Compreende-se, com esta interpretaçom do enfermar humano, que a obtençom do benefício da saúde chegasse a materializar-se em fundaçons religiosas como a erecçom do templo de Sam Joám de Banhos, em Palência, do qual se di ter sido ordenado edificar por Recesvinto para agradecer a curaçom, qualificada de prodigiosa, obtida polo uso das águas dos banhos de Cerrato, remédio ao que recorreu por conselho de um médico judeu (5).

No fim do século VIII, o Papa Adriano I recomendava ao clero das freguesias ir banhar-se em procissom, cantando salmos, todas as quintas-feiras de cada semana. De todas estas instituiçons ou prescriçons, nom resta mais do que a água benta (6).

O banho comunal na Idade Média e o banho turco nas numerosas formas em que sobrevive ainda na Europa, tinham fins semelhantes. No mosteiro medieval, o banho era singelamente um meio de asseio rotineiro em que nem se perdia o tempo nem se desfrutava; gelado, podia impor-se como penitência. Houvo épocas em que o banho foi utilizado como rito simbólico, sendo puramente espirituais o prazer e a limpeza que produzia. Na Europa, no século XVIII, e no princípio do XIX, o banho implicava normalmente um tratamento médico, sendo o doente «o banhista». A partir de 1860 o banho renasceu como rotina de asseio, levada a cabo em privado mas com algo de penitência monacal ao se dar prelaçom à água fria. Com a possibilidade de dispor de água quente tornou a ser permissível desfrutar com o banho, e hoje em dia, aos seus fins higiénicos vai unido algo de relaxaçom física romana.

Sam Martinho de Dume, no seu livro *Correctione Rusticorum,* repreende os galegos pola veneraçom que prestravam às pedras, às árvores, às candeias ou círios acesos, ao lume, às águas e ás fontes, assim como ao encantamento mediante ervas e o canto de ensalmos demoníacos. Eram águas curativas as das fontes, as das penas e as dos mesmos rios ou mares.

O Padre Sarmiento refere o facto de banharem as crianças doentes no rio de Sam Lufo, submergindo-as três vezes na água com a camisa posta; afinal tirava-se-lhes a camisa e botava-se ao rio; se afundava era mau sinal, mas se flutuava era um signo evidente de que o neno sanaria.

Som atribuídas propriedades curativas à água utilizada em forma de banhos ou simples abluçons. Os banhos das nove ondas, na praia de A Lança-

---

(5) Luís S. Granjel, *op. cit.*, p. 52.
(6) Miguel Levy, *op. cit.*, pp. 218-222.

da, como remédio de doenças e da esterilidade da mulher. Água também de poderes curativos a recolhida nas cavidades das penas e conservada algumhas noites ao influxo da lua cheia que se aplicava, e ainda se aplica, para curar doenças da pele e para lavar as crianças vitimadas polo denominado *inguenido,* raquitismo, ou mau-olhado, que dificulta o crescimento e o desenvolvimento normais. De efeitos beneficiosos considera-se o baptismo no seio materno da criança pronta a nascer, por meio de um transeunte que desde umha ponte derrama água sobre o ventre da mai. Esta veneraçom da água, mencionada polo Dumiense, adquiriu maior sacralizaçom nas fontes dos santuários.

Nom há que demonstrá-lo, porque já é suficientemente demonstrado, que Espanha é o estado mais rico de todos os do mundo no número, potência, qualidade e quantidade das suas águas minerais ou medicinais. Se passarmos rapidamente a vista pola sua acidentada superfície, veremos que nas suas íngremes montanhas ou nas suas férteis ladeiras rebentam torrentes de saúde, que competem em bondades, desde o Golfo da Gascunha até o Cabo Finisterra, desde a Cordilheira Penibética até os Altos Pirenéus.

Passam dos mil e quinhentos os mananciais minerais e termais que hoje se registam na Espanha, número que dista muito de compreender todos os que poderiam ser assinalados ao nosso solo e que, somados com os correspondentes de Portugal, constituem algo verdadeiramente excepcional neste extremo ocidental da Europa (7).

Dado que a nossa naçom é a mais rica do mundo em águas minerais, e dado que temos meios para obter os mais satisfactórios resultados, às nossas fontes devem dirigir-se os doentes e nom, por questom da moda, marchar a um estabelecimento estrangeiro.

As águas minerais ou medinais som também *factores de pública prosperidade e riqueza dos países,* e se o nosso é dos afortunados pola profusom e variedade com que brotam no seu seio tam incalculáveis tesouros naturais, por quê é que nom olhamos para elas também na Espanha do ponto de vista económico, além de nom esquecermos que som propriedade imanente da colectividade social, como o ar, a luz, a atmosfera e o subsolo? Ainda que conhecidas e estimadas desde antigo no nosso Estado tais fontes de saúde e de prosperidade, cumpre confessar que o seu efectivo desenvolvimento, que o verdadeiro renascimento desta riqueza pública, corresponde ao século XIX, e ainda dele só aos últimos qüarenta anos, em que, mercê à instituiçom do corpo de médicos directores, aos seus contínuos estudos e incessantes trabalhos, à regulamentaçom das suas funçons públicas, as de conservaçom, exploraçom, expropriaçom, aplicaçom e regime das nossas fontes minerais, ao génio empreendedor e também laudáveis sacrifícios e generosos esforços de alguns proprietários, ainda que nom muitos, e à entendida e beneficiosa acçom da Administraçom pública para harmonizar tam sagrados interesses, ao mesmo tempo que para fazer práticas e realizáveis tam acertadas medidas le-

(7) Alberto Segovia y Corrales. 1895. *Las producciones naturales de España.* Estudios Científicos-Económicos. Tomo I (Galicia). Saragoça: 312.

gislativas, resultou o estado florescente das nossas termas e estabelecimentos balneares, que devem considerar-se, ou melhor dito, constituem hoje parte importante da riqueza pátria, e que, ainda que nom muitos, podem competir alguns deles com os estabelecimentos estrangeiros.

As estaçons termais podem ser consideradas, em toda a Europa, os centros mais importantes da vida social no século XIX e primeiro terço do XX.

Som os balneários, além de lugares de promoçom e protecçom da saúde (verdadeiros sanatórios, i. e., lugares com propriedades salutíferas), eficazes remédios para as doenças *crónicas* que nom se podem resolver com os recursos da farmacologia.

Com o nome de *crenoterápia (crené,* manancial) podem agrupar-se, segundo Landouzy, os métodos terapêuticos, tam complexos como poderosos, relativos às águas minerais. Pola complexidade da sua natureza, pola variedade das indicaçons a que se prestam, pola diversidade das suas aplicaçons, quanto polos seus maravilhosos efeitos, os métodos crenoterápicos merecem numha biblioteca consagrada aos agentes terapêuticos físicos um estudo especial separado da hidroterapia.

Existem tais diferenças nos substrato hídrico posto em acçom na hidroterapia e na crenoterapia, que som claramente diferentes os métodos dos hidroterapeutas e os dos cronoterapeutas. Aqueles recorrem a métodos terapêuticos singelos e uniformes, e estes a agentes eminentemente complexos e variados. Os métodos som singelos no primeiro caso, dado que, salvo as diferenças de temperatura, brevidade e pressom do duche, a hidroterapia emprega, qualitativamente falando, algo constante: a «água simples».

Os métodos som complexos e mudáveis na crenoterapia, dado que o crenoterapeuta recorre a um agente diferenciado, cuja composiçom mineral, temperatura, riqueza em gases e em electricidade som tam variáveis de um manancial a outro num mesmo balneário, como uniforme é o agente empregado na medicaçom hídrica ordenada aos doentes que enviamos aos banhos ou ao duche ordinário. Isto sem contar que, se o agente terapêutico empregado polo hidroterapeuta é na sua natureza sempre idêntico a si próprio, nom poderiamos dizer o mesmo a respeito da crenoterapia. Nom se sabia empiricamente —muito antes das preciosas análises dos físicos e dos químicos— quê mudanças induzem, por exemplo, as perturbaçons atmosféricas, tanto na composiçom como nos efeitos dos mananciais? Com efeito, assim como as condiçons meteorológicas nom mudam o agente terapêutico que sai da torneira de umha banheira ou de um chuveiro, podem ser, em troca, numerosas, ligeiras ou intensas, passageiras ou duráveis as modificaçons «contexturais» impressas às fontes quando o tempo se torna tempestuoso. Antigamente às águas eram-lhes atribuídas virtudes quase sobre-naturais e na actualidade valorizam-se as suas condiçons físicas e composiçom química para assinalar os seus efeitos curativos.

A água é um dos elementos de que mais se beneficia o organismo humano. Um sujeito submerso em água até o pescoço, de harmonia com o princípio de Arquimedes, reduz o seu peso a umha décima parte, daí a sua importáncia na reabilitaçom.

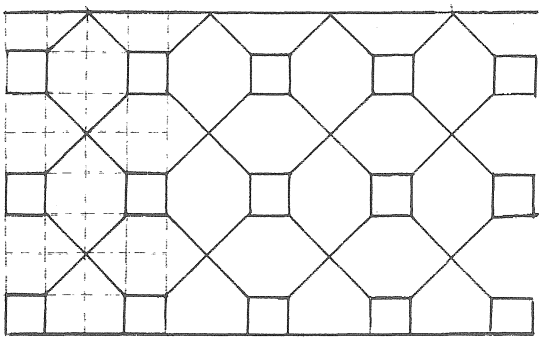
Aplicada fria aumenta a resistência do organismo, diminui a temperatura corporal e calma as dores.

A água quente calma e relaxa; alivia os espasmos musculares e afecçons reumáticas.

Nos balneários, além das técnicas de aplicaçom da água, intervenhem a climatologia, o regime de refeiçons, o exercício, o repouso.

Os nove banhos, o *novenário,* geralmente som insuficientes; a norma aceite na Europa é o tratamento de vinte dias.

Na Galiza, à respeitável quantidade de fontes termais e minero-medicinais, acrescenta-se a diversidade de tipos de água e a variedade de climas e paisagens em que brotam.



ANTOLOGIA

Trabalho inacabado

José Manuel BARBOSA ALVAREZ

I

Hoje chorei
ao descobrir a rosa
formosa
e
vermelha
que guardavas no teu peito.
Chorei sem luz
ao perceber a cruz
secreta
e
nobre
que ilumina o teu adentro.
Chorei... amiga,
porque o gromo da tua vida
que es
tu
e
que nasce no horizonte
como o sol
nu,
como fonte
que surge da montanha
ao
amanhecer,

fai que me sinta vivo
e
forte
como erva batida polo vento
do
páxaro que quer abraçar
a
estrela
do atardecer.
Mas
meu céu
que vida me deu
e
o destino marca
pujo em mim
anos
e
tristezas
perto,
com lagrimas
que sementou no meu caminho
e
um espinho
no meu coraçom
ferido
e
esgotado
por trinta primaveras,
mal-gastado,
esperando que chova no
deserto.
E
sobretodo
chorei desesperado
ao
compreender a razom
que o mundo move:
o amor.
E assim, que a roda
rode
sem fim
sem mim,

pois
nom ama
quem quer,
ama
quem pode.

II

Que honor
poder amar,
e ainda é dor
que esse amor
que sabes dar,
com luz de par,
eu a ti
nunca jamais
farei voltar
nom por pudor
mas nom por mal.
Pois com paixom
no coraçom
aqui no mar
p'ra regalar
essa cançom,
devo julgar
recordaçom
e perdiçom
que eu podo dar
só com perdom.
Que maldiçom!

III

Horas solitárias de silêncio interminável,
noite carinhosa que me lembra a tua sombra
refugiar-se no meu leito,
trabalho inacabado
por colher ácios de nuvens brancas
como as uvas,
pensar em ti.

Onde estarás?
olhar ao mar e buscar-te no atardecer
sem que estejas
caminhar lento pola praia do Lourido
baixo as estrelas
que em morse
pronunciam o teu nome luminoso.
Ainda estás na minha mente?
quiçá,
quiçá nesta hora que me afoga
descubra que já nom está
a tua alma
nevada de esperança,
que eu descobria
assombrado cada noite
para além dos teus olhos
misteriosos.
Já nom estás comigo
e quiçá nunca mais
volvas estar.

IV

Perdido
no azul verde mel
dos teus olhos,
olho
as vagas
do teu pelo de noite
como morrem
na pálida area branca
do teu rosto
e
por mais que penso
sigo sem saber
como dizer-che
que
te quero.
Nem
com flores
nem
com palavras.

Nom,
quiçá só me chegue
com
este poema
que
gosta de ti
como gosta
a terra seca da chuva fresca
no verao.

V

Sol-pôr vermelho de nuvens rachadas
de sanguento horizonte.
Estrelas que luitam por sair
quebrando a casca do ovo do dia
misterioso que na ribeira como o meu amor
brotando de mim
qual torrente de pérolas brancas
acolhidas no teu caliz de prata
remexe o meu sangue
espesso e quente
que requere o teu calor.

VI

No infinito
multiplicado por sí próprio
tenho visto a erva verde
da vida,
na primavera
ou
quando amanhece
a alegria do verao ao imperar
sublime
o redondo soberano,
na diversidade
de cores
do outono fresco e atardecido
e
no frio e branco inverno

pola noite
ao pe do lume.
Falei de amor
e
da amizade
da vida,
da morte,
do bem
da sorte
do dia
da noite
do mar
do deserto
do riso
do pranto...
falei...
mas nom me olhedes inquisitivos
e
perguntons.
Se queredes saber
só
tendes que sentar-vos
no souto,
e
com arroubo
atentes
e
silenciosos
escuitardes o subtil rumor
das folhas dos castinheiros
quando nom as mexem
nengum vento.

1993

O imortal (*)

Xesus PISÓN

HOME.—Já falta pouco. Estou frio, e o pulso é imperceptível. Devia estar contente de morrer, mas a dúvida atormenta-me. Um home pode desaparecer e a ninguém lhe estranha. Na televisom saem casos todos os dias. Mas como podem desaparecer umha casa, ou umha finca; esvairem-se sem deixar rasto? Seria contradizer as leis físicas. Ou tal vez nom. Toda a vida consagrei a esse projecto científico. A genética está da minha parte, porque nom casei nem reproduzim para nom ter herdeiros. E a nutriçom, também, já que levo cinquenta anos a ingerir terra das minhas fincas, cimento das minhas casas, documentos, testamentos, escrituras... Médio século devorando propriedade. Já eu nom som eu. Som os materiais da minha pertença. E quando desapareça, eles ham-me acompanhar. Porquê duvido? Todo vai bem. Analisemos os síntomas: Encontro-me pesado. Eis a prova definitiva. É o peso das minhas propriedades. A báscula di que peso setenta quilos. Falso. Pesade-me um olho. Nele vam quatro leiras. Medide-me de acima para baixo, e multiplicade polas dimensons das minhas terras. O resultado seria astronómico. E iria precedido do possessivo «meu». O que importa a física ante a conjunçom da gramática com a notaria? Ah, riqueza abrumadora! Vou ser o primeiro home que o leva todo canda el. Já sinto o peso descomunal. Nem sequer podo mover os dedos. Agora intento-o com a perna. Tampouco. Som as fincas de Mondonhedo, que pousarom no meu joelho. Agora com o braço. Impossível. As acçons da telefónica viajam no meu sobaco. Eu tinha razom, marchamos juntos para o outro mundo. Eis o segredo da imortalidade. Devia gritar «eureka», como nas películas. Mas nom. Silêncio. Suspeito que a alegria também se transmite por herdança. Devo impedi-lo. Eu som o herdeiro terminal, o depósito omega. (Pausa). Mas se cadra, esta sensaçom é só umha parálise produzida polo veneno que ingerim. Nom, é do peso dos bens acumulados. Basta de dúvidas. Os síntomas sucedem-se segundo o plano previsto. Agora noto umha friagem espantosa. Já estarei morto? Nom, experimentei o veneno com Sansom, o meu dobermann, e tivo hemorragias e convulsons antes de morrer. Ainda estou na primeira fase. Ai, o estômago. Que dor insuportável. Ou será o fígado. Segundo o plano, o fígado destrui-se na segunda fase, ao rebentar

---

(*) Estreado polo Teatro do Alvardám em Sargadelos, no ano 1992, com direcçom de Manuel Lourenço.

a artéria hepática, por efeito do ácido. Entom é o páncreas. Boh, tanta anatomia vai-me endoidecer. Ademais, o que importa? Eu som imortal. Levo a vida canda mim. Calma. Aginha hei ver desfilar o meu enterro; e detrás, a minha irmá, que passou a vida em pleitos comigo, pola herdança de mamá. Hipócrita. O único que che deixo é o meu cadáver, para que lhe limpes os vómitos do veneno. E ao meu cunhado, umha dívida de dous milhons. Amolate, Ramom. Papei até o último bilhete. Agora vem-me a fase de cagarria. Queres cobrar? A oficina do meu cu está aberta aos credores. Ah, que espléndida visom agónica: Irmaos, parentes, amigos em cortejo de deserdados. Adoecede, que só vivestes aguardando que morresse para apanhar algo. E algo deixovos, sim. Este papelinho, o pago de um enterro de primeira, contratado ao vosso nome. Eis o broche do meu testamento. Que formosa é a morte quando se destrói o que se ódia. Pagou a pena aguardar todos estes anos. Agora chegou o momento. Lástima de umha taquicárdia para celebrá-lo. Por certo, que horas som? O relógio parou, como um pequeno coraçom. Todo se solidariza comigo. Oh, supremo gozo terminal. Oh, luz generosa dos meus cálculos. (Pausa). Mas já anoiteceu. Devera ter outros síntomas. Respiro sem dificuldade, e as convulsons nom aparecem. Beberia pouco veneno? Quiçá só me produziu esta parálise. Tenho de beber mais. Mas nom podo mover-me. Calma. O veneno foi de avondo, estou seguro. Há que lhe dar tempo. Aginha virám os espasmos anunciando a relaxaçom final. Como vou gozar no outro mundo, contemplando as minhas propriedades baixo o sol, sem herdeiros à vista. Mas haverá sol acolá? Ao melhor é sempre noite. Que horror. Tanquilidade. Som imortal, como Deus, e hei poder fazer dias e noites. Sim, também hei fazer umha enfermidade incurável para a minha irmá, um acidente de moto para o meu sobrinho, desgraças surtidas para todos. Que prazer dispor de um dia para cada mal, e de umha vítima para cada dia. Apura, veneno. Aniquila-me. Já devera ter a pele denegrida. Quanto falta ainda? Nom importa. Quero desgostar os tormentos da família até que reneguem de Deus. E Deus ha-os castigar, nom com o inferno, mas com ser propriedades minhas. Eis o auténtico inferno para eles. Oh, babejo de prazer. Ou será de insuficiência renal? Já tinha que estar na fase pré-agónica, sinto-me mais jarelo do que nunca. Ai, a minha suspeita confirma-se: Bebim pouco veneno. Sim. Por aforrar. E fico tetraplégico de por vida. Nom, nom quero. Mais veneno, por favor. Se me escuita alguém, que me achegue o frasco à boca. (Pausa). É inútil berrar. A esta casa nunca vem ninguém. Nom desesperemos. Revisemos a situaçom. Estou imóvil, nom sinto os pássaros nem os automóveis. Entom estou morto. Intentarei berrar para comprobá-lo. Ah, ah, ah! Nada. Nom sinto nada. Ou será afonia? Entom para que falo? É um gasto inútil. Enfim, surdo, cego, mudo... Morto já. Nom, a morte nom pode ser assim. Estou vivo. Mas nom quero viver paralisado. Um médico, por compaixom. Ou melhor, um cura. Ai, que angústia nom prognosticada. Estou vivo? Estou morto? Ajuda. Pido salvaçom. Deus, salva-me. Deixo-cho todo se me salvas.

(Parálise da língua).

(APAGOM)

DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

RELATÓRIO DO DEPUTADO SR. JOSÉ POSADA PARA A REUNIOM DO INTERGRUPO DE LÍNGUAS MINORITÁRIAS

No passado mês de Outubro de 1993, na sessom do dia 10, tivo lugar umha sessom no Parlamento Europeo na secçom do «INTEGRUPO DE LÍNGUAS MINORITÁRIAS» em que se debateu e analisou o Relatório do Deputado Sr. José Posada, a respeito da situaçom da língua e cultura da Galiza. No seu Relatório o Sr. José Posada usou a variante galega do idioma oficial na Comunidade Europeia, conhecido universalmente com a denominaçom de português. Com anterioridade já tinha manifestado as suas queixas, numha carta, que reproduzimos em página... dirigida ao Presidente do Parlamento Europeo, Sr. Egon Klepsch, polo facto de os tradutores mostrar o seu desagrado polo acento «galego» do Deputado.

No seu Relatório, que reproduzimos textualmente, dizia:

«Resulta óbvio afirmar que a História do idioma galego vai à par da História de Galiza e as contradiçons e dificuldades que se dam hoje para a sua normalizaçom na sociedade galega tenhem como claro referente posicionamentos políticos díspares que reflectem tais circunstáncias.

Trata-se o galego de umha língua que tivo o seu máximo desenvolvimento e prestígio nos seus inícios. Amplamente conhecidos som os cancioneiros e a lírica denominada galaico-portuguesa. Em 1130, ao se constituir o reino de Portugal, anteriormente condado dentro de Galiza, começam umha série de circunstáncias que vam prolongar-se até aos nossos dias.

Os dous povos do Ocidente ibérico compartilham realidades sócio-culturais em anos sucessivos até que, por condicionamentos políticos, Galiza fica sob a dependência do que hoje é Estado espanhol e Portugal reafirma a sua independência.

Esta separaçom, e a criaçom da fronteira do rio Minho, impede umha fluida intercomunicaçom entre ambos os povos, apesar da sua proximidade e laços. Outras questons, evidentemente, influem no decorrer histórico de galegos e portugueses. O idioma comum, entretanto, segue também caminhos diferentes. Assim, enquanto o português é usado com normalidade em todos os ámbitos da vida privada e pública, o galego reduze-se ao privado com impossibilidade, polos condicionalismos dos poderes estabelecidos, de ser utilizado na Administraçom, na Justiça, na Igreja, no ensino e demais foros comunitários onde transparece o Poder.

A conseqüência disto, o galego tampouco se desenvolveu na escrita. Portanto, embora seja evidente que o povo nunca o deixou de utilizar como elemento de comunicaçom imediata, no formal da escrita fala-se hoje de «séculos obscuros» para justificar essa etapa de falta de textos durante, para o caso, cinco séculos.

Porque essa etapa nom finaliza até o XIX, quando surge o denominado na História de Galiza «Ressurgimento». Tal «ressurgir» coincide com o fenómeno bem conhecido na altura da popularizaçom da literatura e outras reivindicaçons na Europa. Essa etapa, que deixou algum vulto fundamental para as Letras Galegas, decorre em circunstáncias muito adver-

sas: a língua castelhana era a língua de alta cultura e dava-se escasso valor ao galego, idioma muito deturpado polo seu contacto com o castelhano e de nula relevância no que diz respeito a prestígio social; os autores que iniciarom tal «ressurgir» desconheciam inicialmente a tradiçom galego-portuguesa e empregarom a castelhana, com alguma «particularidade» para transcrever o seu pensar, como o «x», entre outras, ao comprovarem que para certos fonemas galegos nom oferecia o castelhano todas as correspondências gráficas necessárias. O fenómeno desmobilizador da emigraçom (polo qual passárom mais de dous milhons de galegos, quase tantos como adultos tem hoje a Galiza) que levou para o exterior grandes massas de populaçom perante a subdesenvolvimento e marginalizaçom do país, e os entraves à liberdade de expressom de umha legislaçom centralista jogarom aliás em contra da restauraçom do galego plenamente como idioma. No referente à legislaçom cumpre lembrar como, no mesmo 1867, umha Real Orden de Isabel II dispom que «en adelante no se admitan a la Censura obras dramáticas que estén exclusivamente escritas en cualquiera de los dialectos de las provincias de España», com todo o que isso significa.

No entanto, no próprio século XIX começam a ser «redescobertos» os Cancioneiros e a tradiçom. Isso provoca que já no 1891 um dos vultos fulcrais do «Ressugirmento», Manuel Murguia, reivindique como *nomes gloriosos* da literatura própria escritores portugueses como Camoens, Vieira, Garret e Herculano. Apesar de estarem ambas as partes do Minho de costas viradas tantos séculos, reiniciava-se a consciência do passado comum e a aposta por um futuro de reencontro.

Esse sentimento face a Portugal acentua-se nos anos posteriores até que eiva o seu desenvolvimento a guerra de 1936. A melhor tradiçom do galeguismo, dos homens que tomárom consciência de que os hoje considerados direitos humanos eram umha disciplina pendente de atingir na Galiza, deixárom constáncia escrita do seu pensamento que coincide com o que hoje no país se denomina *reintegracionismo.* Tais som os casos de Joám Vicente Viqueira (1886-1924), Vicente Risco (1884-1963), Antom Vilar Ponte (1881-1936), Afonso Daniel Rodriguez Castelao (1886-1950) ou figuras mais próximas no tempo como Rafael Dieste, Ricardo Carvalho Calero e Jenaro Marinhas, entre outras muitas. No fundo das teorias destes autores latejava o desejo de que o galego se voltasse confundir com o português como acontecia nos inícios. Nas hemerótecas há amostras de escritos com a grafia histórica e existe documentaçom a respeito do relacionamento entre personagens públicos, em especial da política, a cultura e o teatro, galegos e portugueses.

Há que considerar que, como em 1987 assinalou o lingüista Eugénio Coseriu, o galego é a base do português: «Historicamente —afirma este filólogo— o português é o galego da reconquista e é, até hoje, em todas as suas formas, a continuaçom de aquele galego».

A REALIDADE ACTUAL

Mas, apesar desta tradiçom e estas evidências a realidade actual é mui diferente. Durante o franquismo interrompeu-se todo o avançado e de novo, até aos anos 50, o galego voltou à situaçom de proibiçom e a estar ausente de todas as manifestaçons do poder. Na década de 50 verifica-se um novo ressurgir, timidamente, que supom nom obstante o início do que se vai dar nos post-franquismo, com a configuraçom do Estado das Autonomias e a restauraçom paulatina dos direitos e liberdades.

O problema fundamental a respeito do galego patenteia-se na década de 80, quando surge a evidência de que vai ser ensinado nas escolas. Em 1972 ganhara Ricardo Carvalho Calero a cátedra de galego na Universidade de Compostela e principiara a formaçom de especialistas que íam fazer possível o ensino do galego, como nunca antes acontecera.

A retirada, por razons de idade, de Carvalho Calero, um reintegracionista convencido com umha clara e coerente evoluçom no seu labor e favorecedor de relaçons com Portugal, vai deixar passagem a personagens que, em contra do sustido pola tradiçom romanística, afirmam ser o galego um idioma alheio ao português e, em vez de advogar pola sua aproximaçom, fam o contrário: desintegrá-lo, isolá-lo, mantendo a grafia castelhana para a sua escrita, com numerosas lacunas e incoerências.

Isto provocou um conflito ainda sem resolver entre os defensores de ambas as posturas. A legislaçom da Administraçom Autonómica tomou partido decididamente por estes últimos, em contra da tradiçom galeguista e filologicista. Mas essa tomada de posiçom levou

à par a repressom da dissidência até chegarmos a situaçons lamentáveis com claras agressons a direitos como a liberdade de cátedra, de expressom ou de consciência. Na Galiza de hoje, segundo as suas normas políticas superiores, a Constituiçom espanhola e o Estatuto de Autonomia, nom se pode discriminar ninguém por razom de língua mas, paradoxalmente, si existe discriminaçom por razom de norma lingüística, amparada polos poderes públicos.

Há que considerar aqui varias realidades:

—Até 1982 nengum cidadao galego tivo acesso ao ensino da sua língua na escola; quer dizer, nengum galego que em 1993 tenha 28 anos ou mais anos de idade recebeu ensino de galego na sua etapa de escolaridade obrigatória.

Em 1993, en nengum dos 313 concelhos em que está dividida a Galiza, umha família tem garantia de os seus filhos poderem receber todo o ensino obrigatório só em galego.

—Em 1993, reconhecido polos próprios podres públicos, existem muitos centros de ensino que nom cumprem a legislaçom no que diz respeito a impartirem as horas regulamentares em galego. Para além disso, as Cámaras Municipais e outras instituiçons e administraçons incumprem também o legislado.

—Em 1993 em nengum centro de ensino primário nem secundário galego se oferece oportunidade aos alunos de estudar português.

E, ao par disso temos:

—Apesar de nom ter estudado nunca galego nem português, som muitos os galegos que lem habitualmente jornais e livros portugueses, acodem a espectáculos teatrais ou cinema e tenhem um relacionamento normal com portugueses.

—Em 1981 constitui-se a Associaçom Galega da Língua (AGAL) que promove material científico sobre a realidade do galego após os anos de separaçom do português e publica umha proposta para o idioma da Galiza baseada na tradiçom e história do idioma que se estende constantemente desde aquela altura. Cientistas desta mesma Associaçom criticam a normativa da opçom isolacionista com argumentos filologicistas nom rebatidos até agora, embora esses argumentos influissem decisivamente nas mudanças que tal normativa —promovida polo Instituto da Língua Galega e a Real Academia Galega (esta última nom é «da Língua»)— experimentou em anos sucessivos.

—Desde a década de 80 multiplicárom-se as publicaçons em galego seguindo as directrizes da AGAL e cada vez mais aparecem textos em português na Galiza nos últimos anos, prova de que o português nom é um obstáculo para nengum galego. Cresce constantemente a nómina de autores que discrepam das ditas «normas oficiais» promocionadas desde o poder.

—Os argumentos decisivos dos reintegracionistas son que se permita aos galegos alfabetizarem-se no seu idioma em todo instante (algo possível só com o material em português, accesível com mínimas adaptaçons) e também viver plenamente em galego.

Resulta igualmente evidente que, em algo mais de umha década desde que há legislaçom efectiva sobre o ensino do galego e a sua normalizaçom da sociedade, desde os poderes públicos houvo mais interesse em impor a opçom normativa isolacionista do que em normalizar usos na sociedade. Para isso outorgou e outorga subsídios com fundos públicos a particulares e a empresas que promovérom tal normativa e negou sistemáticamente ajudas desse tipo aos defensores do reintegracionismo, mesmo com perseguiçom de ensinantes que optavam em consciência por tal norma, e pressons para outros profissionais que se decantavam por ela a abandonarem.

O problema do idioma galego é, portanto, fundamentalmente um problema político. E assim como a História favoreceu circunstáncias políticas que afastárom os galegos do uso normal da sua língua e do seu relacionamento com os portugueses, nesta altura parece evidente que, para restaurarmos o mal provocado, som precisas medidas políticas de signo contrário, quer dizer, que favoreçam os usos do galego na Galiza e o relacionamento com os portugueses, do qual só se derivam na actualidade benefícios para os galegos. Porque os portugueses estendérom o galego polo mundo e lográrom que hoje seja falado por quase 200 milhons de pessoas, para além de fornecerem material pedagógico, científico e de comunicaçom que podem permitir a Galiza normalizar a sua cultura e sem os quais —os

fracassos dos últimos anos o demonstram— nom será possível. Porque, numha sociedade competitiva e utilitarista como a actual nom parece que poda ter muito futuro um idioma —a norma isolacionista— que se revela inútil aos seus utentes, já que nom lhes serve nem sequer para alfabetizarem-se.

Em todo o caso, os defensores da opçom reintegracionista pedem:

—que nom haja discriminaçom por razom de norma escrita para nengum galego e se favoreça um debate necessário, até o de agora inexistente, para informar correctamente a sociedade galega sobre a história, realidade e perspectivas de futuro do seu idioma autóctone,

—que se estabeleçam critérios que possibilitem a igualdade das pessoas à hora de concorrer para atingirem subsídios dos orçamentos públicos, sem marginalizaçons,

—respeito às liberdades de cátedra, de expressom e de consciência dos docentes e outros professionais. Há que considerar aqui a recente sentença do próprio Tribunal Superior de Justiça de Galiza perante os Estatutos da Universidade de Vigo que reconhece que nom deve haber discriminaçom por razom de norma escrita,

—cumprir o Estatuto de Autonomia de Galiza no que diz respeito ao relacionamento com países de culturas afins, neste caso as lusófonas, de forma plena, promocionando o aprendizado do português no tramo de ensino obrigatório,

—favorecer que os jornais, estaçons de rádio e televisom, livros e outros *mass media* portugueses cheguem a Galiza —e viceversa— o qual hoje nom acontece,

—promover um acordo com Portugal sobre o idioma semelhante ao que fizérom Flandes e Holanda, precedente europeu que se considera pode aplicar-se à Galiza».

□ □ □

RELATÓRIO DA COMISSÃO PARA A CULTURA, A JUVENTUDE, A EDUCAÇÃO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO PARLAMENTO EUROPEU

O passado dia 28 de Janeiro de 1994 e actuando como Relator o Deputado Mark Killilea houvo umha proposta de Resoluçom sobre as minorias lingüísticas e culturais na Comunidade Europeia que reproduzimos fac-similarmente para os nossos leitores polo seu interesse.

Por carta de 9 de Janeiro de 1990, a Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social requereu autorização para elaborar um relatório sobre as minorias linguísticas e culturais na Comunidade Europeia.

Na sessão de 2 de Abril de 1990, o Presidente do Parlamento Europeu comunicou que a comissão fora autorizada a elaborar um relatório sobre este assunto, tendo sido encarregada de emitir parecer a Comissão dos Assuntos Jurídicos e dos Direitos dos Cidadãos.

Na sua reunião de 21 de Março de 1990, a Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social designou relator o Deputado KILLILEA.

Nas suas reuniões de 26 de Junho de 1990, 26 de Fevereiro de 1992, 8 de Novembro de 1991 e 8 de Junho de 1993, a Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social decidiu incluir no seu relatório as seguintes propostas de resolução, que lhe tinham sido enviadas:

.../...

.../...

B3-0016/90, apresentada pelo Deputado Hume e outros, sobre as línguas das minorias; anunciada em sessão plenária em 12 de Fevereiro de 1990; fundo: Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social;

B3-2113/90, apresentada pelo Deputado GANGOITTI LLAGUNO, sobre a promoção das línguas regionais e/ou minoritárias; anunciada em sessão plenária em 25 de Janeiro de 1991; fundo: Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social;

B3-0523/91, apresentada pelo Deputado BANDRES MOLET, sobre a concessão de licenças a emissoras de rádio em língua basca; anunciada em sessão plenária em 13 de Junho de 1991; fundo: Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social;

B3-1351/92, apresentada pela Deputada VAN HEMELDONCK, sobre a assinatura da Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias; anunciada em sessão plenária em 17 de Dezembro de 1992; fundo: Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social.

Nas suas reuniões de 9 de Janeiro de 1991, 20 de Fevereiro de 1992, 27 de Janeiro de 1993, 24 de Março de 1993, 20 de Setembro de 1993 e 26 de Janeiro de 1994, a comissão procedeu à apreciação do projecto de relatório.

Na última reunião, a comissão aprovou a resolução por 14 votos a favor, 2 votos contra e 4 abstenções.

Participaram na votação os seguintes Deputados: Banotti, vice-presidente; Simeoni, 2º vice-presidente; Fayot, 3º vice-presidente; Killilea, relator; Barrera I Costa, Cingari, Coppo Gavazzi (em substituição da Deputada Hermans, nos termos do artigo 138º do Regimento), Denys, Elliott, Escudero, Fontaine, Gröner, Guidolin, Maibaum, Mebrak-Zaïdi (em substituição do Deputado Galle), Pack, Raftopoulos, Rawlings, Schwartzenberg (em substituição do Deputado Rubert de Ventos) e Stewart-Clark.

O parecer da Comissão dos Assuntos Jurídicos figura em anexo ao presente relatório.

O presente relatório foi entregue em 28 de Janeiro de 1994.

O prazo para a entrega de alterações ao presente relatório constará do projecto de ordem do dia do período de sessões em que for apreciado.

.../...

.../...

A.

PROPOSTA DE RESOLUÇÃO

sobre as minorias linguísticas e culturais na Comunidade Europeia

O Parlamento Europeu,

- Tendo em conta a sua resolução apresentada em 16 de Outubro de 1981 sobre uma Carta das línguas e culturas regionais e uma carta dos direitos das minorias étnicas[1],

- Tendo em conta a sua resolução de 11 de Fevereiro de 1983 sobre medidas a favor das línguas e culturas minoritárias[2],

- Tendo em conta a sua resolução de 30 de Outubro de 1987 sobre as línguas e culturas das minorias regionais e étnicas da Comunidade Europeia[3],

- Tendo em conta a sua resolução de 21 de Janeiro de 1993 sobre a Comunicação da Comissão ao Conselho, ao Parlamento Europeu e ao Comité Económico e Social sobre as novas perspectivas para a acção da Comunidade no domínio da cultura[4],

- Tendo em conta as propostas de resolução apresentadas pelos seguintes deputados:

  Hume e outros, sobre as línguas das minorias, anunciada em sessão plenária em 12 de Fevereiro de 1990 (B3-0016/90);

  GANGOITTI LLAGUNO, sobre a promoção das línguas regionais e/ou minoritárias, anunciada em sessão plenária em 25 de Janeiro de 1991 (B3-2113/90);

  BANDRES MOLET, sobre a concessão de licenças a emissoras de rádio em língua basca, anunciada em sessão plenária em 13 de Junho de 1991 (B3-0523/91);

  VAN HEMELDONCK, sobre a assinatura da Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias, anunciada em sessão plenária em 17 de Dezembro de 1992 (B3-1351/92);

- Tendo em conta a Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, à qual o Conselho da Europa conferiu estatuto jurídico de Convenção Europeia e que foi aberta à assinatura em 5 de Novembro de 1992;

- Tendo em conta o documento final aprovado na Conferência da CSCE, realizada em Copenhaga (5-29 de Junho de 1990), sobre a dimensão humana, e, em particular, o Capítulo IV do mesmo documento,

---

[1] JO nº C 287 de 9.11.1991, p. 57

[2] JO nº C 068 de 14.3.1983, p. 104

[3] JO nº C 318 de 30.11.1987, p. 144-160

[4] JO nº C 042 de 15.02.1993, p. 153-173

.../...

.../...

- Tendo em conta a Carta de Paris para uma Nova Europa (CSCE), adoptada em Paris, em 21 de Novembro de 1991,

- Tendo em conta o artigo 148º do seu Regimento,

- Tendo em conta o relatório da Comissão para a Cultura, a Juventude, a Educação e os Meios de Comunicação Social e o parecer da Comissão dos Assuntos Jurídicos e dos Direitos dos Cidadãos (A3-0042/94),

A. Estimulado pelo compromisso que está patente no artigo 128º do Tratado da União Europeia, segundo o qual a Comunidade contribuirá para o desenvolvimento das culturas dos Estados-membros, respeitando a sua diversidade nacional e regional,

B. Proclamando a necessidade de uma cultura linguística europeia, e reconhecendo que no largo âmbito desta cabem igualmente a defesa do património linguístico, a superação da barreira linguística, a promoção das línguas de menor difusão, e a salvaguarda das línguas minoritárias,

C. Incentivado pelo processo de democratização na Europa Central e Oriental e, em especial, pela determinação dos povos que enveredaram recentemente pela via democrática em promover as línguas e culturas que lhes são próprias,

D. Considerando que cada povo tem o direito ao respeito pela sua língua e pela sua cultura e que, por conseguinte, deve poder dispor dos meios legais para os proteger e promover,

E. Considerando que a diversidade linguística da Comunidade Europeia é um elemento-chave da riqueza cultural na Europa comunitária,

F. Considerando que a protecção e a promoção da diversidade linguística da Comunidade constitui um factor-chave na criação de uma Europa pacífica e democrática,

G. Considerando que a Comunidade Europeia tem responsabilidades no apoio a dispensar ao desenvolvimento cultural dos Estados-membros e em prol da salvaguarda da diversidade nacional e regional, incluindo a diversidade das línguas autóctones, regionais e de menor difusão,

H. Considera que, de acordo com esta disposição, a Comunidade deverá fomentar a acção dos Estados-membros nos casos em que a protecção jurídica das referidas línguas e culturas seja insuficiente ou inexistente.

I. Considerando que a Comunidade Europeia tem igualmente o dever, nas suas relações com os Governos de países associados e de países terceiros, de tomar em consideração os direitos das minorias, colaborando com os governos, se for caso disso, na procura de um método capaz de fazer valer esses direitos, e intervindo com um propósito correctivo, sempre que os governos conscientemente se abstenham de o fazer,

J. Considerando que a diversidade linguística da Europa comunitária reflecte a sua diversidade cultural, frequentemente ignorada,

K. Recorda que, no âmbito da União Europeia em formação, a língua é um instrumento essencial de comunicação e que a integração europeia terá que compatibilizar a utilização das línguas de maior difusão para a comunicação através das actuais fronteiras interiores com a protecção e defesa das línguas menos difundidas em âmbitos regionais e trans-regionais.

.../...

.../...

L. Considera que as línguas e as culturas de menor difusão constituem de igual modo parte integrante da cultura e do património europeu da Comunidade e que, deste ponto de vista, a Comunidade deverá garantir-lhes uma protecção jurídica juntamente com os recursos financeiros correspondentes.

M. Considerando que numerosas línguas de menor difusão se encontram numa situação difícil; que o número dos seus utilizadores se reduz, em muitos casos, rapidamente; que esse facto põe em risco o bem-estar de grupos de população específicos e reduz consideravelmente o potencial de criatividade da Europa como um todo,

N. Embora respeitando plenamente o dever dos Estados-membros de protegerem e promoverem a(s) sua(s) língua(s) oficial(ais), o mesmo não deve ser exercido em detrimento das línguas de menor difusão e das populações de que são o seu veículo cultural natural,

O. Salienta que a expressão "línguas e culturas de menor difusão" poderá abranger fenómenos de características e dimensões diferentes segundo os Estados-membros, podendo ser atribuída a determinadas línguas já oficializadas em alguns países membros que, no entanto, não beneficiam de uma difusão adequada ou de um estatuto idêntico no Estado-membro vizinho ou noutro Estado-membro,

1. Exige a aplicação integral dos princípios enunciados e das propostas contidas nas resoluções de 16 de Outubro de 1981, 11 de Fevereiro de 1983 e 30 de Outubro de 1987, supramencionadas;

2. Reafirma a necessidade de os Estados-membros reconhecerem as suas minorias linguísticas e de tomarem as devidas providências, a nível dos sistemas jurídico e administrativo, de forma a que sejam criadas as condições básicas para a preservação e o desenvolvimento das línguas minoritárias;

3. Considera que todas as línguas e as culturas de menor difusão deverão beneficiar nos Estados-membros de um estatuto legal adequado de protecção;

4. Considera que esse estatuto legal deveria implicar, pelo menos, o uso e o fomento das referidas línguas e culturas a nível do ensino, da justiça e da administração pública, meios de comunicação, toponímia e outros sectores da vida pública e cultural, sem prejuízo da utilização das línguas de maior difusão quando tal o requerer a fluidez da comunicação no interior de cada um dos Estados-membros e da Comunidade no seu conjunto;

5. Especifica que o facto de uma parte dos cidadãos de um Estado usarem uma língua ou terem uma cultura diferente da dominante nesse Estados, ou da dominante numa parte ou região desse Estado não deverá originar qualquer discriminação e, em especial, qualquer tipo de marginalização social que dificulte o acesso ou a permanência no emprego;

6. Solicita aos Estados-membros que estudem a possibilidade de concluir acordos que visem a criação de instituições linguísticas transfronteiriças para as línguas e culturas de menor difusão que existam em dois Estados vizinhos ou, simultaneamente, em vários Estados-membros;

7. Manifesta o seu apoio à Carta Europeia das Línguas Regionais ou Minoritárias, à qual foi conferido estatuto jurídico de Convenção europeia, como um instrumento efectivo embora flexível para a preservação e a promoção das línguas de menor difusão;

.../...

8. Insta os Governos dos Estados-membros que ainda o não tenham feito a assinar urgentemente e os seus parlamentos a ratificar a Convenção, optando, em cada momento, por aplicar as disposições que melhor se adaptem às necessidades e aspirações das comunidades linguísticas em questão;

9. Urge os governos dos Estados-membros e as autoridades locais e regionais a incentivar e apoiar associações especializadas, em especial os Comités dos Estados-membros do Gabinete Europeu para as Línguas de Menor Difusão, no intuito de fazer singrar as responsabilidades que cabem aos cidadãos e às organizações respectivas no desenvolvimento linguístico;

10. Incentiva os Estados-membros e as regiões e colectividades locais interessadas a estudarem a possibilidade de concluir acordos destinados à criação de instituições linguísticas transfronteiras para as línguas e as culturas de menor difusão utilizadas em dois ou vários Estados vizinhos ou simultaneamente em vários Estados-membros;

11. Insta a Comissão a:

11.1 Contribuir, no âmbito das suas competências, para a concretização das iniciativas tomadas pelos Estados-membros neste domínio;
11.2 Ter em conta as línguas de menor difusão e a cultura inerente às mesmas aquando da definição das várias áreas de política comunitária, prevendo disposições análogas que vão ao encontro das necessidades dos falantes de línguas de menor difusão, paralelamente às necessidades dos falantes das línguas maioritárias, em todos os programas educativos e culturais como, por exemplo, JUVENTUDE PARA A EUROPA, ERASMUS, TEMPUS, Dimensão Europeia, Plataforma Europa, MEDIA, sistemas para a tradução de obras literárias contemporâneas;
11.3 Incentivar a utilização das línguas de menor difusão na política de audiovisual comunitária, por exemplo no que se refere à Televisão de Alta Definição, e prestar assistência aos produtores e operadores de línguas de menor difusão para a produção de novos programas e conversão de programas no formato 16:9;
11.4 Assegurar que a moderna tecnologia digital de telecomunicações, que permite a compressão de transmissões via satélite e por cabo, está a ser utilizada para veicular um maior número de línguas minoritárias;
11.5 Criar o mais rapidamente possível um programa inspirado no LINGUA, vocacionado para as línguas de menor difusão, utilizando-se para esse efeito as redes já desenvolvidas no âmbito das actividades do Gabinete para as línguas de menor difusão, como a rede Mercator-Educação;
11.6 Facilitar a publicação imediata, após correcção e aditamento do mapa científico das comunidades linguísticas de menor difusão na Comunidade Europeia, elaborado pelo Gabinete Europeu para as Línguas de Menor Difusão;
11.7 Incentivar a publicação dos Tratados das Comunidades Europeias e de outras disposições e informação de base sobre a Comunidade Europeia e as suas actividades nas línguas comunitárias de menor difusão;

12. Insta o Conselho e a Comissão a:

12.1 Prosseguirem o seu apoio e incentivo às organizações europeias que representam as línguas de menor difusão, especialmente o Gabinete Europeu para as Línguas de Menor Difusão, garantindo-lhes os recursos financeiros adequados;
12.2 Garantir que sejam previstas dotações orçamentais adequadas para os programas comunitários a favor das línguas de menor difusão e respectivas culturas e propor um programa plurianual de acção neste domínio;

.../...

12.3 Ter devidamente em conta o património linguístico e cultural das regiões em desenvolvimento aquando da definição da política regional e da afectação de fundos do FEDER, apoiando projectos integrados de desenvolvimento regional que incluam medidas de apoio a essas línguas e culturas, bem como no desenvolvimento da política social e aquando da afectação de fundos do FSE;

12.4 Ter na devida conta as necessidades dos falantes de línguas de menor difusão dos países da Europa Central e Oriental aquando do desenvolvimento de programas comunitários para a reconstrução económica e social, em particular no programa PHARE;

12.5 Incentivar as traduções de livros e obras literárias, a legendagem dos filmes entre línguas minoritárias ou para as línguas comunitárias;

12.6 Insta o Conselho e a Comissão a assegurarem que, no incentivo dispensado às línguas de menor difusão, a acção da Comunidade Europeia não se processe em detrimento da principal língua nacional em causa, garantindo, pelo contrário, que aquele incentivo não afecte em absoluto o ensino da língua principal nos estabelecimentos escolares;

13. Solicita que as línguas ultramarinas faladas em território pertencente aos Estados-membros beneficiem dos mesmos direitos e das mesmas disposições que as línguas continentais;

14. Relativamente às línguas autóctones não territoriais (por exemplo: as línguas cigana e judaica), insta todas as autoridades competentes a pôr em prática, *mutatis mutandis*, as recomendações anteriormente formuladas na presente resolução;

15. Salienta que as recomendações da presente resolução não poderão ser interpretadas ou aplicadas de forma a porem em perigo a integridade territorial ou a ordem pública dos Estados-membros, nem deverão ser interpretadas como implicando o direito de exercer qualquer actividade ou desenvolver qualquer acção que seja contrária aos objectivos da Carta das Nações Unidas ou a qualquer outra obrigação estabelecida no direito internacional;

16. Encarrega o seu Presidente de transmitir a presente resolução à Comissão, ao Conselho, aos governos centrais e regionais dos Estados-membros, à Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, à Conferência Permanente dos Poderes Locais e Regionais do Conselho da Europa, à Conferência para a Segurança e a Cooperação na Europa, às Nações Unidas e à UNESCO.

O Relatório do Sr. Killilea mereceu os parabens do Deputado José Posada, do Grupo parlamentar «ARCO IRIS», quem além do mais chamou a atençom do Gabinete Europeu para as línguas de menor difusom no sentido da promoçom efectiva do galaico-português e aproveitou a sessom para denunciar, mais umha vez, o facto de casos de discriminaçom social dificultarem e fazerem perder empregos: há professores que som sancionados por empregar o galaico-português.

Outros factos denunciados polo Deputado José Posada fôrom os casos de discriminaçom em subsídios, assim como a utilizaçom política e ideológica dos meios de comunicaçom social por parte do governo da Galiza, usando e abusando sectariamente dos dinheiros públicos em seu favor.

O diário de sessons do dia 8-2-1994 em página 120 deu conta desta intervençom do eurodeputado Sr. José Posada que também reproduzimos.

Posada González (ARC). - Senhor Presidente, caros colegas, desejaria antes de mais felicitar o colega Killilea, não só por afinidade céltica-galaica-irlandesa, mas também pelo seu excelente relatório que chega finalmente ao debate no plenário deste Parlamento, relatório que toca certamente os problemas linguísticos da Galiza.

Desejaria, no entanto, sublinhar a necessidade - tal como faz o relator - da criação de instituições linguísticas transfronteiriças e apoiar particularmente essa cooperação entre a Galiza e Portugal, unidos pelas mesma língua. Chamaria igualmente a atenção do Gabinete Europeu para as línguas de menor difusão no sentido da promoção efectiva do galaico-português.

Tenho, porém, que denunciar aqui o facto de, na Galiza, casos de discriminação social dificultarem e fazerem até perder empregos: há professores que são sancionados por empregar o galaico-português.

E para terminar, Senhor Presidente, queria igualmente denunciar casos de discriminação em subsídios, assim como a utilização política e ideológica dos meios de comunicação social por parte do governo da Galiza, usando e abusando sectariamente dos dinheiros públicos em seu favor. Por essa razão irei, através da apresentação de uma proposta de resolução, solicitar a realização de um inquérito do Parlamento Europeu sobre esta situação abusiva ao abrigo deste relatório e do relatório Fayot e Schinzel.

PRESENÇA DO CONFLITO LINGÜÍSTICO DA GALIZA EM MEIOS DE COMUNICAÇOM PORTUGUESES

No último número de *Agália* anunciávamos mais informaçom sobre as notícias que estám a aparecer nos meios de comunicaçom portugueses a respeito do conflito lingüístico na Galiza.

No jornal **Público**, ediçom de Lisboa, correspondente a 5 de Março de 1994, sábado, incluem-se quatro páginas destinadas a analisar a situaçom do galego na Galiza e, nomeadamente, a apresentar os leitores portugueses a contestaçom que tem «o galego da Xunta» por parte dos «lusistas» ou reintegracionistas.

O autor da reportagem, Luís Miguel Queirós, soubo construir umha interessante síntese das várias correntes reintegracionistas que, da nossa óptica podem reduzir-se a umha só, e oferece as opinións de conhecidos membros da Associaçom Galega da Língua e de outras pessoas representativas do mundo cultural galego-português.

Para umha maior e mais fidel informaçom reproduzimos as páginas do **Público.**

Sábado
5 de Março de 1994

Ano 5 nº 1459
Diário
130$00 (Continente)
150$00 (Madeira) 160$00 (Açores)
IVA incluído

Director **Vicente Jorge Silva**
Director-adjunto **Jorge Wemans**

Rua Actor Cabral Lt 1, 1700 LISBOA
Rua N. S. de Fátima, 177-1, 4000 PORTO

"Lusistas" contestam o "galego da Xunta"

GALIZA: UM DAVID ENTRE DOIS GOLIAS

LUÍS MIGUEL QUEIRÓS

Enquanto os portugueses se vão paulatinamente desinteressando da polémica em torno do Acordo Ortográfico, aqui mesmo ao lado, na vizinha Galiza, trava-se uma verdadeira guerra linguística. De um lado está o governo regional e a sua Lei de Normalização Linguística. Do lado oposto agitam-se as várias correntes "reintegracionistas", que defendem uma reaproximação do galego ao português e constestam a permanência de inúmeros castelhanismos no "galego da Xunta".

Mas os reintegracionistas também não se entendem entre eles e proliferam as variantes alternativas. A norma dos "mínimos", apoiada pelo poderoso Bloco Nacionalista Galego é a mais moderada: usa o léxico português mas mantém o duplo "ll" e outras grafias de inspiração espanhola. Os vanguardistas da Associação de Amizade Galiza-Portugal, esses, não perdem tempo com etapas intermédias e adoptaram já o provável português do futuro, regendo o seu galego pelo texto do "nosso" Acordo Ortográfico.

Empenhado em pôr cobro ao caos babélico que ameaça a Galiza, o governo de Fraga Iribarne conseguiu já uma importante vitória no sector da edição, financiando as obras que seguem a norma oficial. Mas a resistência "lusista" ganha terreno no ensino e multiplica os seus contactos nos países de expressão portuguesa. Um braço-de-ferro que se adivinha prolongado e cujo desenlace, pese embora o natural favoritismo dos que detêm o poder político, é ainda imprevisível.

Este suplemento é parte integrante do PÚBLICO número 1459 de 5 de Março de 1994 e não pode ser vendido separadamente

"LUSISTAS" CONTESTAM O "GALEGO DA XUNTA"

"Galicia en boas mans": foi este o "slogan" escolhido pela candidatura de Fraga Iribarne para as eleições autonómicas galegas, que o Partido Popular (PP) venceu em Outubro passado. "O mellor para a Galiza" — ripostavam os cartazes do Bloco Nacionalista Galego (BNG), que detém agora 13 deputados no Parlamento regional, mais oito do que obtivera em 1989.

Um português que vá em passeio a Santiago e resolva passar os olhos pelos jornais, ve-se a galego para perceber como é que, afinal, os nossos vizinhos de além Minho escrevem o nome do seu país. É Galiza, como em português? Ou deve escrever-se, Galicia, como fazem os castelhanos?

A resposta, por estranho que pareça, está longe de ser evidente. E a palavra Galiza, simbólica por designar o próprio território dos galegos, é apenas um exemplo entre muitos. Suponhamos que populares, socialistas e nacionalistas escolhiam, por coincidência, uma mesma frase de campanha, que poderia ser algo assim: "Uma Galiza para todos os galegos". Nos cartazes do PP e do PSOE, ler-se-ia, provavelmente, "Unha Galiza para tódolos galegos". Mas o "tódolos" também poderia vir grafado "todos-los" ou "todo-los", variantes que sempre surgem com frequência nas edições galegas. Os nacionalistas, esses, redigiriam à semelhança do português, "todos os". No entanto, estariam de acordo com os seus adversários políticos na ortografia do artigo indeterminado "unha".

Quer isto dizer que não há, pura e simplesmente, uma norma do galego, e que cada um escreve como quer? Haver, há. Foi criada pelo Instituto da Língua Galega e aprovada no Parlamento. Sucede é que não é a única. Contestando o alegado "castelhanismo" da norma oficial, várias forças políticas e organizações culturais galegas propuseram normas alternativas. O BNG segue a chamada "norma dos mínimos", que contempla diferenças mínimas em relação ao português. O nome, contudo, não lhe vem daí, já que a "norma dos máximos" — avançada pela Associação Galega da Língua (AGAL) — reduz ainda mais as dissemelhanças com o velho idioma irmão.

Os "reintegracionistas" radicais, esses, escrevem em português corrente e pugnam pela identificação total de ambos os idiomas. Ficam de fora casos de ecletismo, como o do actual semanário "A Nosa Terra" — título recuperado de uma velha publicação galeguista —, que adopta um galego a meio caminho entre a norma oficial e a dos "mínimos".

E há depois, claro, os galegos individuais. Basta uma olhadela às crónicas que diariamente são publicadas na imprensa local para concluirmos que, mesmo entre os escritores galegos razoavelmente consagrados, muitos há que misturam as várias normas a seu bel prazer.

BNG não aceita galego de Fraga

Muitos acreditarão que as vozes que hoje se erguem contra o galego oficial representam apenas um sobressalto passageiro, previsível num processo tão complexo como é o da normalização linguística de um povo. Mas a meteórica ascensão, nas recentes eleições autonómicas, do nacionalismo galego — cujas várias sensibilidades, do centro-direita à extrema-esquerda, estão hoje reunidas no BNG de Xosé Manuel Beiras — veio complicar o cenário. Os que acalentavam a esperança de uma rápida imposição, por via jurídica, do galego normativo, enfrentam agora a oposição de uma força política que conquistou vinte por cento dos votos e cuja representação no Parlamento regional mede hoje forças com a dos socialistas do PSG-PSOE.

Beiras, líder incontestado do eclético BNG, não se assume claramente como "reintegracionista", mas opõe-se com firmeza à norma linguística em vigor, habitualmente designada por "Decreto Filgueira" em referência a José Fernando Filgueira Valverde, que assinou o texto legal enquanto adjunto para a Cultura do presidente do governo regional galego. Curio-

HISTÓRIA DE UM NOIVADO INTERROMPIDO

"Ora faz'osto o senhor de Navarra"... Redigida por volta de 1200, a poesia satírica que este verso inaugura, endereçada por Johan Soarez de Pávia a Sancho VII de Navarra, é a mais antiga composição lírica em língua portuguesa de que temos registo. Para os que na Galiza de hoje procuram reatar a irmandade linguística com o vizinho português, estes versos revestem-se de especial simbolismo: são o mais velho testemunho de um caminho comum, cuja posterior bifurcação os actuais "reintegracionistas" atribuem à secular dominação de Castela.

Até meados do século XIV, os trovadores de ambas as margens do Minho recorreram ao mesmo idioma, o galego-português, e contribuíram decisivamente para a sua consolidação como língua escrita da Galiza. Mas tendo atingido o seu apogeu no reinado de Afonso X, o Sábio, a lírica galego-portuguesa entra, a partir da segunda metade de Trezentos, numa fase de acentuada decadência, dando lugar a uma nova escola poética, dita galego-castelhana.

Radica nesta época o afastamento gradual dos idiomas português e galego — e a aproximação do segundo à língua de Castela —, um divórcio que só pode compreender-se no contexto dos seus antecedentes políticos. Quando explode a guerra de sucessão que opõe D. Pedro de Borgonha a Henrique de Trastâmara, ainda no século XIV, a velha aristocracia galega toma o partido do primeiro, que sairá derrotado. Henrique persegue os nobres que o haviam afrontado e impõe à Galiza uma fidalguia vinda de fora, cuja língua, o castelhano, não tardará a ser assumido como idioma de prestígio, por oposição a um galego reservado aos rústicos.

No final de Quatrocentos será a vez de Isabel, a Católica, disputar o trono de Castela a Joana, a Beltraneja. A nobreza galega aposta de novo no lado mais fraco e Isabel, vitoriosa, concentra os seus esforços num amplo projecto de centralização do poder e faz decapitar, em 1483, um dos principais vultos da revolta galega, o marechal Pero Pardo de Cela, cuja execução indignou a Galiza a ponto de ainda hoje se evocar a data da sua morte como início simbólico daquilo a que a historiografia literária galega chama "os séculos obscuros".

Os séculos obscuros

O centralismo político dos Reis Católicos vai rapidamente banir o galego enquanto língua escrita. Mas a esmagadora maioria da população, analfabeta, continua a falar o idioma dos avós. E é esta persistência do galego oral que explica que, ainda hoje, um camponês de Lugo, no interior, entenda o português quase como se fora a sua própria língua.

Até ao século XVIII, Castela vai levar por diante o projecto de unificação linguística do império, expulsando o galego, que tão alto florira nas trovas medievais, da Universidade, da administração e da Igreja. Enquanto a expansão portuguesa propaga a outros continentes a velha língua irmã, a Galiza, submetida à hegemonia castelhana, sofre um colapso no seu desenvolvimento histórico e vê a sua língua reduzida, na prática, a um dialecto.

É ainda no século XVIII, com os intelectuais da Ilustração, que se erguem as primeiras vozes de denúncia, mas até meados de Oitocentos, quando surge o movimento do Provincialismo, quase não existe, em galego, criação literária digna de menção. Os provincialistas denunciam o centralismo de Castela e o atraso económico e social da Galiza, mas não assumem ainda como prioritária a questão da língua.

Enquanto movimento político, o Provincialismo é desmembrado quando os respectivos dirigentes participam na tentativa de golpe militar do general Miguel Solís, convertido em verdadeira rebelião de signo galeguista após a execução sumária de vários dos seus protagonistas, hoje conhecidos como os "mártires de Carral" em referência à pequena povoação próxima da Corunha onde tiveram lugar os fuzilamentos.

Herdeiro do provincialismo, onde já pontuavam Rosalia de Castro e seu marido, Manuel Murguia, o movimento finissecular "regionalista" vai concentrar os seus esforços na procura de argumentos que permitam fundamentar historicamente a individualidade do galego face ao castelhano. E o progressivo desvelamento da antiguidade da língua e da sua história literária irá proporcionar aos regionalistas — como aos galeguistas de hoje — o seu mais sólido argumento: a identificação do galego e do português.

Bem ilustrativo das contradições deste período é, no entanto, o facto de as principais figuras do regionalismo continuarem a recorrer ao espanhol nos escritos em prosa, na correspondência privada, e mesmo nos panfletos pró-galeguistas. Rosalia não escreveu, ao que se sabe, uma só carta em galego e o essencial da sua obra novelística foi plasmada na língua de Cervantes.

Em busca da língua perdida

Na passagem do século, o galeguismo vai conhecer novo impulso através de uma agitada tertúlia da Corunha, a Cova Céltica, donde partirão iniciativas tão relevantes como a da criação da Real Academia Galega, que teve em Murguia o seu primeiro presidente. Daqui sai também a "Revista Gallega", que depois assumirá a designação "A Nosa Terra", título que passou por várias mãos e é hoje o de um semanário galego afecto à causa nacionalista.

Mas o esforço sistemático para a normalização linguística e a generalização do uso social do galego só arranca decisivamente em 1916, quando são fundadas, por inspiração do escritor e jornalista Antón Vilar Ponte, as primeiras Irmandades da Fala, que a partir dos anos 20 vão estar por trás das principais iniciativas "galeguistas". Criam a revista e editorial "Nós" — que divulga nomes tão importantes como Pedraio, Castelao, Cunqueiro ou Carvalho Calero — e fundam o Seminário de Estudos Galegos, espécie de contraponto científico do grupo "Nós".

É na VII Assembleia das Irmandades, em 1931, que nasce o Partido Galeguista (PG), primeira organização política assumidamente nacionalista. Castelao, uma das suas figuras de proa, vai defender contra Miguel de Unamuno a oficialização do galego, que só alcançará reconhecimento legal em plena guerra civil, com a aprovação do Estatuto da Galiza nas Cortes da República de 1938.

Em Julho de 1936 estala a revolta militar franquista e a Galiza não tarda a ficar sob o controlo das tropas do "caudillo". A ditadura proclama a indissolubilidade da pátria e o clima de terror que se segue à guerra civil dispensa a proibição específica do uso do galego, a que muito poucos ousavam recorrer publicamente. Boa parte dos intelectuais galeguistas exila-se na América do Sul, sobretudo em Buenos Aires, onde se fundam editoras e se mantém vivo o uso do galego na criação literária.

Os que haviam permanecido na Galiza criam, em 1950, a editora Galáxia, que vai publicar os novos autores galegos e lançar revistas como "Atlântida" e "Grial", esta última depressa proibida pela censura vigente. Em meados de 60, os mentores do galeguismo organizam-se na clandestinidade em movimentos como a União do Povo Galego ou o Partido Socialista Galego. E é também por esta altura que se introduz na Universidade de Santiago uma cátedra de Língua e Literatura Galegas, que formará, sobretudo através do magistério de Carvalho Calero, várias gerações de professores empenhados na revitalização e normalização do idioma.

Após a morte de Franco, e com a democratização do regime, as diversas províncias do país viram a sua autonomia reforçada. O Estatuto de Autonomia da Galiza foi aprovado em Outubro de 1980 e, no seu artigo 5º, estabelecia que "a língua própria da Galiza é o galego", que "os idiomas galego e castelhano são oficiais na Galiza e todos têm o direito de os conhecer e de os usar", e que "ninguém poderá ser discriminado por causa da língua". Mas a reabilitação efectiva da língua ficava dependente de um passo suplementar de complexa execução: a normalização do galego.

Não tendo acompanhado, pelas razões históricas que se sabem, o desenvolvimento do português, e exposto durante séculos à influência do espanhol, o que é hoje o galego? As respostas dividem-se. Entre os que defendem a reintegração do galego no português actual, e os que nada têm a obstar à manutenção dos castelhanismos, sobra lugar para inúmeras opções intermédias.

O governo criou uma norma oficial do galego, mas não conseguiu, até ao momento, impor a sua utilização generalizada em múltiplos sectores da sociedade galega, designadamente no ensino, onde enfrenta a oposição dos professores e alunos "reintegracionistas". Mas também os que pugnam por uma aproximação linguística ao português se encontram divididos, pelo que florescem actualmente na Galiza as mais diversas variantes idiomáticas. Caso para dizer, adaptando a célebre tirada de Vasco Santana, que... galegos há muitos. ■ L. M. Q.

samente, este prosador e filólogo vem das hostes galeguistas do antigo regime e colaborou com o pai espiritual do reintegracionismo moderno, Carballo Calero, na redacção de uma primeira proposta de normativização linguística, encomendada pela "Xunta" e publicada em 1980. Os contestatários acusam o governo de ter mandado recolher este opúsculo — que propunha uma norma algo semelhante à dos mínimos —, e de o terem expurgado, na actual redacção da lei, de todos os indícios de reintegracionismo.

Na verdade, não é surpreendente ver nomes com passado "galeguista" a defender as posições da Xunta. É que, enquanto referência histórica do combate pela automia da provincia espanhola, o galeguismo pode facilmente ser reivindicado por ambos os lados do actual conflito linguístico. Instituições como a Real Academia Galega ou o Instituto da Lingua Galega, criados por inspiração galeguista, são hoje acusados de sintonia com o governo em matéria de política linguística.

Os autores da norma argumentarão que ela se justifica, precisamente, pela urgência em impor um galego único, capaz de evitar o caos babélico. Mas a verdade é que, mesmo descontada a oposição reintegracionista, a própria norma oficial está muito longe de servir todas as funções normalmente cobertas por um idioma nacional. A generalidade dos jornais galegos, para citar apenas um exemplo, impõe ainda aos seus redactores o uso do castelhano, embora muitas vezes recorra ao galego nos editoriais e conceda liberdade linguística aos colaboradores. Um leitor português desprevenido que folhear, por exemplo, uma edição da "Voz de Galicia" — o maior jornal galego, com tiragens diárias superiores a cem mil exemplares — ficara decerto perplexo face à variedade idiomatica do jornal. Encontrará artigos em castelhano, colunas de opinião em galego e crónicas redigidas nas mais diversas variantes.

"Mínimos" e "máximos"

O cenário não é mais brilhante no ensino. Embora o Estatuto de Autonomia da Galiza e a própria Constituição espanhola outorguem aos estudantes galegos o direito à instrução no seu idioma próprio, a realidade é que a falta de textos de apoio e de professores convenientemente preparados impedem o cumprimento generalizado desse direito. "Quem tiver um filho e queira educá-lo em galego, não tem garantias de o conseguir em nenhum dos 313 concelhos da Galiza" — garante Manuel Portas, escritor, director de um liceu de Compostela e autor de "Língua e Sociedade na Galiza", uma obra que se tornou um pequeno "best-seller" no círculo dos docentes reintegracionistas.

Segundo Portas, "o governo apercebe-se bem da ameaça do reintegracionismo, porque sabe que um professor reintegracionista pode usar textos de química ou filosofia sem necessidade do espanhol, já que tem à sua disposição os livros editados em Portugal". E acrescenta: "O galego da normativa oficial não serve para nada, uma vez que não há textos que permitam o seu uso generalizado nas escolas".

Mas boa parte dos professores reintegracionistas receia avançar de imediato com textos em português. Portas prefere começar pelos "mínimos": "Lidamos com rapazes e raparigas — rapazas, como dizemos na Galiza — que vêm da normativa oficial pura e dura: colocam traço entre verbo e pronome e utilizam a terminação castelhana 'ble'".

Mas nem todos pensam assim. Para Sandra, finalista de galego-português na Universidade da Corunha, "o mais antipedagógico é partir dos mínimos, porque eles utilizam o léxico e a acentuação do português, mas depois recorrem ao 'ñ' e ao duplo 'l', que são as duas grafias mais distintamente espanholas". A escola de Sandra, cuja tradição de uso dos "mínimos" a comprometia aos olhos dos mais radicais, tornou-se, agora, subitamente, uma bandeira consensual do combate reintegracionista: é que o governo decidiu encerrar a especialidade de Filologia Galego-Portuguesa na Universidade da Corunha, departamento onde leccionavam um catedrático, seis professores titulares e um leitor do Instituto Camões, dependente do governo português.

"Português com gralhas..."

Os reintegracionistas acusam o governo de Fraga Iribarne de perseguir os "lusistas" no ensino, de facultar apoio financeiro indiscriminado às editoras que publiquem segundo a norma, e de nada fazer para cumprir o preceito legal que obriga a que todos os estudantes do ensino público tenham duas disciplinas ministradas em galego. Procurámos confrontar os responsáveis da Xunta de Galicia, designação oficial do governo regional galego, com estas e outras alegações, mas deparámos com algum laconismo. Sanchez Puga, chefe de Serviço do conselheiro de Fraga Iribarne para a Política Linguística (Manuel Regueiro), manifestou-se indisponivel para responder a questões concretas e limitou-se a resumir a contenda nestes termos: "Eles acham que o galego é português, nós achamos que não".

Manuel Portas, sem atingir o mesmo grau de concisão, propõe, ainda assim, uma síntese alternativa: "Há os que defendem uma aproximação entre o galego e o português, enquanto variantes do mesmo idioma, e os que defendem uma lingua mistura do galego e do espanhol [a que os reintegracionistas chamam, pejorativamente, "castrapo"]: a normativa oficial funda-se nesta segunda alternativa, defendida pelo Instituto galego da Lingua e pela Real Academia Galega, com o beneplácito do governo de Fraga e do PSOE."

Mas a discussão linguística encobre, segundo Portas, um problema de natureza política: "Conceber este país como uma nação ou como uma sucursal de Espanha, eis o que nos divide, já que uma Galiza sem língua própria será sempre, apenas, uma comunidade autónoma, uma riqueza mais do amplo Estado espanhol".

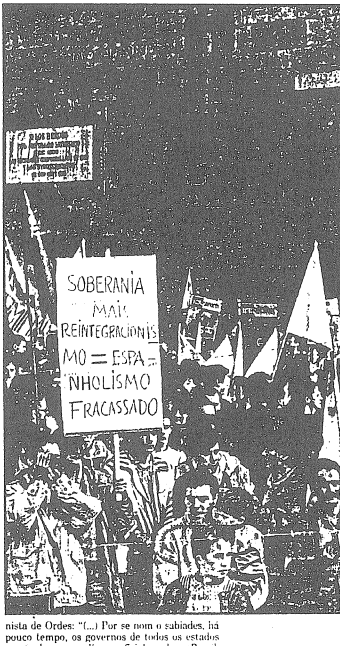
Entre as figuras públicas que defendem a norma oficial destaca-se Pilar Vásquez Cuesta, reputadíssima especialista nas áreas da linguística e da investigação literária, cujo alinhamento pelas posições oficiais constituiu um rude gope para os reintegracionistas, que a acusam de ter mudado de campo. "Foi ela que me convenceu a assumir a causa do reintegracionismo", garante a professora universitária Elvira Souto. A acusada assegura, no entanto, que só defendeu a aproximação das literaturas portuguesa e galega, e não a fusão dos respectivos idiomas. E aproveita para lembrar que a sua ex-aluna, e hoje figura de proa do reintegracionismo galego, "foi uma militante entusiasta da União do Povo Galego", um partido da extrema-esquerda hoje integrado no BNG.

Pilar Vásquez Cuesta considera que o galego e o português são hoje, por força da evolução histórica, dois idiomas distintos. Admite que a norma actual possa enfermar de um ou outro castelhanismo evitável, mas recusa as várias alternativas "lusistas", designadamente a que propõe a AGAL: "Aquilo nem é português nem galego: em vez de 'ão', escrevem 'om', parece um português com gralhas".

Editando uma volumosa revista, "Agália", de que já saíram 34 números, e organizando periodicamente um Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa, a AGAL tem-se empenhado na divulgação das teses reintegracionistas nos países de expressão portuguesa, tal como as "Irmandades da Fala", desenterradas do galeguismo histórico por um advogado de Pontevedra, José Luis Fontenla Rodriguez, que recuperou também a velha revista "Nós", onde escreveram Otero Pedraio, Castelao e Calero.

Entusiastas do Acordo

Particularmente notada foi a presença de uma delegação de reintegracionistas galegos nas reuniões preparatórias do Projecto de Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, vulgo Acordo Ortográfico, ainda que nelas tenham participado apenas com o estatuto de observadores. Para se aferir da importância que os nossos vizinhos atribuem a este projectado acordo entre os vários países lusófonos, leiam-se estas linhas retiradas de um número de Março de 1991 da revista "ARO", órgão da Associaçom Reintegracionista de Ordes: "(...) Por se nom o sabiades, há pouco tempo, os governos de todos os estados que tenhem como lingua oficial o galego (Brasil, Angola, Portugal, Moçambique...) venhem de assinar um Acordo Ortográfico a cumprir no 1992. (...) É induvitável que mentres esse acordo nom se cumpra de facto, a A.R.O. seguirá a escrever na variante culta galega do português [leia-se a norma da AGAL, dita "dos máximos"], mas também é induvitável que enquanto esse acordo esteja aplicado de facto, nós, como reintegracionistas escreveremos já unificados ortográficamente com o resto das comunidades que falam o nosso idioma".



Se o reintegracionismo, seja ele o dos "máximos" ou o dos "mínimos", pressupõe sempre uma aproximação ao português, há ainda quem recuse estas etapas intermédias e proponha a adopção imediata do idioma vizinho. É a posição da Associação de Amizade Galiza-Portugal, cujo boletim — "Hífen" — é integralmente redigido em português. Não exactamente no português actual, para sermos exactos, mas no provável português do futuro. É que os redactores de "Hífen", deixando para trás Portugal, o Brasil e os países africanos de expressão portuguesa, já se regem pelo ainda não assinado Acordo Ortográfico.

A defesa do acordo é, no entanto, comum a todos os reintegracionistas, mais interessados, naturalmente, nas consequências políticas da sua entrada em vigor do que na discussão dos seus pormenores técnicos. Manuel Portas recorda, a propósito, a célebre expressão de Ricardo Calero — "Não podemos subsistir como um David frente a dois Golias" —, para concluir: "Se temos um Golias que é nosso irmão, ou pelo menos primo, sabemos de quem temos de nos aproximar".

Jesus Sobrado, da Associação de Amizade Galiza-Portugal, propõe mesmo uma aproximação mais decisiva: "Devemos ser não só claros nos objectivos linguísticos, mas também nos territoriais: temos o problema de sair de >>

... Espanha — porque isto não é Espanha! —, mas temos também o problema de reunificar o país." E não deixa margem a dúvidas sobre o significado que pretende dar a esta última expressão: "Entendemos que se deve visar a reunificação da Galiza e Portugal, nada de soluções federais, nada com Espanha."

O "boom" editorial

Cavaco Silva e Mário Soares já receberam "dossiers" enviados por esta Associação de Amizade Galiza-Portugal, mas só o segundo respondeu, garantindo — segundo Jesus Sobrado — que "estava a estudar atentamente o assunto".

O argumento de que uma eventual intervenção portuguesa nesta matéria tenderia a ser interpretada como ingerência nos assuntos de outro Estado, não convence os reintegracionistas, que avançam com o exemplo da Flandres: "Os reinos da Holanda e da Bélgica — recorda Sobrado — assinaram uma União Linguística para uniformizar o neerlandês e o flamengo falado na Flandres Belga, pelo que Portugal dispõe de um precedente na legalidade internacional para assumir como sua a questão linguística na Galiza".

No entanto, os reintegracionistas sabem que lutam contra o tempo e que, uma vez que a norma oficial esteja consideravelmente implantada, o processo será irreversível. O governo também sabe e agiu com inteligência, investindo somas avultadas no apoio à edição de obras em galego cuja redacção respeite a normativa. Segundo a "Voz de Galicia", a Xunta destinou recentemente 926 milhões de pesetas ao sector livreiro. O resultado está à vista. Um português que entre numa livraria de Santiago ou da Corunha, envergonhar-se-á do nosso pobre mercado editorial e só poderá deduzir que o galego médio é um leitor insaciável.

O número de obras em galego que se editaram nos últimos dez anos é verdadeiramente impressionante, fenómeno a que não será alheio o facto de a Xunta se ter comprometido a adquirir 10 por cento da tiragem de todas as edições, desde que estas obedeçam à norma. "Vêem-se muitos livros nas livarias — admite Manuel Portas, mas o que se está a conseguir é uma cultura com muletas, uma cultura fantasma, que só existe porque o poder a paga".

Entre as editoras que auferem deste privilégio conta-se a celebérrima Galáxia, símbolo do galeguismo histórico, que durante décadas de franquismo deu voz aos escritores galegos exilados na América Latina. E são poucas, na verdade, as casas livreiras que recusaram os subsídios oficiais. A mais importante é, porventura, a Laiovento, com um movimento editorial assinalável e cujas publicações — redigidas num galego muito próximo do português — podem já ser encontradas em algumas livrarias portuguesas.

Se a presença da edição galega em Portugal é ainda pouco mais do que esporádica, os nossos livros, em contrapartida, enchem prateleiras nas estantes das livrarias galegas. Muitas delas, como a Laiovento ou a Follas Novas — ambas sediadas em Santiago — têm mesmo importantes secções exclusivamente reservadas à edição portuguesa.

É ainda difícil, neste momento, entrever qual virá a ser a solução definitiva deste braço-de-ferro linguístico que se trava na Galiza. Mas penda o prato para Castela ou para Portugal, restarão sempre termos exclusivamente galegos, alguns deles, aliás, comuns ao português arcaico. Que português, ou castelhano, à excepção, talvez, dos que vivem na raia galega, sabe o que é brétema (nevoeiro), ou agarino (carinho), ou folerpa (floco de neve), ou gorentar (gostar), ou silandeiro (silencioso), ou solermiho (carinhoso), ou lóstrego, esse belíssimo equivalente galego do nosso relâmpago?

Mas a par dos termos que se extinguiram no português, há ainda os que, tendo sobrevivido em ambos os idiomas, apenas mantiveram no galego o seu primitivo significado. Na Galiza, quem trabalha no campo é um "labrego", palavra que, a norte do rio Minho, nada tem de pejorativo. Experimente agora chamar "labrego", na cara, a um camponês de Trás-os-Montes, e verá como a língua é uma coisa traiçoeira... ■

LIVRO DE RECLAMAÇÕES

NEURÓTICOS, PERVERTIDOS. E DOENTES.

A semana passada na capa da "Visão" anunciavam "O Mundo Escondido dos Homossexuais". O título lá dentro era "O Gato Escondido" (chique, quando se pensa na continuação da frase).

O primeiro parágrafo é confuso. Explicam que a diferença começa na linguagem (pois, é como em tudo); que para sermos sérios teremos de usar "homossexualidade", para sermos sofisticados e cosmopolitas é "gay" (isto é discutível, "gay" toda a gente usa) e que, se formos misóginos, "o calão invade o discurso e o vocabulário é infinito" (quando não se sabe o que quer dizer "misógino" é preferível esquecer o problema da linguagem).

O segundo parágrafo anuncia que nos esperam coisas fundamentalmente correctas. Dizem-nos que "a imprensa incluiu o tema [a homossexualidade] na sua grelha de assuntos-chave para o sucesso comercial (...)"; que "ninguém escapou ao dossier gay"; que "a receita é clássica: depoimentos de homossexuais que não se importam de enfrentar as consequências da exposição pública, sondagens, consultas a especialistas, divagações metafísicas sobre a proveniência desta estranha forma de vida". Por isso saltamos o (estranho) pressuposto de "estranha forma de vida" e concentramo-nos. Vamos ter A Reportagem sobre A Homossexualidade. E depois?

Depois nada. Quer dizer, ficamos a perceber melhor porque é que "Os Homossexuais", o grupo genérico aqui tratado, "não dá a cara", como se diz. Vem nas entrelinhas (e no tom: é o de quem vai falar-nos de pessoas que têm comportamentos bizarros e vagamente sórdidos). É assim: "Quer queiram quer não, muitas figuras da vida pública nacional — artistas, gente da TV e da rádio, jornalistas, políticos — são tidas por homossexuais, sem que assumam ou revelem essa diferença. É o público, na sua insaciável curiosidade, que descobre, faz correr, cria o boato, lança a dúvida". Quer dizer, o "dar a cara" equivale a "porque é que eles não vêm para a rua para a gente ver quem são". Mais uma justificação, adiante: "considerados pervertidos por uns, neuróticos por outros, ou ainda doentes". (Quer dizer: "Assumam" e "revelem". Venham todos para a rua para a gente ver bem essa raça de neuróticos e de pervertidos e de doentes?). Outro grande momento para ficarmos a perceber melhor porque é que não "dão a cara" é a parte em que se cita o caso do padre Frederico. As coisas são o que são, e são assim: para dar um exemplo o "caso" usado é um que foi julgado. Como crime. Condenado. Implícito: homossexuais = sociopatas.

Isto podia ser talvez anos 50. Apesar de tudo estamos em 1994. ■

TEREZA COELHO

NOTÍCIAS

PAUL FEYERABEND: O ÚLTIMO LANCE

Nasceu em Viena, na prodigiosa década de vinte, onde estudou física e astronomia e seguiu os cursos de V. Kraft, um dos consagrados historiadores do movimento positivista que ficou conhecido pelo nome de "Círculo de Viena". Interessou-se também pela história e pelo teatro — lamentou muitas vezes não ter aceite o convite de Brecht para seu assistente — mas é na filosofia das ciências que descobrirá a sua principal vocação: primeiro em Inglaterra, depois nos EUA, onde se tornará professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia. Era Paul Feyerabend e acaba de falecer, aos 70 anos.

Se houve, nas últimas décadas, uma filosofia das ciências radicalmente nova, na sua problemática e nas suas abordagens, isso deve-se a dois filósofos: a T. S. Kuhn e a P. Feyerabend. O primeiro, trocando com "A Estrutura das Revoluções Científicas" a obsessão epistemológica pelo enquadramento sociológico, agiu como um terramoto sobre a visão da ciência que, apesar de todos os impasses e críticas, se mantinha desde o séc. XVIII. O segundo prolongou esta lição dirigindo um inspirado e certeiro ataque ao coração normativo da filosofia das ciências com uma obra, "Against Method" (trad. port. Relógio de Água, 1993), que desde a sua publicação em 1975, até hoje, não deixou de suscitar sucessivas controvérsias.

Os alvos de Feyerabend foram constantes: a Razão, a Objectividade e a Ciência, enquanto referências universais que ignoram e esmagam a diversidade dos objectivos dos homens, a variedade das suas perspectivas e a multiplicidade dos seus valores. Por isso via no racionalismo, mesmo "crítico" — à Popper — mais uma continuação do que uma contestação do positivismo. E a ambos opunha um rigoroso "anarquismo epistemológico" que rejeita todas as regras excepto a que estipula que "anything goes", a única que pode garantir a diversidade e a liberdade que Feyerabend colocava, indissociáveis, no cerne da sua ideia de razão.

Dizendo "Farewell to Reason" (título da sua última obra, de 1987, traduzida pelas Ed. 70), ele pretendia substituir a submissão à razão universal e a abstracta pela atenção à pluralidade das suas formas ao nível das disciplinas, das tradições e das culturas, porque um indivíduo, como escreveu em "Contra o Método", adopta "muitas vezes uma linha de investigação particular não por a considerar intrinsecamente perfeita, mas por querer ver onde ela o poderá levar." É que a racionalidade não era, para Feyerabend, um modelo, mas um jogo, um jogo permanente que só com a morte conhece o seu derradeiro lance. ■

MANUEL MARIA CARRILHO

Nota: Além de "Contra o Método" e de "Adeus à Razão" encontra-se também traduzido em português o "Diálogo sobre o Método" (Ed. Presença, 1991)

MARILYN PELA IRMÃ

No dia 1 de Junho, no aniversário de Marilyn Monroe, vai ser lançada uma nova biografia dela pela Algonquin. A autora é a meia-irmã, Berniece Baker Miracle, que tem agora 74 anos e que escreveu o livro com a filha, que é portanto [meia-?] sobrinha de Marilyn e que tem o improvável nome de Mona Rae Miracle (ela mudou de nome, mas para a biografia usou este na mesma). "My Sister Marilyn: A Memoir of Marilyn Monroe" terá uma primeira edição de 25.000 exemplares e custará 19.95 USD; a edição britânica será da Weidenfeld.

Segundo Berniece, os leitores terão oportunidade de conhecer "um lado humano" de Marilyn que parece que ainda não estava bem documentado, e a relação disfuncional que as duas irmãs tinham com a mãe, que era mentalmente perturbada. Há material inédito: cartas e fotografias, por exemplo. Marilyn/Norma Jeane e Berniece não viviam no mesmo estado, e correspondiam-se regularmente; até agora isso ainda não tinha sido explorado porque Berniece se recusou sempre a falar com a imprensa, mas ultimamente uma amiga da filha convenceu-a. A escolha da Algonquin, uma editora com credibilidade, implica querer dar um ar sério. ■

TEREZA COELHO

PARA O PARLAMENTO EUROPEU O CONCEITO DE LÍNGUA MINORITÁRIA E UM CONCEITO SURREALISTA

Em numerosas ocasions a Associaçom Galega da Língua tem criticado o facto de aplicar o adjectivo «minoritária» a umha língua, na linha do defendido por sociolingüistas bascos, cataláns e galegos, cujos trabalhos e contributos os nossos leitores podem ler nas diversas publicaçons editadas pola nossa Associaçom.

Num Relatório do Parlamento Europeo de 22 de Março de 1994, sendo o ponente o Sr. Galle, após umha série de consideraçons, tira as seguintes conclusons:

A. Constatando que as línguas das instituiçons europeias nom recebem um trato igualitário; pois que repetidas vezes tem lugar umha diferenciaçom discriminatória entre «línguas maioritárias» e «línguas minoritárias».

B. Afirmando que o conceito de «língua minoritária» é um conceito surrealista; visto que umha língua é oficial e está reconhecida como tal, ou nom o é, tanto se a falam dez como se a falam cem milhons de pessoas.

C. Afirmando que nengumha das instituiçons europeias pode permitir-se dar um tratamento minoritário a nengumha das culturas dentro da Uniom Europeia.

D. Afirmando que o reconhecimento das regions no Tratado de Maastricht constitui um apartado carente de sentido se nom se reconhecem plenamente todas as línguas dos Estados membros.

E. Afirmando que a luita contra o racismo e a xenofobia só é possível se os povos da Europa se sentem cómodos na sua própria cultura, a cujo respeito o reconhecimento pleno do seu idioma constitui umha prioridade absoluta.

1. Insta a todas as instituiçons europeias a que, em qualquer caso, reconheçam plenamente todas as línguas oficiais em todas as instituiçons e iniciativas europeias, inclusive a Oficina Comunitária de marcas.

2. Insta às instituiçons europeias a que, nesse contexto, anulem imediatamente qualquer decisom recentemente adoptada que seja contrária a dito princípio.

□ □ □

UM NOVO DESÍGNIO DA JUNTA DA GALIZA PARA CONTROLAR OS MEIOS DE COMUNICAÇOM PRIVADOS

O GOVERNO GALEGO BUSCA PAGAR FIDELIDADES E VONTADES

Perante o anúncio da Conselharia da Presidência de que a Junta unicamente apoiará, significadamente, os jornais com periodicidade *diária* e que estejam integramente escritos em galego que siga as normas ortográficas e morfológicas elaboradas polo Instituto da Língua Galega, a Associaçom Galega da Língua denuncia mais umha vez:

1. Nom existe nos países situados no sul da Europa nengum governo que fixe normas regulamentarias para obrigar os cidadaos a usar umhas determinadas normas. Esta imposiçom só persegue dividir aos cidadaos e beneficiar determinados meios de comunicaçom privados que cumpram os mandatos do governo quanto à informaçom.

2. Resulta verdadeiramente grave que se utilize como pretexto o facto de usar umhas determinadas normas para discriminar quer a meios de comunicaçom, quer aos profissionais dos meios de comunicaçom, quer aos possíveis beneficiários das possíveis ajudas.

3. A medida da Junta vai beneficiar unicamente os meios de comunicaçom que sejam ou estejam dispostos a ser vassalos das directrizes emanadas do governo presidido polos

senhor Fraga Iribarne, governo que se caracteriza por possuir umha concepçom da língua meramente folclórica, litúrgica, umha língua para *«legulelhos»*. Para o governo galego a Lei de Normalizaçom só serve para ser sistematicamente violada.

A AGAL fai um apelo à opiniom pública no sentido de alertar sobre o facto de umha língua possuir umha dimensom política, sociológica, e ser um sinal de identidade que ultrapassa aos governos, parlamentos e partidos políticos. A língua galega fala-se em territórios situados fôra das quatro províncias galegas, a língua galega também a usam cidadaos cujos votos nom estám representados no Parlamento galego.

5. Por último, a AGAL lembra que nom é competência de parlamentos nem de tribunais de justiça legislar sobre as normas de correcçom dos idiomas, polo qual esta medida só pode ser interpretada como um intento de controlar nom só os meios de comunicaçom públicos, mas também os privados e como um novo desígnio da Junta de Galiza para atacar os direitos dos cidadaos a ter umha informaçom nom manipulada.

O CONSELHO DA AGAL

Compostela, 23 de Abril de 1994

Domingo, 24 de abril de 1994 **La Región / 29**

Agal, contra as axudas a xornais normativizados

Santiago /AGN/

A Asociación Galega da Lingua (Agal) de tendencia lusista, ven de critica-las axudas anunciadas pola Consellería da Presidencia da Xunta de Galicia ós xornais publicados en galego normativo.

Para este colectivo, é "un novo designio da Xunta para controlar ós medios de comunicación privados", e salienta que "o Goberno galego busca pagar fidelidades e vontades a certos medios escritos".

Agal afirma que "non existe nos países situados no sur de Europa nengún Goberno que fixe normas reglamentarias para obriga-los ciudadanos a usar unhas determinadas normas" e sinala que "esta imposición só persegue dividir ós ciudadanos e beneficiar a determinados medios de comunicación privados que cumpran os mandatos do Goberno canto á información".

Controlar os meios de comunciación privados

Perante o anuncio da Conselharia da Presidencia de que a Junta unicamente apoiará, significadamente, os jornais com periodicidade *diaria* e que estejam integramente escritos en galego que siga as normas ortograficas e morfologicas elaboradas polo Instituto da Lingua Galega, a Associaçom Galega da Língua denuncia mais unha vez:

1.- Non existe nos países situados no sul da Europa nengum governo que fixe normas regulamentarias para orbigar aos cidadaos a usar umhas determinadas normas. Esta imposiçom so persegue: dividir aos cidadaos e beneficiar a determinados meios de comunicaçom privados que cumpram os mandatos do governo quanto a informaçom.

2.- Resulta verdadeiramente grave que se utilize como pretexto o facto de usar umhas determinadas normas para discriminar quer a meios de comunicaçom, quer aos profissionais dos meios de comunicaçom, quer aos possiveis beneficiarios das possiveis ajudas.

Resulta grave que se utilize como pretexto umhas determinadas normas para discriminar a meios de comunicaçom.

3.- A medida da Junta vai beneficiar unicamente aos meios de comunicaçom que sejam ou estejam dispostos a ser vassalos das directrizes emanadas do governo presidido polo senhor Fraga Iribarne, governo que se carateriza por possuir umha concepçom da língua meramente folclórica, liturgica, umha língua para *legulehos*. Para o governo galego a lei de normalizaçom só serve para ser sistematicamente violada.

4.- A AGAL fai um apelo a opiniom publica no sentido de alertar sobre o facto de umha língua possuir umha dimençom politica, sociologica, e ser um sinal de identidade que ultrapassa aos governos, parlamentos e políticos, a língua galega fala-se em territorios situados fora das quatro provincias galegas, a língua galega tambem a usam cidadaos cujos votos nom estam representados no parlamento galego.

5.- Por ultimo a AGAL lembra que nom e competencia de parlamentos nem de tribunais de justiça legislar sobre as normas de correcçom dos idiomas, polo qual esta medida so pode ser interpretada como um intento de controlar nom so os meios de comunicaçom publicos, mas tambem os privados. ♦

O Conselho da AGAL
(Compostela)

□ □ □

HOMENAGEM AO PROFESSOR ERNESTO GUERRA DA CAL EM QUIROGA

O dia 23 de Abril, às 18 horas, no salom de actos da Casa da Cultura de Quiroga tivo lugar a «Homenagem a Ernesto Guerra da Cal» de acordo com a ideia original da Professora Célia Diaz Núñez, Professora Agregada de Galego do Instituto de Bacharelato «As Lagoas» de Ourense. Esta iniciativa contou com o apoio da Associaçom Galega da Língua.

O acto, simples mas muito emotivo, consistiu numha mesa-redonda em que participárom a Professora D. Luísa Gonçálex Macia, Professora de Galego no Instituto de Bacharelato n.º 5 de Ourense, quem elaborou umha interesantíssima e completíssima síntese da trajectória humana, poética e intelectual do escritor. Comentou com brevidade os conteúdos dos seus poemas e assinalou os temas que convivem na sua poesia: a paisagem, a vivência amorosa, a passagem do tempo, as lembranças da infância —o seu paraíso perdido—, a relaçom com Deus, a reivindicaçom e defesa da Galiza. Guerra da Cal manifesta também um grande conhecimento da poesia galega, tanto dos textos da literatura medieval, que el recria e glossa, mesmo seguindo a linha neo-trovadoresca, como dos poetas do XIX e XX, nomeadamente Rosalia. A sua obra poética recebeu elogiosos comentários. Eugénio Montes qualifica-o como «o primeiro poeta galego moderno que trata temas universais» e X. M.ª Álvarez Cáccamo caracteriza-o como «um dos maiores talentos artísticos

que produziu Galiza neste século». Lembrou que Guerra da Cal tinha recebido importantes distinçons institucionais e académicas nos Estados Unidos, Brasil e Portugal —a Universidade de Coimbra concedeu-lhe o Doutoramento Honoris Causa— mas apesar destes reconhecimentos a nível internacional, na sua terra natal era silenciado, por causa, fundamentalmente, da sua opçom reintegracionista, afirmando textualmente: «Parece claro que, de nom ser por esta circunstância, a sua pessoa e a sua obra estariam mais difundidas e consideradas no nosso país. As únicas homenagens que se lhe figerom na Galiza levou-nas a cabo a Associaçom Galega da Língua, que o converteu em Membro de Honra da mesma. No ano 1989, coincidindo com o seu doutoramento Honoris Causa, a Revista Galaico-Portuguesa de Cultura *Nós* dedica-lhe um número de homenagem, em que participa por exemplo o nosso vizinho José Estévez —Pepucho— com um artigo intitulado «Ernesto Guerra da Cal e o Vale de Quiroga».

Finalizou as suas palavras dizendo:

«Com esta homenagem nós queremo-nos sumar também a essa reivindicaçom, pois consideramos que a sua personalidade como escritor e intelectual lhe outorga abundantes e sobrados méritos, que até o de agora nom lhe fôrom reconhecidos entre nós, os quirogueses, apesar de que Quiroga na sua poesia sempre é descrita com grandes elogios. Pensamos que o feito de que umha pessoa da altura intelectual de Guerra da Cal nos leve sempre presentes, é um claro motivo de orgulho para Quiroga e merece algum reconhecimento pola nossa parte. Por isso sugerimos a possibilidade ou a conveniência —como já José Estévez intentou tempo há— de que se lhé dê o seu nome a umha das nossas ruas, para assim perpetuar a sua memória e manifestar o nosso orgulho e agradecimento».

A Professora Doutora M.ª do Carmo Henríquez, Catedrática da Universidade de Vigo e Presidenta da AGAL, falou sobre «O compromisso de Guerra da Cal com a língua da Galiza». Começou a sua intervençom fazendo suas as palavras da professora que a tinha precedido no uso da palavra, pois se havia algo que caracterizava a vida e a obra do Professor Guerra da Cal era justamente o seu compromisso com a língua da Galiza e que esse compromiso podia ser identificado com um vocábulo simples que encerrava toda umha filosofia: o reintegracionismo. Salientou que o Professor Guerra da Cal já tinha tomado partido talvez antes da apariçom do seu livro **Lua de Além-Mar** daí que no 'Limiar' Jacinto de Prado Coelho salientasse:

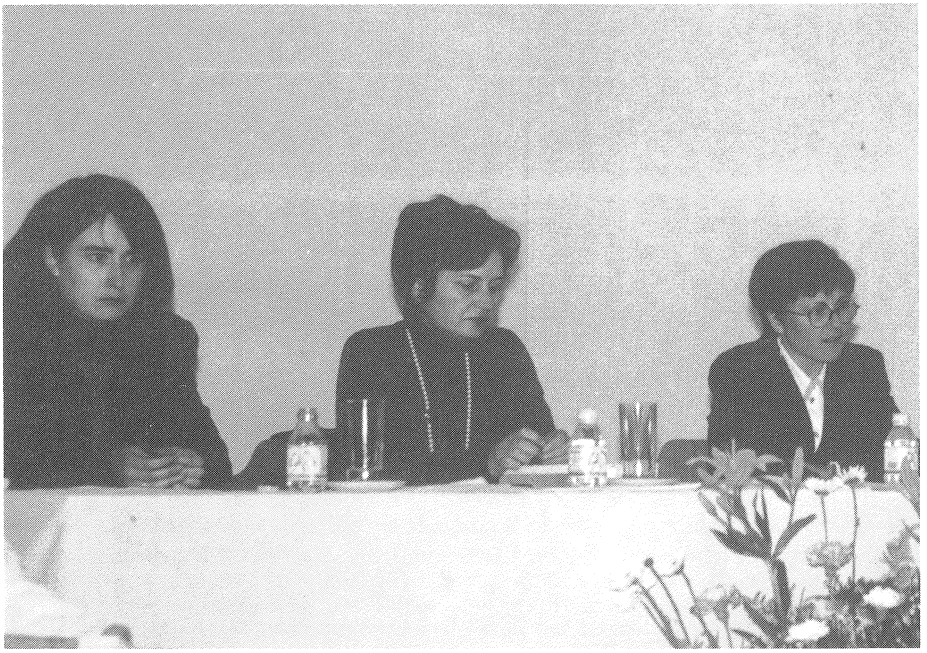
«...Ernesto Guerra da Cal afirma-se neste livro, que é de estreia em plena maturidade, um poeta verdadeiro, dos melhores da sua Terra. E direi mais: **Lua de Além-Mar,** para o meu sentir de português, tem fundas raízes na espiritualidade comum aos dois povos do Cabo da Europa. Em cada palavra lateja uma vivência que só a nossa língua comum é capaz de traduzir. Explorando por íntima necessidade as virtualidades da língua. Da Cal enriqueceu o património de galegos e portugueses, estreitou ainda mais os laços que nos unem, fez-nos mais conscientes do que somos».

Este compromiso tinha sido mais umha vez posto em destaque no 'Limiar' elaborado por Ramón Otero Pedraio para o seu novo livro de poemas **Rio de sonho e tempo.** O escritor ourensano afirmava com rotundidade:

«...É un dos millores representantes do esprito de Coimbra e Compostela, da frol oicidental da cultura galaico-portuguesa na grande nación que soupo escoller o comprimento de algús dos entranados anceios da Europa (...) de xeito que pechando os ollos, sentimos as palabras e os traballos dos amigos e irmáns das mañás da nosa empresa, e co valente labio de entón ouzamos nacer as estrofas do himno pondalián».

A seguir, voltou a dar leitura a outro fragmento inserido no *Antelóquio indispensável* do seu livro **Manual de Velhice para principiantes,** em que proclama que a norma culta que nos falta aos galegos, polida e civilizada, «equipada para obedecer a todas as solicitações da vida cultural, social e estatal, desde as mais simples às mais complexas» está na outra beira do Minho. Finalizou repetindo as palavras do Professor Guerra da Cal que revelam o seu claro compromisso com a língua da Galiza, compromisso que para o intelectual nom é outro que a desejada aproximaçom da *língua escrita* da Galiza (as itálicas som nossas) ao português:

«Eu, sem pejo nenhum, afirmo aqui o meu orgulho de ter sido o primeiro escritor galego, desde o Ressurgimento, a levar a vias de facto essa tão repetidamente desejada aproxi-



De esquerda a direita as Professoras Luísa Gonçález Macia, M.ª do Carmo Henríquez e Célia Diaz Núñez.

Vista geral do cenário. No centro, da esquerda à direita, as Professoras Luísa Gonçález Macia, M.ª do Carmo Henríquez e Célia Diaz Núñez. Nas duas margens, as alunas e o aluno que pugérom voz aos versos.

mação de nossa língua escrita ao português, a sua fonte matriz, lustral e protectora...».

Por último fijo a sua dissertaçom a Professora D. Célia Diaz Núñez sobre o tema intitulado «Quiroga»: 'paraíso da memória' de Ernesto Guerra da Cal» quem acompanhou a sua palestra com a leitura de diversos poemas do livro **Lua de Além-Mar e Rio de sonho e tempo,** re-editado pola AGAL. A professora pujo em destaque que todos os estudiosos que analisarom a obra poética de Guerra da Cal assinalarom a funda relaçom que o poeta estabelece com as terras quiroguesas. Ele próprio assume o qualificativo com o que o designava Federico Garcia Lorca «Ernesto do Sil». Ainda que nascido no Ferrol, a infância do escritor transcorre na vila quiroguesa e, apesar das incidências da sua biografia, Quiroga permanecerá inalterável na sua mente e será também presença reiterada na sua obra.

O rio Sil, convertido em representante principal da paisagem quiroguesa, é evocado nostalgicamente desde a distância

«Ai, meu Sil
meu meigo rio
que tinhas os olhos verdes
e donairoso o feitio (...)»

Outras vezes, o Sil comparte o protagonismo com o Lor, reflectindo a formosura primaveral das suas águas multicolores

«Do Lor ao Sil
que verdor
de orvalho
no mês de Abril! (...)

À saudade dos dous rios soma-se também a das montanhas da serra do Caurel e igualmente a dos ciprestes que contemplava desde a sua casa

«Ai, que triste os ciprestes
pela janela de agora!
Que alegres os meus ciprestres
pela janela de outrora?»

A lembrança dos anos quirogueses vai sempre unida à dos anos da meninice. E o poeta conserva gravados na memória os mínimos detalhes e sensaçons do seu mundo de outrora. É assim que lembrará cenas ou detalhes quotidianos daquel tempo: o dia da primeira comunhom,

«Marinheiro eucarístico
numa manhá de vila nevoenta (...)»

o rezo do rosário, a avó tecendo devagarinho, o gato que dormitava preguiçoso no sofá, a figueira em que o neno sonhava viagens aventureiras que o levavam a desconhecidos e afastados países, os odores que penetravam pola janela... e manifesta a persistência da lembrança que actualiza as velhas cenas da memória e imortaliza os objectos evocados.

Salientou que o poeta, consciente do passo inexorável do tempo, confessa a impossibilidade de recuperar o passado e renuncia expressamente à ideia do regresso, pois sabe que o reencontro com as paisagens agora já inexistentes —«Porque ninguém regressa do desterro / à mesma terra que deixou»— provocaria frustraçom e desencanto

«(...) Nunca voltes do exílio
em procura de aromas
do remoto jardim dos tempos idos
o teu retorno os tornará perdidos
e
já mais nunca os poderás lembrar (...)»

Antes prefere conservar as lembranças inseparáveis da funda saudade de umha paisagem e de um tempo idos, memórias de umha idade já perdida, a que o poeta se aferra porque elas o confortam no seu duro caminhar.

Quiroga, concluiria, tem um especial protagonismo nos versos de Guerra da Cal. Ela é o seu paraíso da infância e o seu jardim interior amorosamente cultivado dia a dia.

As palavras da Professora fôrom acompanhadas da leitura dos poemas do escritor por oito alunas e um aluno do Colégio Público de E.G.B. quem pugérom a voz emotiva ao acto. Teresa Gonçález Aguado deu leitura a «Morrinha de rio e lua»; Gemma Garcia Ferreiro leu «Ontem de cor e água»; Íria Carvalhedo Gonçález deu a sua voz a «Saudade líquida»; Helena Gonçález Galindo recitou «Viagem arredor de mim»; Marcos Maseda Prieto leu «Primeira comunhão»; Mónica Fernández Mourinho foi a encarregada de ler «Rosário»; Conchi Vila Cobo leu «Aquela macieira»; Sílvia Gonçález Garcia deu leitura a «Retorno» e Loli Fernández Campo pujo o ramo final com «Mais uma vez».

O acto finalizou com a leitura do texto enviado desde Lisboa polo escritor homenageado por parte da Presidenta da AGAL. O Membro de Honra da AGAL, como os nosso leitores podem ver no documento que reproduzimos facsimilarmente, dizia textualmente:

El Correo Gallego ● 25 de abril de 1994

Quiroga adicou unha homenaxe ó poeta ferrolán Guerra da Cal

No acto pediuse que lle fora concedida unha rúa na terra que consideraba súa

O célebre profesor e poeta Ernesto Guerra Da Cal, seudónimo literario de Ernesto Pérez Guerra, foi obxecto na vila luguesa de Quiroga, onde viviu a súa xuventude, dunha homenaxe promovida por ensinantes ourensáns e quirogueses.

MONFORTE. Angar

No acto de recoñecemento á traxectoria persoal e á obra deste galego universal, que tivo lugar o sábado na casa da cultura do concello, participaron María do Carmo Henríquez Salido, catedrática da Universidade de Vigo e presidenta da Asociación Galega da Lingua (AGAL) e Luisa González Macía e Celia Díaz Núñez, quirogueses, profesoras en institutos en Ourense.

Tres conferencias centradas en diversos aspectos da personalidade e obra do escritor foron o nó da homenaxe a este galego errante e quirogués de alma, como el mesmo recoñeceu na *saudacao* que remitiu e que foi lida durante a celebración da *homenagem* que se lle tributaba.

Guerra da Cal dixo: "Quiroga e a súa paisaxe ficarán para sempre ancorados no recanto máis íntimo do meu corazón de galego errante. Constituíndo un refuxo mental, un xardín de lembranzas sosegado que sempre me ofrecen un aconchegado paraíso interior. Aínda que nascido no Ferrol sempre me considerei quirogués, pois foi aí que os meus ollos e a miña alma se abriron ó coñecemento consciente do mundo circundante. Por iso Quiroga e o Sil viven e vivirán indeleblemente no fondo máis fondo do meu espírito ate Deus quixer de aquí me levar a descansar na súa man dereita".

Luisa González Macía abriu as conferencias pasando revista á biografía de Guerra da Cal, fixándose no seu labor como docente, investigador e poeta. Lamentouse tamén do pouco recoñecemento que ten este galego na nosa terra, "silenciado pola súa postura reintegracionista".

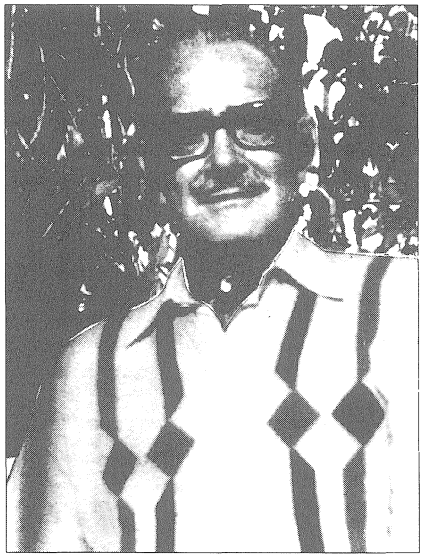
González Macía sinalou que a homenaxe que se lle brindaba era unha reivindicación dos seus méritos. Tamén se sumou á petición feita no seu día por outro quirogués ilustre, Xosé Estévez Rodríguez, para que Quiroga lle adique unha das súas rúas.

María do Carmo Henríquez Salido falou do compromiso de Guerra da Cal na lingua galega coa aproximación ortográfica ó portugués. Aludiu ás polémicas entre defensores da integración e os isolacionistas e rematou facendo unha defensa do reintegracionismo no galego, reivindicando o mundo da lusofonía.

Lembrou que o literato luso Jacinto Prado Coelho dixo: "Ernesto enriqueceu o patrimonio do galego e o portugués, estreitando os lazos dos galegos e os portugueses".

Rematou o acto coa intervención de Celia Díaz Núñez quen abordou a evocación das paraxes de Quiroga que Guerra da Cal fai nos versos da súa poesía. Neses poemas aparecen o río Sil e Lor, a Serra do Courel, os cipreses da vila quirogueasa, o rezo do rosario coa súa avoa e "Teteyo" e outros moitos recordos, "dun paraíso perdido, da terra mítica que evoca de xeito claro é preciso", sinalou Celia Díaz.

Na derradeira conferencia foron lidos por nove alumnos quirogueses outros tantos poemas de Guerra nos que se trasloce esa evocación da paisaxe da súa terra, Quiroga.



GUERRA DA CAL REIVINDICABA AS RAÍCES LUSISTAS Gallego

«Comovido por esta homenagem à minha criação lírica, venho enviar-vos caros conterrâneos os meus mais sinceros agradecimentos, evocando os dias, tão longínquos, da minha infância nesse feiticeiro vale que o Sil tão carinhosamente banha. Quiroga e a sua paisagem natural e humana ficarám para sempre ancorados no recanto mais íntimo do meu coração de galego errante, constituindo um refúgio mental, um jardim de lembranças sossegado que sempre me ofereceu um aconchegado paraiso interior, inexpugnável às investidas e dissabores da vida. Ainda que nascido no Ferrol, sempre me considerei quiroguês, pois foi aí que os meus olhos e a minha alma se abriram ao conhecimento consciente do mundo circundante —além de eu ser oriundo de lá pela minha linhagem materna—. Por isso Quiroga e o Sil vivem e viverão indelevelmente no fundo mais fundo do meu espírito. Até Deus quizer daqui me levar a descansar na sua mão direita. Graças, mais uma vez por esta honra que muito me sensibiliza e me obriga. GUERRA DA CAL».

O salom de actos da Casa de Cultura de Quiroga resoltou pequeno para dar acolhida a tantas pessoas, cifra que se aproximava ao centenar, que se sumárom espontaneamente ao acto e que ao finalizar ficárom fundamente emocionadas ao escuitar os versos do seu conterrâneo.

As alunas e o aluno recebérom como obséquio da AGAL um exemplar do livro **Lua de Além-Mar e Rio de sonho e tempo** e as pessoas participantes no acto adquirírom numerosos exemplares deste texto.

Os meios de comunicaçom, nesta ocasiom, dérom abundante informaçom nom só sobre a organizaçom da homenagem mas também sobre o decorrer da mesma, como os leitores de *Agália* podem verificar por alguns textos que incorporamos. Reproduzir todas as informaçons ocuparia um importante número das páginas deste número.

17 / IV / 94 — La Voz de Galicia — Terras de Lemos

El célebre escritor y profesor será homenajeado en la villa el próximo día 23

Guerra da Cal, poeta de Quiroga

El próximo día 23, la Casa de Cultura de Quiroga será el escenario de un homenaje a Ernesto Guerra da Cal, una de las figuras más destacadas de la cultura gallega de este siglo. Guerra da Cal, que en la actualidad reside en Lisboa tras haber enseñado en diversas universidades de Estados Unidos, Inglaterra y Portugal, vivió durante su infancia en Quiroga, a la siempre ha considerado como su tierra natal. El homenajeado goza de un enorme prestigio en los medios intelectuales y universitarios de varios países.

QUIROGA
Corresponsal de La Voz de Galicia

Ernesto Guerra da Cal nació en Ferrol en 1911. Sin embargo, al poco tiempo fue trasladado a Quiroga, donde transcurrió su infancia y adolescencia. Aunque nunca volvió a residir aquí, siempre ha considerado el valle de Quiroga como su tierra nativa.

En los años 20, Guerra da Cal pasó a residir en Madrid, donde convivió con las figuras más destacadas de la «Generación del 27». Trabó amistad, por ejemplo, con Federico García Lorca y Luis Buñuel, con los que colaboró en diversos trabajos. Al estallar la Guerra Civil se alistó en las Milicias Gallegas para combatir en defensa de la República. En 1939 se exilió en los Estados Unidos y se doctoró en la Universidad de Columbia. Más tarde ejerció la docencia en la Universidad de Nueva York –de la que llegaría a ser profesor emérito– y en otros importantes centros, donde siempre se preocupó de difundir la cultura galaico–portuguesa y ha formado a muchas promociones de expertos en romanística, adquiriendo un enorme prestigio en los medios culturales y universitarios de EE UU, Portugal, Brasil y otros países. Se le deben incontables estudios críticos e históricos y antologías, escritos principalmente en portugués, inglés y español. Entre su obra destaca la monumental *Biblioteca queiroziana*.Como poeta, Guerra da Cal es autor de una abundante y reconocida obra en gallego, portugués e inglés.

Guerra da Cal ha sido siempre un firme partidario de la incardinación de Galicia en el mundo cultural de lengua portuguesa, preconizando para ello la reforma ortográfica del gallego. En este sentido, se le puede considerar como un pionero de las tesis reintegracionistas o *lusistas*.

El perenne recuerdo del Sil

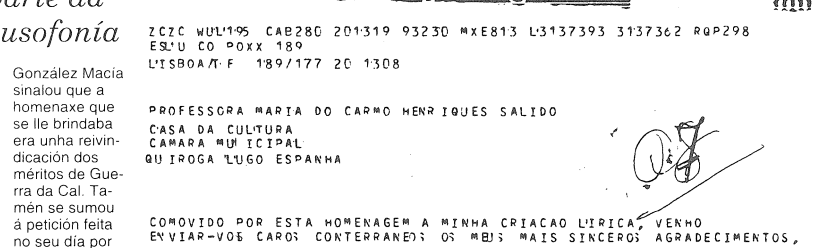
Desde que partió al exilio en 1939, Ernesto Guerra da Cal ha residido en diferentes países, sobre todo en Estados Unidos, Inglaterra y Portugal. Desde hace varios años vive en este último país, primeramente en Estoril y actualmente en Lisboa. No obstante, Quiroga y el valle del Sil, donde se impregnó de la cultura vernácula en sus primeros años, siempre han estado presentes en su memoria y en su obra. En sus libros poéticos, como *Lua de Além–Mar*, *Rio de sonho e tempo* y *Futuro imemorial*, aparecen numerosas referencias a la Quiroga de su infancia y a los paisajes del Sil, del Lor y de la sierra de O Courel. Guerra da Cal, durante los años que vivió en la villa, residió en la casa conocida como *Tabacalera*, en compañía de su abuela y su tía quiroguesas. A esta última, llamada Consuelo y conocida familiarmente como *Teteyo*, está dedicado uno de sus libros.

O galego como parte da Lusofonía

González Macía sinalou que a homenaxe que se lle brindaba era unha reivindicación dos méritos de Guerra da Cal. Tamén se sumou á petición feita no seu día por outro quirogués ilustre, residente en Euskadi, Xosé Estévez Rodríguez, para que Quiroga lle adique unha das súas rúas.

María do Carmo Henríquez Salido centrou a súa intervención no compromiso do escritor coa lingua galega, para a que el defende unha aproximación ortográfica ó portugués. Lembrou que o literato luso Jacinto Prado Coelho considera que Da Cal "enriqueceu o patrimonio do galego e o portugués, estreitando os lazos" entre os dous pobos.

Celia Díaz Núñez, pola súa banda, analizou a presencia de Quiroga na poesía do escritor, onde aparecen os ríos Sil e Lor, a Serra do Courel, os cipreses da vila ou outras lembranzas da xuventude nun "paraíso perdido, da terra mítica que evoca de xeito claro é preciso", sinalou Celia Díaz.



Correos y Telégrafos

ZCZC WUL195 CAB280 201319 93230 MXE813 L3137393 3137362 RQP298
ESLU CO POXX 189
LISBOA/T F 189/177 20 1308

PROFESSORA MARIA DO CARMO HENRIQUES SALIDO
CASA DA CULTURA
CAMARA MUNICIPAL
QUIROGA LUGO ESPANHA

COMOVIDO POR ESTA HOMENAGEM A MINHA CRIACAO LIRICA, VENHO ENVIAR-VOS CAROS CONTERRANEOS OS MEUS MAIS SINCEROS AGRADECIMENTOS, EVOCANDO OS DIAS, TAO LONGINQUOS, DA MINHA INFANCIA NESSE FEITICEIRO VALE QUE O EIGO SIL TAO GARINOSAMENTE BANHA. QUIROGA E A SUA PAISAGEM NATURAL E HUMANA FICARAM PARA SEMPRE ANCORADOS NO RECANTO MAIS INTIMO DO MEU CORACAO DE GALEGO ERRANTE, CONSTITUINDO UM REFUGIO MENTAL, UM JARDIM DE LEMBRANCAS SOSSEGADO QUE SEMPRE ME OFERECEU UM ACONCHEGADO PARAISO INTERIOR, INEXPUGNADEL AS INVESTIDAS E DISSABORES DA VIDA. AINDA QUE NASCIDO NO FERROL, SEMPRE ME CONSIDEREI QUIROGUES, POIS FOI AI QUE OS MEUS OLHOS E A MINHA ALMA SE ABRIRAM AO CONHECIMENTO CONSCIENTE DO MUNDO CIRCUNDANTE - ALEM DE EU SER ORIUNDO DELA PELA MINHA LINHAGEM MATERNA. POR ISSO QUIROGA E O SIL VIVEM E VIVERAO INDELEBELMENTE NO FUNDO MAIS FUNDO DO MEU ESPIRITO, - ATE DEUS QUIZER DAQUI ME LEVAR E DESCANSAR NA SUA MAO DIREITA. GRACAS, MAIS UMA VEZ POR ESTA HONRA QUE MUITO ME SENSIBILIZA E ME OBRIGA

GUERRA DA CAL

Homenaxe a un poeta errante

Quiroga lembrou o sábado a Ernesto Guerra da Cal, o exiliado eterno das letras galegas

Ernesto Guerra da Cal, pseudónimo literario de Ernesto Pérez Guerra, recibiu o pasado sábado en Quiroga —onde pasou boa parte da súa xuventude— unha homenaxe na que recuperou para Galicia a escorrediza figura deste poeta, considerado xunto con Blanco-Amor a "fonte secreta" dos "Seis poemas galegos" de García Lorca.

MONFORTE
Angar

Tres conferencias centradas na personalidade e obra do escritor foron o nó da homenaxe a este "galego errante e quirogués de alma", como el mesmo recoñeceu na "saudaçao" que remitiu para o acto.

Da Cal considera que "Quiroga e a súa paisaxe natural e humana ficarán para sempre ancorados no recanto máis íntimo do meu corazón de galego errante. Constituíndo un refuxio mental, un xardín de lembranzas sosegado que sempre me ofrecen un aconchegado paraíso interior".

Aínda que nacido en Ferrol, Guerra da Cal considerouse sempre quirogués, a vila na que "os meus ollos e a miña alma se abriron ó coñecemento consciente do mundo circundante", apontou o escritor no seu saúdo.

No acto de recoñecemento a Da Cal —o primeiro que se lle adica en Galicia— participaron María do Carmo Henríquez Salido, catedrática da Universidade de Vigo e presidenta da Asociaçom Galega da Língua (AGAL); Luísa González Macía e Celia Díaz Núñez, profesoras en dous institutos da cidade das Burgas.

González Macía, que pasou revista ó labor de Ernesto Guerra da Cal como investigador, profesor e poeta, lamentou o pouco recoñecemento que teñ este escritor en Galicia, silenciado, ó seu xuízo, "pola postura reintegracionista que sempre mantivo".

A ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA NO «DIA DAS LETRAS GALEGAS» (*)

A Associaçom Galega da Língua nesta data que da sua óptica nom se justifica no momento actual, pois que os dias das letras tenhem que ser todos os dias do ano, fundamente preocupada polo mais que notável retrocesso dos usos do galego em todos os ámbitos, mesmo naqueles em que por lei teriam que ser monolingües em galego (como a Televisom Galega), deseja informar à opiniom pública:

1. Apesar das vozes de escritores, intelectuais e gentes da cultura que manifestam o importante interesse que possui para a sobrevivência do nosso idioma chegar a umha ortografia, léxico e morfosintaxe substancialmente comum com o português, a Junta de Galiza continua a discriminar e a perseguir as vozes discrepantes maioritárias na Galiza que defendem o reintregracionismo. Dia a dia os ideais de Castelao, Vilar Ponte, Viqueira, Carvalho Calero, Jenaro Marinhas, etc., som assumidos por amplos sectores da sociedade galega.

2. Nom deixa de ser umha provocaçom para o povo galego que a Junta esteja a criar «cátedras de galego» noutras localidades do estado espanhol e do estrangeiro e que no nosso país se eliminem ou ainda nom se ponham em funcionamento as novas licenciaturas em galego-português.

3. A AGAL tem que denunciar mais umha vez que a Junta em lugar de buscar a concórdia e a paz lingüística, utilize como pretexto o Decreto de Normativa para nom conceder subsídios a colectivos, pessoas, meios de comunicaçom, entidades e associaçons que dia a dia usam em exclusiva o galego. Com esta medida a Junta só busca acrescentar o uso do espanhol e frear a liberdade de expressom e o direito de informaçom.

4. A AGAL insiste perante a opiniom pública em que o único que é oficial é o idioma galego. *Nom há, portanto, ortografia oficial* nem léxico oficial, nem morfosintaxe oficial. As contínuas mudanças das Normas do ano 1982 som umha boa prova da perda de vigência das mesmas. A AGAL tem que reconhecer que muitos dos princípios do reintegracionismo vam sendo assumidos por qualificados representantes do «ILGA» e da «Academia Galega».

5. Por último, a AGAL denuncia que apesar de ter publicado mais de 30 livros, contar com umha revista trimestral que chegou ao seu número 37, e desenvolver umha ampla actividade desde há treze anos, seja marginalizada também pola *TVG.*

Compostela, 16 Maio 1994

(*) Nom foi publicado por nengum jornal.

□ □ □

DO «REPERTORIO BIBLIOGRÁFICO SOBRE A PRENSA GALEGA» (R. Cal - C. Pérez)

AGÁLIA

1. Descrición bibliográfica

AGALIA: Revista da Associaçom Galega da Língua.—N. 1 (primavera 1985)—.—A Coruña: AGAL, 1985—.—Trimestral.

2. Director e colaboradores

Fan saber que o director é a «Presidencia da AGAL» e figura como coordenador Joám J. Costa Casas. Forman o «Conselho de redacçom» Ricardo Carvalho Calero, Miguel Anjo Fernán Velho, José Antonio López Taboada Fernández e Francisco Salinas Portugal.

Colaboran principalmente profesores da universidade galega e das universidades portuguesas. Asinan traballos, entre outros, Ramón López Suevos, Claudio López Garrido, Je-

naro Marinhas, Rodrigues Lapa, Ernesto Guerra da Cal, Dores Arribe, M.ª do Carmo Henríquez Salido, etc.

3. Contido da publicación

Figuran case sempre no sumario varios artigos de investigación de carácter lingüístico, literario ou sociolingüístico; leva tamén un apartado de Notas que ven sendo a sección informativa; en terceiro lugar a «Antología» con traballos históricos e por último a «Documentaçom, informaçom e recensons». Fecha cada número o apartado dedicado ó «Correio».

4. Números consultados

Tódolos que saíron atá o outono do 1989, desde o número 1 (primaveira 1985) atá o número 17 (primaveira 1989). Alen diso, dous números monográficos.

5. Números de referencias de interese para a prensa galega: 5.

6. Comentario e estimación

AGALIA é o medio de expresión propio da tendencia reintegracionista do sector galegofalante. Para os colaboradores galegos a normativa empregada ten que ser esa, e os portugueses exprésanse na lingua propia.

Comezou sendo unha revista variadísima: linguaxe, literatura, reflexións sobre a loita feminista, a sexualidade na psicanálise, homenaxe a Castelao, as Cantigas de Amigo, Congresos, desigualdades rexionais na Galiza, no Estado Español e na CEE... Nos últimos números obsérvase unha inclinación maior rumbo ós temas lingüísticos e literarios.

□ □ □

CONSTITUIDA EM COMPOSTELA A CONFEDERAÇOM INTERSINDICAL GALEGA (CIG)

O 19 de Março celebrou-se no Auditório de Compostela o congresso constituinte da Confederaçom Intersindical Galega (CIG). O processo de formaçom deste sindicato começou em Abril de 1990 entre a Intersindical Nacional dos Trabalhadores Galegos e a Confederaçom Geral dos Trabalhadores Galegos. Estas duas organizaçons, coaligadas na Convergência Intersindical Galega, lográrom ser consideradas como central mais representativa do país, à par das de ámbito do Estado UGT e CC.OO., nas últimas eleiçons sindicadas, celebradas naquele ano do acordo.

A CIG, única central de classe de ámbito exclusivo galego, integra federaçons de Administraçom Pública; Alimentaçom e Têxtil; Banca, Aforro e Seguros; Construçom e Madeira; Ensino; Mar; Metal; Químicas e Energia; Sanidade; Serviços e Transporte; e Comunicaçons. Fernando Acunha foi eleito o seu primeiro secretário geral e Manuel Mera secretário confederal.

□ □ □

GRAVADOS DOUS TRABALHOS MUSICAIS DE RICARDO FLORES

Entre as dez composiçons de «Terra Meiga», último disco da cantora argentina filha de galegos Graciela Pereira, incluem-se os temas «Danza dos Mariñeiros» e «A Galiza», ambos da autoria de Erre Chiquelo, pseudónimo do poeta, dramaturgo, ensaista e membro do grupo da AGAL em Buenos Aires, Ricardo Flores. O volume apareceu nesta Primavera.

Entre o seu labor na comunidade emigrante deste país americano destaca a recolhida e actualizaçom de cantigas galegas realizada por Flores, um reintegracionista natural de Sada e que, aos seus 91 anos, continua como um exemplo de dinamismo, vitalidade e coerência.

EM VINTE ANOS EDITAROM-SE NA GALIZA 6.077 LIVROS

Entre 1973 e 1993 editarom-se na Galiza 6.077 titulos de livros. Desta cifra, 4.069 fôrom produzidos por editoras privadas e 2.008 por instituiçons. Além disso, 3.542 estám escritos em galego e 2.535 noutras línguas, esmagadoramente em espanhol. Estes som alguns dos dados fornecidos pola economista Rosa Verdugo Matês e a bolseira Ana Rodriguez Seoane no seu trabalho «A indústria editorial galega: 1973-1993». O texto aparece publicado no número 19 da revista «Análise Empresarial», correspondente a Janeiro-Abril de 1994. As duas autoras investigam no Departamento de Economia Aplicada da Universidade de Compostela, dirigido polo professor Ramom L. Suevos. O artigo resulta de enorme interesse para conhecer a realidade e vitalidade da nossa cultura no período estudado. «Relativamente à dimensom das empresas editoras, —concluem— elevado número de pequenas empresas cum baixo volume de produçom, e, simultaneamente, concentraçom de mais do 75% da ediçom em 16 sociedades, assim como concentraçom de mais do 50% em três delas».

Salientar, aliás, que é esta umha das revistas editadas na Galiza que respeta a liberdade ortográfica dos autores. Além deste contributo sobre as editoras, neste mesmo número aparecem outros trabalhos redigidos na norma da AGAL, da autoria de José Posada, Nemésio Barxa e Cláudio López Garrido.

□ □ □

O DESEMPREGO, NO CENTRO DAS REIVINDICAÇONS DO «DIA DA MULHER»

O elevado desemprego que atinge as mulheres galegas foi o tema central das reivindicaçons deste ano para comemorar o «Dia Internacional da Mulher Trabalhadora». Entre as actividades celebradas na Galiza som de destacar as organizadas por Mulheres Nacionalistas Galegas, que convocou em Compostela sob o lema *Mulher, contra a nossa exploraçom, insubmissom!!!* e editou umha publicaçom na qual analisa a realidade laboral do país.

Num dos artigos deste interessante contributo, lemos: «As mulheres somos (o) 39% da populaçom activa (na Galiza), cifra muito elevada a conseqüência da participaçom da mulher no sector agrícola. Como vai ser absorvida esta mao de obra depois da destruiçom à que está a ser submetido o nosso país? O desemprego feminino segue em aumento, eram 102.667 desempregadas frente a 98.995 desempregados em Dezembro do 93». O informe cita, aliás, dados de um estudo da Secretaria da Mulher do sindicato CC.OO., segundo o qual «(o) 39% das galegas que trabalham fam-no com contrato temporal; das pessoas que trabalham a tempo parcial, (o) 74% som mulheres, e que recebemos um 21% menos do salário na mesma situaçom laboral».

□ □ □

CURSO DE GALEGO-PORTUGUÊS EM MUGIA

A Associaçom Galega da Língua no comprimento dos seus objectivos de normalizaçom do nosso idioma nacional organizou um curso de língua, história e culturas galegas em Mugia com a colaboraçom do Concelho. O curso celebrou-se na Aula da Cultura da Camposa desde o dia 1 até o dia 30 de Junho-94, quatro dias à semana desde as 8 horas da tarde até as 10 horas.

O curso constou das seguintes partes:

1. Conteúdos lingüísticos:

a. Ortografia Etimológica e Normativa reintegrada.
b. Morfosintaxe e Gramática.
c. História da Língua.
d. Estudo comparativo entre as diferentes normativas galegas e variantes do diassistema galego-português.

2. Comentário de texto:

a. Textos galegos (medievais, modernos e contemporáneos), textos portugueses e brasileiros do ponto de vista formal.
b. Textos galegos, portugueses e brasileiros do ponto de vista do conteúdo.

3. Audio-visuais:

a. Vídeos com falantes galegos, portugueses e brasileiros.
b. Fitas de cassetes em galego, português e brasileiro.

4. Sócio-Lingüística:

a. Bilingüismo e Diglossia.
b. Normalizar e Normativizar.
c. Situaçom do galejo hoje e comparaçom com outros países da Europa.

5. Geo-Lingüística:

a. Blocos lingüísticos galegos em relaçom às normativas.
b. Blocos portugueses.

As aulas fôrom impartidas polo professor da AGAL Dom José Manuel Barbosa.

La Asociación Galega da Lingua organiza un curso en Muxía

CARBALLO

Redacción

Sábado 28 de mayo de 1994

La Asociación Galega da Lingua organiza un curso de idioma gallego en normativa reintegracionista en colaboración con el Concello de Muxía. Las clases se celebrarán en las aulas de A Camposa durante el mes de junio. Las sesiones formativas se desarrollarán cuatro días a la semana de 20 a 22 horas.

El precio de la matrícula es de 1.000 pesetas. Los asistentes recibirán el diploma correspondiente a la fase de iniciación en galego–portugués. La inscripción podrá realizarse en las mismas aulas de A Camposa el día del inicio del curso. Sólo hay 10 plazas disponibles. José Manuel Barbosa será el profesor.

●ENSEÑARÁN GALEGO-PORTUGUÉS EN MUXÍA

La Associaçom Galega da Língua organiza en Muxía un curso de galego-português, en colaboración con el ayuntamiento. Las clases comenzarán mañana y se prolongarán hasta el 30 de junio. Los grupos estarán integrados por diez personas. Las inscripciones podrán llevarse a cabo mañana mismo, antes de las ocho de la tarde, en el aula de cultura de A Camposa. El precio de la matrícula es de mil pesetas.

Martes 31 de mayo de 1994

PUBLICAÇONS RECEBIDAS E DE INTERESSE

R. Cal Martínez & M. C. Pérez Pais. *Repertorio bibliográfico sobre a prensa galega.* Eds. LEA. Santiago/Noia, 1993. 223 páginas. Enjundioso estudo que inclui a análise da nossa revista nas páginas 172/173,

J. R. Chantada Acosta & E. A. Abad Vidal. *Estructura por edad y sexo en Galicia.* Ed. Agencia Gráfica. Santiago, 1994. 316 páginas. Embora redigido em espanhol, contém toda a toponímia em galego-português.

Fernando Echevarria. *Poesia 1980-1984.* Eds. Afrontamento. Porto, 1993. 479 páginas. Reeditam-se neste volume, aumentados, os dous livros do autor que levam nos títulos explícita referência filosófica: *Introdução à Filosofia* (1981) e mais *Fenomenologia* (1984).

J. Joyce. *Giacomo Joyce.* Espiral Maior, Col. A Illa Verde, número 1. Corunha/Carvalho, 1994. 47 páginas. Ediçom bilíngüe (inglês/galego) a cargo de Elvira Souto, constitui um pequeno e curiosíssimo texto, construido em prosa rítmica e poética, fundamental para perceber o lirismo do autor do *Ulysses.*

J. M. Montero Santalha. *Oxalá voltassem tempos idos!* Eds. Laiovento, Santiago/Noia, 1994. 98 páginas. Primeira incursom no romance do nosso filólogo, que lhe supujo o Primeiro Prémio de Narrativa R. Carvalho Calero 1992, do Concelho de Ferrol.

X. M. Núñez Seixas. *O galeguismo en América, 1879-1936.* Ed. do Castro/Moret. Sada, 1992. 325 páginas. Analisa o processo contido no título nas suas etapas de pré-nacionalismo e nacionalismo pleno, com o feitio particular que adoptou nas colectividades de Cuba, Argentina e Uruguai.

X. Paz Garça. *O conflito lingüístico em «Sempre em Galiza».* Lentura. Cadernos do Movimento «Defesa da Língua», número O. Ourense, 1994. 31 páginas. Ediçom comemorativa do 50.º aniversário do livro castelaoniám, belamente realizada, alterna textos e desenhos de Castelao com comentários sobre o tema do título.

H. Rabunhal. *Textos e contextos do teatro galego, 1671-1936.* Eds. Laiovento. Santiago/Noia, 1994. 256 páginas. Texto que vai além da tese doutoral brilhantemente defendida este mesmo ano, logrando ser nada menos do que umha história do teatro feito na nossa língua no nosso país.

E. Souto. *Vínculo de sangue.* Eds. Laiovento. Santiago/Noia, 1993. 224 páginas. Um atractivo percurso pola literatura de mulheres, desde Ch. Brontë e Rosalia Castro até Patricia Highsmith.

A. Tarrío Varela. *Literatura galega: aportación a unha historia crítica.* Eds. Xerais, Vigo/Salamanca, 1994. 582 páginas. Estudo dividido em quatro períodos: medieval, séculos obscuros, XIX e XX.

J. Veiga Roel. *Fotografías 1954-1964.* Xunta de Galicia. Centro Galego de Artes da Imaxe. Corunha/Barcelona, 1993. 99 páginas. Belíssimo álbum que mostra a arte incomparável do fotógrafo betanceiro, do que já incluímos obra ilustrativa no número 30 desta revista.

VV.AA. *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románica.* Universidade de Santiago/Fundación Barrié. Corunha, 1993. Quatro tomos que recolhem o tratado em dito evento, celebrado em Compostela o ano 1989.

VV.AA. *Diccionario histórico das ciencias e das técnicas de Galicia. Autores, 1868-1936.* Seminario de Estudos Galegos/Eds. do Castro-Moret. Sada, 1993. 355 páginas. Coordenado por X. A. Fraga e A. Mato, é umha rara aportaçom aos escassos textos científicos ou sobre a ciência na Galiza.

VV.AA. *Vicente Risco. Arredor de nós.* A Nosa Terra. A Nosa Cultura, número 14. Vigo/Rio Tinto, 1993. 112 páginas. Plural visom do discutido intelectual nacionalista, em 18 flashes de outros tantos autores, entre os quais um único em galego-português, do nosso C. C. Morám Fraga.

Periódicas.

Cátedra. Revista eumesa de estudios. Número 1. Pontedeume, 1994. 112 páginas. Rompe a andar um novo órgao de estudos locais, que tanto há contribuir ao enriquecemento da nossa historiografia, com nove trabalhos, entre eles um particularmente curioso, assinado por Antón Casal, sobre a poeta Isabel de Castro e Andrade e o seu sonado poema em galego-português a Alonso de Ercilla.

Constantinopla. Boletim de Língua. Compostela, 1994. Números 2 e 3. Segue aparecendo com essa funçom de tal utilidade qual a dos boletins.

Nós. Números 29-34. Ponte-Vedra/Braga, 1993. 283 páginas. Contém, concretamente às páginas 1-203, as actas do Congresso Internacional «A língua portuguesa no mundo...» celebrado entre Compostela e Braga e do 21 ao 24 de setembro de 1992. Junto com o discurso de encerramento de Marinhas del Valle, lêmos as comunicaçons de A. Herrero, L. Mazás, A. Gil, A. Brea, M. Herrero, Vilhar Trilho...

Rexurdimento. Eira Vella. Betanços, 1993. 112 páginas. Ediçom facsímile da revista quincenal publicada nessa vila em períodos de 1922 (seis números como *órgao dos intereses mariñas)* e de 1923 (sete números como *órgao da I.N.G.),* belamente reeditada é do máximo interesse.

A·FOVCEA
PERIODICO·GALEGO

ANO VI - NUM. 84
RUA MÉXICO, 1660 - BÔS AIRES
NOVEMBRO DE 1935

Os símbolos patriais, perseguidos d'alteraçons

Haberá cousa dun ano, a un maluco canário que anda voando por Bôs Aires, teimando en querer estrair da nosa música o alpiste pra o seu papo, ocorreu-se-lhe pôr-se a reformar a partitura do noso Hino Nacional.

Un pouco dempois, outro galego dabondo atrevido, apareceu-nos fazendo pública nun ruin jornal da nosa colectividade, un-a reforma da letra do mesmo Hino, dicindo que a que tinha, "non era ajeitada", que "non estaba ben".

Mais tarde, un-a folha idiota, tamén da nosa colectividade, ven-nos falando de têrmos que trocar o escudo, porque polo visto o que estábamos usando "non era o verdadeiro escudo de Galiza".

E agora, ven a surprender-nos a mais nojenta imprensa da nosa Terra, coa música mâ intencionada, de que hai que trocar de bandeira porque — di — que a que hoje içamos "non é a auténtica bandeira de Galiza".

O asunto, resulta, pois, realmente curioso; os nosos quatro símbolos nacionais, veen a sêr perseguidos d'alteraçóns. E o que resulta tamén moi chocante, é que nenhún dos que se ocuparon dêles, supón un-a persoa indicada pra fazer tal; nenhún sente a Galiza, nen lhe interesa o máis mínimo o seu encadeamento.

Un asegún fica dito, é canário legítimo, un verdadeiro estrangeiro; e os outros, son hespanholeiros; ou seja, coelhos naturalizados, uns perfeitos arrenegados da sua Pátria.

O que compre dicir-lhes a êstes metediços, é que se deixen de mexer en cousas que non son dignos de tocar, en cousas que insultan con só lembrar-se delas; a sua autoridade é moi esfameada pra se ocuparen d'asuntos tan elevados, e de respeito tan sagro.

O paxaro, que se reforme a si mesmo que bôa falta lhe fai, ou que se adique a facer diaburas coa propiedade musical dos sêres da sua láia; e os outros mamíferos, que escarafunchen nos atributos dos seus congéneres; ou endenón, que se metan no tôpo, que é o lugar onde lhes correspondía estar.

Tais aiçóns, d'estudo e d'aconselhar a alteraçón dos nosos símbolos patriais, se un-a razón natural o autoriza, ou certas circunstâncias o recramasen, sómente son própias pra os galegos "bôs e xenerosos", e pra os quais deben estar reservadas; e non pra os alheios, ou propios, arrenegados.

R. F.

RECENSONS

DONA OTÍLIA LAMENTA MUITO, DE VERA KARAM

Joel R. GOMES

Na Primavera de 1994 é normal acharmos nos quiosques de Compostela um jornal do dia de Paris, mas nom um diário português. E ainda existe o paradoxo de que os poucos quotidianos portugueses que chegam, além do atraso de dias, aterram na Galiza via Madrid com ediçons de Lisboa, nom através do Minho com ediçons do Porto, como seria de esperar. Resulta difícil de entender que num lar galego se poda ver televisom dos Estados Unidos, da Inglaterra ou da Alemanha, mas nom seja possível ligar estaçons portuguesas. Que mistérios continuam a influir para que isto persista assim?

Se resulta complexo o acesso aos meios de comunicaçom de consumo de massas, muito mais ao livro ou ao texto especializado. E se isto acontece com Portugal, que vamos dizer do Brasil! A presença dos seus produtos culturais na Galiza é anedótica.

Para quando umha comunicaçom normal com os países da área lingüística luso-afro-brasileira? Eis umha pergunta que, quando a *Agália* principia o seu décimo ano de vida, ponho de novo —como há um ano— para quem puder corresponder. Parece que cada vez há mais interesse nessa intercomunicaçom, mas o certo é que passos em firme para concretizá-la nom se vem.

Este comentário dos textos teatrais de Vera Karam (1) quer servir de apelo para reinvidicar, mais umha vez, a necessidade de comunicaçom com os demais países lusófonos.

O livro desta autora brasileira veu dar às minhas maos quase do único modo possível: com ensejo de umha breve estadia na capital de Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Apresentou-se-me, alías, ocasiom mesmo de ver a moderna e acertada encenaçom do espectáculo que dá título ao volume.

Dona Otília... está composto por quatro breves textos, com interrelaçom entre eles: *Dá licença por favor?, Noite e embalar o que fomos, A florista e o visitante,* e *Dona Otília lamenta muito.* Além disso, no livro incluem-se outros três textos breves *(Noite feliz, Quem sabe a gente continua amanhá?,* e *Será que é o contrário a vida da atriz?)* que dérom pé a outro espectáculo anterior.

Vera Karam (Pelotas-Rio Grande do Sul, 1959) apresenta textos enquadrados em situaçons do quotidiano nos quais se reflectem os conflitos, rivalidades e pequenezes, por vezes absurdos, a que pode levar umha sociedade de consumo. O crescente analfabetismo funcional provoca por vezes inseguranças, atitudes e modos de reagir primitivos e pouco menos que incompreensíveis. Os seres de série fabricados por um sistema pensado para a domesticaçom e o adestramento e nom para a libertaçom da pessoa, para o isolamento e nom para a solidariedade, leva a situaçons como as retratadas por esta autora.

---

(1) Karam, Vera: *Dona Otília lamenta muito.* Porto Alegre: Tchê! Instituto Estadual do Livro, Abril de 94.

Amostram-se-nos personagens medíocres, de existir pouco emocionante e insatisfatório, sem apenas risco que, no entanto, alicerçam um espectáculo de enorme interesse e uns textos susceptíveis de múltiplas leituras e interpretaçons.

Assim, em *Dá licença, por favor?,* homem e mulher discutem quando ele, educado, pergunta se está ocupado o lugar que pretende para seguir um espectáculo de teatro. Isso provoca um diálogo entre umha protagonista zangada e um actor perplexo polo reagir insuspeito da interlocutora. Esta chega a dizer cousas como «O senhor está com medo de que eu descubra que o senhor não é esta pessoa corretíssima que quer que pensem que é», «Tem medo de descobrir que não é nenhuma maravilha, que esta imagem de homem sério, respeitador e correto não passa de... justamente de uma imagem que projectou e que de tanto iludir os outros acabou iludindo a si próprio», «o senhor é daqueles que sempre precisam de resposta pra tudo», «A gente passa a vida atrás de respostas que não existem, se a gente se preocupasse menos...», «tem que aprender que não vão sempre sair impunes», «Admite que é um homem sem escrúpulos, que para conseguir seus objectivos não mede esforços, não hesita em prejudicar a quem quer que seja». Todo isso perante um protagonista que afinal conclui como «Eu não tenho culpa das injustiças do mundo, eu só resolvi vir hoje ao teatro. Eu não tenho culpa de nada, não tenho culpa».

Em *Noite a embalar o que fomos,* duas irmás repassam os reptos da sua vida. Contrastam a extraversom de Helena com a atitude mais encerrada de Camila. Helena pede à sua irmá que viva a vida, que esqueça a sua preocupaçom polo segundo homem da mae. Helena dá conselhos à irmá como «Às vezes, o amor e a necessidade se confundem, sabia?», «(Antes) era diferente. Não era melhor», «se as coisas te acontecessem mais, tu não precisava ficar sempre te lembrando do que passou», «eu já tô na minha última encarnação. Já paguei o que tinha que pagar, não preciso mais andar atrás da última novidade em matéria de sofrimento, como tu» e conclui que «se eu não existisse, tu podia ser bem mais infeliz». Mas Camilia aferra-se ao ser amado, porque «é a única coisa que eu tenho», recrima à irmá que «foi a única coisa de emocionante que me aconteceu e tu quer me tirar isso» e expressa a sua desconfiança de que «Tu quer é que eu continue na tua sombra» polo qual decide ficar encerrada na casa com as suas fantasias e fantasmas.

A florista e o visitante amostra duas personagens «un pouco fora da realidade» que «vivem em um outro mundo, de pureza, ingenuidade e um certo medo da vida, que os tornam até meio anacrónicos» como os descreve a autora. Ele entra na floristaria e do diálogo entre ambos inicia-se um aceno de relaçom que nom frutifica e acaba por deixá-los «arrasados» por empregar também a linguagem da autora. Embora Ela advirta nos seus parlamentos que, apesar de estar esperando umha situaçom semelhante há tempo «acredito que não se constrói nada em bases falsas» já que «os tempos não estão para extravagâncias...». Ele, que reagiu feliz perante a possibilidade de ir bailar com Ela e começar um relacionamento que mesmo poderia acabar em casal conclui que «de qualquer modo, é melhor que eu não me iluda, entenda; já fui terrivelmente ferido uma vez e um frágil pisciano como eu não suportaria outra decepção» e confia que o seu psicoanalista considere o episódio com um avanço.

Na derradeira peça do espectáculo, *Dona Otília lamenta muito,* aparece o conflito de um casal. Jorge quer quebrar a relaçom com Otília. Porém, ela pede-lhe que adie a decisom para o dia seguinte, pois aquela noite tinham marcado um compromisso com amizades para comemorar o décimo aniversário. Otília é umha mulher que «não adiaria nem a minha morte, ainda que me fosse dada a oportunidade» e persiste em que o homem assista ao jantar organizado, ao qual começárom a chegar os convidados. Jorge recrimina que «é impossível ter uma vida em que todos os passos são medidos, todas as atitudes são sempre estudadas para que nada saia errado». Responde aos insistentes requerimentos de Otília que «Tu tinhas te comprometido e no compromisso eu era uma cláusula» e di-lhe que «o menos existe entre essas pessoas (os convidados) é intimidade». Mas Otília, disposta a levar adiante a comemoraçom, porque «não importa que não tenha sentido» insiste em que por umha vez mais ele deve «fazer conta que não aconteceu nada». Afinal, para lograr seu projecto, e trás estranhar-se de como «é impressionante como pobre gosta de liberdade» mata Jorge, porque «Eu fiz tudo certo a minha vida inteira, não me lembro de umha falha sequer, pelo menos nada que pudesse ser viso a olho nu». E como ela «detesta des-

marcar compromissos» o seu mordomo adverte os convidados que só «depois do jantar providenciaremos o funeral».

Em *Noite feliz,* Naura, a mae, aproveita umha noite de Natal para viver Papai Noel como nunca pudo na sua infância, com ensejo de contratar umha pessoa para protagonizar tal personagem perante a sua família, embora afinal acabe por seqüestra-lo para si. No decurso do jantar de Natal transparecem também rivalidades familiares.

Luísa, Eleonora e Norma em *Quem sabe a gente continua amanhá?* protagonizam um diálogo vácuo, intranscendente, que tem como fundo as diferenças existentes entre as três e a rotina do seu existir.

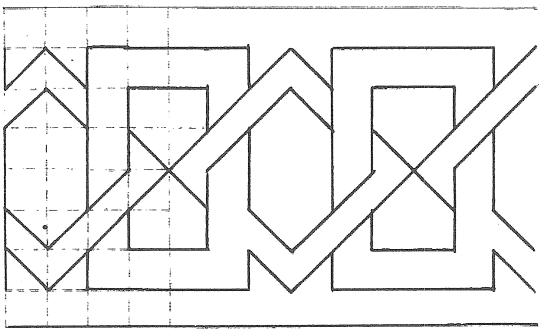
Finalmente, *Será que é o contrario a vida de atriz?* trata-se do monólogo de umha actriz que reconhece como «adoro o público mas, às vezes, não suporto o privado» porque «na vida real esqueço o texto» e estranha-se de que «Impossível que, em pleno fim do século 20, não tenham inventado uma maneira de prever de —por que não— controlar a reação do público».

Em definitivo, sete textos interessantes desta autora brasileira. É mágoa que a produçom dum país com tanta vitalidade como o Brasil seja umha incógnita aqui e resulte tam enormemente dificultoso inteirar-se dela e comprovar as suas realidades.

Claro que, a falta de comunicação e desconhecimento é mútuo. Um exemplo: no «Novo manual da redação» (2) da Folha de São Paulo, umha das publicaçons de maior tiragem do Brasil indica-se (p. 198) como, no actual Estado espanhol, as principais línguas som: espanhol, catalão e basco», citam-se as 50 províncias, entre elas La Coruna (sic) e Orense, e no mapa europeu (p. 181) que inclui aparecem em destaque Toledo, Córdoba, Valência, Málaga... mas nengumha cidade galega. Ainda bem que no «Índice onomástico e remisivo» aparece galego como «nacionalidade», por mais que a língua e cultura da velha naçom de Breogám sejam completamente ignorados por tam interessante publicaçom.

A ver se com a prática do reintegracionismo ajudamos a que estas realidades mudem...

Compostela, Primavera de 1994



(2) AA.VV.: *Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo.* São Paulo, terceira ediçom Fevereiro de 1994.

VERSOS EM PEDRA FORMOSA

J. Carlos QUIROGA D.

Nom é metáfora. *Pedra Formosa* é umha Editora de Guimarães. Recebe agora um pequeno apoio da Cámara Municipal desta cidade, que compra cem exemplares de cada obra publicada. A poesia é recolhida na Colecçom *Arco Imperfeito.* Cinco livros, até a data, a ponto de sair o sexto. Deixamos de parte este último *(O Teu Rosto),* e o 1.º da Colecçom *(Lâmpadas com Alguns Insectos),* os dous de António Ramos Rosa. Deixamos de parte nom por ser publicaçom velha umha e inédita outra. Mas quem se interesse por estas linhas deve conhecer já Ramos Rosa e alguns dos seus versos (umha quarentena de títulos desde *O Grito Claro,* 1958, e *Viagem Através de uma Nebulosa,* 1960). Deve ou pode, porque o seu nome leva tempo presente nas Histórias da Literatura Portuguesa. Além disso vai publicar em breve um volume na galega Espiral Maior, a Editora de M. A. Fernám-Velho, e portanto haverá motivos e oportunidade sobrada para catar a obra deste autor.

Vamos referir-nos, pois, aos outros 4 títulos da Colecçom, todos editados em 93. Fugimos das extrapolaçons comparativas para correntes, fontes ou escolas. Vai ser, apenas, umha aproximaçom breve destes versos e dos seus menos conhecidos autores:

2. Carlos Poças Falcão, *Três Ritos* (Fevereiro de 93).
3. Firmino Mendes, *Fronteira animal* (Abril de 93).
4. Adelino Insua, *Magenta* (Abril de 93).
5. Agripina Costa Marques, *Instantes. Permanência* (Outubro de 93).

da Geologia e Pólen crepitantes

Em data final o livro remete para 89. De Carlos Poças Falcão também *O Número Perfeito* (Ediçom do autor, Guimarães, 1987; Prémio Revelaçom de Poesia/84 da A.P.E.), *O Invisível Simples* (Limiar, Porto, 88; Prémio Vítor Matos e Sá, da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra, em 88), e *Rotações* (Cadernos Solares, s.l., 91; em co-autoria com António Ramos Rosa e Agripina Costa Marques). Quanto aos *Três Ritos,* o primeiro comentário tem de referir-se ao significante, a forma particular do conjunto e das suas partes. No próprio livro se dá umha esclarecedora nota final, na que se explica como este se compom de três conjuntos «dodecaédricos», cada um com doze poemas de doze linhas de doze sílabas (estas devem ser contadas com as contraçons e síncopas pertinentes, como se os apóstrofos e formas contraídas estivessem, que nom estám, inscritos nos versos).

Umhas Ciências Naturais de paciente infância sábia percorrem estes versos. Som a terra primigénia do tudo, estám feitos sobre a matéria volúvel que se vai transmutando, frágil e ágil, desde sólido para o gasoso, demorando-se no movimento mais visível do líquido, e o movimento sempre giratório e bombeante. Oferece-se ao leitor umha visom sobre terra, mar e ar que nom se conforma nas dimensons do globo terráqueo, cabeça mágica perfeita. Chega às regions intactas onde os prodígios da luz andam entre os astros. O fundo é um álbum de cromos geológicos. Sobre ele algumha música sugerida, primeiro vozes humanas, um nome, logo desumanas, elementos escolhidos. Um tempo medido por luas, estaçons, ritmos naturais, a acompanhar a vida e o poema. As forças e as tensons, climas e continentes, minerais e líquidos, velocidades que só podem ser circulares (como os planetas), som o cenário para algumha figura humana vaga, com alma instável (porque a terra está em rotaçom).

Na segunda parte essa presença humana deixa mais pormenores corporais entre as regións e as arquitecturas naturais. E entre os pormenores a sombra de morte, ainda morte por acaso, e torturas, regions outras, ruídos que pareciam nom pertencer ao universo escolhido, mas também incidentes nele. É a precariedade inerente a tal presença. Mas ainda se procura excluir premeditamente qualquer sentido civilizacional do urbano, das cidades cheias, ficando para viver, no entanto, o «céu à volta cada vez mais apertado», o céu *de viver* (água, chao, sementes, alimento). Nas presenças admitidas para habitar sob tal céu pode haver pescadores, podem envolver perfumes naturais, podem aparecer por fim ilu-

sons, os amantes ungindo-se nas estaçons luxuriantes. E pode delatar-se o Eu contemplando esse universo dilatado, e as dilatadas dimensons imediatas das estáncias, da casa, os sedimentos, os destroços, os lugares que desaparecem, para ficar só a terra.

É a erosom, aparecendo mais nitidamente agora, que nos introduz na terceira parte. A matemática dos povos tentando a doma geológica do universo, anteriormente só paisagem a considerar, a par das mínimas presenças de seres admitidos. Agora as noites aceleram as cidades com um silêncio central, a ira da matéria escorrega e arrasta vivas as maos desses povos. Povos atravessados, agora, em todas direcçons polo medo. Os seres já som acossados e comidos, as paisagens apagadas de catástrofe e natureza morta, um caos final esperável do universo todo, preparando-se para renascer desde o nada, polas raízes que acham a água da vida, outra vez.

E acaba o rito tripartido como umha bela oraçom paganíssima em que os ídolos invocados foram gozosamente centos, foram universo geológico atomizado em partículas bem escolhidas. Notícia apurada deles, límpidos ou à mistura, movendo-se ou em repouso, puxantes ou em ruína, impondo-se sempre como matéria viva aos próprios seres, até impondo-se ao próprio Eu que os invoca e se ausenta preferentemente do poema, é o que fica após a prospecçom da leitura.

Agora um outro universo vertido nos nossos olhos com mais hermetismo, palavra a palavra para consumo demorado, a *Fronteira animal* de Firmino Mendes. Autor também de *Ilha Sobre Ilha* (Prémio Revelaçom de Poesia/91 da APE; Caminho, Lisboa, 1993), e *Invocação e Ofícios* (inédito, recomendado para publicaçom pola APE).

Nas capas interiores de *Ilha Sobre Ilha* está umha apresentaçom de Ramos Rosa, tentadora para entrar aqui na escrita do autor. E um comentário sobre os seus dous livros publicados («Entre dois mundos», *Expresso,* 21-VIII-93, p. 15, de António Guerreiro) acha pegadas de um Herberto Helder e mesmo de «algum Ramos Rosa». Nom é o nosso propósito entrar nessas pesquisas, mas antes de centrar-nos na poesia de *Fronteira animal,* e por esta vez, vamos transcrever umhas frases desta última fonte (sem aderir completamente, mas admitindo-o como possível ponto de vista de aproximaçom ao conjunto): «temos a ideia de que a poesia parte do caos e de que é preciso resgatar as coisas às águas nocturnas do sonho e defrontar-se com um horizonte de negatividade e de ocultação. A poesia será então um processo lento e esforçado de regressar a um princípio, a um **verdadeiro lugar,** onde o mundo parece estar a ser criado ou inventado pelo poema (...). Este verdadeiro lugar é aquele que num dos livros é designado por «fronteira» e noutro por «ilha». Cada uma destas palavras actua no livro respectivo em todos os lugares do discurso, em todos os poemas, e, como significantes flutuantes, deixam de ter um significado preciso para poderem abarcar um imenso universo de sentido. Seja como for, é sempre para uma noção de espaço que eles remetem: mais propriamente, para um espaço entre dois mundos». Mais adiante indica-se, para esta forma de adesom de quem se aproxima do sítio íntimo das cousas, «uma experiência do sagrado», que há «uma contemplação do mundo como totalidade e como sentido» com umha retórica «do sublime, entendido como o que se situa nas margens da representação». Antes que a noçom de espaço entre dous mundos, a mim fascina-me mais o vazio limite que se nos amostra entre eles, onde o corpo parece como último território reconhecível; antes que contemplaçom do mundo como sentido, fico atrapado na própria busca dele que os poemas me sugerem.

na procura de sentido (limite rente ao corpo)

Fronteira animal está constiuido por umha corrente contínua de 52 poemas que batem contra a física dum universo também crepitante, como o anteriormente referido, mas que agora precisa de algo máis que a sua descriçom, precisa de ser explicado. Assim o ser se bate também contra si próprio. Parte-se da inquietaçom por umha pesquisa bem mais humana, a da ciência do sentido que tudo isto à volta tem. Por isso há, creio, umha aura metafísica correndo entre os versos densos do livro. O universo aqui só serve para emoldurar a mais complexa procura dumha explicaçom (talvez racional?) da realidade. O amor, mesmo se doença, pode ser a via de conhecimento. Se já o desejo **«é um estádio elucidado».** Se já ter um nome para a boca pode ser a palavra mágica de encantamento para trazer

a terra de volta. A vida, a natureza, os cenários e os sonhos, as agonias e os gozos, estám aqui como na formulaçom dumha nova Religiom sem nome que quer explicar tudo isso e explicar-se. E tudo isso físico importa em quanto ilustra a tentativa bem mais importante da procura dum sentido desde a mente murada por um corpo. E as palavras traçam círculos: um «Tu» com voz explícita e corpo, um «Eu» predominante porque escreve o poema, um Amor unindo e separando Tu-Eu como umha morte, as cousas e algum deus à volta em visons e em círculos, mais vozes, e tudo isto rodopiando na calma reflexiva dos neurónios buscando-lhe um sentido, que trata de formular-se numha frase obscura. É a procura dum centro ausente e difícil de precisar, ficando entre fronteiras, aquém da fronteira animal, entre Eu e Tu, entre Eu e um nome silenciado. A paisagem lida desde a janela está passada polo tamis do conhecimento mental que associa ideias, que investiga nos impulsos íntimos do desejo, na fronteira do próprio corpo que é capaz de ler o outro corpo, acariciando-o e assim **«completando a sacralidade do mundo»**. A maneira de morder e lamber esse outro corpo no amor carece de violência cega do puro acto que indicam os verbos, porque é levada ao poema como numha aclamaçom, póstuma ou reflectida. O próprio sexo, para o qual um deus lega aos homes indicaçons precisas, é assim palavra e prazer celebrado como sereno triunfo. E saltitam cômputos crípticos, frequentes aspas para privilegiar frases e trazer vozes solenes ao verso. O livro acaba numha conta atrás nos sete poemas finais, como última liturgia para umha nova criaçom do mundo e da própria poesia, que deve servir para iluminar o conhecimento e evidenciar por fim a abertura, a fenda para a passagem possível, na fronteira.

É a vez de Adelino Ínsua, *Magenta,* e de Agripina Costa Marques, *Instantes. Permanência.* Dele também *Vocação de pomar* (Ediçom do Autor, 79), *Os Dias e a Partilha dos Fogos* (Prémio Joaquim de Araújo, Col. Texto & Contexto, Associaçom de Jornalistas e Homes de Letras do Porto, 84), e *Herbário* (Ediçom do Autor, Guimarães, 90). Dela *Rotações* (com o seu home, António Ramos Rosa, e com Carlos Poças Falcão; Cadernos Solares, Lisboa, 91), e *O Centro Inteiro* (de novo com o seu home, António Ramos Rosa, e com António Magalhães; Cadernos Solares, Lisboa, 93).

a olhada cromática

Magenta já é um título esclarecedoramente pictural. como as três partes de que consta o livro, nos nomes para a vista que exibem: LUZ, CORES, DESENHO/PINTURA, com umha citaçom abrindo cada (Quasimodo, Teixeira de Pascoaes, Wenceslau de Moraes). As palavras dispostas sem cortes versais, buscando o seu ritmo interno na naturalidade das 23 anotaçons poéticas (7 + 7 + 9). E estas obedecendo os títulos que peneiram os correspondentes afluentes para a inspiraçom da corrente geral. A luz é como um primeiro fio líquido e puro, de nascente ou fontana, que corre por entre os pigmentos frescos dos primeiros poemas. A própria vida **«é no tempo uma breve flutuação de auras, imagens e fosforescências»**. O facto da escrita, o Outono contexto, a lucidez depois do sono, o luminoso guardado no pensamento e indo para ao poema. Mas a luz em estado puro seria estéril (nom é também luminoso o vazio?) se nom tocasse portas entreabertas, que som as cores. E cores em dança nupcial na chuva, subtil nascimento do arco-íris, amarelo às superfícies, o ar cromático, o fulgir cintilante do cinzento, o bafo de cores no milagre dumha só cor no céu..., distribuídos polos versos da segunda parte. Ao princípio da terceira chegamos, pois, com o elementar para começar a pintar, a branca tela pronta para deitar **«pincéis à tinta e eis, júbilo de pólen suspenso»**. E som convocadas imagens para o **«longo trabalho, a composição»**, deixando que a mao seja seduzida pola **«mácula, o acaso, a nódoa»**. Os poemas restantes desenham fragmentos de vida, e o pintor vai vertendo a sua própria, revisitando a memória e morrendo em fulgor. O último poema: **«Pinceladas de tinta sobre a tela, um corpo. Sémen seco, inútil substância, apaziguada. Liquefeita matéria, sanguínea espada. Lava fria no coração nuclear e nos olhos puros. Porque todos os brilhos são inseguros»**.

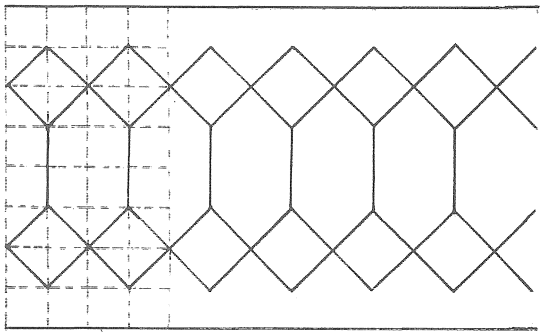
Proposta graduada e simples (mas nom fácil) de exercício visual extendido num único poema que se derrama polo livro em tríptico semi-impressionista, sem perder nunca a consciência de ser com palavras que isto se realiza.

faces, deslumbramentos

36 poemas breves, os de Agripina Costa Marques, alguns de particular e explicitada factura (4 baseados em sonhos, 6 resultantes de um diálogo poético com Maria Teresa Dias Furtado). Livro iniciado com selecçom de milagres ou fascínios momentáneos, narrados com ritmo entrecortado e comedido. Na colecçom entram instantes como da alma afastando do corpo pola morte, a claridade dumha revelaçom, a claridade da claridade luminosa, o reconhecimento do outro, a natural respiraçom do diálogo mágico e vital, o toque profundo do olhar, o instante-milagre de estar vivo, o prescrutar apreendendo de um rosto. Algumhas das visons oníricas, labirintos e imagens, aparecem menos a propósito da momentaneidade, mas também ficam no enunciado poético porque foram escolhidos para a permanência. Como a reflexom sobre o real, sobre a pura condiçom humana ou seus atributos (a liberdade), ou a consideraçom dumha forma dessa condiçom (um canteiro esculpindo), ou até a breve recriaçom paisagística de predomínio marítimo. O shock da realidade, o acto criador, o poder e o valor da palavra, vontades de retorno, estados ausentes de quietaçom, estados de plenitude, o silêncio de escutar, a energia pulsando vida até no mais estático, a vigília ou o sonho prescrutantes do mistério, o fulcro circular do ser, a graça da libertaçom entre o tumulto externo, enriquecer a voz bebendo nos signos da noite, caminho da existência feito de busca, eis as restantes nervaturas. Também existe a tentaçom final de vestir uns versos com um princípio de justificaçom meta-poética, umha alusom à ruptura arriscada do primeiro pudor ou medo ao próprio canto, ao próprio dar a múltipla face.

Conjunto de predominantes congelaçons verbais de fascínios demorados ou de instantes com efeitos mais meditadamente considerados. Nada fica, mas de tudo permanece algo. Sobretudo na escrita.

Parabéns finais, já sem espaço, à *Pedra Formosa* polas novas vozes de intensidade que ousa levar à luz do papel.



CORREIO

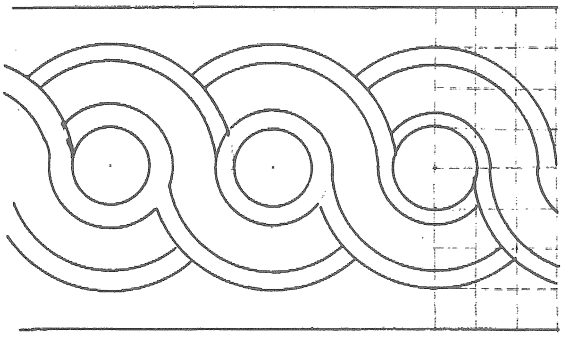
A DESINTEGRAÇOM DO CORSO DO ITALIANO COMUM

Quigera fazer umha pequena correcçom na minha recensom intitulada *«Dialectoxia da língua galega», um contributo isolacionista ao reintegracionismo lingüístico,* que se publicou na AGÁLIA número 35 do Outono de 1993 e na qual manifesto que o autor do livro recenseado, Francisco Fernández Rei, pom uns exemplos de línguas por separaçom, supostamente semelhantes ao caso galego e português e esquece voluntária ou involuntáriamente casos realmente semelhantes. Na minha recensom nomeei como exemplo a seguir para a reintegraçom do galego o caso flamengo ao que quiçá poda acrescentar o caso moldavo, já reintegrado, depois da ruptura da URSS, no romeno do que forma parte, mas por um pequeno erro na transcriçom do meu trabalho aparece como exemplo de língua desintegrada do seu tronco originário o sardo em vez do corso, variante do dialecto toscano no que se basea o italiano comum, que se acha influenciado polo idioma francês, oficial do Estado ao que pertence. O sardo, como de todos é conhecido, nom conta com nengum Estado que o possua como língua oficial, ainda sendo umha língua minorizada dentro do Estado italiano com o que a une umha relaçom menos íntima do que acontece entre o corso e o italiano.

Realmente a correcçom importa-me tanto mais quanto que a informaçom me foi facilitada por Ivo DJ Peeters, quem pode perceber a inexactidom do publicado e a quem pido desculpas.

Por outra parte é umha grande alegria para mim comprovar que os reintegracionistas também somos humanos porque nos podemos equivocar... e corrigir-nos, nom como outros que levam mais de dez anos metendo a pata e fazendo o ridículo polo mundo adiante —e fazendo-no-lo passar aos mais— com umha normativa impresentável e ainda nom variárom o seu rumo.

José Manuel Barbosa



AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Assinatura por um ano (quatro números):

Membros da AGAL	2.900 ptas.
Península Ibérica	3.600 ptas.
Europa	4.000 ptas.
Resto do Mundo	4.500 ptas.

NOME.....

MORADA.....

.....

LOCALIDADE.....PAÍS.....

DATA...../...../..... ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da Revista AGÁLIA a partir do número..... inclusive, efectuando o pagamento por meio de:

- ☐ Transferência bancária à conta corrente n.º 1888-7, Caixa Galicia de Ourense (Oficina Principal), especificando claramente nome, apelidos e endereço do novo assinante.
- ☐ Domiciliaçom bancária.
- ☐ Giro postal ou giro urgente n.º.....

A G A L ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

FOLHA DE INSCRIÇOM (Cubra-se com letra clara)

Nome e apelidos.....

D.N.I.....Profissom.....

Endereço (Rua, Praça).....

Vila, Cidade.....País.....(Tfno. (.....).....

Data de nacimento...../...../..... Quota Anual

Modo de pago: Ingresso directo na c/c n;º 1888-7 (Caixa Galicia, O.P. Ourense) ou domiciliaçom bancária. A tal efeito roga-se juntar a este boletim notificaçom do número de c/c, Banco ou Caixa, Sucursal e localidade.

Quotas: **Trabalhadores:** 6.500 ptas./ano (inclui Revista).
Desempregados: 1.500 ptas./ano (com Revista 4.000).

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Redacçom: Aptdo. 560 - 15080-Corunha.
Aptdo. 289 - 15780-Santiago de Compostela.
Administraçom: Aptdo. 453 - 32080-Ourense.

GALIZA

AGAL

Aptdo. 453

32080-OURENSE

GALIZA

Publicaçons da Associaçom Galega da Língua

- *Colecçom «Universália»*

Lôpez-Suevos Fernández, Ramom: *Dialéctica do Desenvolvimento. Naçom, Língua, Classes Sociais,* 1983. (Esgotado).

Comissom Lingüística da AGAL: *Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego,* 1983. 169 págs. (Esgotado).
2.ª Ed. corrigida e acrescentada, 1989, 302 págs.

Carvalho Calero, Ricardo: *Letras Galegas,* 1984. 349 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Prontuário ortográfico galego,* 1985. 318 págs.

Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1986. 820 págs.

Lôpez-Suevos, Ramom: *Portugal no quadro peninsular. Subsídios para a análise histórica-estrutural,* 1987, 224 págs.

Souto, Elvira: *Contribuiçom ao estudo do romance iniciático galego,* 1987, 95 págs.

Haller, Michel, *Tratado de contraponto e de composiçom contrapontística.* Traduçom e adaptaçom de Joám Trilho, 1987, 212 págs.

Comissom Lingüística da AGAL: *Guia prático de verbos galegos conjugados.* 1988. 128 págs.

Actas do II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1989. 928 págs.

Monterroso Devesa, J. M.: *Apelidos galegos.* 1989. 32 págs.

Morám Fraga, César-Carlos: *O mundo narrativo de Álvaro Cunqueiro,* 1990. 176 págs.

Associaçom Galega da Língua: *Poder, Ideologia e Língua* (Yvo JD Peeters, editor), 1991. 120 págs.

Actas do III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza. 1992. 654 págs.

AA. VV. *O uso das línguas na perspectiva da Europa Comunitaria.* 1993. 194 págs.

- *Colecçom «Clássicos»*

Cotarelo Valhedor, Armando: *Trebón,* Ediçom, estudo e adaptaçom ao Galego Actual de Ramom Reimunde, 1984. 221 págs.

Rosalia de Castro: *Folhas Novas,* Ediçom e notas de E. Souto Presedo; prólogo de F. Salinas Portugal, 1985. 266 págs.

- *Colecçom «Criaçom»*

Manuel Maria: *A luz Ressuscitada,* Carta-prefácio de António Gil Hernández, 1984. 138 págs. (Esgotado).

Carvalho Calero, Ricardo: *Cantigas de amigo e outros poemas (1980-1985),* 1986. 192 págs.

Marinhas del Valle, Jenaro: *A vida escura,* 1987, 170 págs.

Béjar, Julio et alii: *Fogo cruzado* (relatos), 1989, 96 págs.

Guisan Seixas, João: *Origem certa do farol de Alexandria* (re-ediçom), 1989, 88 págs.

Gómez, Joel R.: *Quando o sol arde na noite,* 1990. 115 págs.

Guerra da Cal, Ernesto: *Lua de Além-Mar* e *Rio de Sonho e Tempo,* 1991, 292 págs.

- Revista *AGÁLIA.* Publicaçom trimestral desde o ano 1985. 128 págs.

Revista *AGÁLIA.* Monográfico n.º 1, *Problemática do sector lácteo,* dirigido e coordenado por Cláudio López Garrido, 1987, 160 págs.

Monográfico n.º 2, *Estudos sobre a História da Economia de Galiza,* dirigido e coordenado por Joám Carmona, 1989, 96 págs.

PARA OS QUE GOSTAM DO GALEGO

Marrons Glacés José Posada

«Recomendamos tomar tantos Marrons Glacés como ilusons se tenham na vida, esperança no futuro e alegria de pisar a Terra»

José Posada

ELABORADO POR MARRON GLACÉ, S. L.

Polígono Industrial Sam Cibrao das Vinhas

Rua Seis • Tel. (988) 23 05 45 • Telefax (988) 23 07 54

32901 OURENSE - GALIZA